

## **FACEBOOK: NOVAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E ADAPTAÇÃO PSICOSSOCIAL DE ADOLESCENTES**

**Raquel Sofia Almeida Alves Assunção**

**Janeiro 2016**

Dissertação apresentada no Programa Doutoral de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Paula Mena Matos (FPCEUP), realizado no âmbito do Programa de Formação Avançada e Qualificação de Recursos Humanos (Bolsa individual de doutoramento com a Refª.SFRH/BD/79431/2011)

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na seção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Paula Mena Matos, pela companhia constante nesta caminhada, pelo rigor sempre acompanhado por um sorriso doce e encorajador, pelo carinho nos momentos difíceis deste percurso, por exigir sempre o melhor de mim, por me entusiasmar mesmo nos momentos de desânimo, porque sem ela este caminho não seria certamente o mesmo.

Ao Grupo de Investigação de Dinâmicas Relacionais, Processos de Mudança e Bem-Estar (Centro de Psicologia da Universidade do Porto), pela ajuda na concretização deste projeto, pelas sugestões sempre oportunas na discussão dos diferentes estudos, pela ajuda quando surgiram dúvidas e dificuldades. A todos os elementos do grupo com que me cruzei em cada momento, um obrigada. Um obrigada especial aos meus comparsas diários da sala 240, em especial à Tânia, ao Nuno, à Mónica e ao João, pelas gargalhadas que me arrancaram sempre nos momentos difíceis, e nos outros todos, pela ajuda com tantas e tantas questões práticas e teóricas desta tese, pela discussão de ideias sempre frutuosa, por me fazerem sempre acreditar que este dia ia chegar, e que estariam aqui para me apoiar. À Sónia Cardoso, que me acompanhou nos primeiros passos desta longa jornada. À Catarina Pinheiro Mota, pela amizade e encorajamento, por me fazer sempre acreditar que a leveza associada ao rigor nos leva a bom porto, pela companhia tão divertida e importante nos congressos que frequentámos juntas.

Ao Professor Doutor Patrício Costa, pela ajuda com as questões da estatística que tanto nos fazem dar voltas à cabeça. À Professora Doutora Raquel Barbosa e à Doutora Marisa Matias, pela ajuda com o estudo dos *clusters*.

À Escola Secundária Camilo Castelo Branco, à Escola Secundária de São Pedro, e à Escola Secundária Morgado Mateus, todas na cidade de Vila Real, por me permitirem a administração dos questionários que serviram de base a esta investigação.



Aos que voluntariamente participaram neste estudo, quer no grupos focalizados, quer no preenchimento de questionários, e que nos permitiram assim aceder a estas realidades.

À Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e à Fundação para a Ciência e Tecnologia, por terem criado as condições necessárias à realização deste trabalho.

Aos meus amigos, por partilharem do entusiasmo dos meus sonhos, por se regozijarem com as minhas conquistas, mesmo quando era difícil explicar o que estava eu exactamente a fazer, por compreenderem alguns períodos de ausência quando o trabalho apertava, pelos momentos de leveza que tornaram possível sempre continuar.

Aos meus pais, pilares fundamentais da minha vida, por acreditarem incondicionalmente em mim e nos meus sonhos, até quando discordam deles, pelo orgulho que diariamente me fazem sentir que têm em mim, pelo olhar embevecido e vaidoso que sempre tiveram para mim neste percurso, pelo apoio que não tem fim, nem explicação, e talvez nem até palavras que o possam agradecer.

Ao meu irmão pela presença certa e constante em todos os momentos da minha vida, à minha cunhada pelo companheirismo. Às minhas sobrinhas, a Maria Inês e a Joana, fonte inesgotável de energia e de sorrisos, tontas e queridas como só elas sabem ser, por tudo que me proporcionam, e por me levarem a descobrir partes de mim que não sabia que existiam.

Ao Bruno, um obrigado que as palavras não alcançam. Tu foste a escolha mais acertada que fiz na vida, presença certa, firme, forte, carinhosa, meiga. Tu és o meu porto seguro, a minha paz no meio das tempestades que a vida sempre traz e que pode trazer sempre enquanto os teus braços me agarrarem junto a ti ao final de cada dia.



## RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade estudar a rede social Facebook na adolescência, procurando entender o que caracterizará o uso problemático da mesma e em que medida este uso se relaciona com variáveis desenvolvimentais e de cariz relacional, tendo por base o quadro teórico da vinculação (Ainsworth, 1982; Bowlby, 1988). Trata-se de um estudo transversal, com um desenho metodológico misto, composto numa primeira parte por um estudo qualitativo que contou com 20 participantes, divididos em três grupos focalizados distintos, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos ( $M = 16.8$ ,  $DP = 0.53$ ), e numa segunda parte por quatro estudos quantitativos com 761 adolescentes (53.7% rapazes), com idades entre os 14 e os 18 anos ( $M = 15.9$ ,  $DP = 1.08$ ), entre o 9º e o 12º anos ( $M = 9.8$ ,  $DP = 0.82$ ). Os instrumentos utilizados foram todos analisados do ponto de vista das suas qualidades psicométricas, revelando-se medidas adequadas. Foram encontrados quatro grupos distintos de utilizadores do Facebook na adolescência, no que ao uso problemático diz respeito, sendo que níveis mais elevados de uso problemático do Facebook apresentaram associações positivas com uma vinculação insegura, uma maior alienação ao grupo de pares, um défice ao nível das competências interpessoais e baixos níveis de estabilidade emocional. A relação entre a vinculação parental e o uso problemático da rede social Facebook é mediada pela variável alienação aos pares, e nesta mediação, verificámos que a ansiedade da separação desempenhou um papel importante no uso problemático do Facebook apenas para os rapazes. Finalmente, os resultados mostram também que em algumas situações os jovens consideram ser mais fácil gerir conflitos via *online* do que em contacto face-a-face. Este trabalho traz implicações para a prática psicológica, salientando o contributo das dinâmicas relacionais nas questões da utilização problemática da rede social Facebook.

**Palavras-chave:** Facebook; Vinculação; Uso problemático; Competência Interpessoal.





## **ABSTRACT**

This work aims to study the social network Facebook in adolescence, trying to understand what characterizes the problematic use of it and to what extent this use is related to developmental and relational nature variables, based on the theoretical framework of attachment (Ainsworth 1982; Bowlby, 1988). This is a cross-sectional study with a mixed methodological design, composed in the first part of a qualitative study had 20 participants, divided into three separate focus groups, aged between 15 and 18 years ( $M = 16.8$ ,  $SD = 0.53$ ), and a second part of four quantitative studies with 761 children (53.7% boys), aged between 14 and 18 years ( $M = 15.9$ ,  $SD = 1.08$ ), between 9 and 12 years ( $M = 9.8$ ,  $SD = 0.82$ ). The instruments used were all analyzed from the point of view of its psychometric qualities, revealing adequate fit. We found four distinct groups of Facebook users in adolescence, as the problematic use concerns, and higher levels of problematic Facebook use had positive associations with insecure attachment, higher alienation to the peer group, a deficit of interpersonal skills and low levels of emotional stability. The relationship between parental attachment and the problematic Facebook use is mediated by the variable alienation to peers, and we found that separation anxiety played a major role in the problematic Facebook use just for boys. Finally, results show that in some situations, adolescents believe it's easier to manage conflicts online than in face-to-face situations. This work has implications psychological practice; emphasizing the contribution of relational dynamics, while structural life of adolescents on issues of problematic use of the Facebook social network.

**Keywords:** Facebook; Attachment; Problematic use; Interpersonal competence.



## RÉSUMÉ

Ce travail vise à étudier le réseau social Facebook à l'adolescence, en essayant de comprendre ce que comporte l'utilisation problématique de celui-ci et dans quelle mesure cette utilisation est liée à des variables développementales et relationnelles, dans le cadre théorique de l'attachement (Ainsworth 1982; Bowlby, 1988). Ceci est une étude transversale avec une conception méthodologique mixte, composée, dans la première partie, d'une étude qualitative avec 20 participants, répartis en trois groupes de discussion distincts, âgés entre 15 et 18 ans ( $M = 16,8$ ,  $SD = 00,53$ ), et, dans une seconde partie, de quatre études quantitatives avec 761 enfants (53,7% de garçons), âgés entre 14 et 18 ans ( $M = 15,9$ ,  $SD = 08,01$ ), entre la 9<sup>ème</sup> et la 12<sup>ème</sup> année de scolarité ( $M = 9,8$ ,  $SD = 0,82$ ). Les instruments utilisés ont tous été analysés du point de vue de leurs qualités psychométriques, révélant des mesures appropriées. Quatre groupes distincts d'utilisateurs de Facebook à l'adolescence ont été trouvés, en ce qui concerne son utilisation problématique, notamment, des niveaux plus élevés d'utilisation problématique du Facebook montrent avoir des associations positives avec un attachement précaire, une plus grande aliénation par rapport au groupe de pairs, un déficit au niveau des compétences interpersonnelles et une faible stabilité émotionnelle. La relation entre l'attachement parental et l'utilisation problématique du réseau social Facebook est médiée par la variable aliénation par rapport au groupe de pairs, et dans cette médiation, nous avons constaté que l'anxiété de séparation a joué un rôle majeur dans la consommation problématique de Facebook, uniquement pour les garçons. Finalement, les résultats montrent que, dans certaines situations, les jeunes trouvent qu'il est plus facile de gérer les conflits quand elles sont en ligne que dans un contact face-à-face. Ce travail a des implications pratiques psychologiques, mettant l'accent sur la contribution des dynamiques relationnelles, en tant que structures de vie des adolescents, dans le domaine de l'usage problématique du réseau social Facebook.

**Mots-clés:** Facebook; Attachement; Utilisation problématique; Compétence interpersonnelle



## ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA	25
<b>CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	<b>29</b>
1. Internet e Redes Sociais na Adolescência	31
2. O Uso Problemático da Internet	37
3. A Teoria da Vinculação e a Utilização das Redes Sociais	41
3.1 Assunções gerais da teoria da vinculação	41
3.2 A reorganização da vinculação na adolescência	44
3.3 A vinculação e o uso das redes sociais – estudos empíricos	46
4. Competência Interpessoal e Redes Sociais na Adolescência	48
5. A Personalidade e a Utilização das Redes Sociais na Adolescência	52
<b>CAPÍTULO II - METODOLOGIA</b>	<b>55</b>
1. Objetivo Geral e Objetivos Específicos	57
2. Desenho Metodológico	58
3. Participantes e Procedimentos	59
3.1 Estudo qualitativo	59
3.2 Estudos quantitativos	60
4. Instrumentos – Descrição e Propriedades Psicométricas	62
4.1 Guião de Entrevista Semiestruturado	62
4.2 Generalized Problematic Internet Use Scale 2 – GPIUS 2	63
4.3 Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe - QVPM	64
4.4 Inventory of Parents and Peer Attachment – IPPA	65
4.5 Interpersonal Competence Questionnaire – ICQ	65
4.6 Tem-Item Personality Inventory – TIPI	66
4.7 Online Cognition Scale – OCS	67
4.8 Questionário Sociodemográfico	67
4.9 Questionário do Utilizador do Facebook	68
4.10 Utilização dos diferentes instrumentos nos estudos empíricos	68



<b>CAPÍTULO III- ESTUDO EMPÍRICOS</b>	<b>71</b>
ANÁLISES PRELIMINARES	73
ESTUDO I - PERSPECTIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE O USO DO FACEBOOK: UM ESTUDO QUALITATIVO	85
ESTUDO II - THE GENERALIZED PROBLEMATIC INTERNET USE SCALE 2: ADAPTATION TO A PORTUGUESE SAMPLE AND TEST OF THE MODEL TO FACEBOOK USE	103
ESTUDO III: ADOLESCENTS' PROFILES OF FACEBOOK USE AND ASSOCIATIONS WITH DEVELOPMENTAL VARIABLES	127
ESTUDO IV : COMPETÊNCIA INTERPESSOAL NA ADOLESCÊNCIA: COMPARAÇÃO ENTRE OS CONTEXTOS FACE-A-FACE E ONLINE	155
ESTUDO V: PROBLEMATIC FACEBOOK USE IN ADOLESCENCE: ASSOCIATION WITH PARENTAL ATTACHMENT AND ALIENATION TO PEERS	183
<b>CAPÍTULO IV - INTEGRAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS ESTUDOS EMPÍRICOS</b>	<b>215</b>
1. Discussão	217
1.1- A Internet e o Facebook na “voz” dos adolescentes	218
1.2 - A adaptação de um instrumento de uso problemático do Facebook para adolescentes	219
1.3 - A utilização da rede social Facebook à luz da Teoria da Vinculação	220
1.4 - Competência Interpessoal, Personalidade e Redes Sociais	225
2. Limitações	228
3. Implicações para a Prática	229
4. Pistas para Investigação Futura	230
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	233





## Índice de Tabelas e Figuras

### ***Introdução***

<b>Figura 1.</b> Modelo do Uso Problemático da Internet	40
---	----

<b>Tabela 1.</b> Variáveis utilizadas nos diferentes estudos	69
--	----

### ***Análises Preliminares***

<b>Tabela 2.</b> Caracterização da amostra relativamente ao Questionário de Utilizador da Internet e do Facebook	76
--	----

<b>Tabela 3.</b> Medidas de Tendência Central e de Dispersão das dimensões dos instrumentos do estudo	77
---	----

<b>Tabela 4.</b> Análise Fatorial Confirmatória e consistência interna dos instrumentos do protocolo do estudo	79
--	----

### ***Estudo II***

<b>Figure 1.</b> Hypothesized model of GPIUS2	107
---	-----

<b>Figure 2.</b> Confirmatory Factor Analysis of GPIUS2	114
---	-----

<b>Figure 3.</b> Structural Model of Cognitive Behavioral model of GPIUS2	118
---	-----

<b>Table 1.</b> Correlations between GPIUS2 subscales and time spent on Internet, Social Comfort, Distraction and Peer Alienation	117
---	-----

### ***Estudo III***

<b>Figure 1.</b> Graphic representation of the 4 clusters	137
---	-----

<b>Table 1.</b> Multivariate analysis of variance of GPIUS2 subscales across identified clusters	148
--	-----



<b>Table 2.</b> Multivariate analysis of variance of time spent on Facebook across identified clusters	149
<b>Table 3.</b> Multivariate analysis of variance of TIPI subscales across identified clusters	150
<b>Table 4.</b> Multivariate analysis of variance of FMAQ subscales across identified clusters	151
<b>Table 5.</b> Multivariate analysis of variance of Alienation to peers of IPPA across identified clusters	152
<b>Table 6.</b> Multivariate analysis of variance of ICQ subscales across identified clusters	153
<b>Table 7.</b> Multivariate analysis of variance of ICQ subscales for <i>online</i> relationships across identified clusters	154
 <b>Estudo IV</b>	
<b>Figura 1.</b> Análises fatoriais confirmatórias de segunda ordem da competência interpessoal face-a-face	175
<b>Figura 2.</b> Análises fatoriais confirmatórias de segunda ordem da competência interpessoal <i>online</i>	176
<b>Tabela 1.</b> Correlação entre dimensões da Competência Interpessoal face-a-face e <i>online</i>	177
<b>Tabela 2.</b> Regressão Hierárquica para as variáveis iniciar relações face-a-face e iniciar relações <i>online</i>	178
<b>Tabela 3.</b> Regressão Hierárquica para as variáveis asserções negativas face-a-face e asserções negativas <i>online</i>	179
<b>Tabela 4.</b> Regressão Hierárquica para as variáveis revelação pessoal face-a-face e revelação pessoal <i>online</i>	180



<b>Tabela 5.</b> Regressão Hierárquica para as variáveis suporte emocional face-a-face e suporte emocional <i>online</i>	164
--	-----

<b>Tabela 6.</b> Regressão Hierárquica para as variáveis gestão de conflitos face-a-face e gestão de conflitos <i>online</i>	165
--	-----

## ***Estudo V***

<b>Figure 1.</b> Conceptual mediational model	172
---	-----

<b>Figure 2.</b> Mediational model for the father	181
---	-----

<b>Figure 3.</b> Mediational model for the mother	184
---	-----

<b>Table 1.</b> Sample characteristics related to Internet and Facebook Use	173
---	-----

<b>Table 2.</b> Means, standard deviations and correlations among dimensions	179
--	-----

<b>Table 3.</b> Factor loadings for the mediational model for the father	180
--	-----

<b>Table 4.</b> Factor loadings for the mediational model for the mother	183
--	-----



## **Lista de Abreviaturas**

**UPI** – Uso Problemático da Internet

**GPIUS 2**- Generalized Problematic Internet Use Scale 2

**QVPM**- Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

**IPPA**- Inventory of Parent and Peer Attachment

**ICQ**- Interpersonal Competence Questionnaire

**TIPI**- Ten-Item Personality Inventory

**OCS**- Online Cognition Scale

**IEI**- Inibição da Exploração e Individualidade

**QLE**- Qualidade de Laço Emocional

**AS**- Ansiedade de Separação

**DSM V**- Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders V

**PIU**- Problematic Internet Use

**POSI**- Preference for Online Social Interaction

**DSR**- Deficient Self-Regulation

**MR**- Mood Regulation

**NO**- Negative Outcomes

**CP**- Cognitive Preoccupation

**CU**-Compulsive Use

**IEI**- Inhibition of Exploration and Individuality

**QEB**- Quality of Emotional Bond

**SA**- Separation Anxiety

**PISO**- Preferência pela Interação Social Online

**FMAQ**- Father and Mother Attachment Questionnaire

**QCI**- Questionário de Competência Interpessoal





## **NOTA INTRODUTÓRIA**



Vivemos na era digital, e a Internet é de facto uma ferramenta que veio transformar o mundo e as relações entre as pessoas. Como poderemos então compreender estas novas realidades? De que forma a era digital alterou a comunicação entre as pessoas? Particularmente no que respeita aos adolescentes, qual o papel das redes sociais na sua adaptação psicossocial? As redes sociais são de facto um “palco” de relações com relevância crescente e com contornos particulares que importa cada vez mais compreender. Estaremos a falar de uma forma de comunicação que se reveste dos mesmos contornos da comunicação face-a-face? Poderemos hoje em dia separar estas formas de comunicar? O presente trabalho procura contribuir para problematizar e discutir estas questões, avançando no estudo da rede social Facebook e no modo como se interliga com um conjunto de variáveis de cariz relacional e desenvolvimental da vida do adolescente, tendo como quadro teórico de base a teoria da vinculação.

Assim, o primeiro capítulo realça o enquadramento teórico e empírico deste trabalho, trazendo os fundamentos teóricos e conceituais que lhe serviram de base e apresentando o estado da arte relativamente à investigação da rede social Facebook em particular na adolescência no que toca às variáveis em enfoque no presente trabalho. O segundo capítulo descreve a metodologia, onde são apresentados os objetivos deste trabalho, que deram origem aos cinco estudos empíricos que o constituem; as amostras e as opções metodológicas seguidas, os instrumentos utilizados neste trabalho, bem como as qualidades psicométricas testadas e os procedimentos levados a cabo nas diferentes fases do estudo. O terceiro capítulo diz respeito aos cinco estudos empíricos resultantes deste trabalho, cada um deles com a sua metodologia e análises particulares, com as referências bibliográficas apresentadas no final de cada estudo. O capítulo que encerra este trabalho procura realizar uma integração e discussão dos resultados dos diferentes estudos empíricos, organizada por temáticas coerentes com a estratégia adotada. Procuramos ainda retirar implicações para a prática psicológica e apontar pistas para investigação futura, que possam consolidar estes resultados e avançar no sentido de novas abordagens à temática.



## **CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



## 1. Internet e Redes Sociais na Adolescência

A Internet é uma ferramenta relativamente recente na nossa sociedade, mas as mudanças por ela introduzidas têm vindo a refletir-se cada vez mais na vida quotidiana dos indivíduos. E, se por um lado, nos referimos a um sistema que nos permite uma maior facilidade de realização de uma grande quantidade de tarefas diárias, como a ida a um banco ou a compra de um livro, por outro lado, falamos também de um “mundo” onde se iniciam, desenvolvem e se terminam relações interpessoais com os outros. E é aqui, neste contexto relacional da Internet, que se centra o presente trabalho, procurando iluminar algumas das mudanças introduzidas pelas redes sociais nas relações entre as pessoas, mais propriamente, a partir da rede social Facebook e na faixa etária da adolescência. Estas mudanças têm levantado algumas preocupações acerca das possibilidades de os jovens estarem a usar a Internet tão excessivamente que tal possa estar a interferir com a comunicação face-a-face (Smahel, Brown, & Blinka, 2012) e com a adaptação e desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. Diversos estudos têm vindo a indicar que uma maior utilização da Internet está associada a variáveis sociais e psicológicas, tais como, o declínio no tamanho do círculo social, a depressão, a solidão (Kraut et al., 1998), a baixa auto-estima e a insatisfação com a vida (Ko, Yen, Chen et al., 2006), a busca de sensações (Lin & Tsai, 2002), o declínio na saúde mental (Yang, 2001; Young & Rogers, 1998), e a dificuldade no funcionamento familiar (Armstrong, Phillips, & Saling, 2000). De qualquer modo, não é claro que possamos distinguir hoje em dia a comunicação *online* da comunicação face-a-face, ou como poderemos fazê-lo, de tal forma se interligam que muitas vezes a comunicação *online* se torna apenas em mais uma via de comunicação e uma extensão das relações estabelecidas no contexto face-a-face (Kujath, 2011).

As redes sociais *online* mudaram efetivamente a natureza das relações entre as pessoas, e desde o seu aparecimento atraíram milhões de utilizadores, que as integraram nas suas vidas diárias. Podemos definir uma rede social como um serviço cibernético que permite aos indivíduos

construírem um perfil público ou semipúblico acerca de si, a partir do qual estão articulados e partilham informação, permitindo, portanto, que a sua informação seja vista por outros incluídos no mesmo sistema (Boyd & Ellison, 2007). A rede social Facebook, sobre a qual incide este estudo, permite aos seus utilizadores apresentarem-se aos outros com um perfil, expressando informação sobre a sua vida, pessoal e/ou profissional, “acumular” amigos, sejam estes conhecidos ou não, que poderão depois visualizar e comentar as publicações do indivíduo, sejam textos ou fotografias. Os indivíduos podem ainda juntar-se em grupos virtuais com interesses comuns. O grau de privacidade da rede social, isto é, o que é visível e para quem, bem como quem são os amigos, é sempre definido pelo utilizador. A rede social Facebook, com o passar do tempo, tem vindo a estabelecer tentativas de integrar a tonalidade emocional na comunicação, sendo possível hoje em dia que o utilizador partilhe o “estado de alma” e expresse sentimentos variados face às publicações de outros utilizadores através de símbolos chamados de *emoticons*, que são faces com as mais diversas emoções, ou através da identificação de como se estão a sentir nas suas próprias publicações. Torna-se de facto relevante refletir sobre esta nova era, uma era em que se assiste a “*um modo de socialização e individuação inédito*” (Lipovetsky, 1983, p. 7).

Para conhecermos melhor a relevância da necessidade de compreensão deste fenómeno, importa trazer alguns dados estatísticos. Estatísticas recentes reportam que 80% dos indivíduos entre os 16 e os 24 anos de idade têm acesso às redes sociais (Eurostat, 2013). Segundo a Internet World Stats (2015), em 2015 e em Portugal existirão 5.600.000 utilizadores ativos da rede social Facebook e cerca de 25% destes encontra-se na faixa etária dos 16 aos 24 anos de idade, faixa apenas superada pelos 28% de utilizadores que se situam na faixa entre os 25 e os 34 anos de idade (Statista, 2014). É ainda importante referir, que um estudo de 2010 relata que 68% dos adolescentes portugueses usam ativamente as redes sociais, sendo que 39% destes pensam ser seguro publicar informações pessoais *online* (Microsoft, 2010). Provavelmente, também nos próximos anos é possível esperar uma prevalência maior desta utilização em idades mais tardias, uma vez que as



novas gerações crescem já com a utilização de todas estas ferramentas de comunicação. Mas se é importante conhecer a prevalência, não é menos importante reconhecer que na faixa adolescente se poderão colocar questões relevantes do ponto de vista desenvolvimental no que ao uso das redes sociais diz respeito.

A adolescência é um período de transição que se caracteriza por importantes mudanças ao nível do desenvolvimento biológico, cognitivo e social. A formação da identidade torna-se uma tarefa desenvolvimental central (Erikson, 1950, 1968; Kroger, 2004) e os jovens renegoceiam a relação com os pais (Kroger, 2004), para que possam tornar-se autónomos e capazes de assumir novos papéis relacionais (Allen & Land, 1999). Este é assim um período de separação-indivuação, no qual os jovens ganham progressivamente autonomia face às figuras parentais na tomada das suas decisões, os quais deixam, a par e passo, de ocupar o papel central na rede de relações dos jovens para ser dada primazia às relações com os pares, que passam a ocupar um papel significativo (Meeus & Dekovic, 1995). Os adolescentes deparam-se assim com a tarefa desenvolvimental de estabelecer relações próximas com os outros, sejam pares ou parceiros românticos (Brown & Larson, 2009; Matos, 2006), e a qualidade destas relações está associada com a relação com as figuras de vinculação, particularmente com a resolução do processo de separação-indivuação (Matos & Costa, 2006). Estas relações refletem as necessidades dos adolescentes de estabelecerem novos padrões de comunicação com os pares, de procurarem uma nova posição dentro do grupo e de partilharem as suas experiências. O sentido de pertença a um grupo de pares contribui para o processo de adaptação e integração social (Laible, 2007; Wilkinson, 2004). Os amigos tornam-se nesta fase na principal fonte de suporte social (Brown & Larson, 2009), e é neste contexto que os jovens poderão ensaiar as competências interpessoais, apreendidas no contexto familiar (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). Simultaneamente as características deste contexto de simetria e reciprocidade permitem aprender novas competências interpessoais (Mota & Matos, 2008).

Mas ser adolescente nos dias de hoje é pautado por novos desafios. Falamos de uma adolescência diferente, que se vem transformando ao longo dos anos com todas as mudanças introduzidas por ferramentas como os telemóveis, os computadores, os *tablets*, e todo um conjunto de *gadgets* que promovem uma comunicação constante com os outros. Mas será que esta comunicação, este “estar” em permanente contacto promove a criação de laços? Ou assistimos a uma cada vez maior individualização? A comunicação é feita hoje em dia a um ritmo alucinante, e a adaptação psicossocial dos jovens não pode mais ser encarada da mesma forma.

Uma vez que o uso da Internet pode expandir e fortalecer o contacto dos jovens com os seus pares (Subrahmanyam & Smahel, 2011), a comunicação *online* entre adolescentes pode ter um forte impacto desenvolvimental (Smahel, Brown, & Blinka, 2012). Esta nova forma de comunicação adequa-se particularmente a certas necessidades desenvolvimentais dos adolescentes, tais como manter e potenciar a comunicação com os pares dos diferentes contextos diários (Barker, 2009; Dreier et al, 2013; Lenhart & Madden, 2007), reforçar as amizades já existentes e aumentar a autoestima (Valkenburg & Peter, 2009). Alguns estudos apontam, ainda, para o facto de esta comunicação promover o desenvolvimento da intimidade, através nomeadamente da promoção de competências de auto-revelação e de auto-apresentação (Valkenburg, Sumter, & Peter, 2011; Subrahmanyam & Greenfield, 2008; Valkenburg & Peter, 2009).

A comunicação mediada por computador, que se caracteriza por ser a comunicação que é feita *online* e que engloba ferramentas como as salas de chat e as várias redes sociais, nomeadamente o Facebook, posta ao serviço da socialização com os outros, tornou-se, assim, uma atividade popular entre adolescentes e jovens adultos (Subrahmanyam, Reich, Wachter, & Espinoza, 2008). Alguns estudos realizados neste âmbito encontraram uma associação entre a frequência da utilização da comunicação mediada por computador e o risco de desajustamento psicossocial, incluindo depressão, stress, isolamento face à interação face-a-face e emocionalidade negativa (e.g., Kraut et al., 1998; Weiser, 2001), tendo a comunicação mediada por computador sido medida em

termos do tempo de utilização de ferramentas como o *e-mail* e salas de conversação *online*. No entanto, estudos mais recentes sublinharam, por sua vez, os potenciais benefícios da comunicação mediada por computador, entre os quais estarão o ajustamento social, a autoestima, a proximidade com os amigos e o bem-estar (Cummings, Lee, & Kraut, 2006; Steinfield, Ellison, & Lampe, 2008). Importa, assim explorar com maior profundidade esta questão dos benefícios ou das consequências negativas da utilização. Será o tipo de ferramentas utilizado que explicará estas diferenças de resultados? A literatura existente sugere que diferentes formas de utilização da comunicação mediada por computador têm diferentes conteúdos (por exemplo, a extensão do anonimato, a capacidade ou não de partilhar imagens ou vídeos) que podem ser usados de modo distinto nas tarefas desenvolvimentais (Subrahmanyam & Smahel, 2011). Por consequência, mais do que a ferramenta utilizada em si mesma, importa conhecer as razões e os modos qualitativamente distintos da utilização destes meios.

O crescente uso da Internet tem de facto dado origem a um intenso debate acerca do seu impacto no ajustamento psicossocial, alinhado em dois argumentos principais. O primeiro argumento é o de que a Internet retirará os seus utilizadores de situações sociais genuínas e levará ao empobrecimento da participação na vida social (Kiesler, Siegel, & McGuire, 1984; Kraut et al, 1998). O segundo argumento refere o potencial das novas tecnologias no melhoramento da vida social dos indivíduos, permitindo-lhes envolver-se em relações de comunicação mais facilmente (Parks & Floyd, 1996). De facto, diversos investigadores têm encontrado suporte tanto para influências positivas como para negativas do uso da Internet nas relações próximas dos adolescentes. Por exemplo, procurando analisar como as atividades da Internet influenciaram as relações face-a-face, um estudo verificou que os meios de interação envolvendo interações diretas, tais como mensagens instantâneas, estão positivamente associados ao aumento da intimidade, confiança, compromisso e comunicação dos adolescentes com o seu melhor amigo um ano mais tarde (Blais, Craig, Pepler & Connolly, 2008). Por sua vez, ferramentas mais anónimas, como, por exemplo, salas de *chat*, foram

associadas ao aumento da alienação e conflito e diminuição da intimidade e companheirismo ao longo do tempo (Blais et al., 2008). Em Portugal, Lima, Marques e Camilo (2015), num estudo acerca da amizade enquanto promotora de saúde, comparando as rede de amizades “reais” ou *offline*, com a rede de amizades na rede social Facebook, concluíram que ter amigos no Facebook não terá uma ligação direta na saúde física, mental ou no bem-estar, revelando contudo um papel indireto, na medida em que a dimensão da rede de amigos potenciará o sentimento de integração social (de estar associado aos outros), podendo assim ser fator de promoção de saúde. Contudo, de notar que neste mesmo estudo encontrou-se que quem mais usa o Facebook para contactar com os amigos, se sente mais só, percebe menos apoio social dos outros quando necessita e se sente menos ligado aos outros.

Deste modo sublinhamos a relevância do estudo desta faixa etária, na qual a utilização destas ferramentas poderá desempenhar um papel importante no desenvolvimento, nomeadamente no que toca às suas implicações ao nível do desenvolvimento de competências interpessoais, fulcrais no estabelecimento de relações com os pares bem como no desenvolvimento da identidade (Youniss & Smolar, 1985).

Uma outra mudança introduzida pelas redes sociais prende-se com a utilização da rede social para a revelação de conteúdo pessoal das vidas dos adolescentes. A este propósito o sociólogo polaco Zygmunt Bauman refere que “Os adolescentes equipados com confessionários eletrónicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional – uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever público (...).” (Bauman, 2005, p. 10). Parece existir, de facto, uma pressão social para a publicação de informação na rede social, como se a realidade se resumisse ao que é documentado na rede social, de tal forma que muitas vezes, o conteúdo da mesma se revela como um “eu falso”, podendo mascarar um sentimento de solidão e de insatisfação com a vida, que não é patente no perfil do utilizador. Alguns autores encontraram que no uso da rede social Facebook, as noções do público e do

privado se confundem, tornando-se difícil distinguir as barreiras entre estes dois conceitos, sendo que os jovens consideram o Facebook como uma extensão da sua esfera privada (West, Lewis, & Currie, 2009).

## **2. O Uso Problemático da Internet**

Os estudos no domínio da Internet, e da rede social Facebook, têm-se desenvolvido em torno de diversos temas, tais como a adição ou o uso problemático (Caplan, 2010; Davis, 2001; Greenfield, 1999; Kandell, 1998; Young, 1998), o *cyberbullying* e suas consequências (Beran & Li, 2005; Mitchell, Ybarra, & Finkelhor, 2007; Privitera & Campbell, 2009; Ybarra, Diener-West, & Leaf, 2007) ou até mesmo o impacto destas ferramentas nas relações românticas (Dainton & Stokes, 2015; Hand et al, 2013; Marshal et al, 2013). Um dos campos de estudo proeminentes nos últimos anos tem sido o do *cyberbullying*, habitualmente definido como uma forma de agressão intencional e repetida, levada a cabo através do contexto eletrónico (ex., *e-mail*, *blogs*, salas de conversação), dirigido a uma pessoa que não pode facilmente defender-se (Kowalski, Limber, & Agatston, 2012; Patchin & Hinduja, 2012) e que afetará os jovens em idade escolar (Juvonen & Gross, 2008; Katzer, Fetchenhauer, & Belschak, 2009). No presente trabalho, porém, o foco incidirá no uso problemático da rede social Facebook, e na procura de uma leitura da utilização desta rede social por parte dos adolescentes tendo em conta variáveis de cariz relacional e psicossocial.

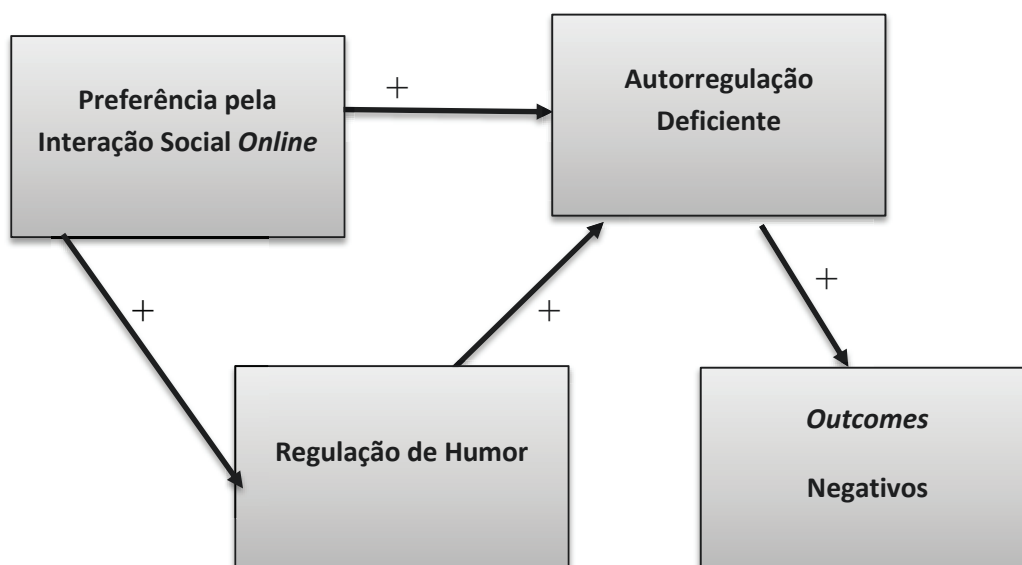
A par da preocupação com as consequências psicossociais introduzidas pelas novas formas de comunicação, surgem as questões do uso destas ferramentas, bem como da frequência com que são utilizadas, o que levanta reflexões acerca da adição às novas tecnologias. É importante trazer assim conceitos, e clarificar todo este campo de estudo dentro do uso problemático, não esquecendo, no entanto, que temos por problemático, mais do que a frequência do uso, os usos qualitativos da rede social, e que essa preocupação nos guiou nas escolhas feitas ao longo deste trabalho.

A investigação no âmbito da adição à Internet tem sido intensa, desde logo no que se refere à nomenclatura utilizada, podendo surgir os termos adição (Young, 1998), uso patológico da internet (Kandell, 1998; Davis, 2001), uso compulsivo (Greenfield, 1999) ou uso problemático (Caplan, 2010). O termo adição, tal como utilizado na literatura, refere-se a dependência fisiológica entre uma pessoa e um estímulo (Suler, 1999). A dependência da Internet é definida como uma preocupação disfuncional com algum tipo de atividade mediada por computador (Suler, 1999) e foi associada com uma panóplia de variáveis como a depressão e a ansiedade (Yu, 2001), menor satisfação com a vida (Dhir, 2015), a procura de novas sensações (Lin & Tsai, 2002), a solidão (Amichai-Hamburger, Ben-Artzi &, 2003), a ansiedade social (Weinstein et al., 2015), e um défice de autorregulação (Gámez-Guadix et al, 2015), entre outras. Este emaranhamento de nomenclaturas e definições levou a uma forte discussão acerca da inclusão ou não da “*Internet addiction*” como uma perturbação única no DSM V (Block, 2008; Petry & O’Brien, 2013; Pies, 2009). Apesar de toda a controvérsia, foi incluída uma adição comportamental designada “*Internet gaming disorder*”, na secção III do DSM V (American Psychiatric Association, 2013), que necessita de mais estudos para ser incluída do texto principal e que se traduz pela preocupação com os jogos *online*, sintomas de abstinência quando não se pode jogar, falta de controlabilidade do uso, perde de interesse noutras actividades quotidianas e consequências profissionais e relacionais para o indivíduo, tais como a perda de um emprego ou de relações significativas. Esta definição permite-nos de alguma forma compreender a forma como se começa a desenhar um potencial diagnóstico de uma adição à Internet, mas centra-se ainda muito no jogo, que não é a temática central deste trabalho, e estudos prévios demonstram que, muito embora existam similaridades entre a adição à Internet e a “*Internet gaming disorder*”, estas não se sobrepõem (Dowling & Quirk, 2009) pelo que podemos concluir que são fenómenos diferentes (Ko et al, 2010).

Neste trabalho pretendemos um afastamento do termo adição e uma maior concentração no termo uso problemático. O uso problemático é uma síndrome multidimensional que consiste em sintomas cognitivos e

comportamentais que resultam em consequências sociais, acadêmicas ou profissionais negativas, mas não é considerado como um transtorno mental (Caplan 2002, 2003; Davis, 2001; Davis, Flett, & Besser, 2002). O modelo comportamental do uso problemático da Internet (UPI) define este uso como um padrão distinto de cognições relacionadas com a Internet e comportamentos que resultam em *outcomes* negativos, dividindo-o em UPI generalizado e UPI específico. O UPI específico envolve o uso excessivo ou abuso de algumas funções de Internet específicas (por exemplo, jogos *online*), e o UPI generalizado refere-se a um uso excessivo multidimensional da própria Internet, resultando em consequências negativas para a vida dos indivíduos (Caplan, 2002, 2003; Davis, 2001). Este modelo explora o papel das cognições disfuncionais e dos processos de aprendizagem no desenvolvimento e manutenção do UPI (Caplan, 2002; Davis, 2001; Douglas et al., 2008) e sugere que o UPI envolve processos cognitivos, bem como comportamentos disfuncionais, que resultam em consequências negativas para a vida dos indivíduos (Davis, 2001).

De acordo com o modelo (ver Fig. 1), em termos de efeitos diretos, os indivíduos com uma preferência para a interação social *online* são mais propensos a usar a Internet para regular o seu humor e também tendem a apresentar uma autorregulação deficiente em termos de uso da Internet (Kim & Davis, 2009). Além disso, os indivíduos que usam a Internet para fins de regulação do humor tendem a apresentar uma autorregulação deficiente em termos de uso da Internet (LaRose, Lin, & Eastin, 2003). A autorregulação deficiente no uso da Internet leva ainda a *outcomes* negativos para as vidas dos indivíduos (Caplan, 2005; Kim & Davis, 2009). O modelo (Caplan, 2010) contempla também alguns efeitos indiretos entre as variáveis, indicando que a relação entre a preferência pela interação social *online* e um déficit na autorregulação do uso é mediada pela regulação do humor, a relação entre a preferência pela interação social online e os *outcomes* negativos é mediada pelo déficit de autorregulação e a relação entre a regulação do humor e os *outcomes* negativos é mediada também pelo déficit de autorregulação



*Figura 1. Modelo do Uso Problemático da Internet*

Uma das dificuldades em estudar a temática do uso problemático em Portugal, prende-se com a escassez de medidas válidas e fiáveis disponíveis para o efeito. Até à data, do nosso conhecimento, existe uma tradução para língua portuguesa do Internet Addiction Test (Young, 1998, adaptação para português de Pontes, Patrão, & Griffiths, 2014), publicada recentemente, pelo que se torna claro que é útil e necessário, no contexto de uma sociedade cada vez mais adepta das novas tecnologias, desenvolver medidas para compreender o uso problemático destas ferramentas, nomeadamente de ferramentas muito frequentemente utilizadas, como é o caso da rede social Facebook.

Se neste trabalho é fulcral compreender as questões da adolescência, do uso da rede social Facebook e de um uso problemático da mesma, não menos importante é compreender à luz de que conceitos procurámos realizar esta leitura. Como referido anteriormente, mais do que a frequência, importa conhecer o uso qualitativo, as dinâmicas relacionais que estarão a montante e a jusante das questões do uso problemático, e parece-nos que esta reflexão



não pode ser feita sem ter em conta o quadro relacional do adolescente, desde logo os laços primordiais estabelecidos com as figuras parentais, os laços de proximidade estabelecidos com os pares, e a forma como interagem nestas dinâmicas as questões de o relacionamento interpessoal com os outros e da personalidade.

### **3. A Teoria da Vinculação e a Utilização das Redes Sociais**

#### **3.1 Assunções gerais da teoria da vinculação**

De acordo com a teoria da vinculação, os seres humanos têm uma necessidade intrínseca de estabelecer laços com os outros (Ainsworth, 1967; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969, 1973, 1980). As pessoas estão biologicamente predispostas a desenvolver relações de procura de segurança e de proteção, ligações afetivas de proximidade ao longo da vida, que permitam explorar o *self*, os outros e o mundo, e vê-lo como um lugar seguro (Ainsworth, 1967; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969, 1973, 1980). Esta predisposição para formar relações de vinculação existe ao longo de toda a vida e não apenas na relação parental, que é a forma primordial de vinculação (Bowlby, 1982; Hazan & Shaver, 1987). Bowlby (1969) define a existência de um sistema comportamental de vinculação, que é o conjunto dos comportamentos levados a cabo para procurar a proximidade com uma determinada figura, figura de vinculação. Este sistema é importante para a sobrevivência, e tem como finalidade garantir a proteção face à adversidade. O sistema comportamental de vinculação regula-se de forma a que, face a determinadas situações ameaçadoras, este seja ativado e dentro de determinados limites, se mantenha desativado. Quando o meio incentiva a exploração, e a criança se sente segura, esta explora o mundo à sua volta; no entanto, se esta exploração representa uma ameaça, o sistema comportamental de vinculação é ativado (Ainsworth, 1982). Mas existe uma diferença entre *comportamento de vinculação* e *vinculação*. Enquanto a manifestação do comportamento de vinculação ocorre face a situações

ameaçadoras, e como tal, é pontual, uma vinculação tende a ser duradoura, e orientada para um número reduzido de figuras, sendo estas as mais significativas para a criança, havendo habitualmente uma figura central (Bowlby, 1969).

As experiências precoces de vinculação são internalizadas como *modelos internos dinâmicos* que servem de protótipo para relações futuras com outros significativos. Estes modelos reúnem um conjunto de conhecimentos, expectativas e representações sobre a figura de vinculação (acessibilidade e responsividade) e sobre o *self* (reconhecimento do seu valor pessoal e capacidade de influenciar a figura de vinculação), agindo como mapas ou esquemas de leitura da interação com os outros (Bowlby, 1969). Os modelos internos dinâmicos influenciam a vida adulta do indivíduo, guiando as relações com os outros, sejam pares ou parceiros românticos. Neste sentido, se a criança desenvolve confiança na figura de vinculação e a entende como sendo uma figura responsiva às suas necessidades, ela construirá uma ideia de si como sendo merecedora de ser amada (modelo de si) e por seu turno, uma ideia dos outros como figuras responsivas e fornecedoras de apoio (modelo do outro) (Bowlby, 1988). Os modelos internos dinâmicos começam a ser construídos nos primeiros meses de vida através de acontecimentos de vinculação relevantes, refletindo a história das interações com a figura de vinculação (Fonagy, Steele & Steele, 1992), e uma vez desenvolvidos, são generalizados a novas situações sociais (Feeney, Cassidy, & Ramos-Marcuse, 2008). Embora Bowlby (1988) tenha postulado que estes modelos se mantêm abertos ao longo da vida, verificou também que se tornam com o passar do tempo cada vez mais resistentes à mudança, porque estes tendem a operar fora do âmbito da consciência. Estes modelos são importantes nas relações sociais na medida em que não guiam apenas o comportamento, mas também as representações, sentimentos e o processamento de informação nestas mesmas relações (Bowlby, 1982; Collins, Guichard, Ford, & Feeney, 2004).

Neste contexto, é importante explicitar ainda o conceito de *base segura*, introduzido por Mary Main (1973). Trata-se da situação em que o comportamento de vinculação é ativado com baixa intensidade, sendo que a

figura de vinculação serve de base segura para a exploração do mundo. A existência de uma base segura pressupõe assim o sentimento de confiança na figura de vinculação, à qual se pode recorrer em momentos de adversidade. Ainsworth e colaboradores (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) desenvolveram um sistema de identificação e descrição dos diferentes padrões de vinculação, classificando as crianças com base numa Situação Estranha, em seguros, inseguros evitantes e inseguros ambivalentes, sendo que foi encontrado ainda um quarto padrão, o desorganizado, mais tarde, caracterizado pela aparente ausência de uma estratégia coerente e organizada para lidar com o *stress* provocado pela ausência das figuras de vinculação (Main & Solomon, 1986, 1990). Hazan e Shaver (1987) sugerem que estes padrões são evidentes na adolescência e em relações conjugais adultas. Com a idade, a intensidade da ativação do sistema comportamental de vinculação vai diminuindo; no entanto, segundo Bowlby (1969) o comportamento de vinculação continua a ser ativado ao longo da vida, mas de forma coerente com as diferentes faixas etárias, isto é, mesmo na idade adulta, em situações potencialmente ameaçadoras (ex. doença, perigo), se assiste à procura de proximidade com as figuras significativas.

Neste quadro da vinculação, os pais que fornecem aos filhos relações de vinculação seguras, simultaneamente fornecem-lhes a segurança de que são dignos de confiança e de serem amados e cuidados pelos outros, e de que as figuras de vinculação são dignas de confiança (Bowlby, 1973), facto que necessariamente influencia o modo como estas crianças e adolescentes interagem com os outros. Adolescentes que tenham uma vinculação segura com os pais são mais capazes de desenvolver competências sociais adequadas, necessárias à iniciação e manutenção de relações próximas, satisfatórias e recíprocas com amigos e parceiros românticos (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). A perceção de um baixo suporte parental pode traduzir-se numa vinculação insegura, e adolescentes que se mostrem inseguros poderão experienciar mais dificuldades de interação social, sendo menos capazes de estabelecer amizades e de resolver satisfatoriamente os conflitos interpessoais (Mallinckrodt, 2000). Mas para entender a vinculação na

faixa etária da adolescência, é importante compreender o modo como se reorganiza o sistema de vinculação face ao novo quadro de relações do jovem.

### **3.2 A reorganização da vinculação na adolescência**

Durante a infância, as figuras parentais são as figuras de vinculação primordiais, e a criança desenvolve-se, criando modelos de relacionamento com os outros construídos com base na relação com os pais (Bowlby, 1969). Investigadores do desenvolvimento concordam que o objetivo primordial do desenvolvimento na adolescência é que os jovens alcancem autonomia psicossocial face às figuras parentais (Bukatko, 2008; Steinberg, 2008). Dentro deste objetivo global duas tarefas desenvolvimentais emergem como importantes para o desenvolvimento psicossocial (Steinberg, 2008). Em primeiro lugar, os adolescentes têm de desenvolver um firme sentido de identidade, ou seja, precisam de alcançar um sentimento seguro sobre quem são e no que se tornarão (Erikson, 1968; Harter, 1999; Kegan, 1982). Em segundo lugar, têm de desenvolver a intimidade, adquirindo as habilidades necessárias para formar, manter e terminar relacionamentos significativos com os outros (Buhrmester, 1990; Buhrmester & Furman, 1987; Buhrmester & Prager, 1995; Furman & Wehner, 1994). Assim, na adolescência, as figuras parentais passam para segundo plano, e o jovem dá primazia às relações com pares e parceiros românticos, ensaiando novos papéis sociais, em relações pautadas pela reciprocidade e simetria de poder, o que os descentra da complementaridade vivida nas ligações da infância (Matos, 2003). No entanto, apesar de os jovens explorarem o mundo que os rodeia, as figuras parentais permanecem como fonte de segurança em situações emocionalmente desafiantes (Weiss, 1991). Não se trata assim de uma perda da relação parental mas sim de uma reorganização da mesma, na qual os adolescentes procuram tornar-se autónomos, mas na qual os laços permanecem (Meeus, ledema, Maassen & Engels, 2004). Existe uma ambivalência vivida pelo adolescente que, se por um lado o jovem precisa ainda do apoio e proteção parentais, por outro lado quer explorar o que o rodeia, tornar-se independente (Matos & Costa, 1996). Assim, a vinculação aos pais revela-se um processo

contínuo, muito embora se alterem os comportamentos de vinculação (Fleming, 1997).

Regressamos assim ao conceito de base segura, no qual as figuras parentais, e os laços com eles estabelecidos, se tornam indissolúveis, mas a relação sofre mudanças necessárias ao alcançar da autonomia e independência (Allen & Land, 1999; Nickerson & Nagle, 2005). As figuras parentais permanecem como um “colo” nos momentos difíceis, mas os jovens “ganham asas” para começarem a trilhar o seu próprio caminho. Com o passar do tempo, os jovens estabelecem relações de amizade, e estas relações tornam-se centrais na sua vida, podendo mesmo tornar-se verdadeiras relações de vinculação.

As relações com os pares são importantes para a vida social dos indivíduos ao longo de toda a vida. Estas relações tornam-se particularmente importantes durante a adolescência, quando os jovens começam a desenvolver laços com os outros, para lá da família (Armsdem, & Greenberg, 1987; Furman & Buhrmester, 1992; Patterson, Kupersmidt, & Griesler, 1990). As relações com os pares não surgem no vazio; em vez disso, ocorrem numa rede relacional mais ampla, que inclui desde logo as relações familiares, a principal fonte de aprendizagem (Parke & Ladd, 1992). Os pais fornecem às crianças modelos internos dinâmicos de relacionamento, que guiam a forma de interação da criança com os outros e com o mundo (Cassidy & Shaver, 2008). Na adolescência as figuras parentais passam a ser base segura, e importância ao nível de interação recai sobre o grupo de pares, figuras de influência social e de suporte emocional (Laible, 2007; Wilkinson, 2004). Uma vez que o adolescente passa cada vez menos tempo com os pais (Steinberg & Morris, 2001), a manutenção simbólica dos laços de afecto revela particular importância.

Existe um amplo consenso entre os investigadores quanto ao aumento das interações com os pares que ocorre no início da adolescência e que implica uma elevada intensidade emocional (Brown & Larson, 2009). É na adolescência que os jovens começam a ganhar consciência e dar valor a

conceitos como a proximidade emocional, a lealdade e a intimidade de uma amizade (Steinberg & Morris, 2001; Sullivan, 1953). A crescente importância do estabelecimento de amizades próximas e íntimas durante a adolescência foi estudada por Buhrmester (1996), que constatou que o desenvolvimento de amizades íntimas e recíprocas se relaciona com o ajustamento socioemocional e com a competência interpessoal dos adolescentes. Durante esta fase da vida, esse tipo de amizade transforma-se, e passa a pautar-se, pelo companheirismo nas brincadeiras e no jogo, e pelos laços emocionais mais estáveis (Brown, Dolcini, & Leventhal, 1997).

Analizando assim o quadro de relações do o adolescente, como poderemos então compreender a relação entre a vinculação e as novas formas de comunicação? Como pode a teoria da vinculação relacionar-se com as dimensões da utilização do Facebook? Para discutir estas questões, será importante conhecer também a relação entre estes conceitos e estudos empíricos levados a cabo, nomeadamente no campo do uso problemático, que tem sido um domínio fulcral nos estudos dos últimos anos.

### **3.3 A vinculação e o uso das redes sociais – estudos empíricos**

Os estudos que relacionam o uso problemático da Internet com variáveis de vinculação são ainda escassos, e muitas vezes, mais do que o conceito de vinculação propriamente dito, encontramos variáveis da qualidade da relação com os pais. No entanto, têm surgido nos últimos anos dados interessantes neste sentido, nomeadamente, estudos nos quais se comprova uma ligação entre a vinculação aos pais, ou qualidade da relação com os mesmos e o uso problemático da Internet ou Facebook, de modo indireto (Jenkins-Guarnieri, Wright, & Johnson, 2013; Kalaitzaki & Birtchnell, 2014) ou de modo direto (Liu & Kuo, 2007).

Num estudo que procurou testar um modelo de mediação entre a ligação aos pais e a adição à Internet, Kalaitzaki e Birtchnell (2014) comprovaram que existe uma relação mediada entre a ligação aos pais (medida usando o Parental Bonding Instrument), e a adição à Internet (medida usando o Internet

Addiction Test), que se faz através de uma relação negativa com os outros. Assim, quanto melhor a ligação aos pais, menor é o nível de relação negativa com os outros, e quanto menor for este nível, menor o nível de adição à Internet. Também Jenkins-Guarnieri e colaboradores (Jenkins-Guarnieri, Wright, & Johnson, 2013), encontraram uma relação mediada entre uma vinculação insegura (medida com o Experience in Close Relationships) e o uso do Facebook, através da variável competência interpessoal (medida com o Questionário de Competência Interpessoal), sendo que uma vinculação insegura se associa negativamente com as competências interpessoais e estas, por sua vez, têm uma associação positiva com o uso activo do Facebook. Um outro estudo verificou uma associação direta e negativa entre a qualidade da relação com os pais e os níveis de adição à Internet (Liu & Kuo, 2007). Num outro estudo acerca da vinculação, mas com adultos, verificou-se que os indivíduos com níveis elevados de ansiedade no que concerne à vinculação, tendem a usar o Facebook com mais frequência, sobretudo quando experienciam emoções negativas e quando estão preocupados com a forma como os outros os percebem no Facebook. Níveis elevados de evitamento estão associados a um menor uso do Facebook, menos abertura à experiência e atitudes menos positivas face à rede social. Essas relações mantêm-se controlando as competências sociais (Oldmeadow, Quinn & Kowert, 2013). Adolescentes com níveis elevados de ansiedade social usam a Internet de forma diferente e obtêm resultados diferentes a partir da Internet do que os não-socialmente ansiosos (Gross et al, 2002; Valkenburg, & Peter, 2009). Finalmente aqueles que têm a maior pontuação na ansiedade social têm uma preferência para auto-revelação *online* comparativamente com a comunicação face-a-face (McKenna et al., 2002).

Alguns estudos têm-se centrado nas associações entre a vinculação aos pares e o uso problemático da Internet. A relação entre pares prediz a adição à Internet na adolescência (Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009), especialmente porque no ambiente *online*, os adolescentes podem satisfazer as suas necessidades de comunicação (Kraut et al., 1998). Adolescentes com uma utilização mais problemática da Internet, mostram problemas de comunicação

na interação entre pares (Liu & Kuo, 2007) e apresentam menor qualidade nas suas amizades (Harman, Hansen, Cochran, & Lindsey, 2005). Também foi encontrada uma relação significativa entre a alienação aos pares e uso problemático da Internet, mediada pela preferência por jogos *online* (Zhang, Wu, & Lei, 2009).

Diversas questões se impõem do que decorre dos estudos dos últimos anos. Parece existir uma relação entre a qualidade da relação com os pais e o uso problemático da Internet, mas como se processa esta relação? Quais os caminhos que estarão a mediar esta relação? Se a relação com os pais influencia a forma como os adolescentes interagem com outros significativos, espera-se que esta determine, em alguma medida, a capacidade de relacionamento interpessoal com os outros e, conseqüentemente, a forma de relacionamento com as redes sociais, que são no fundo mais uma ferramenta social e mais um “palco de ensaio” de relações e de competências. Estará um uso menos adaptativo das redes sociais associado a um déficit de competências de relacionamento com os outros? Poderemos encontrar a “raiz” deste déficit no quadro de uma relação de vinculação insegura face às figuras parentais? Será uma parentalidade pautada pela inibição da exploração geradora de um déficit ao nível das competências de relacionamento com os outros, e como tal, incentivadora de uma procura do estabelecimento de relações emocionalmente satisfatórias no contexto *online*? Estará uma vinculação insegura a montante de uso problemático das redes sociais na adolescência?

De ressaltar que nesta medida, importa trazer o conceito de competência interpessoal e discutir de que competências estamos a falar quando nos referimos a um déficit no relacionamento com os outros e na capacidade de estabelecer relações satisfatórias.

#### **4. Competência Interpessoal e Redes Sociais na Adolescência**

A competência social é, por definição, um construto dinâmico, que requer o desenvolvimento e complexificação de competências com o passar do



tempo (Monahan & Steinberg, 2011). As competências sociais constituem fatores relevantes para o desenvolvimento social e pessoal dos jovens. Adolescentes que experienciam dificuldades nestas competências apresentam maiores dificuldades em estabelecer amizades, assim como no envolvimento, na intimidade ou mesmo na vinculação com os amigos já estabelecidos (Mota & Matos, 2008).

A competência interpessoal é neste trabalho definida como se referindo a um conjunto de competências de relacionamento e interação com os outros, centrais na adaptação do indivíduo, e que se desenvolvem desde a infância até à vida adulta (Buhrmester, Furman, Wittenber, & Reis, 1988). No presente estudo é adotado o modelo concetual de Buhrmester, Furman, Wittenberg e Reis (1988), que concetualizaram a competência interpessoal a partir de um conjunto de competências distintas, mais do que uma única dimensão global, e que reflete cinco domínios de competência interpessoal, conhecidos pela sua relevância teórica para o funcionamento psicossocial: iniciar interações e relações, ser assertivo na afirmação dos direitos pessoais e no desagrado com os outros, a revelação de informação pessoal, o suporte emocional aos outros e a capacidade para lidar com o conflito interpessoal que surge nas relações próximas. Num estudo transversal, Buhrmester (1992) observou que essas competências aumentam de importância durante a adolescência em termos relacionais para fazerem funcionar as amizades e promoverem bem-estar geral sócioemocional.

As competências interpessoais estão intimamente ligadas à qualidade da relação com os pais, que proporciona uma base fundadora dos comportamentos socioemocionais (Barelds, 2005; Schmitt et al., 2009). Adolescentes com uma vinculação segura aos pais são mais capazes de explorar o mundo, negociar a sua autonomia e desenvolver competências sociais, cruciais para o início e a manutenção de relações interpessoais, bem como interações satisfatórias com amigos e pares românticos (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). Adolescentes com uma vinculação insegura, percebem um baixo suporte parental e experienciam dificuldades na interação social, sendo menos capazes de estabelecer amizades e menos capazes de resolver satisfatoriamente os conflitos interpessoais (Mallinckrodt,

2000). Além disso, há evidências de que a vinculação está ligada às competências dos adolescentes para regular as suas emoções durante interações com os pares (Zimmermann, Maier, Inverno, & Grossmann, 2001).

Se na infância as competências fulcrais ocorrem principalmente durante o jogo e consistem em ser um parceiro de jogo agradável, na adolescência, para lá da centração nas suas próprias necessidades, os jovens passam a ter a necessidade de identificarem e responderem adequadamente aos estados emocionais dos outros (Parke & Ladd, 1992). Jovens que não se revelam capazes de demonstrar estas capacidades, tenderão a experienciar dificuldades crescentes no relacionamento com os pares (Mallinckrodt, 2000). Assim sendo, as competências sociais e relacionais revelam-se elementos pertencentes aos modelos internos dinâmicos, uma vez que em grande parte se constroem com base na concepção do *self* e do outro que é desenvolvida (Ainsworth et al, 1978; Bowlby, 1982) e que explicam como a vinculação parental está associada ao ajustamento emocional na adolescência. Uma vinculação segura potenciará o desenvolvimento de competências sociais adequadas, necessárias à iniciação e manutenção de relações recíprocas e satisfatórias com os outros. A investigação mostra que adolescentes mais seguros são socialmente mais competentes (Simons, Paternité, & Shore, 2001). Em contraste, um padrão de vinculação inseguro parece estar negativamente associado com a competência interpessoal (Jenkins-Guarnieri, Wright, & Johnson, 2013). Outro estudo verificou que os estudantes menos competentes socialmente tendem a utilizar a Internet para o estabelecimento de relações virtuais, porque estas seriam vistas como menos arriscadas do que as relações em contexto real (Andersen, 2001). Também Jenkins-Guarnieri, Wright e Hudiburgh (2012) verificaram uma associação negativa entre o uso do Facebook e a competência para iniciar relações sociais. No entanto, os estudos que relacionam as variáveis vinculação, competência interpessoal e uso do Facebook são escassos, nomeadamente na faixa etária da adolescência, e é importante que possamos compreender melhor as relações entre estes construtos, na medida em que estas serão variáveis

centrais na compreensão do fenómeno do uso problemático do Facebook, nesta nossa proposta de leitura.

No que respeita ao papel da Internet no desenvolvimento social, ocorrem duas hipóteses, a da compensação social ("*the poor-get-richer*") e a do enriquecimento social ("*the rich-get-richer*"). A hipótese da compensação reforça a ideia da existência de um possível potencial compensatório destas relações mantidas *online*, que mitigarão as dificuldades existentes no contexto face-a-face, sendo assim a forma de adolescentes solitários e isolados ganharem mais competências interpessoais e estabelecerem mais relações de amizade (Amichai-Hamburger, Wainapel, & Fox, 2002; McKenna et al., 2002; McKenna, Green, & Gleason, 2002). A hipótese do "*rich-get-richer*" propõe que serão os adolescentes que têm já uma boa rede de relações e com um bom desenvolvimento ao nível das competências sociais quem mais beneficiará com a Internet e mais amigos formarão também neste contexto (Kraut, 2002; Valkenburg & Peter, 2009). Koutamanis e colaboradores (2013), através da análise da comunicação através de mensagens instantâneas, num estudo longitudinal, descobriram que um aumento da frequência da utilização do "*instant messaging*" aumentou a capacidade dos adolescentes iniciarem relações no contexto face-a-face, corroborando assim a possibilidade do contexto *online* servir como contexto promotor de competências interpessoais, e como compensatório. Em Portugal Costa (2012) concluiu também que adolescentes com mais dificuldades de relação face-a-face, tenderão a utilizar mais a Internet e que, por sua vez, os que utilizam mais a Internet se sentirão mais confortáveis no uso de um conjunto de competências interpessoais *online*. Mas, será que comunicar mais quer dizer comunicar de forma desenvolvimentalmente saudável? As competências adquiridas serão de igual natureza? Serão então estas as competências que, não sendo potenciadas no quadro de uma vinculação insegura com as figuras parentais, se traduzirão no aumento da procura das redes sociais como meio de interação com os outros? E será que estas capacidades podem ser aprendidas no contexto *online*, com os mesmos contornos da relação face-a-face? A este propósito referiu o sociólogo Bauman que " (...) nas redes sociais é tão fácil adicionar e

deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias.” (Bauman, 2016). O que se “perde” e o que se “ganha” quando se muda o “palco” de treino destas competências?

Mas se as competências de relacionamento com os outros têm um determinado papel na utilização das redes sociais, não podemos pôr de parte o papel das variáveis de personalidade, que de resto poderão determinar nalguma medida a forma como estas são usadas e nomeadamente uma maior ou menor tendência ao uso problemático. De facto, se podemos discutir em que medida todo o quadro relacional do adolescente desempenha um papel importante nas questões do uso das redes sociais na adolescência, não podemos descurar o papel da personalidade enquanto fator importante para compreendermos porque é que os indivíduos se comportam como se comportam na utilização da Internet (Amichai-Hamburger, 2002). Num mesmo quadro relacional de fundo, será a personalidade diferenciadora de um uso mais ou menos problemático da rede social? A procura maior ou menor da rede social ocorrerá devida a características de personalidade? A personalidade surge, assim, como outra variável de interesse no estudo destas temáticas, mesmo incontornável até na compreensão destes fenómenos.

## **5. A Personalidade e a Utilização das Redes Sociais na Adolescência**

A personalidade, enquanto conjunto de características individuais relacionadas com padrões de pensamentos, modos de sentir e de agir (Pervin, Cervone, & John, 2005), formada desde cedo e com uma tendência para ser estável durante o desenvolvimento individual, afeta o comportamento social e as relações interpessoais. A personalidade surge como uma variável de interesse neste estudo, na medida em que nos permite compreender traços estruturais que poderão predispor os jovens a certos comportamentos relacionados com a utilização das redes sociais (Amichai-Hamburger, 2002). Há um grande consenso de que o conceito da personalidade pode ser melhor descrito pelas cinco grandes dimensões do Modelo dos Cinco Factores (John &

Srivastava, 1999) e de que este modelo é adequado na previsão de atitudes e crenças dos utilizadores de tecnologia (Devaraj, Easley, & Crant, 2008). Os cinco fatores de personalidade - extroversão, afabilidade, conscienciosidade, estabilidade emocional (muitas vezes chamado também de neuroticismo) e abertura à experiência - relacionam-se com o comportamento das pessoas numa ampla variedade de contextos (Wehrli, 2008).

Dentro dos cinco factores de personalidade, a investigação empírica tem trazido resultados interessantes. No que respeita à extroversão, indivíduos com menores níveis de extroversão, podem equilibrar as dificuldades que experienciam nas interações sociais face-a-face através da Internet (Amichai-Hamburger, Wainapel, & Fox, 2002; Hamburger & Ben-Artzi, 2000). A extroversão parece estar positivamente associada à pertença a um maior número de grupos no Facebook (Ross et al., 2009), a uma maior frequência de utilização do Facebook (Wilson, Fornasier, & White, 2009), a uma maior frequência da utilização das redes sociais em geral, bem como ao uso de mensagens instantâneas (Correa, Hinsley, & Gil de Zúñiga, 2010). Koch e Pratarelli (2004) concluíram, por sua vez, que a introversão está associada a um aumento do uso da Internet para socialização anónima. A abertura à experiência e o neuroticismo surgem positivamente associados a um maior uso de redes sociais e de mensagens instantâneas numa amostra de adultos dos EUA (Correa, Hinsley, & Gil de Zúñiga, 2010). Relativamente à conscienciosidade e à afabilidade, indivíduos com pontuações mais elevadas nestes fatores, e pontuações mais baixas no fator neuroticismo, são menos propensos a publicar conteúdo problemático (por exemplo, de natureza sexual ou sobre abuso de substâncias) nos seus perfis (Karl, Peluchette & Schlaegel, 2010). Adicionalmente, adolescentes que apresentam valores baixos na estabilidade emocional, extroversão e afabilidade tendem a apresentar uma falta de competência interpessoal e têm menos recursos nas suas vidas sociais (Caplan, 2003). Podemos facilmente compreender que estes adolescentes podem perder o controlo sobre seu uso da Internet, porque uma grande parte da sua vida social é feita no contexto *online* (Davis, 2001).

Nesta primeira parte do trabalho procurámos fundamentar a relevância do estudo do uso problemático do Facebook na adolescência. Tendo em conta

a análise dos estudos efectuada, verificamos que os resultados encontrados são de alguma forma contraditórios, uma vez que não há consenso sobre se de facto as redes sociais, e o seu uso na adolescência trarão mais consequências negativas ou positivas para o seu utilizador e qual o seu real papel na adaptação psicossocial dos adolescentes. Provavelmente, as consequências do uso, advirão também do tipo de utilizador e não poderemos falar de uma única direcção dos resultados, bem como advirão de todo um quadro relacional de base do adolescente.

Nesta medida esta dissertação procura fazer uma leitura da utilização da rede social Facebook à luz da teoria da vinculação, compreendendo os motivos do uso problemático da mesma, e procurando iluminar os comportamentos de uso da rede social tendo em conta o quadro relacional do adolescente, ao nível das relações com pais e pares, as competências interpessoais e as características de personalidade. Os estudos no domínio do uso problemático da Internet em Portugal começam agora a desenvolver-se, existindo já alguns estudos dentro desta temática (Pontes & Patrão, 2013; Pontes, Patrão, & Griffiths, 2014), no entanto não existem estudos centrados no uso problemático da rede social Facebook em específico, e pese embora exista um instrumento de adição à Internet adaptado para língua Portuguesa (Pontes, Patrão, & Griffiths, 2014), as medidas são escassas, e uma centração da rede social Facebook, a mais utilizada pelos adolescentes, é relevante e necessária. A ênfase deste trabalho recai, assim, numa compreensão da forma como os adolescentes portugueses falam da rede social Facebook, numa dinâmica exploratória da temática, e nas variáveis relacionais que poderão estar associadas ao uso problemático do Facebook, traduzindo assim o grau de adaptação psicossocial do adolescente utilizador.

## **CAPÍTULO II - METODOLOGIA**





## 1. Objetivo Geral e Objetivos Específicos

O objetivo geral deste trabalho é estudar as dimensões do uso da rede social Facebook em adolescentes portugueses. Para tal, partimos de uma grelha de leitura relacional, procurando compreender as relações entre os modos de utilização da rede social Facebook e variáveis como a vinculação aos pais e pares, as competências interpessoais em contexto face-a-face e *online*, e dimensões de personalidade.

Propõem-se, então, os seguintes objetivos mais específicos:

(a) Compreender as perspetivas pessoais e críticas de adolescentes acerca do uso da rede social Facebook, de um ponto de vista qualitativo, dando voz aos próprios adolescentes, como um primeiro estudo exploratório acerca do tema de estudo e da compreensão da visão dos próprios sujeitos acerca das dimensões da utilização.

(b) Identificar e caracterizar perfis de utilização da rede social Facebook a partir de dimensões qualitativas do seu uso.

(c) Analisar em que medida os perfis do uso problemático da rede social Facebook se associam a variáveis de cariz desenvolvimental e de adaptação psicossocial tais como a vinculação, a competência interpessoal e a personalidade.

(d) Analisar as semelhanças e diferenças entre as competências interpessoais nos contextos *online* e face-a-face, procurando analisar, de entre um conjunto de variáveis (sociodemográficas, de vinculação e de personalidade) quais as que melhor predizem estas competências nestes dois contextos.

(e) Analisar a relação direta, e mediada, entre a vinculação parental e o uso problemático do Facebook, analisando o papel da alienação aos pares nesta relação.

Acrescentam-se ainda dois objetivos de cariz metodológico:

(f) Traduzir, adaptar e validar uma escala de uso problemático da Internet para a língua portuguesa, aplicada ao contexto da utilização da rede social Facebook.

(g) Adaptar a versão portuguesa do Questionário de Competência Interpessoal (QCI, Buhrmester, Furman, Wittenberg, & Reis, 1988, versão portuguesa de Assunção, Ávila, & Matos, 2010) ao contexto *online*, e fazer uma análise comparativa entre a organização do instrumento no contexto face-a-face e *online*.

## **2. Desenho Metodológico**

O desenho metodológico deste trabalho seguiu uma lógica de complementaridade entre os métodos de investigação qualitativo e quantitativo. Partimos inicialmente de um estudo qualitativo, necessário na medida em que seria importante, primeiramente, ouvir os adolescentes acerca desta temática, e obter, para lá da visão individual destes adolescentes, toda a riqueza decorrente de um grupo focalizado e do diálogo criado entre os diferentes jovens presentes. A investigação sistemática neste domínio em Portugal é ainda escassa, assistindo-se predominantemente a trabalhos realizados no âmbito de teses de mestrado (Carvalho, Francisco, & Relvas, 2015; Costa, 2012; Lima, Marques, & Camilo, 2015; Pontes & Patrão, 2013; Pontes, Patrão, & Griffiths, 2014; Ribeiro, 2009; Rodrigues, 2014; Sousa, 2012; Vieira, 2009) como tal sentido optou-se por uma primeira abordagem exploratória ao tema. Seguidamente ao estudo qualitativo exploratório, foi elaborado um protocolo composto por um conjunto de instrumentos que permitiram avaliar dimensões consideradas relevantes para o uso da rede social e para a compreensão da ligação da utilização do Facebook com variáveis de cariz desenvolvimental e de adaptação psicossocial.

Assim, realizou-se inicialmente um estudo que recorreu ao método de grupos focalizados, que consiste em entrevistas em pequeno grupo, no qual um moderador promove a discussão entre os participantes acerca dos tópicos que vai colocando, sob a forma de questões semiestruturadas. O grupo focalizado cria um processo de partilha e comparação entre os participantes, permitindo gerar uma compreensão rica das experiências e crenças dos participantes. Este processo permitiu escutar as perspetivas em debate pela voz dos adolescentes, e conhecer o seu sentido crítico, os dilemas em que se encontram e as potencialidades dos diferentes usos da Internet e mais especificamente do Facebook. Mais tarde, e após a construção do protocolo de instrumentos de autorrelato, que foi também informado pelos resultados obtidos pelos grupos focalizados, este foi administrado a uma amostra alargada de participantes. Para a análise dos dados realizaram-se análises estatísticas, nomeadamente correlacionais, diferenciais, de *clusters*, de regressão linear múltipla e foram ainda testados modelos de equações estruturais de mediação. Trata-se assim de um trabalho que recorre a uma metodologia mista e com um desenho metodológico transversal.

### **3. Participantes e Procedimentos**

#### **3.1 Estudo qualitativo**

A recolha dos dados a partir dos grupos focalizados foi realizada no final do ano de 2011. Destes grupos fizeram parte 20 adolescentes, divididos em três grupos focalizados distintos, um grupo com 8 adolescentes com idades de 15 e 16 anos ( $M = 15.5$   $DP = 0.53$ ), um grupo com 6 adolescentes de 17 e 18 anos a iniciar a vida universitária ( $M = 17.5$   $DP = 0.55$ ) e um grupo com 6 adolescentes de 17 e 18 anos a terminar o ensino secundário ( $M = 17.3$   $DP = 0.52$ ). Dois grupos estão igualmente distribuídos no que respeita às variáveis sexo e nível socioeconómico e um grupo contou com 5 elementos do sexo feminino e um elemento do sexo masculino.

Os grupos focalizados foram realizados na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto com alunos do primeiro ano, numa associação de jovens do norte do país e numa escola secundária da mesma região. Tratou-se de uma amostra por conveniência. A participação nos grupos focalizados foi voluntária e os indivíduos foram informados de todo o procedimento, sendo-lhes dada a possibilidade de dirimir dúvidas e de desistir da participação se assim o desejassem. A participação e a gravação dos mesmos foram consentidas pelos pais dos participantes menores de idade e pelos participantes maiores de idade. A análise de dados foi efetuada com recurso ao *Software* NVivo. Os dados tiveram uma codificação aberta, de acordo com os princípios da teoria fundamentada (*Grounded Theory*, Strauss, & Corbin 1998) e foi usada a comparação constante, comparando-se e contrastando-se os dados qualitativos na procura de semelhanças e diferenças. Foi conduzida uma codificação axial, codificando e criando subcategorias nas categorias e estas foram refinadas e integradas, sofrendo assim uma codificação seletiva (Charmaz, 2006; Strauss & Corbin, 1998). O estudo teve a aprovação do Comité de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

### **3.2 Estudos quantitativos**

A recolha dos dados relativamente ao protocolo de questionários foi realizada no final do ano 2012. Nesta recolha participaram 761 adolescentes portugueses (53.7% rapazes; 46.3% raparigas) com idades entre os 14 e os 18 anos de idade ( $M = 15.9$ ,  $DP = 1.08$ ) de escolas secundárias da região norte do país, entre o 9º e o 12º ano ( $M = 9.8$ ,  $DP = 0.82$ ). Dos participantes, 587 (77.1%) adolescentes pertencem a famílias intactas, 106 (13.9%) têm os pais divorciados e 20 (2.6%) vivem em famílias onde uma das figuras parentais já faleceu. No que respeita ao nível socioeconómico (Classificação de Graffar, 1956), 220 (30.8%) participantes foram classificados como pertencendo a um nível socioeconómico elevado, 256 (36%) como pertencendo a um nível socioeconómico médio e 237 (33.2%) como pertencendo a um nível socioeconómico baixo.

A recolha de dados relativa ao protocolo de instrumentos, realizada nas escolas secundárias, teve a aprovação prévia do Ministério da Educação. Foram marcadas reuniões com os conselhos diretivos de cada escola para obter a aprovação da escola, e com a articulação com os professores foi possível obter o consentimento informado dos pais para preencher o questionário no caso dos menores. O protocolo de questionários foi aplicado em grupos de sala de aula com a supervisão do professor e da investigadora principal, seguindo instruções padronizadas. A confidencialidade e o anonimato das respostas foram assegurados, bem como o carácter voluntário da participação dos adolescentes. Todos os protocolos foram devolvidos à investigadora no final da administração. A ordem de apresentação dos questionários foi alterada de forma aleatória, sendo obtidas duas versões do protocolo, a fim de evitar resultados enviesados devidos a efeitos de cansaço e da ordem de resposta aos questionários. O estudo teve a aprovação do Comité de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

No que respeita às análises de cariz quantitativo, estas decorreram de acordo com os objetivos próprios de cada estudo empírico, e são apresentadas dentro da seção do método relativa a cada estudo em particular, com profundidade e especificidade. Todas as análises de dados foram realizadas recorrendo aos programas IBM SPSS Statistics e IBM SPSS Amos v.21. Previamente a todas as análises realizadas, os dados foram analisados no que respeita a valores omissos, valores atípicos univariados e multivariados, e desvios significativos à normalidade. Para estudar os valores atípicos usámos os valores residuais estandardizados e removemos os sujeitos entre -3 e 3. A amostra tinha 10% de valores omissos aleatórios que foram imputados com o método de imputação simples da máxima verosimilhança. No que respeita aos modelos e equações estruturais, o ajustamento foi avaliado recorrendo aos valores do qui-quadrado ( $\chi^2$ ) e seu rácio ( $\chi^2/df$ ), bem como aos seguintes índices: (1) Comparative Fit Index (CFI), (2) Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) and (4) Standardized Root Mean Square Residual (SRMR) (Hooper, Coughlan, & Mullen, 2008; Hu & Bentler, 1999; Schermelleh-

Engel, Moosbrugger & Muller, 2003). Os modelos de mediação foram realizados com *bootstrapping* de acordo com a simulação de Markov chain Monte-Carlo (Arbuckle, 2012).

#### **4. Instrumentos – Descrição e Propriedades Psicométricas**

##### **4.1 Guião de Entrevista Semiestruturado**

No sentido de compreender o(s) sentido(s) crítico(s) que os adolescentes têm acerca de questões relacionadas com o uso do Facebook e os posicionamentos perante algumas dicotomias decorrentes deste uso, foi construído um guião de entrevista semiestruturado (Anexo I). Mais especificamente colocaram-se as seguintes questões na elaboração do guião, nomeadamente:

(1) Como se posicionam estes adolescentes perante as dimensões público-privado e qual a linha e conteúdos que separam estes domínios? Isto é, entre outros aspetos, no entender dos adolescentes o que pode ser (ou até deve ser) publicado nas redes sociais e o que é do domínio do privado? ;

(2) Qual o conceito de amizade e as suas variações? Será que os jovens fazem uma distinção entre o real e o virtual? Como decorre o processo de adesão de “amigos”? Será que estes jovens adicionam pessoas indiscriminadamente no seu perfil ou adicionam preferencialmente pessoas com quem convivem, ou existirão outros critérios que presidem às suas escolhas? Para além disso, como se posicionam perante a opção de “recusar amigos”;

(3) Quais os motivos que levaram os jovens a aderir à rede social Facebook? Em que medida a adesão à rede social se faz por pressão do grupo de pares?;

(4) Como problematizam os adolescentes os benefícios e os riscos associados ao uso do Facebook e que medidas tomam para minorar os últimos?;

Naturalmente, sendo apenas um guião para os grupos focalizados, toda a discussão gerada trouxe novos temas não propostos, numa grande riqueza de resultados (ver Estudo 2).

#### **4.2 Generalized Problematic Internet Use Scale 2 – GPIUS 2**

Para medir o uso problemático do Facebook, adaptámos a Generalized Problematic Internet Use Scale 2 (GPIUS2, Caplan, 2010), para a língua portuguesa, de acordo com as International Test Commission Guidelines (Hambleton, Merenda & Spielberger, 2005). Foi substituído o termo “Internet” pelo termo “Facebook”, para que fosse adaptado ao contexto específico do estudo. Esta escala é constituída por cinco subescalas, nomeadamente Preferência pela Interação Social Online (POSI; 3 itens; ex., “Prefiro a interação social online à interação face-a-face.”), Regulação de Humor (MR; 3 itens; ex., “Usei o Facebook para me fazer sentir melhor quando me sentia em baixo.”), Preocupação Cognitiva (CP; 3 itens; ex., “Sentir-me-ia perdido se não pudesse ir ao Facebook.”), Uso Compulsivo (CU; 3 itens; ex., “Tenho dificuldade em controlar a quantidade de tempo que passo no Facebook.”) e Outcomes Negativos (NO; 3 itens; ex., “O uso do Facebook tornou difícil cumprir as minhas tarefas diárias.”). A GPIUS2 é assim composta por 15 itens e os participantes respondem numa escala tipo Likert de 7 pontos em que 1 significa discordo totalmente e 7 significa concordo totalmente.

No nosso estudo encontrámos bons índices de consistência interna em todas as dimensões: preferência pela interação social online ( $\alpha = .84$ ), regulação de humor ( $\alpha = .83$ ), preocupação cognitiva ( $\alpha = .80$ ), uso compulsivo ( $\alpha = .83$ ) e outcomes negativos ( $\alpha = .65$ ) e a análise factorial confirmatória de segunda ordem apresentou índices de ajustamento adequados, dentro dos valores críticos  $\chi^2(79) = 352.60$ , CFI = .96, RMSEA = .07.

#### 4.3 Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe - QVPM

O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Matos & Costa, 2001) é um questionário de auto-relato que avalia a percepção dos adolescentes e jovens adultos acerca das relações de vinculação aos pais, construído com base nas contribuições teóricas e conceituais de Ainsworth (1989), Bowlby (1969, 1973) e Bartholomew e Horowitz (1991). Foi desenvolvido originalmente em Portugal e tem sido amplamente usado em investigação empírica com sujeitos de nacionalidade Portuguesa (ver Gouveia & Matos, 2011, e <https://sites.google.com/site/manualqvpm/> para uma revisão de estudos). É composto por 30 itens que estão organizados em três subescalas: *Inibição da Exploração e Individualidade* (IEI; 10 itens, ex., "Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova."), *Qualidade do Laço Emocional* (QLE; 10 itens, ex., "Sei que posso contar com meus pais sempre que precisar deles"), e *Ansiedade de Separação* (AS; 10 itens, ex., "Tenho medo de ficar sozinha(o) se um dia perder os meus pais."). A resposta é dada numa escala tipo Likert de 6 pontos em que 1 significa *discordo totalmente* e 6 significa *concordo totalmente*, separadamente para o pai e para a mãe.

No presente estudo, verificou-se uma boa consistência interna para as três dimensões: Inibição da Exploração e Individualidade ( $\alpha = 0.81$  para o pai e  $\alpha = 0.82$  para a mãe), Qualidade do Laço Emocional ( $\alpha = 0.94$  para o pai e  $\alpha = 0.92$  para a mãe) e Ansiedade de Separação ( $\alpha = 0.85$  para o pai e  $\alpha = 0.82$  para a mãe). A análise fatorial confirmatória com as três dimensões como fatores latentes e os itens como variáveis observadas revelou um ajustamento adequado para pai e mãe. No caso da mãe os valores dos índices de ajustamento foram  $\chi^2(11) = 38.1$ ; CFI = .99; RMSEA = .06, e no caso do pai foram  $\chi^2(24) = 166.02$ ; CFI = .97; RMSEA = .07.



#### 4.4 Inventory of Parents and Peer Attachment – IPPA

Para medir a vinculação aos pares utilizámos o Inventory of Parents and Peer Attachment (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987; Davis, R., Flett, G., & Besser, A. (2002). O IPPA foi desenvolvido para aceder às perceções dos adolescentes acerca das dimensões afetivas e cognitivas das relações com os pais e os amigos próximos, procurando perceber sobretudo o quanto estas figuras poderão servir de fontes de segurança (Armsden & Greenberg, 1987). Este instrumento organiza-se em 3 subescalas: *Confiança Mútua*, *Qualidade da Comunicação* e *Alienação*. A resposta pode ser dada numa escala tipo Likert de 6 pontos em que 1 significa *discordo totalmente* e 6 significa *concordo totalmente*.

No presente estudo apenas foi usada a dimensão Alienação na relação com os pares (7 itens, ex., "Sinto-me só ou posto(a) de parte quando estou com os meus amigos."), que mostrou uma boa consistência interna ( $\alpha = .81$ ). A análise fatorial confirmatória apresentou índices adequados dentro dos valores críticos,  $\chi^2 (11) = 62.9$ ; CFI = .96; RMSEA = .08.

#### 4.5 Interpersonal Competence Questionnaire – ICQ

A competência interpessoal foi medida através do Interpersonal Competence Questionnaire (ICQ, Buhrmester, Furman, Wittenberg, & Reis, 1988, versão portuguesa de Assunção, Ávila, & Matos, 2010). Este é um questionário de auto-relato composto por 40 itens, organizados em cinco fatores: *Iniciar Relações* (IR, 8 itens, ex., "Pedir ou sugerir a alguém desconhecido que se juntem e façam algo juntos. Ex. Saírem juntos."), *Asserções Negativas* (AN, 8 itens, ex., "Recusar um pedido de um amigo quando acha que não faz sentido."), *Revelação Pessoal* (RP, 8 itens, ex., "Confiar num novo amigo e deixá-lo ver o teu lado mais sensível."), *Suporte Emocional* (SE, 8 itens, ex., "Ser capaz de dizer e fazer coisas para apoiar um amigo próximo quando ele está em baixo.") e *Gestão de Conflitos* (GC, 8 itens, ex., "Ser capaz de admitir que pode estar errado(a) quando um desentendimento com um amigo próximo se começa a tornar num conflito

sério.”). A resposta é feita numa escala de Levenson e Gottman (1978) de 5 pontos, sendo que os indivíduos deverão indicar o grau de competência e conforto ao lidar com determinadas situações (ex.: de 1. “Não sou nada bom nisto; Não me ia sentir bem nesta situação, evitá-la-ia se fosse possível” a 5. “Sentir-me-ia muito confortável e lidaria muito bem com esta situação.”).

Neste estudo os jovens foram solicitados a responder ao instrumento tanto para o contexto face-a-face, como para o contexto *online*, com a seguinte instrução: “Na primeira coluna responde pensando nas relações que tens face-a-face com os teus amigos e colegas. Na segunda coluna responde pensando nas relações que estabelececes *online*”, não havendo qualquer alteração de itens específica de cada contexto. No presente estudo, verificou-se uma boa consistência interna para dimensões: Iniciar Relações ( $\alpha = .82$  no face-a-face e  $\alpha = .80$  no *online*), Asserções Negativas ( $\alpha = .80$  no face-a-face e  $\alpha = .84$  no *online*), Revelação Pessoal ( $\alpha = .78$  no face-a-face e  $\alpha = .82$  no *online*), Suporte Emocional ( $\alpha = .85$  no face-a-face e  $\alpha = .81$  no *online*) e Gestão de Conflitos ( $\alpha = .89$  no face-a-face e  $\alpha = .85$  no *online*). A análise fatorial confirmatória revelou índices adequados, sendo que para o contexto face-a-face os resultados foram  $\chi^2 (727) = 1565.7$   $p < .001$ ; CFI = .92, RMSEA = .05, e para o contexto *online* foram  $\chi^2 (719) = 3121.9$   $p < .001$ ; CFI=.90, RMSEA = .06.

#### 4.6 Tem-Item Personality Inventory – TIPI

Para aceder à personalidade foi usado o Tem-Item Personality Inventory (TIPI) (Gosling et al., 2003, versão portuguesa de Lima & Castro, 2009). É composto por 10 itens, consistindo cada um deles num par de características descritivas da pessoa, pontuadas de 1 (*discordo fortemente*) a 7 (*concordo fortemente*). Cada dimensão do modelo dos cinco grandes fatores da personalidade (Abertura à Experiência, Extroversão, Afabilidade, Conscienciosidade e Estabilidade Emocional) está representada por 2 itens.

No presente estudo as dimensões do instrumento revelaram índices de consistência interna razoáveis. Na medida em que cada dimensão estava

representada apenas por 2 itens, apresentamos também os valores da correlação inter-item que se encontram dentro do intervalo de variação considerado adequado (entre .20 e .40 ; Clark & Watson, 1995): afabilidade ( $\alpha = .60$ , correlação inter-item .20), estabilidade emocional ( $\alpha = .70$ , correlação inter-item .19), extroversão ( $\alpha = .55$ , correlação inter-item .38), conscienciosidade ( $\alpha = .65$ , correlação inter-item .22) e abertura à experiência ( $\alpha = .69$ , correlação inter-item .28).

#### 4.7 Online Cognition Scale – OCS

A Online Cognition Scale (OCS) foi desenvolvida por Davis et al. (2002) para aceder ao uso problemático da Internet de um indivíduo. A escala é constituída por 36 itens, respondidos numa escala de Likert de 1 a 7 em que 1 representa *discordo totalmente* e 7 representa *concordo totalmente*. A escala é composta por quatro subescalas, sendo elas: *Impulsividade* (10 itens), *Conforto Social* (13 itens), *Solidão/Depressão* (6 itens) e *Distração* (7 itens).

Neste estudo usámos apenas as dimensões Conforto Social (ex., “Sinto-me mais confortável quando estou a conversar online”), e Distração (7 itens, ex. “Quando estou no Facebook não penso nas minhas responsabilidades.”). As duas escalas revelaram bons índices de consistência interna ( $\alpha = .90$  para o conforto social e  $\alpha = .81$  para a distração). A análise fatorial confirmatória apresentou índices adequados dentro dos valores críticos,  $\chi^2 (151) = 828.50$  ; CFI = .90; RMSEA = .08.

#### 4.8 Questionário Sociodemográfico

Adicionalmente aos questionários que tinham por base avaliar as variáveis centrais do estudo, constava do protocolo final um questionário sociodemográfico que colocava questões relativas ao sexo, idade e questões relativas ao agregado familiar, nomeadamente perguntas relativas a quem constitui o agregado familiar e qual a situação profissional e de habilitações literárias dos pais.

#### **4.9 Questionário do Utilizador do Facebook**

Na medida em que, para a realização do presente estudo, se revelava importante conhecer quais seriam os hábitos dos jovens ao nível da utilização da Internet e da rede social Facebook, acrescentámos ao protocolo um questionário de utilizador do Facebook elaborado especificamente para o efeito, que continha várias informações, entre as quais: o local de acesso à Internet, o horário de acesso à Internet, o tempo passado no Internet diariamente, a frequência e tempo de utilização do Facebook, o número e tipo de amigos do Facebook, questões de controlo parental e utilização parental do Facebook e razões de adesão à rede social. Os dados relativos a este questionário podem ser encontrados no estudo 0, em que são apresentadas análises preliminares.

#### **4.10. Utilização dos diferentes instrumentos nos estudos empíricos**

Os objetivos do presente trabalho foram tratados em cinco estudos empíricos, um primeiro estudo qualitativo de grupos focalizados acerca da utilização do Facebook, um segundo estudo acerca da validação de um escala de uso problemático do Facebook para língua portuguesa, um terceiro estudo que procurou perfis de utilização problemática do Facebook na adolescência e sua relação com variáveis desenvolvimentais, um quarto estudo que procurou analisar os preditores das competências interpessoais no contexto face-a-face e no contexto *online* e um quinto estudo que procurou analisar a relação direta entre vinculação parental e uso problemático do facebook, bem como a mediação desta relação pela variável da alienação aos pares. Para facilitar a leitura deste trabalho, apresentamos de seguida uma tabela com a utilização dos diferentes instrumentos e as variáveis contempladas nos cinco estudos empíricos.

**Tabela 1. Variáveis utilizadas nos diferentes estudos**

		Estudos				
Variáveis / Instrumentos	I	II	III	IV	V	
Uso Problemático do Facebook		X	X		X	
Vinculação aos Pais			X	X	X	
Vinculação aos Pares		X	X	X	X	
Competência Interpessoal			X	X		
Personalidade			X	X		
Uso problemático da Internet		X				
Guião Grupos Focalizados	X					



## **CAPÍTULO III – ESTUDOS EMPÍRICOS**





## **ANÁLISES PRELIMINARES**

Este capítulo tem como principal objetivo informar os leitores acerca de todo um conjunto de dados do presente estudo, que poderão ser relevantes para compreender a amostra do mesmo, bem como os estudos empíricos subsequentes. Assim, neste sentido, iremos apresentar os seguintes dados: caracterização dos jovens ao nível do Questionário de Utilizador da Internet e da rede social Facebook; as médias, desvios-padrão e intervalos de variação do conjunto das dimensões do presente estudo; um enquadramento geral das qualidades psicométricas dos instrumentos que fazem parte do protocolo do estudo e as correlações entre as variáveis do estudo.

## **1. Caracterização dos jovens ao nível do Questionário de Utilizador da Internet e da rede social Facebook**

Os dados do Questionário de Utilizador revelaram alguns resultados interessantes e pela sua análise podemos caracterizar este grupo de jovens como um grupo que acede à Internet maioritariamente num horário noturno, entre 1 e 3 horas por dia. Relativamente às amizades no Facebook, este grupo de jovens tem uma elevada média de amigos, que consideram ser na sua maioria seus conhecidos. Um elevado número de jovens refere que conhece pessoalmente os amigos da rede social, mas quando atentamos ao número médio de amigos compreendemos que talvez esta perceção não seja a mais correta. No que concerne às questões relacionadas com os pais, verificamos que a maioria dos pais não terá Facebook, mas dos que usam, um número elevado de jovens tem os pais como amigos na rede social (Ver Tabela 2).

**Tabela 2.** Caracterização da amostra relativamente ao Questionário de Utilizador da Internet e do Facebook

Questionário de Utilizador	Respostas
<i>Em que horário acesdes à Internet?</i>	15 Manhã 154 Tarde 563 Noite 29 Omissos
<i>Quantas horas por dia usas o Facebook?</i>	296 Menos de 1 hora 341 Entre 1 e 3 horas 83 Mais de 3 horas 41 Omissos
<i>Média de amigos no Facebook</i>	857 DP = 805.5
<i>Os teus amigos do Facebook são maioritariamente...</i>	145 Amigos próximos 521 Conhecidos 48 Desconhecidos 24 Pessoas que conheci <i>online</i> 23 Omissos
<i>Quantos dos teus amigos do Facebook conheces pessoalmente?</i>	144 Mais de metade 300 Metade 249 Menos de metade 63 Poucos 5 Omissos
<i>Os teus pais sabem quanto amigos tens no Facebook?</i>	246 Sim 259 Não 256 Não sei
<i>Os teus pais usam o Facebook?</i>	344 Sim 407 Não 10 Não sei
<i>Os teus pais são teus amigos no Facebook?</i>	295 Sim 442 Não 7 Não sei 18 Omissos
<i>Quem pode ver o teu perfil de Facebook?</i>	608 Os meus amigos 148 Todos os utilizadores 5 Omissos

## 2. Medidas de tendência central e Dispersão das diferentes variáveis do estudo

Podemos observar na presente amostra, que a qualidade do laço emocional com os pais apresenta valores elevados e que os níveis de alienação aos pares são reduzidos. No que respeita às competências interpessoais face-a-face, a amostra situa-se em valores acima do meio da escala, e nas competências interpessoais *online*, os níveis são menores. Verificamos também que os valores das dimensões do uso problemático são todos baixos, pelo que a nossa amostra não revela, ou pelo menos não assume um uso problemático do Facebook. Ao nível das características de personalidade, os jovens tendem a pontuar elevado em quase todas as escalas, à excepção da estabilidade emocional (ver Tabela 3).

**Tabela 3.** Médias, desvios-padrão e variação das dimensões dos diferentes instrumentos do estudo

Dimensão	Mínimo	Máximo	Média	DP
<i>Vinculação</i>	1	6	3,07	,97
IEI Pai				
IEI Mãe	1	6	3,14	,97
QLE Pai	1	6	5,04	1,06
QLE Mãe	1	6	5,29	,81
AS Pai	1	6	3,74	1,01
AS Mãe	1	6	3,93	,92
<i>Alienação Pares</i>	1	6	2,10	,88
<i>Competências Interpessoais</i>				
Iniciar Relações	1	5	3,39	,75
Asserções Negativas	1	5	3,77	,70
Revelação Pessoal	1	5	3,24	,68
Suporte Emocional	1	5	4,27	,64

<b>Dimensão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>
Gestão Conflitos	1	5	3,80	,64
<i>Competências Interpessoais Online</i>				
Iniciar Relações Online	1	5	2,94	,89
Asserções Negativas Online	1	5	3,53	,90
Revelação Pessoal Online	1	5	2,80	,84
Suporte Emocional Online	1	5	3,78	1,01
Gestão Conflitos Online	1	5	3,39	,88
<i>Uso Problemático Facebook</i>				
Preferência Interação Social Online	1	7	2,01	1,31
Regulação Humor	1	7	2,78	1,62
Preocupação Cognitiva	1	7	2,11	1,35
Uso Compulsivo	1	7	2,41	1,52
Outcomes Negativos	1	7	1,92	1,15
<i>Uso Problemático Internet</i>				
Conforto Social	1	7	2,19	1,04
Distracção	1	7	2,66	1,17
<i>Personalidade</i>				
Afabilidade	1	7	5,54	1,05
Extroversão	1	7	4,94	1,46
Conscienciosidade	1	7	5,30	1,18
Abertura Experiência	1	7	5,18	1,13
Estabilidade Emocional	1	7	3,92	1,21

### 3. Qualidades psicométricas dos instrumentos

Para podermos garantir que a medição das variáveis foi apropriada, realizámos análises de consistência interna e análises fatoriais confirmatórias. Podemos ver na Tabela 3 que as análises fatoriais confirmatórias apresentam, na generalidade, um ajustamento adequado, e que os índices de consistência interna são também adequados. Todavia alguns rácios de qui quadrado revelaram-se elevados, por razões que em grande parte poderão prender-se com o tamanho da amostra (Hooper, Coughlan, & Mullen, 2008).

**Tabela 4.** Análise fatorial confirmatória e consistência interna dos instrumentos do protocolo do estudo

Instrumentos	Análise Fatorial Confirmatória	Consistência Interna
Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Matos & Costa, 2001) – Pai	$\chi^2(11) = 38.1$ CFI = .99 RMSEA = .06	$0.81 \leq \alpha \leq 0.94$
Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Matos & Costa, 2001) – Mãe	$\chi^2(24) = 166.02$ CFI = .97 RMSEA = .07	$0.82 \leq \alpha \leq 0.92$
Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987; adaptação para português de Ferreira, & Costa, 1998) – Dimensão Alienação	$\chi^2(11) = 62.9$ CFI = .96 RMSEA = .08	$\alpha = 0.81$

<b>Instrumentos</b>	<b>Análise Fatorial Confirmatória</b>	<b>Consistência Interna</b>
Generalized Problematic Internet Use Scale 2 (GPUIS2, Caplan, 2010)	$\chi^2 (79) = 352.60$ CFI = .96 RMSEA = .07	$0.65 \leq \alpha \leq 0.84$
Cognition Scale (OCS) foi desenvolvida por Davis et al. (2002)	$\chi^2 (151) = 828.50.9$ CFI = .90 RMSEA = .08.	$0.81 \leq \alpha \leq 0.90$
Questionário de Competência Interpessoal (ICQ, Buhrmester, Furman, Wittenberg, & Reis, 1988, versão portuguesa de Assunção, Ávila, & Matos, 2010)	$\chi^2 (727) = 1565.7$ CFI=.92 RMSEA =.05	$0.78 \leq \alpha \leq 0.89$
Questionário de Competência Interpessoal Online (ICQ – Online, adaptado por Assunção & Matos, 2015)	$\chi^2 (719) = 3121.9$ CFI=.90 RMSEA =.06	$0.80 \leq \alpha \leq 0.85$
Inventário de Personalidade de 10 itens (TIPI) (Gosling et al., 2003, versão portuguesa de Lima & Castro, 2009)		$0.55 \leq \alpha \leq 0.70$

---



#### 4. Correlações entre as variáveis do estudo

Nesta secção apresentamos as análises correlacionais entre todas as dimensões do estudo, bem como entre estas dimensões e algumas variáveis do questionário de utilizar do Facebook. Os resultados são vastos, mas poderemos resumir estes resultados salientando alguns dos resultados mais interessantes.

No que respeita às correlações que envolvem a vinculação verificamos que existem correlações elevadas sobretudo das dimensões IEI e QLE com as dimensões asserções negativas, suporte emocional e gestão de conflitos no contexto face-a-face (ver Anexo 2, Tabela 4) e que no contexto *online* estas correlações são menores, mas continuam a incidir no mesmo conjunto de dimensões (ver Anexo 2, Tabela 5). Quando analisamos as correlações com o uso problemático, vemos que as correlações mais elevadas ocorrem com as dimensões IEI ao pai e mãe, e que estas são elevadas com todas as dimensões do uso problemático, o que não será surpreendente, na medida em que o contexto *online* pode ser usado como contexto exploratório possivelmente aquando de uma maior inibição parental no contexto face-a-face (ver Anexo 2, Tabela 6). As correlações com a alienação aos pares vão ao encontro do esperado, existindo correlações elevadas e positivas com a IEI e elevadas e negativas com o QLE (ver Anexo 2, Tabela 7). Ainda no que respeita à alienação aos pares, vemos que ela se correlaciona negativa e significativamente com todas as dimensões de personalidade (ver Anexo 2, Tabela 8) e que no que respeita às competências interpessoais existem correlações elevadas e negativas entre todas as dimensões da competência interpessoal face-a-face e a alienação aos pares, não se encontrando o mesmo padrão com a competência interpessoal *online* (ver Anexo 2, Tabela 9). Esta encontra-se ainda positivamente associada a todas as dimensões de uso problemático do Facebook (ver Anexo 2, Tabela 12). Um outro resultado interessante foram as correlações negativas encontradas entre todas as dimensões de competência interpessoal face-a-face e a dimensão preferência pela interacção social *online* do questionário de uso problemático do Facebook,

que parece sugerir que de facto, existirá uma associação entre a falta de competências interpessoais no contexto face-a-face e uma clara preferência pela comunicação *online*, eventualmente como mecanismo compensatório (ver Anexo 2, Tabela 10). Já quando passamos para o contexto *online*, vemos que as correlações são positivas e significativas essencialmente entre as dimensões iniciar relações online e revelação pessoal online, com todas as dimensões do uso problemático (ver Anexo 2, Tabela 11).

No que respeita às dimensões de personalidade, observamos que estas se encontram positiva e significativamente associadas a algumas dimensões da competência interpessoal face-a-face (ver Anexo 2, Tabela 13), de salientar que a abertura à experiência se correlaciona com todas as dimensões de competência interpessoal, bem como a extroversão, sugerindo assim os dados que estas serão variáveis importantes no que às competências interpessoais diz respeito. Quando repetimos as correlações mas com as competências interpessoais *online*, o padrão modifica-se e diminuem o número de correlações significativas (ver Anexo 2, Tabela 14), o que parece evidenciar que neste contexto o papel da personalidade se atenua. Ainda no que à personalidade diz respeito, verificámos que esta apresenta também algumas correlações significativas com dimensões de uso problemático do Facebook (ver Anexo 2, Tabela 15), nomeadamente de salientar as fortes correlações negativas entre quase todas as dimensões do uso problemático e a estabilidade emocional, sugerindo assim que existirão associações entre o uso problemático e menores níveis de estabilidade emocional.

Passaremos agora aos resultados das correlações entre as variáveis do estudo e algumas variáveis do questionário de utilizador, referindo que as variáveis do questionário de utilizador escolhidas foram o número de horas passado na Internet por dia, o número de horas passado no Facebook por dia e o número de amigos no Facebook. No que respeita às dimensões da vinculação, encontramos uma correlação significativa e positiva entre as dimensões IEI ao pai e mãe e o número de horas passado na Internet por dia, bem como uma correlação negativa entre a QLE à mãe e esta mesma variável (ver Anexo 2, Tabela 16), o que sugere que um contexto parental mais inibitório

da exploração e com menor qualidade de laço emocional, poderá estar associado ao número de horas passadas *online*. Encontrámos ainda correlações positivas significativas entre o número de horas passadas na Internet e no Facebook e a alienação aos pares (ver Anexo 2, Tabela 16), mas uma correlação negativa significativa entre o número de amigos no Facebook e a alienação aos pares, sugerindo que um aumento do tempo *online* estará associado a maior alienação ao grupo de pares, mas que uma maior rede de amigos no Facebook se associará a uma menor alienação. No que ao uso problemático do Facebook diz respeito, verificámos associações positivas elevadas entre as dimensões do uso problemático e o número de horas passadas na Internet e no Facebook, sendo menores as relações encontradas com o número de amigos no Facebook (ver Anexo 2, Tabela 17), o que sugere que existirá uma associação entre frequência e uso problemático do Facebook. Relativamente às associações entre as questões de utilizador e as competências interpessoais, verificámos que existe uma associação positiva significativa entre todas as questões de utilizador e todas as dimensões da competência interpessoal face-a-face, à excepção da gestão de conflitos (ver Anexo 2, Tabela 18), o que sugere que um maior número de amigos na rede social estará associado a níveis de competência interpessoal face-a-face, mais elevados. Quando passamos para os resultados relativos às competências interpessoais no contexto *online*, verificamos que existem várias associações positivas significativas entre as questões do utilizador e estas competências (ver Anexo 2, Tabela 19), salientando que o número de amigos no Facebook se correlaciona com todas as competências interpessoais *online* e que as dimensões iniciar relações *online* e revelação pessoal *online* estão associadas positiva e significativamente com todas as dimensões do questionário de utilizador, o que sugere que uma maior tempo passado na Internet e no Facebook estará positivamente associado com um maior nível de competências interpessoais no contexto *online*, e que o número de amigos na rede social estará também positivamente associado com estas competências. No que respeita às dimensões da personalidade verificamos que existem associações significativas e negativas entre as dimensões afabilidade e conscienciosidade e o número de horas passado na Internet e entre a

dimensão extroversão e o número de horas passado no Facebook (ver Anexo 2, Tabela 20), o que sugere uma associação entre determinadas características de personalidade e uma maior frequência de uso da Internet e da rede social Facebook. De salientar ainda que existem associações positivas significativas entre o número de amigos no Facebook e as dimensões extroversão e abertura à experiência e uma associação negativa significativa entre o número de amigos no Facebook e a dimensão estabilidade emocional (ver Anexo 2, Tabela 20), o que sugere que algumas características de personalidade poderão ser extensíveis ao contexto *online*, como sendo o caso da extroversão e da abertura à experiência mas que o número de amigos estará negativamente associado com a estabilidade emocional.

Estes resultados permitiram-nos fazer uma primeira exploração dos dados e de alguma forma apoiaram também os estudos empíricos subsequentes deste trabalho.

**ESTUDO I - PERSPECTIVAS DOS ADOLESCENTES SOBRE O USO DO  
FACEBOOK: UM ESTUDO QUALITATIVO**

Raquel Assunção & Paula Mena Matos (2014)

*Psicologia em Estudo*, 19, pp. 539-547



## Introdução

Tem-se assistido progressivamente à proliferação dos sistemas de rede, particularmente da internet, e houve nos últimos anos a uma grande emergência de todo um campo de relações cibernéticas, entre pessoas com os mesmos interesses, mas muitas vezes, geograficamente dispersas. A socialização é um dos atrativos mais fortes desta ferramenta (Douglas et al., 2008), sendo responsável pelo tempo que os indivíduos passam em interação através de correio eletrónico, fóruns, chats ou redes sociais (Grohol, 2005), e a manutenção de relações interpessoais parece ser a principal razão para a comunicação mediada por computador (Bargh, & McKenna, 2004).

As redes sociais *online* mudaram a natureza das relações entre as pessoas, e desde o seu aparecimento atraíram milhões de utilizadores, que as integraram nas suas vidas diárias. Podemos definir uma rede social como um serviço cibernético que permite aos indivíduos construir um perfil público ou semipúblico acerca de si, a partir do qual estão articulados e partilham informação, permitindo, portanto, que a sua informação seja vista por outros incluídos no mesmo sistema (Boyd, & Ellison, 2007). Torna-se de facto relevante refletir sobre esta nova era, uma era em que se assiste a “*um modo de socialização e individuação inédito*” (Lipovetsky, 1983, p. 7).

A rede social *facebook* foi criada em 2004, por Mark Zuckerberg, estudante de Harvard, e foi no contexto universitário que ela se expandiu exponencialmente até aos dias de hoje. Estatísticas atuais reportam que, em Portugal, existem atualmente cerca de 4 077 020 contas de *facebook*, o que representará 37,98% da população, sendo que é o 34º país com maior número de utilizadores a nível mundial (fonte: *Facebook Statistics*). Um estudo reporta que cerca de 68% dos adolescentes portugueses usam ativamente as redes sociais, e 39% dos quais pensam ser seguro publicar informações pessoais *online* (Fonte: *Microsoft*). Este uso do *facebook* tem recebido particular atenção, na medida em que poderá ter implicações no estabelecimento de relações satisfatórias (Sheldon, Abad, & Hinsch, 2011), na construção da

identidade (Back et al., 2010), na aprendizagem (Kabilan, Ahman, & Abidin, 2010) e na privacidade (Hartzog, 2009).

A adolescência, faixa etária dos participantes deste estudo, é um período de transição no qual os jovens se encontram a resolver a tarefa da identidade, enfrentando profundas transformações nos sistemas emocional, cognitivo e comportamental, passando de jovens que estão a ser cuidados pelos pais, a adultos que poderão dar algo de si aos outros e cuidar (Allen & Land, 1999). Este é assim um período de separação-individuação, no qual os jovens ganham autonomia face às figuras parentais na tomada das suas opções, as quais deixam, progressivamente, de ocupar o papel central na rede de relações dos jovens para ser dada primazia às relações com os pares, que passam a ocupar um papel de referência (Meeus & Dekovic, 1995).

Deste modo, esta será a faixa etária mais suscetível à interferência da internet no seu quotidiano, sendo importante compreender o uso da rede social *facebook* nestas idades, nomeadamente as suas implicações ao nível do desenvolvimento de competências interpessoais, fulcrais ao nível de estabelecimento de relações com os pares bem como no desenvolvimento da identidade (Mota & Matos, 2008). Jenkins- Guarnieri, Wright e Hudiburgh (2012) mostraram que existe uma associação negativa entre o uso do *facebook* e a competência para iniciar relações sociais na adolescência, o que pode ser indicativo do papel desta rede social no desenvolvimento destas competências.

Nos últimos anos, os investigadores têm-se debruçado sobre as mudanças que a internet introduz no quotidiano dos indivíduos e sobre as consequências psicológicas e sociais destas mudanças, e os dados encontrados têm sido divergentes, sobretudo no que respeita às questões da promoção da sociabilidade ou da alienação social. Alguns estudos indicam que a internet tem consequências positivas ao nível da interação social, potenciando a comunicação com os outros e com o mundo (Parks, & Floyd, 1996; Valkenburg, Schouten, & Peter, 2005). Outros sugerem que tem essencialmente consequências negativas, retirando os seus utilizadores de situações sociais genuínas (Kraut et al, 1998).



O crescente uso da internet tem de facto dado origem a um intenso debate acerca do seu impacto no ajustamento social. O principal argumento é o de que a internet retirará os seus utilizadores de situações sociais genuínas e levará ao empobrecimento da participação na vida social (Kraut et al., 1998). Por outro lado, diversos investigadores chamam à atenção para o potencial das novas tecnologias no melhoramento da vida social dos indivíduos, permitindo-lhes envolver-se em relações de comunicação mais facilmente (Parks & Floyd, 1996). Valkenburg e Peter (2009) sugerem que jovens que se envolveram em experiências de identidade na internet, mais regularmente comunicavam *online* com pessoas de diferentes culturas, o que tinha efeitos positivos no desenvolvimento da sua competência social. No que concerne a algumas dicotomias resultantes desta utilização, alguns autores encontraram que no uso da rede social *facebook*, as noções do público e do privado se confundem, tornando-se difícil distinguir as barreiras entre estes dois conceitos, sendo que os jovens consideram o *facebook* como uma extensão da sua esfera privada (West, Lewis, & Currie, 2009).

Relativamente ao estabelecimento de relações na rede social, alguns estudos revelam que as redes sociais poderão ser uma extensão do contexto real de interação, podendo até muitas vezes serem um substituto para a forma de comunicação face-a-face, por se revestirem de outros contornos que facilitarão a comunicação (Kujath, 2011). Os estudos empíricos realizados acerca da rede social *facebook* e suas implicações no estabelecimento de relações com os outros são poucos, o que levou a uma orientação exploratória do presente estudo, tendo sido tomadas opções metodológicas consistentes com esta orientação.

Neste sentido, recorreu-se ao método de investigação de grupos focalizados, que consiste num método qualitativo de recolha de dados, no qual um ou dois investigadores se encontram num grupo e debatem uma temática específica (Mack, Woodsong, MacQueen, Guest, & Namey, 2005). O propósito deste método é ajudar os investigadores a compreender as normas sociais de um determinado grupo, bem como as diferentes perspetivas acerca de um tópico, utilizando um guião semiestruturado, por oposição à dicotomia das

respostas “sim/não”. O grupo focalizado cria um processo de partilha e comparação entre os participantes, permitindo gerar uma compreensão rica das experiências e crenças dos participantes. Este processo permitiu escutar as perspetivas em debate pela voz dos adolescentes, e conhecer o seu sentido crítico, os dilemas em que se encontram e as potencialidades dos diferentes usos da internet e da rede social *facebook*.

Deste modo, o principal objetivo do estudo foi compreender o(s) sentido(s) crítico(s) dos adolescentes sobre o uso do *facebook* e compreender os seus posicionamentos perante algumas dicotomias decorrentes deste uso. Nomeadamente: a) como se posicionam perante a dimensão público-privado, i. e., o que é que pode ser publicado nas redes sociais e o que é do domínio do privado; b) como fazem a distinção entre o virtual e o real, i. e., em que medida e como problematizam os adolescentes os benefícios e os riscos associados ao uso do *facebook* e que medidas tomam para minorar os últimos; e c) compreender o conceito de amizade, designadamente, procurar perceber se estes jovens adicionam pessoas indiscriminadamente no seu perfil ou se adicionam preferencialmente pessoas com quem convivem, ou se existirão outros critérios.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram no estudo 20 indivíduos, divididos em três grupos focalizados distintos, um grupo com 8 indivíduos com idades de 15 e 16 anos ( $M = 15.5$   $DP = .53$ ), um grupo com 6 indivíduos de 17 e 18 anos a iniciar a vida universitária ( $M = 17.5$   $DP = 0.55$ ) e um grupo com 6 indivíduos de 17 e 18 anos a terminar o ensino secundário ( $M = 17.3$   $DP = 0.52$ ), dois grupos controlados no que respeita às variáveis sexo e nível socioeconómico e um grupo com 5 elementos do sexo feminino e um elemento do sexo masculino. Estes indivíduos foram recrutados de entre escolas secundárias, universidades e associações de jovens do norte de Portugal.

## **Materiais**

Neste estudo foi utilizado um guião de entrevista semiestruturado que focou essencialmente cinco temáticas da utilização da rede social *facebook*: a) opinião geral acerca da utilização da internet e seu impacto na atualidade, b) a rede social *facebook*, adesão à rede, vantagens e desvantagens, c) dicotomia público/privado, explorando as publicações na rede social, d) dicotomia real/virtual, procurando a distinção ou não de relacionamentos reais e virtuais, e) amizades na rede social *facebook*, o contacto cara-a-cara versus o contacto *online*, implicações da rede social na criação e manutenção de laços de amizade, amizade na rede com figuras parentais.

## **Procedimento**

As entrevistas foram realizadas na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto com alunos do primeiro ano, numa associação de jovens do norte do país e numa escola secundária do norte do país. A participação nos grupos focalizados foi voluntária e os indivíduos foram informados de todo o procedimento, sendo-lhes dada a possibilidade de retirar dúvidas e de desistirem da participação se assim o desejassem. Os grupos focalizados foram gravados com o consentimento informado de todos os participantes adultos bem como dos pais dos participantes menores de idade. A análise de dados foi efetuada com recurso ao Software NVivo. Os dados tiveram uma codificação aberta, de acordo com os princípios da teoria fundamentada, e foi usada a comparação constante, comparando e contrastando os dados qualitativos na procura de semelhanças e diferenças. Foi conduzida codificação axial, codificando e criando subcategorias nas categorias e estas foram refinadas e integradas, sofrendo assim codificação seletiva (Charmaz, 2006; Strauss, & Corbin 1998).

## **Resultados**

As análises foram orientadas no sentido de 5 temáticas supra-ordenadas:

1. Opinião geral acerca da utilização da internet e seu impacto na atualidade,

2. A rede social *facebook*, adesão à rede, vantagens e desvantagens,
3. Dicotomia público/privado, explorando as publicações na rede social,
4. Dicotomia real/virtual,
5. Amizades na rede social *facebook*.

1. *Opinião geral acerca da utilização da internet e seu impacto na atualidade*

De um modo geral, os indivíduos identificam a internet como sendo uma ferramenta de uma enorme importância na vida atual, estando presente em várias tarefas quotidianas. No entanto, poderemos referir que os jovens se situam face a esta ferramenta em dois pólos com algumas diferenças. Se por seu lado, existe uma tendência para considerar a internet como uma ferramenta imprescindível (*“Hoje em dia não era possível viver sem internet”; “Se por exemplo se estabelecesse uma semana sem internet, nem dá para imaginar”*), outros jovens consideram que uma vez que esta é uma ferramenta relativamente recente, se houvesse necessidade de prescindir dela, a sociedade iria naturalmente adaptar-se (*“Primeiro também não existia internet e as pessoas viviam, por isso agora ia ser igual”*).

Os jovens consideram que as mudanças introduzidas por esta ferramenta foram enormes, sendo as principais mudanças referidas, a aproximação entre as pessoas que se encontram distantes, o rápido acesso à informação, a realização de tarefas quotidianas (*“Graças à internet podemos comunicar com pessoas que estão longe de nós, amigos, familiares, podemos saber o que se passa no mundo inteiro”; “Permite-nos ir ao banco, fazer compras, hoje em dia podemos fazer quase tudo sem sair de casa, as pessoas até podem trabalhar em casa”; “Quando não sabemos alguma coisa basta ir ao Google e já está, sabemos logo tudo, é muito bom para fazer trabalhos”*).

2. *A rede social facebook*

A rede social *facebook* é apontada como sendo uma grande invenção da atualidade, e em termos de redes sociais, como a mais avançada e atual, e a preferencialmente utilizada pelos jovens (*“O facebook é o último grito, é*

*espetacular”, “É muito melhor que o Hi5 e o Messenger, isso já era!”, “Agora é tudo no facebook, o pessoal já nem vai falar ao Messenger”).*

Relativamente à adesão à rede, surgiram essencialmente duas posições, enquanto alguns jovens referem que se sentiram de alguma forma pressionados a aderir, porque os assuntos entre os colegas giravam à volta desta temática, outros referem que a adesão se deveu sobretudo à curiosidade de saber como era a rede social (*“Toda a gente falava dos jogos, e na escola toda a gente falava do facebook e eu não queria ficar de fora”, “Não, não senti grande pressão social, tinha curiosidade porque ouvia falar muito do facebook e queria saber como era, mas não me senti pressionada”, “Claro que de uma certa forma posso dizer que houve pressão, mas sei lá, prefiro pensar que não aderi só porque os outros falavam nisso”*).

No que respeita aos usos, são apontados como preferenciais o uso do facebook para saber o que se passa na vida dos outros, para jogar a vários jogos, para conversação online e para obter informação sobre eventos (*“Basicamente vou ao facebook para saber o que se passa...parece um bocado de coscuvilhice mas é verdade, porque lá sabe-se tudo, e tudo às vezes é mesmo tudo”, “Toda a gente falava naqueles jogos e eu criei para também poder jogar e perceber de que é que eles estavam a falar, e agora passo o tempo quase todo a jogar, Sims que é muito fixe”, “Vou lá para conversar com os meus amigos, saber novidades”*).

Explorando as vantagens que os jovens encontram na rede social facebook, estas passam em grande medida como sendo a possibilidade de contactar com familiares e amigos distantes ou com quem se perdeu o contacto (*“Permite-nos contactar com pessoas que não vemos há muito tempo, depois descobrimos essas pessoas no facebook”, “Estamos sempre em contacto com as pessoas, sabemos coisas da vida delas mesma que elas não estejam por perto”*) e a obtenção de informação (*“Hoje em dia também se tem acesso a muitos eventos, workshops, formações através do facebook, nesse sentido acho que é vantajoso porque nos permite estarmos informados acerca de coisas que nos podem ser úteis”*).

No que concerne às desvantagens apontadas pelos adolescentes, ressaltaram sobretudo as questões da exposição e dos perigos que ela pode acarretar. Assim sendo, os jovens consideraram que o mais negativo do uso da rede social, é que a exposição poderá ter consequências negativas, mas na sua opinião, tal só acontecerá se cada utilizador por si mesmo não controlar as suas definições de privacidade, bem como as suas próprias publicações (*“Tem coisas boas e tem coisas más, como tudo, o mau é que há pessoas mal intencionadas que podem usar o facebook para se fazer passar por outras pessoas, ou que podem usar informação nossa para nos fazer alguma coisa”*). No entanto, revelam que as questões da segurança para eles não são uma preocupação premente e constante (*“Claro que mesmo com algumas definições de segurança há sempre riscos, no entanto acho que quando estamos a usar não pensamos muito nisso, ninguém se lembra disso tudo todos os dias”, “Nós sabemos que aquilo é visto por muita gente, mas sei lá, não penso muito nisso, também não publico nada de extraordinário”*).

### 3. Dicotomia público/privado

Quando explorada a temática daquilo que se situa numa esfera pública, e como tal publicável na rede social, e daquilo que se situa na esfera privada dos adolescentes, eles revelam que aquilo que expõem no *facebook* não é aquilo que conversam em privado com os amigos, isto é, uma coisa são as publicações no *facebook*, nas quais referem não incluir nada de muito íntimo, e outra coisa são os seus problemas e as suas conversas mais íntimas com os amigos (*“Claro que não vou publicar coisas que são só minhas para toda a gente ver”, “Eu só publico no meu facebook coisas que qualquer pessoa pode ver, por isso não me preocupo”*). Surgiu também a noção de que é possível manter coisas privadas, mesmo através do uso da rede social (*“Quando são coisas só minhas, só permito que vejam os amigos mais próximos ou envio uma mensagem privada ou assim”*).

Explorada a temática das publicações de outras pessoas incluídas na sua rede social, os jovens mostram-se muito críticos face a determinado tipo de publicações a que assistem (*“Vê-se cada coisa, há pessoal que publica cada*

*coisa que eu não compreendo”, “detesto aquele pessoal que faz do facebook um diário e passa o dia a contar tudo o que está a fazer, que horror”, “Aqueles pitas vão para o facebook fazer declarações de amor e até mesmo escrever coisas para as amigas que não têm lógica nenhuma”).*

Quando introduzida a temática das suas próprias publicações e questionados acerca do arrependimento que possam ter face às mesmas, enquanto alguns jovens são peremptórios e referem que só publicam coisas banais e como tal não se arrependeram nunca das suas publicações, outros referem que já se arrependeram mais tarde de algumas publicações que fizeram na rede social (*“Não coloco lá nada que toda a gente não possa saber, não tenho porque me arrepender”, “Sim, já me arrependi de uma coisa que publiquei, depois achei aquilo ridículo e apaguei porque percebi que não fazia sentido”).*

#### 4. *Dicotomia real/virtual*

No que respeita à distinção entre o contexto quotidiano real, e o virtual, os jovens revelam distinguir perfeitamente estes conceitos. Os jovens referem que, com os amigos próximos, o contexto virtual é semelhante ao contexto real, no entanto, com pessoas desconhecidas, os contextos real e virtual são claramente distintos. Surgiu ainda a noção de que as relações exclusivamente virtuais poderão ser pautadas pela mentira, propícia nestes contextos sem contacto face-a-face (*“com os meus amigos estar no facebook e igual a estarmos na escola ou assim”, “claro que as relações que são só na net não são como as relações com as pessoas que conhecemos, e ainda por cima as pessoas podem estar a mentir, nós nunca sabemos se aquilo que dizem é verdade”).*

#### 5. *Amizades na rede social facebook*

Explorando as amizades na rede social *facebook*, muito frequentemente os jovens referem que têm um elevado número de amigos na rede social (*“Sei lá, tenho quase 1000 mais ou menos”, “Tenho por volta de uns 300 e qualquer coisa”, “Tenho muitos amigos no facebook, a gente vai adicionando as pessoas que conhece”),* e quando é aprofundado quem são estes amigos na realidade,

os jovens referem que são sempre pessoas que eles conhecem, mesmo que não sejam muito íntimos dessas pessoas (*“São amigos próximos e conhecidos de vista, não adiciono pessoas que não conheça, ou que nunca tenha visto pelo menos uma vez”, “São pessoas da escola, pessoas daqui, familiares, amigos meus que estão longe”*).

No que concerne à natureza destas relações, os jovens referem que as suas relações com os amigos próximos, são iguais no *facebook* ou no contexto real, no entanto a relação com as pessoas conhecidas, que estão no perfil, reveste-se de contornos ligeiramente distintos, uma vez que estes relacionamentos poderão, por vezes, ser mais próximos *online* do que no contexto real (*“Há pessoas com quem eu até nem falo mas que depois comentam o meu mural ou as minhas fotografias.”*).

Quando é abordada a questão da confrontação entre aquilo que é dito num contacto cara-a-cara ou num contacto virtual, os jovens afirmam que existem questões mais fáceis de partilhar num contacto *online* do que cara-a-cara, sobretudo pelo facto de não terem que lidar com a reacção instantânea da pessoa com quem estão a falar (*“É muito mais fácil claro, podemos dizer muitas coisas sem ter que ver a cara da pessoa, também é melhor para quem é tímido”, “Às vezes queremos dizer coisas que não são muito boas, e assim sempre é mais fácil”*).

Uma temática que surgiu aquando das entrevistas foi a questão de propor ou receber uma proposta de amizade no *facebook* por parte das figuras parentais. Muitos jovens afirmam que os seus pais pertencem à sua rede social *facebook*, e destes, dividem-se em dois grupos, um grupo de jovens não tem qualquer problema com esse facto, referindo que as suas publicações não são secretas nem comprometedoras, de forma que as figuras parentais podem ter-lhes acesso, e um grupo de jovens que afirma que de facto, sente a sua liberdade de publicação limitada, porque sabem que os pais poderão ter acesso ao que publicam, e a eventuais fotografias também (*“A minha mãe pode ver perfeitamente tudo que eu tenho lá, não tenho segredos no facebook, as coisas que são só minhas mesmo não vou publicar no facebook”, “Claro que*



*eu não publico tudo que me apetece porque sei que eles podem ver, e por exemplo, asneiras, ou coisas que eu não quero que eles saibam não vou colocar no facebook”).*

Quando os pais dos jovens possuem *facebook* e os adicionam à rede social, alguns jovens acreditam que a adesão parental não se deveu a uma tentativa de controlo das suas publicações, sendo conotada com curiosidade e até mesmo para comunicar com amigos e familiares, outros revelam que pensam que terá sido uma boa forma de saber o que acontece nas suas vidas quotidianas (*“A minha mãe criou facebook para jogar e para ter os amigos dela, temos uma boa relação, quando ela quer saber alguma coisa conversamos, não precisa de ir ao facebook”, “Eu sei que de certa forma ela criou também para saber o que se passa, para estar por dentro, mas às vezes também é complicado para mim”*).

## **Discussão**

As novas tecnologias trazem novos desafios à clínica psicológica, pelo que se torna relevante compreender em que medidas, estas novas formas de comunicação poderão influenciar o estabelecimento de relações sociais entre os adolescentes e a sua relação com o mundo que os rodeia. Era objetivo principal deste estudo, compreender o sentido crítico dos adolescentes face ao uso da rede social *facebook*, bem como o seu posicionamento face a algumas dicotomias decorrentes deste uso, com o intuito de esclarecer as implicações psicossociais desta utilização para os adolescentes. Este estudo partiu de um princípio exploratório, dada a escassez de estudos publicados nesta temática.

Neste estudo, podemos ressaltar alguns resultados que poderão iluminar a perspetiva crítica dos adolescentes acerca da utilização da rede social *facebook*. Na exploração da perceção que os jovens têm acerca da utilização internet bem como da rede social *facebook*, compreendemos que os adolescentes consideram a internet como um meio de ligação com o mundo indispensável na vida quotidiana. Efetivamente, a socialização surgiu como o principal atrativo da internet (Douglas et al., 2008), ao permitir um modo de comunicação inigualável. De facto, compreendemos que a internet foi

identificada como uma ferramenta de comunicação que poderá ser importante para os jovens com algum déficit nas competências sociais, sendo identificada pelos jovens como uma forma de comunicação positiva em casos de timidez e de distância geográfica, o que vai ao encontro dos dados sugeridos por alguns autores (Parks, & Floyd, 1996; Valkenburg, Schouten, & Peter, 2005). No entanto, detetámos que os adolescentes têm uma boa compreensão acerca dos riscos associados à utilização destas ferramentas, não considerando contudo o *facebook* como uma ferramenta que traga alienação social ou empobrecimento das relações sociais, ao contrário do referido em alguns estudos (Kraut et al., 1998).

Os nossos resultados sugeriram que os jovens distinguem as noções de público e de privado, estando conscientes das diferenças entre aquilo que é do domínio da sua privacidade e do domínio das suas publicações *online*, pelo que estas fronteiras não serão tão confusas e indistintas quanto o apontado por alguns estudos (West, Lewis, & Currie, 2009). Por outro lado, Livingstone (2008) refere que, entre adolescentes, as definições de privacidade não parecem estar ligadas à revelação pessoal. É importante compreender em que medida estes jovens mostravam esta diferenciação, e pelos nossos resultados poderemos apontar que nestas idades, existe já uma clara noção por parte dos jovens de que estas esferas são qualitativamente diferentes.

No que concerne à dicotomia real/virtual, efetivamente o nosso estudo confirmou também, concordantemente com alguma revisão bibliográfica, que as relações nas redes sociais, funcionarão como uma extensão das relações face-a-face e que estes jovens na sua maioria, acreditam efetivamente que em muitas situações de interações social é mais fácil recorrer à comunicação *online* do que à comunicação no contexto face-a-face (Kujath, 2011), o que nos levanta algumas questões relativamente a esta preferência. Efetivamente, os dados sugeriram que a presença de pistas não verbais poderá muitas vezes ser inibidora da comunicação, pela necessidade dos adolescentes lidarem com expressões faciais e reações momentâneas, o que tornará importante aprofundar o porquê desta fuga dos jovens ao contacto face-a-face, sobretudo

quando aquilo que têm a dizer tem implicações nos sentimentos e emoções experienciados pelos recetores das suas mensagens.

As relações de amizade na rede social revelaram-se também um campo de estudo que deve ser aprofundado, na medida em que estes adolescentes identificaram as suas relações de amizade na rede social de uma forma muito distinta do estabelecimento de relações na vida real. Se, por um lado, os seus perfis contêm os seus amigos próximos, e com estes a comunicação se estende da realidade ao contexto virtual, contêm também inúmeros conhecidos e até alguns desconhecidos na grande maioria dos utilizadores. Assim, poderá ter interesse compreender o porquê do estabelecimento destas relações meramente virtuais e desta necessidade de possuir um elevado número de amigos no perfil. Contrariamente ao sugerido noutro estudo (West, Lewis, & Currie, 2011), os nossos adolescentes possuem, na sua grande maioria, as figuras parentais no seu grupo de amigos da rede social *facebook* e não revelam na sua grande maioria preocupações com este facto.

### **Considerações Finais**

Esta investigação apresenta algumas limitações, nomeadamente na recolha da sua amostra e no seu tamanho, que é reduzido, como habitual neste tipo de estudos de cariz qualitativo. Nesta medida, possuímos poucos grupos para explorar o tema, podendo existir algumas perspetivas que não foram captadas pelo nosso estudo. Também a timidez de alguns elementos presentes nos grupos focalizados poderá ter levado a uma diminuição das suas respostas e como tal à perda de alguma informação. A amostra escolhida não foi aleatória, o que faz com que possa existir algum enviesamento nos dados recolhidos, na medida em que os jovens que se voluntariaram para a participação poderão também ser já de alguma forma jovens mais comunicativos e com boas capacidades de relacionamento interpessoal, perdendo-se a perspetiva daqueles que socialmente não se sentirão tão confortáveis, cruciais nesta utilização das redes sociais.

Este estudo, no entanto, centra-se num campo de investigação muito recente em Portugal, existindo muito poucos estudos feitos neste domínio, e

como tal revela-se importante e inovador. Dado o crescimento exponencial do uso das novas tecnologias pela população adolescente, torna-se fundamental compreender os contornos e implicações psicossociais desta utilização, no estabelecimento de relações com os pares e com o mundo. A nossa investigação ressaltou uma série de temáticas importantes, mostrando como pensam os nossos jovens sobre a utilização das redes sociais.

É importante aprofundar alguns dos dados deste estudo exploratório, no sentido de compreender melhor algumas ideias que surgiram durante os grupos focalizados. Poderá ter interesse a realização de um estudo de cariz quantitativo, procurando compreender estes dados e utilizando de alguma forma a informação obtida nestes grupos, pelo que neste momento é nosso objetivo prosseguir com esta linha de investigação. Poderá também ser útil aprofundar as questões da construção da identidade dos adolescentes e a sua relação com a utilização das redes sociais, pelo facto de esta potenciar experiências de moratória psicossocial de uma forma muito particular.

## Referências

- Allen, J., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy, & P.R. Shaver (Ed), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical application* (pp. 319-335). New York: The Guilford Press.
- Back, M., Stropfer, J., Vazire, S., Gaddis, S., Schmukle, S., Egloff, B., & Gosling, S. (2010). Facebook profiles reflect actual personality, not self-idealization. *Psychological Science*, 21, 372-374.
- Bargh, J.A., & McKenna, K. (2004). The internet and social life. *Annual Review of Psychology*, 55, 573–90.
- Boyd, D., & Ellison, N. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer Mediated Communication*, 13, 210-230.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage.
- Douglas, A., Milss, J., Niang, M., Stepchenkova, S., Byun, S., Ruffini, C., Lee, S., Loutfi, J., Lee, J., Atallah, M., & Blanton, M. (2008). Internet addiction:

- meta-synthesis of qualitative research for the decade 1996-2006. *Computers in Human Behavior*, 24, 3027-3044.
- Grohol, J. (2005). Internet addiction guide, de <http://psychcentral.com/netaddiction/>
- Hartzog, W. (2009). The privacy box: A software proposal. *First Monday: Peer-Reviewed Journal*, 14. Retrieved from <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/2682/2361>
- Jenkins-Guarnieri, M., Wright, S., & Hudiburgh, L. (2012). The relationships among attachment style, personality traits, interpersonal competency, and facebook use. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 33, 294-301.
- Kabilan, M., Ahmad, N., & Abidin, M. (2010). Facebook: An online environment for learning of English in institutions of higher education? *Internet & Higher Education*, 13, 179-187.
- Kraut, R., Paterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53, 1017–1031.
- Kujath, C. (2011). Facebook and Myspace: complement or substitute for face-to-face interaction. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 14, 75–78.
- Lipovetsky, G. (1983). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Livingstone, S. (2008) Taking risky opportunities in youthful content creation: teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression. *New Media & Society*, 10; 393-411.
- Mack, N., Woodsong, C., M. MacQueen, K., M. Guest, G. & Name, E. (2005). *Qualitative Research Methods: A Data Collector's Field Guide*. Family Health International. Research Triangle Park, NC, USA.
- Meeus, W., & Dekovic, M. (1995). Identity development, parental and peer support: Results of national Dutch survey. *Adolescence*, 30, 931-944.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Competências sociais e variáveis relacionadas em adolescentes. *Psicologia, Educação e Cultura*, 12, 61-86.
- Parks, M.R., & Floyd, K. (1996). Making friends in cyberspace. *Journal of Communication*, 46, 80–97.

- Sheldon, K., Abad, N., & Hinsch, C. (2011). A two-process view of Facebook use and relatedness need-satisfaction: Disconnection drives use, and connection rewards it. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100, 766-775.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Valkenburg, P., & Peter, J. (2009). Adolescents' identity experiments in the internet: Consequences for social competence and self-concept unity. *Communication Research*, 35, 208-231.
- Valkenburg, P. M., Schouten, A. P., & Peter, J. (2005). Adolescents' identity experiments on the Internet. *New Media and Society*, 7, 383-402.
- West, A., Lewis, J., & Currie, P. (2009). Students' facebook 'friends': public and private spheres. *Journal of Youth Studies*, 12, 615-627.

**ESTUDO II - THE GENERALIZED PROBLEMATIC INTERNET USE  
SCALE 2: ADAPTATION TO A PORTUGUESE SAMPLE AND TEST OF  
THE MODEL TO FACEBOOK USE**

Raquel Assunção & Paula Mena Matos, 2015

*Submetido para publicação*





## Introduction<sup>1</sup>

Internet is nowadays a powerful source of information and communication worldwide, rising many questions about its use and the social and psychological consequences of it (Guitton, 2014). Adolescence, as a developmental period, in which young people are developing their sense of identity (Erikson, 1959) as well as expanding their social networks (Collins, 2003) may be particularly sensitive to this mean of communication. Recent statistics report that 47% of the people in Europe between 16 and 74 years use Internet to participate in social networks (Eurostat, 2015). A Portuguese study found that about 68% of Portuguese adolescents actively use social networks (Microsoft, 2010).

A significant part of adolescents' social interaction occurs today in the online environment and as a result, online social networks have become a potential developmental context, where adolescents express themselves, deal with the challenges of age and can take out developmental advantages (O'Keeffe & Clarke-Pearson, 2011; Subrahmanyam & Greenfield, 2008; Tzavela & Mavromati, 2013). Nevertheless, Internet use has been raising the problem of Internet addiction, bringing to discussion the potentially harmful use of Internet, leading to low performance at school (EU NET, 2013) and difficulties in establishing social relationships (Kraut, et al, 1998).

There has been an intense debate about the inclusion or not of "Internet Addiction" (IA) as a single psychiatric disorder in DSM V (Block, 2008; Petry & O'Brien, 2013; Pies, 2009). Despite all the controversy, a behavioral addiction named "Internet gaming disorder" has been included in section III of the DSM V (American Psychiatric Association, 2013), which needs more studies to be included in the main text. Internet gaming disorder is defined as a concern with online gaming, withdrawal symptoms when one cannot play, lack of controllability of use, loss of interest in other everyday activities and professional and relational consequences for the individual, such as loss of a job or meaningful relationships. This definition allows us to somehow

---

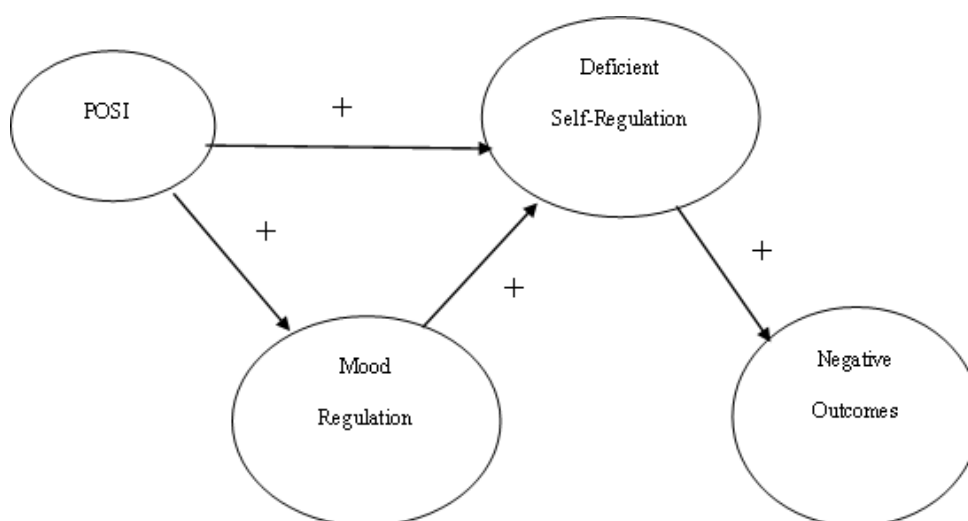
<sup>1</sup> Este capítulo é apresentado no formato de artigo científico a ultimar para submeter. Por esse motivo já foi elaborado, para sempre que possível estar de acordo com as principais instruções quanto à estrutura de texto para esta revista.

understand how it begins to draw a potential diagnosis of an addition to the Internet, but still focuses much on the game, that is not the central theme of this work, and previous studies have shown that although there are similarities between the addition to the Internet and the "Internet gaming disorder," they do not overlap (Dowling & Quirk, 2009) so we can conclude that they are different phenomena (Ko et al, 2010).

The present study adopts the concept of problematic Internet use (PIU), as it is used in Caplan studies (Caplan, 2002, 2005, 2010), and rooted in Davis' cognitive-behavioral theory (Davis, 2001), taking into account the DSM definition (American Psychiatric Association, 2013) once that is not fundamentally that different from Caplan's work. Davis' model proposes PIU as a distinct pattern of Internet-related cognitions and behaviors that result in negative life outcomes, dividing it in specific PIU and generalized PIU. Specific PIU involves overuse or abuse of some specific Internet functions (e.g., gambling), and generalized PIU refers to a multidimensional overuse of Internet itself resulting in negative consequences to individuals' lives (Davis, 2001). In line with this model, Caplan (2002) constructed the Generalized Problematic Internet Use Scale (GPIUS), to assess the generalized PIU and later improved this measure to the Generalized Problematic Internet Use Scale 2 proposing a two-step approach to the theory and measurement of generalized problematic Internet use (Caplan, 2010). Other studies have also acknowledged a distinction between specific and generalized online addictive behaviors (Griffiths & Pontes, 2014; Montag, Bey, & Sha, 2015).

The cognitive-behavioral model of PIU (Davis, 2001; Caplan, 2002; Caplan, 2003) explores the role of dysfunctional cognitions and learning processes in the development and maintenance of PIU (Davis, 2001; Caplan, 2002; Douglas, et al, 2008). The model suggests that PIU involves cognitive processes as well as dysfunctional behaviors, which result in negative consequences to individuals' lives (Davis, 2001). According to the model, in terms of direct effects, individuals with a preference for online social interaction are more likely to use Internet to regulate their mood (Caplan, 2005, 2007, 2010) and also tend to present a deficient self-regulation in terms of Internet use (Kim & Davis, 2009). Individuals who use Internet for mood regulation purposes

tend to present a deficient self-regulation (LaRose et al, 2003). Additionally, a deficient self-regulation in Internet use leads to negative outcomes in individuals' lives (Caplan, 2005; Kim & Davis, 2009). The model also contemplates some indirect effects between variables, stating that the relationship between Preference for Online Social Interaction (POSI) and Deficient Self-Regulation (DSR) is mediated by Mood Regulation (MR); the relationship between POSI and Negative Outcomes (NO) is mediated by DSR and the relationship between MR and NO is mediated by DSR (see Fig.1).



**FIG.1.** Hypothesized model of GPIUS 2.

Research has found evidence to support the relationship between PIU and many psychological and well-being variables. Associations have been found with loneliness (Ceyhan & Ceyhan, 2008; Kim, LaRose, & Peng, 2009), low self-esteem (Armstrong, Phillips, & Saling, 2000; Fioravanti, Dettore, & Casale, 2012; Kim & Davis, 2009) and social anxiety (Ko, Yen, Chen, Yeh, & Yen, 2009; Lee & Stapinski, 2012), highlighting the utility and validity of PIU.

In the present study, we intended to apply the model to Facebook use in adolescence. Facebook is the most used social network worldwide, and in Portugal statistics show that exist 5.600.000 active users (Internet World Stats, 2015), and 25% of them are adolescents (Statista, 2014). Since adolescents

are developing their sense of identity and autonomy, online communication might have a strong developmental impact (Smahel, Brown, & Blinka, 2012). As this communication is mainly done currently on Facebook, this seems to be an important field to study PIU and to test whether the cognitive behavioral model applies to this context.

A large number of questionnaires try to assess Internet addiction, and between them, some dimensions seem important to be covered in the assessment, namely compulsive use, negative outcome and salience (Lortie & Guitton, 2013). Our study is centered on GPIUS 2 (Caplan, 2010). The GPIUS 2 is a 15 items questionnaire, organized into five sub-scales, with 3 items each: Preference for Online Social Interaction (POSI), Mood Regulation (MR), Cognitive Preoccupation (CP), Compulsive Use (CU) and Negative Outcomes (NO). Later the author purposed a second-order factor grouping CP and CU in DSR. POSI refers to the “a cognitive individual difference construct characterized by beliefs that one is safer, more efficacious, more confident, and more comfortable with online interpersonal interactions and relationships than with traditional face-to-face social activities” (Caplan, 2003, p. 629), MR refers to the tendency to use Internet to change unpleasant emotional states; CP refers to the obsessive thought of involving in Internet use; CU refers to the inability to control or regulate time spent online. CP and CU are grouped in DSR, which relates to a failure to adequately monitor the use of Internet and NO relates to the negative consequences brought by excessive Internet use. In the present study we adapted the questionnaire to the specific context of Facebook use, replacing the word online by “Facebook”.

The GPIUS 2 was successfully translated and adapted to different languages (Barke et al, 2014; Fioravanti et al, 2013; Gámes-Guadix et al, 2012), namely to German, Italian and Spanish languages, and results showed a factorial structure similar to the original one. In Portugal there is a lack of measures in this field, existing only a Portuguese version of the Internet Addiction Test (Young, 1998b adaptation to Portuguese, Pontes, Patrão, & Griffiths, 2014). With a single measure translated to Portuguese, it is useful and necessary in the context of an increasingly adept society on new technologies to develop measures to understand the problematic use of these tools, namely

in this study, of Facebook. Moreover, IAT provides a uni-factorial model to internet addiction, and GPIUS give us the opportunity to access different dimensions of problematic internet use. We intend to provide a well-validated measure adapted to Portuguese, encouraging also the development of cross-cultural studies. Portuguese language is one of the most widely spoken, being the sixth language in the world (the third of European languages), the first in the south hemisphere, and the fifth in the Internet (Internet World Stats, 2014; Lewis et al, 2015). To test construct validity, we will provide the correlations with another well-established measure in the field, with time spent in Internet, and with peer alienation. Although time spent online is not necessarily problematic, research has pointed out that this is a relevant indicator for problematic Internet use (Chou et al, 2005) and may put adolescents at risk of developing addictive behavior (Pontes & Griffiths, 2015). Regarding peer alienation, there is evidence that more alienated adolescents tend to misuse computer mediated communication (Huang & Leung, 2009; Zhang et al, 2009; Zhou & Fang, 2015). Besides adapting the measure to Portuguese, we intend to test the cognitive-behavioral model of Caplan (Caplan, 2010), applying it to the use of Facebook and with a sample of adolescents, accessing the different dimensions of problematic use and trying to understand if the relationship between these variables remains the same in the Facebook context.

## Method

### Participants

Participants were 761 Portuguese adolescents (53.7% boys and 46.3% girls) aged between 14 and 18 years ( $M = 15.9$ ,  $SD = 1.08$ ) from secondary schools of the North region of Portugal from 9<sup>th</sup> grade to 12<sup>th</sup> grade ( $M = 9.8$ ,  $SD = .82$ ). Concerning family status, 587 (77.1%) adolescents were from intact families, 106 (13.9%) came from divorced families and 20 (2.6%) were from families in which one of the parents had deceased. In terms of socioeconomic status (Graffar Classification, 1956), 220 participants were classified as having a high socioeconomic status (30.8%), 256 were classified in the medium

socioeconomic status (36%) and 237 were classified in the low socioeconomic status (33.2%).

## Measures

### *Generalized problematic Internet use scale 2*

We adapted the Generalized Problematic Internet Use Scale 2 (GPIUS2, Caplan, 2010), to Portuguese language, using the GPIUS2 five subscales, changing the word “online” to the word “facebook”, namely Preference for online social interaction (POSI; 3 items; e.g., “I prefer online social interaction over face-to-face communication.”), Mood regulation (MR; 3 items; e.g., “I have used facebook to make myself feel better when I was down.”), Cognitive preoccupation (CP; 3 items; e.g., “I would feel lost if I was unable to go to facebook.”), Compulsive Internet use (CU; 3 items; e.g., “I have difficulty controlling the amount of time I spend on facebook.”) and Negative outcomes (NO; 3 items; e.g., “My facebook use made it more difficult for me to do my daily tasks”). The GPIUS2 is composed by 15 items responded in a 7 points Likert scale that ranges from *strongly disagree* to *strongly agree*.

The questionnaire was translated to Portuguese according to the International Test Commission Guidelines (Hambleton et al., 2005). Two qualified clinical psychologists and researchers, with a PhD, proficient in English, translated the items into Portuguese. These psychologists had clinical experience in PIU related issues and experience in translation and adaptation of measures. When there were disagreements, consensus was reached with the participation of a third researcher, an expert in the field, in an effort to ensure both linguistic and functional equivalence. The final version was then back-translated by a bilingual Psychologist and professional translator. The questionnaire was, then, administered to 10 adolescents to detect if there were some understanding issues, discussing with them each item. This procedure led to minor wording adjustments in the final form of the measure.

### *Online Cognition Scale*

We used the subscales Social comfort (13 items, e.g., When I am online, I can be carefree), and Distraction (7 items, e.g., I often use Internet to avoid doing unpleasant things.) of the Online Cognition Scale (OCS, Davis et al, 2002). This is a widely used measure in terms of Internet addiction studies. Participants responded on a 7-point Likert type scale. In the present study, both subscales presented good internal consistency ( $\alpha = .90$  for social comfort and  $\alpha = .81$  for distraction).

### *Peer Alienation*

We used the subscale of Peer alienation (7 items; e.g., “I feel the need to be in touch with my friends more than they feel the need to be with me”) of the Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA, Armsdem & Greenberg, 1987, Portuguese version Ferreira & Costa, 1998). The IPPA was developed to access adolescents' perceptions about the affective and cognitive dimensions of positive and negative relationships with parents and close friends, particularly how well these figures serve as sources of psychological security. Participants responded on a Likert scale of 6 points; from *strongly disagree* to *strongly agree*. In the present study the subscale showed good internal consistency ( $\alpha = .81$ ).

## **Procedure**

Before data collection, we obtained permission from the Ministry of Education to administer the questionnaires in the schools. We visited some schools from the north region of the country and collected questionnaires in the ones that allowed it. We obtained approval from Ministry of Education and of direction boards of schools. We then obtained informed consent from parents for their children to be allowed to fill out the questionnaire (in the case of participants under age 18) and from the adult participants. The protocol of questionnaires was administered to classroom groups with the supervision of the teacher and the main researcher, following standardized instructions. Confidentiality and anonymity of the responses were assured as well as the

voluntary character of the adolescents' participation. All the protocols were returned to the researcher at the end of the administration. The order of the questionnaires was randomly inverted to avoid biased results. The study was approved by the Ethical Committee of Faculty of Psychology and Educational Sciences of Oporto University.

## **Data Analysis**

Data were analyzed with IBM SPSS Statistics and, IBM SPSS Amos v.21. Data were inspected in terms of normal distribution that was verified, missing values completely at random (10.5%) were imputed with single imputation method. To study the outliers we used standardized residual values and removed the subjects below -3 and above 3. The models' parameters were estimated using Maximum Likelihood. Goodness-of-fit was evaluated using the  $\chi^2$  as well as the following descriptive indices: (1) Comparative Fit Index (CFI), (2) Root Mean Square Error of Approximation with its 90% Confidence interval (RMSEA), (3) Expected Cross-validation Index (ECVI), (4) Tucker-Lewis Fit Index (TLI) and (5) Standardized Root Mean Square Residual (SRMR) (Hu & Bentler, 1998; Schermelleh-Engel, Moosbrugger & Muller, 2003) to ensure adequate fit of the measurement model and adequate fit of the cognitive behavioral model. Values between .95 and .97 for the CFI and TLI and between .05 and .08 for the RMSEA were considered indicators of adequate fit and values between .00 and .05 for SRMR were considered indicators of good fit (Hu & Bentler, 1999; Schermelleh-Engel, Moosbrugger & Muller, 2003; Schermelleh-Engel, et al, 2003).

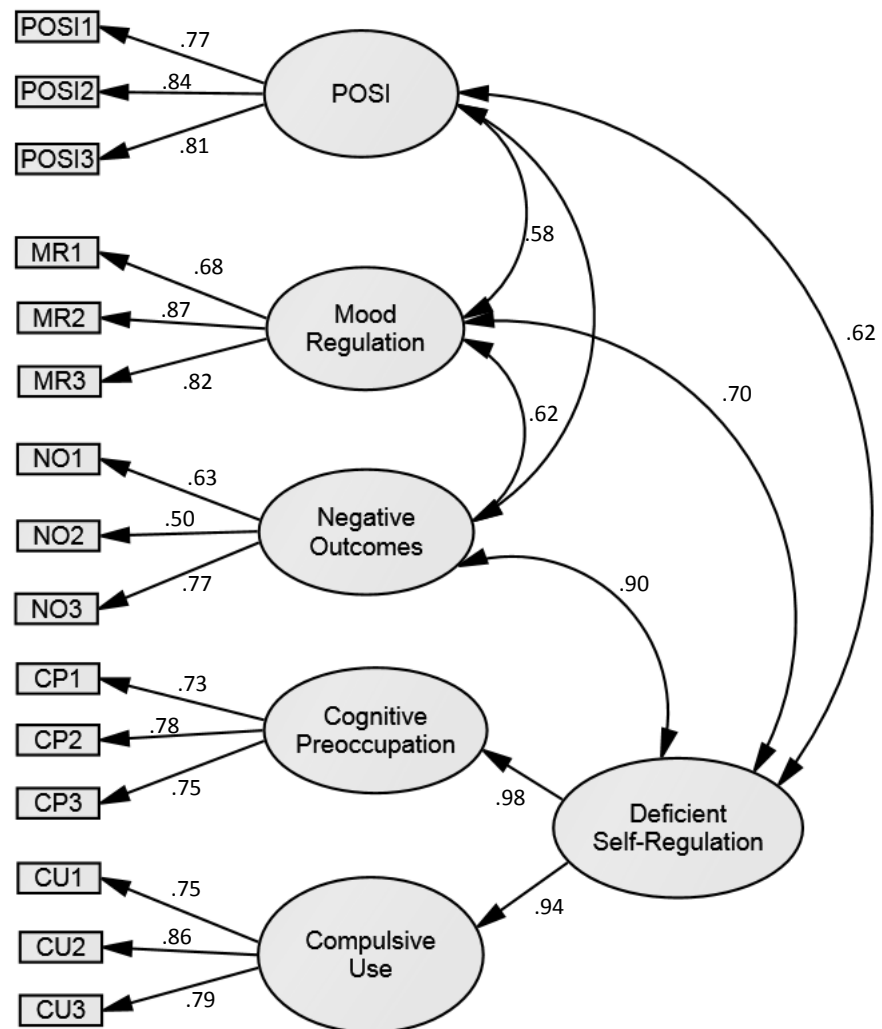
We followed the two step approach proposed by Anderson and Gerbing (1988) and conducted by Caplan (2010), for the development and testing of theoretical models. First we conducted confirmatory factor analysis of the measurement model and then we conducted a structural model analysis for the structural relationships between the constructs of the model.



## Results

### *Confirmatory factor analysis of the measurement model*

A confirmatory factor analysis was performed, testing the structure suggested by Caplan (2010), according to which deficient self-regulation is specified as a second-order factor, based on two first-order factors: compulsive use and cognitive preoccupation and the other factors are specified as first-order factors. Figure 2 shows our results for the measurement model. Results indicate that the model fit the data well  $\chi^2 = 362.91$ ; d.f. = 82;  $p < .001$ ; CFI = .95; ECVI = .59; TLI = .94; SRMR = .04; RMSEA = .069,  $p < .001$ .



**FIG 2.** Confirmatory factor analysis of GPIUS 2.  $\chi^2 = 362.91$ ; d.f. = 82,  $p < .001$ , CFI = .95, ECVI = .59, TLI = .94, SRMR = .04, RMSEA = .069,  $p < .001$

### *Internal consistency*

With the exception of the dimension of negative outcomes that presented a lower Cronbach's alpha ( $\alpha = .65$ ), we found good internal consistencies for all the dimensions: preference for online social interaction ( $\alpha = .84$ ), mood regulation ( $\alpha = .83$ ), cognitive preoccupation ( $\alpha = .80$ ), compulsive use ( $\alpha = .83$ ), and negative outcomes ( $\alpha = .65$ ). For the whole scale Cronbach's alpha was .91.

### *Validity*

Construct validity was assessed through Pearson correlations between the GPIUS2 subscales and the two subscales of OCS (social comfort and distraction) to assess convergent validity, and with time spent on Internet and peer alienation, to access concurrent validity (Table 1). There are moderate to strong correlations between all subscales of GPIUS2 and the two OCS subscales. Time spent online as well as peer alienation are significantly and positively associated with all subscales of the GPIUS2.

### *Cognitive Behavioral Model*

After the confirmation of the measurement model we conducted a structural equation model for testing the structural relationships between the constructs as the author proposes (Caplan, 2010). Figure 3 shows the estimated standardized beta coefficients as well as model fit statistics. The results showed that the model applies to facebook use and Portuguese language, presenting adequate fit and statistically significant relationships between all the variables in the model, confirming the direct and indirect effects between variables. Relating to direct effects, POSI was a significant positive predictor of deficient self-regulation ( $\beta = .35$ ), POSI was also a significant positive predictor of mood regulation ( $\beta = .52$ ), mood regulation was a significant positive predictor of deficient self-regulation ( $\beta = .49$ ) and deficient self-regulation was a significant positive predictor of negative outcomes ( $\beta = .91$ ). Regarding indirect, the mediation between POSI and negative outcomes, through deficient self-regulation was significant ( $\beta = .57$ ,  $p < .001$ ), the

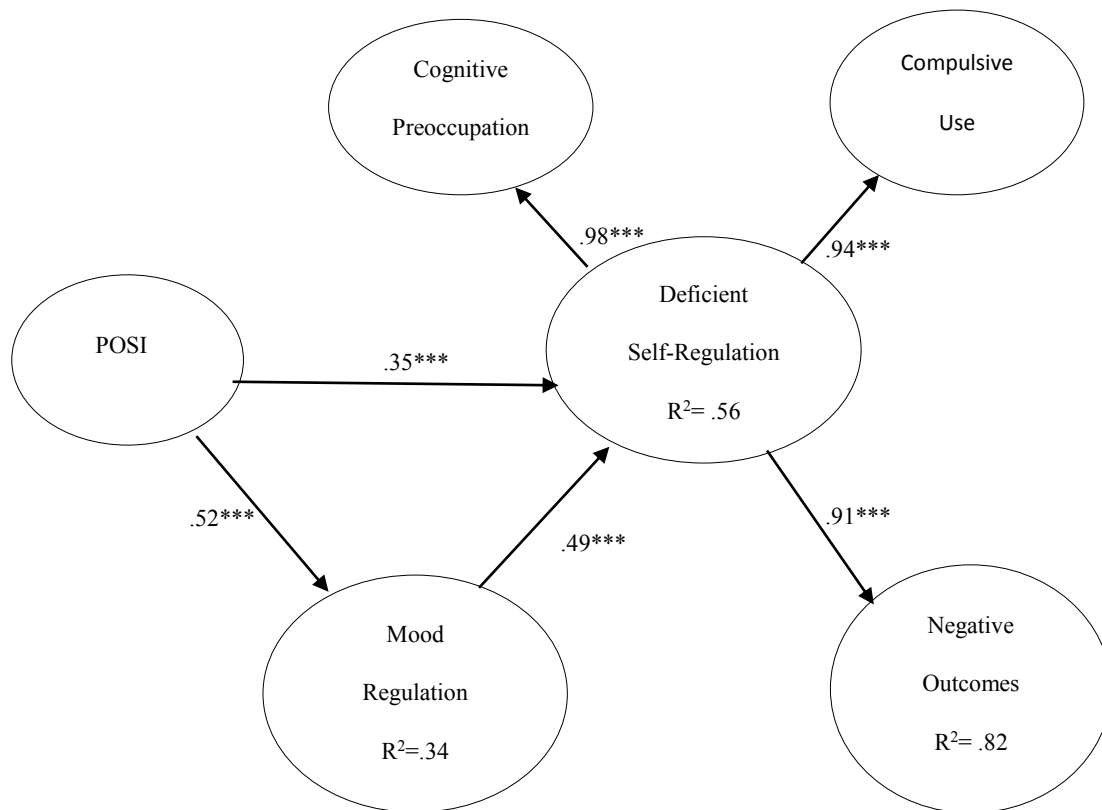
mediation between POSI and deficient self-regulation, through mood regulation was significant ( $\beta = .29$ ,  $p < .001$ ) and the relationship between mood regulation and negative outcomes was mediated by deficient self-regulation ( $\beta = .45$ ,  $p < .001$ ).

**Table 1**

Correlations between GPIUS 2 subscales and time spent on internet, social comfort, distraction and peer alienation

GPIUS 2 Subscales	M	DP	Time spent on internet	Social Comfort	Distraction	Peer Alienation
Preference for Online Social Interaction	2.0	1.3	.20**	.72**	.53**	.32**
Mood Regulation	2.7	1.6	.18**	.65**	.57**	.27**
Deficient Self-regulation	2.3	1.3	.26**	.72**	.69**	.32**
Cognitive Preoccupation	2.1	1.3	.26**	.68**	.68**	.31**
Compulsive Use	2.4	1.5	.25**	.68**	.67**	.30**
Negative Outcomes	1.9	1.1	.24**	.68**	.66**	.32**

Note. \*\*  $p < .01$



**FIG.3.** Estimated structural model.  $\chi^2 = 359.79$ ; d.f. = 81,  $p < .001$ , CFI = .95, ECVI = .63, TLI = .94, SRMR = .04, RMSEA = .068,  $p < .001$ . All paths are significant at  $p < .001$ .

The model presented explains 34% of the variance in mood regulation, 56% of the variance in deficient self-regulation and 82% of the variance in negative outcomes. Model fit was adequate:  $\chi^2 = 359.79$ ; d.f. = 81;  $p < .001$ ; CFI = .95; ECVI = .63; TLI = .94; SRMR = .04; RMSEA = .068,  $p < .001$ .

## Discussion

This study had two distinct goals: first to adapt and validate the GPIUS 2 to Portuguese adolescents considering the Facebook use context, and second to test the replication of the cognitive-behavioral model of Caplan (2010) with Portuguese adolescents in the same context.

Relating to the first goal, our results indicated that GPIUS 2 is a valid measure of generalized problematic Internet use with Portuguese adolescent population, since confirmatory factor analysis has shown adequate fit. Our results support the original factorial structure with three first-order factors and two first-order factors grouped in a second-order factor as proposed in previous research (Caplan, 2010; Caplan, 2005; Caplan, 2007; Kim & Davis, 2009). We found good reliability for the global scale ( $\alpha = .91$ ) as well as for each subscale separately ( $\alpha = .79$  to  $.84$ ), as the original and previous studies have found (Caplan, 2010; Caplan, 2005; Caplan, 2007; Kim & Davis, 2009). We also found positive correlations between all the GPIUS 2 subscales and dimensions of OCS (social comfort and distraction), time spent online and peer alienation, indicating that it can be a valid measure of problematic facebook use.

Concerning the second goal of the study, our results showed that the cognitive-behavioral model of PIU can be replicated to a Portuguese adolescent sample, in terms of facebook use. All the direct and indirect relationships found (Caplan, 2010; Kim & Davis, 2009) were also found in this study. In line with previous work (Caplan, 2010; Kim & Davis, 2009), our results showed that adolescents with a clear preference for the online social interaction on facebook use the social network for mood regulation purposes when they are expressing unpleasant emotions and have a tendency to present difficulties to regulate their facebook use. Concerning this result, we also know that adolescents who perceived higher regulatory competence are more likely to use the Internet to deal with the negative consequences of Internet use in appropriate ways (Chong, Chye, Huan, & Ang, 2014). These results, applied to Internet use have been found in previous research (Barke et al, 2014; Gámes-Guadix et al, 2012; Kim & Davis, 2009). We also found that adolescents who use facebook to regulate their mood when feeling negative emotions tend to present a deficient self-regulation on their facebook use, in line with some previous results found with Internet use (Gámes-Guadix et al, 2012; Kim & Davis, 2009). Our results confirmed also the hypothesis that deficient self-regulation predicts negative outcomes (Barke et al, 2014; Gámes-Guadix et al, 2012; Junghyun et al, 2009; Kim & Davis, 2009). Our study also confirmed the indirect hypothesis predicted by Caplan's work (Caplan, 2010). We found that the relationships between POSI and deficient self-regulation is

partially mediated by mood regulation, the relationship between POSI and negative outcomes is mediated by deficient self-regulation and the relationship between mood regulation and negative outcomes is mediated by deficient self-regulation. These results in terms of facebook use are similar to previous results in terms of Internet use (Caplan, 2010; Kim & Davis, 2009).

Results about Facebook bring novelty to the current literature, since Facebook is a largely used social network worldwide, and questionnaires to measure problematic use of Facebook are scarce, and much focused on the time spent in the social network and not in the quality of the use. The present work advances then with a more comprehensive tool to measure problematic Facebook use, which presents adequate fit to the adolescent population.

Comparing our results with the original work (Caplan, 2010), as well as with the attempt to replicate this model in adolescents (Kim & Davis, 2009) we can observe that the link between deficient self-regulation and negative outcomes is stronger in our study, explaining 82% of negative outcomes (compared to 61% in the original study), the higher explained variance obtained with the model. This result may be explained by the fact that we were asking adolescents to report to facebook, and not to Internet in general. Facebook might be a context where the consequences of problematic Internet use are most evident, possibly because the social network offers different features that might somehow make its use addictive (e.g., games, chat).

This work enlightens problematic Facebook use, and we need also to discuss the implications of the present work to intervention. In fact we can say that problematic Facebook use has similarities with PIU, being related with the same dimensions that are present in PIU. In line with these findings, strategies used in intervention related with PIU are expected to be also appropriated with problematic Facebook use. A meta-analysis shows that both psychological and pharmacological interventions are effective in treating and reducing symptoms of internet addiction, time spent online, anxiety, and depression (Winkler, Dörsing, Rief, Shen, & Glombiewski, 2013), and probably in problematic Facebook use case the same strategies are applicable. Facebook might also be an amplifier of the addictive behavior, and a maximizer of the negative outcomes, by its addictive nature.



### *Limitations*

This study has some limitations that are worth mentioning. This study presents a cross-sectional design, therefore making it difficult to state causal relationships. Although using a cross-sectional design is a suitable in an initial approach for the assumptions of the model, future studies should provide longitudinal data. A second limitation is that the results of this study are based on self-report data by adolescents, and they can be reluctant to recognize their problematic facebook use. This limitation can be suppressed using complementary measures to the self-report questionnaires such as interviews or other sources of information, such as parents or school teachers. Finally, these findings should be replicated in other cultural contexts and include comparisons with samples from different cultures to determine the cultural role in the relationship between these variables.

### **References**

- American Psychiatric Association (APA) (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: APA.
- Anderson, J. C., & Gerbing, D. W. (1988). Structural equation modeling in practice. A review and recommended two-step approach. *Psychological Bulletin*, 103, 411–423.
- Armsden, G.C., & Greenberg, M.T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427–454.
- Armstrong, L., Phillips, J. G., & Saling, L. L. (2000). Potential determinants of heavier InternetInternet usage. *International Journal of Human-Computer Studies*, 53, 537–550. doi:10.1006/ijhc.2000.0400.
- Barke, A., Nyenhuis, N., & Kröner-Herwig, B. (2014). The German version of the generalized pathological Internet use scale 2: a validation study. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17, 474-482.
- Block, J. (2008). Issues for DSM-V: Internet addiction. *American Journal of Psychiatry*, 165, 306–307.

- Caplan, S. (2002). Problematic Internet use and psychosocial well-being: Development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. *Computers in Human Behavior*, 18, 553–575.
- Caplan, S. (2003). Preference for online social interaction: A theory of problematic Internet use and psychosocial well-being. *Communication Research*, 30, 625–648.
- Caplan, S. E. (2005). A social skill account of problematic Internet use. *Journal of Communication*, 55, 721–736.
- Caplan, S. E. (2007). Relations among loneliness, social anxiety, and problematic Internet use. *Cyberpsychology & Behavior*, 10, 234–242.
- Caplan, S. E. (2010). Theory and measurement of generalized problematic Internet use: A two-step approach. *Computers in Human Behavior*, 26, 1089–1097.
- Ceyhan, A. A., & Ceyhan, E. (2008). Loneliness, depression, and computer self-efficacy as predictors of problematic Internet use. *Cyberpsychology, Behavior & Social Networking*, 11, 699–701. doi:10.1089/cpb.2007.0255.
- Chong, W., Chye, S., Huan, V., & Ang, R. (2014). Generalized problematic Internet use and regulation of social emotional competence: The mediating role of maladaptive cognition arising from academic expectation stress on adolescents. *Computers in Human Behavior*, 38, 151-158.
- Chou, C., Condrón, L., & Belland, J. C. (2005). A review of the research on Internet addiction. *Educational Psychology Review*, 17, 363–388.
- Collins, W. (2003). More than a myth: The developmental significance of romantic relationships in Adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13, 1-24.
- Davis, R. (2001). A cognitive-behavioral model of pathological Internet use. *Computers in Human Behavior*, 17, 187–195.
- Davis, R., Flett, G., & Besser, A. (2002). Validation of a new scale for measuring problematic Internet use: implications for pre-employment screening. *Cyberpsychology Behavior*, 5, 331–345.
- Douglas, A., Milss, J., Niang, M., Stepchenkova, S., Byun, S., Ruffini, C., ... Blanton, M. (2008). Internet addiction: Meta-synthesis of qualitative research for the decade 1996-2006. *Computers in Human Behavior*, 24, 3027-3044.

- Dowling, N. A. & Quirk, K. L. (2009). Screening for Internet dependence: Do the proposed diagnostic criteria differentiate normal from dependent Internet use? *CyberPsychology & Behavior*, 12, 21–27.
- Erikson, E. (1959). Identity and the life cycle. New York: International University Press.
- Eurostat (2015). Available at: <http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&init=1&plugin=1&pcode=tin00127&language=en>
- Ferreira, M., & Costa, M. E. (1998). Inventory of peer and parental attachment. Adaptação do instrumento. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
- Fioravanti, G., Dettore, D., & Casale, S. (2012). Adolescent Internet addiction: Testing the association between self-esteem, the perception of Internet attributes and preference for online social interactions. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 15, 318–323. doi:10.1089/cyber.2011.0358.
- Fioravanti, G., Primi, C., & Casale, S. (2013). Psychometric evaluation of the generalized problematic Internet use scale 2 in an Italian sample. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16, 761–766.
- Gámez-Guadix, M., Villa-George, F., & Calvete, E. (2012). Measurement and analysis of the cognitive-behavioral model of generalized problematic Internet use among Mexican adolescents. *Journal of Adolescence*, 35, 1581–1591.
- Graffar M. (1956). Une methode de classification sociales d'echantillons de population. *Courrier*, 6, 445–59.
- Griffiths M., Pontes H. (2014). Internet addiction disorder and Internet gaming disorder are not the same. *Journal of Addiction Research & Therapy*, 5:e124. doi: 10.4172/2155-6105.1000e124.
- Guitton, M.J. (2014). The importance of studying the dark side of social networks. *Computers in Human Behavior*, 3, 335.
- Hambleton, R.K., Merenda, P.F., & Spielberger, C. D. (Eds.), Adapting educational and psychological tests for crosscultural assessment (pp. 3 – 38). Mahwah, NJ: Erlbaum.

- Hu, L., & Bentler, P. M. (1998). Fit indices in covariance structure modeling: Sensitivity to underparameterized model misspecification. *Psychological Methods*, 3, 424-453.
- Huang, H., & Leung, L. (2009). Instant messaging addiction among teenagers in China: shyness, alienation and academic performance decrement. *Cyberpsychology & Behavior*, 12, 675-679.
- Internet World Stats (2014). Top ten languages in the Internet. Retrieved from <http://www.Internetworldstats.com>
- Junghyun, K., La Rose, R., & Wei, P. (2009). Loneliness as the Cause and the Effect of Problematic Internet Use: The Relationship between Internet Use and Psychological Well-Being. *Cyberpsychology and Behavior*, 12, 451-455.
- Kim, H., & Davis, K. (2009). Toward a comprehensive theory of problematic Internet use: evaluating the role of self-esteem, anxiety, flow, and the self-rated importance of Internet activities. *Computers in Human Behavior*, 25, 490–500.
- Kim, J., LaRose, R., & Peng, W. (2009). Loneliness as the cause and the effect of problematic Internet use: The relationship between Internet use and psychological well-being. *Cyberpsychology & Behavior*, 12, 451–455. doi:10.1089/cpb.2008.0327.
- Ko, C. H., Yen, J. Y., Chen, C. S., Yeh, Y. C., & Yen, C. F. (2009). Predictive values of psychiatric symptoms for Internet addiction in adolescents: prospective study. *Archives of Pediatric and Adolescent Medicine*, 163, 937–943. doi:10.1001/archpediatrics.2009.159.
- Ko, C-H., Hsiao, S., Liu, G-C., Yen, J-Y., Yang, M-J., & Yen, C-F. (2010). The characteristics of decision making, potential to take risks, and personality of college students with Internet addiction. *Psychiatry Research*. 175, 121–125.
- Kraut, R., Paterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet paradox: A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53, 1017–1031.
- LaRose, R., Lin, C. A., & Eastin, M. S. (2003). Unregulated Internet usage: addiction, habit, or deficient self-regulation? *Media Psychology*, 5, 225–253.

- Lee, B. W., & Stapinski, L. A. (2012). Seeking safety on the Internet: Relationship between social anxiety and problematic Internet use. *Journal of Anxiety Disorders*, 26, 197–205. doi:10.1016/j.janxdis.2011.11.001.
- Lewis, M. P., Simons, G. F., & Fennig, C. D. (Eds.) (2015). *Ethnologue: Languages of the world* (18th ed.). Dallas, Texas: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com>
- Lortie, C., Guitton, M. (2013). Internet addiction assessment tools: dimensional structure and methodological status. *Addiction*, 108, 1207-1216.
- Microsoft (2010). Available at: <http://news.microsoft.com/pt-pt/2010/02/09/02-09segurancaInternetpr/>
- Montag, C., Bey, K., Sha, P., et al. (2015). Is it meaningful to distinguish between generalized and specific Internet addiction? Evidence from a cross-cultural study from Germany, Sweden, Taiwan and China. *Asia Pacific Psychiatry*, 7, 20–26.
- O'Keeffe, G., Clarke-Pearson, K. (2011). The impact of social media on children, adolescents, and families. *Pediatrics*, 127, 800–805.
- Petry, N. M. & O'Brien, C. P. (2013). Internet Gaming Disorder and the DSM-5. *Addiction*, 108, 1186–1187.
- Pies, R. (2009). Should DSM-V designate “Internet Addiction” a mental disorder? *Psychiatry (Edgemont)*, 6(2), 31–37.
- Pontes, H. M., & Griffiths, M. D. (2015). The role of age, age of Internet access initiation, and time spent online in the etiology of Internet addiction. *Journal of Behavioral Addictions*, 4(Suppl. 1), 30-31. doi: 10.1556/JBA.4.2015.Suppl.1
- Pontes, H., Patrão, I., & Griffiths, M. (2014). Portuguese validation of the Internet Addiction Test: An empirical study. *Journal of Behavioral Addictions*, 2, 107-114.
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Test of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research - Online*, 8, 23-74.
- Smahel, D., Brown, B. B., & Blinka, L. (2012) Associations between Online Friendship and Internet Addiction among Adolescents and Emerging Adults. *Developmental Psychology*, 48, 381-288.

- Statista (2014). Available in <http://www.statista.com/statistics/376128/facebook-global-user-age-distribution/>
- Subrahmanyam, K., & Greenfield, P. M. (2008). Virtual worlds in development: Implications of social networking sites. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, 417-419.
- The EU NET ADB Consortium, and Richardson Clive (2013). Internet Addictive behavior in adolescence: A cross-sectional study in seven European countries. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17, 528-535.
- Tzavela, E., & Mavromati, F. (2013). Online social networking in adolescence: Associations with development, well-being and Internet addictive behaviors. *International Journal of Child and Adolescent Health*, 6, 411-420.
- Young, K. S. (1998b). *Caught in the Net: How to recognize the signs of Internet addiction*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Zhang G., Wu Y., Lei L. (2009). Adolescents' peer attachment, online game preference and pathological Internet use. *Chinese Journal of Clinical Psychology*, 14, 354-356.
- Zhou, N., & Fang, X. (2015). Beyond peer contagion: unique and interactive effects of multiple peer influences on Internet addiction among Chinese adolescents. *Computers in Human Behavior*, 50, 231-238.

### **ESTUDO III: ADOLESCENTS' PROFILES OF FACEBOOK USE AND ASSOCIATIONS WITH DEVELOPMENTAL VARIABLES**

Raquel Assunção & Paula Mena Matos, 2015

*Submetido para publicação*





## **Personality and Social Networks Use**

Personality has been one of the first variables studied in terms of Facebook use, since it can be related to the adolescent's disposition to express some behaviors related to social networks use (Amichai-Hamburger, 2002). Different personality traits seem to predict different ways of relating to Internet (Kraut et al., 1998). Extraversion was found to be positively associated with a more frequent use of Facebook (Wilson, Fornasier, & White, 2010), and of instant messaging (Correa, Hinsley, & Gil de Zúñiga, 2010) and with the affiliation to more Facebook groups (Ross et al, 2009). Openness to experience and neuroticism were also positively associated with a more intense use of social networks and instant messaging (Correa, Hinsley, & Gil de Zúñiga, 2010). Individuals with higher scores on consciousness and agreeableness and low scores of neuroticism were less motivated to publish problematic content in their personal profiles (e.g., sexual behaviors, substance abuse) (Karl, Peluchette & Schlaegel, 2010). McKenna and Bargh (1998) identified introversion, emotional instability, and low agreeableness as personality markers of a vulnerability for developing problematic Internet use. Moreover, adolescents presenting low scores in emotional stability, extraversion and agreeableness tend to present a lack of interpersonal competence and have fewer resources in their social lives (Caplan, 2003). Some authors pointed out that Internet can have a compensatory role, stating that individuals with a lack of social skills, and therefore more introverted, can use Internet to compensate this absence of face-to-face social interactions (Amichai-Hamburger, Wainapel, & Fox, 2002; Hamburger, & Ben-Artzi, 2000), and establish a more anonymous socialization (Koch, & Pratarelli, 2004). The online relationships can be seen as less risky than the face-to-face relationships, as people don't need to confront themselves with the face-to-face emotional reactions of the others (Andersen, 2001).

## **Parental and Peer Attachment and Social Networks Use**

Attachment theory states that when parents are sensitive and responsive to children's attachment needs, they are able to provide a secure base that allows their children to explore the world with confidence (Bowlby, 1973). Adolescents

presenting a secure attachment to parents are more able to explore the world, negotiate their autonomy and develop appropriate social skills, vital for the initiation and maintenance of close relationships and satisfying interactions with friends and romantic partners (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). Attachment to parents was positively associated with the quality of interpersonal relationships (Kalaitzaki, & Birtchnell, 2014), and in turn, this quality seems to be negatively associated with problematic Internet use (Kalaitzaki, & Birtchnell, 2014; Liu, & Kuo, 2007; Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009). In contrast, insecure attachment seems to be negatively associated with interpersonal competence that in turn is positively associated with Facebook use in terms of frequency and engagement (Jenkins-Guarnieri, Wright, & Johnson, 2013). Oldmeadow, Quinn and Kowert (2013) found that adults with high attachment anxiety used Facebook more frequently, and tended to use it when expressing negative emotions and when feeling anxious about how others perceive them on the social network.

Despite the fact that the parental figures remain important caregivers of the adolescent, during adolescence individuals begin to extend attachment functions progressively to their peers (Rocha & Matos, 2012) and by middle adolescence, friends become the major source of intimacy and disclosure and are important providers of emotional and social support (Furman & Buhrmester, 1992; Wilkinson, 2004). Online communication fits particularly the developmental needs of adolescents, such as maintaining and enhancing communication with peers (Barker, 2009; Lenhart, & Madden, 2007), reinforcing pre-existing friendships and elevating self-esteem (Valkenburg, & Peter, 2011).

Research found that the quality of peer relationships predicts Internet addiction in adolescence (Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009), since adolescents can satisfy their needs for communication, compensating face-to-face difficulties through the online context (Jenkins-Guarnieri, Wright, & Johnson, 2013; Kraut et al., 1998). On the other side, excessive Internet use may withdraw adolescents from face-to-face communication, thus making them communicate less with their peers (Kraut et al., 1998). Therefore, adolescents with a more problematic use of Internet showed communication problems in peer interactions (Liu & Kuo, 2007) and presented low quality in friendships (Harman, Hansen, Cochran, & Lindsey, 2005). Also a significant relationship between peer alienation and problematic

Internet use was found, mediated by the preference for online games (Zhang, Wu, & Lei, 2009).

### **Interpersonal Competence and Social Networks Use**

Interpersonal competence is defined in this work as referring to a set of relationship and interaction skills with others that will be central in the life of the individual, and which develop from infancy to adulthood (Buhrmester et al., 1988). Buhrmester, Furman, Wittenberg and Reis (1988) conceptualized interpersonal competence as a set of different skills, rather than a single global domain of interpersonal competence. They identified five areas of interpersonal competence: initiating interactions and relationships, assertiveness in personal rights and dislike with others, personal information disclosure, emotional support to others and ability to deal with interpersonal conflict that arises in close relationships. A study from Jenkins-Guarnieri et al. (2012) showed that insecure attachment to parents is linked to a more frequent and engaged use of Facebook, and that this relationship is mediated by interpersonal competence.

In sum, research points out the existence of some variables that can be linked to problematic Facebook use, such as some personality characteristics, insecure attachment, peer alienation and the lack of interpersonal competence, but it is important to understand the nuances of problematic use as well as the healthy use. Thus, the main goals of the present study are to test if there are different profiles of Facebook use in Portuguese adolescents and to understand if different developmental variables, namely personality, attachment to parents, alienation to peers, interpersonal competence, are associated with differences in these profiles as well as in terms of some sociodemographic variables, such as sex, socioeconomic status and also time spent on Facebook. The present study presents some specific hypotheses: (a) Distinct groups of adolescents based on GPIUS dimensions scores can be identified; (b) These groups will significantly differ from one another on several developmental variables: personality, parental attachment, peer attachment, interpersonal competence offline and online; (c) It is expected higher problematic Facebook use to be positively related to insecure attachment to parents, (d) It is expected higher problematic facebook use to be positively related to higher alienation to peers.

## **Method**

### **Participants**

Our sample consists in 744 Portuguese adolescents (53.9% boys and 46.1% girls) aged between 14 and 18 years ( $M = 15.9$ ,  $SD = 1.08$ ) from 9th grade to 12th grade ( $M = 9.9$ ,  $SD = 1.0$ ). Concerning family status 580 (77.9%) adolescents were from intact families, 100 (13.4%) came from divorced families and 18 (2.4%) were from families in which one of the parents had deceased. In terms of socioeconomic status, and according to two criteria of Graffar classification, 220 participants were classified in the high socioeconomic status (30.8%), 256 were classified in the medium socioeconomic status (36%) and 237 were classified in the low socioeconomic status (33.2%).

### **Procedures**

We obtained permission from the Ministry of Education to apply the protocol of questionnaires on secondary schools on the north region of the country. Later on we arranged meetings with direction boards of each school to obtain the school's approval and in articulation with the school teachers we obtained informed consent from parents to fulfill the questionnaire in case of minors for them to participate in the study and from the adult participants. The questionnaires were administered to classroom groups with the supervision of the teacher and the first author, following standardized instructions. Confidentiality and anonymity of the responses was assured as well as the voluntary character of the adolescents' participation. The order of the questionnaires was randomly inverted so as to avoid biased results, subsequent to fatigue of the sequence of instruments. The study was approved by the Ethical Committee of the Faculty of Psychology and Educational Sciences of Oporto University.

### **Measures**

**Sociodemographic Questionnaire.** Participants answered a sociodemographic questionnaire with questions regarding age, sex, school and familiar background, such as socioeconomic status and parental education.

**Questionnaire of Facebook Use.** Participants answered a questionnaire about Internet and Facebook use, with questions like the time spent on Facebook and the timetable of access, type of friendships and definitions of privacy settings.

**Generalized Problematic Internet Use Scale 2** (GPIUS2; Caplan, 2010). We adapted the GPIUS2, to Portuguese language, using the all the five subscales, changing the word “online” to the word “Facebook”, namely Preference for online social interaction (POSI; 3 items; e.g., “I prefer social interaction on Facebook over face-to-face communication.”), Mood regulation (MR; 3 items; e.g., “I have used Facebook to make myself feel better when I was down.”), Cognitive preoccupation (CP; 3 items; e.g., “I would feel lost if I was unable to go to Facebook.”), Compulsive internet use (CU; 3 items; e.g., “I have difficulty controlling the amount of time I spend on Facebook.”) and Negative outcomes (NO; 3 items; e.g., “My Facebook use made it more difficult for me to do my daily tasks”). GPIUS2 is composed by a total of 15 items responded in a 7-point Likert scale that ranges from *strongly disagree* to *strongly agree*. In the present study, we found good internal consistencies for all the dimensions: Preference for Online Social Interaction ( $\alpha = .84$ ), Mood Regulation ( $\alpha = .83$ ), Cognitive Preoccupation ( $\alpha = .80$ ), Compulsive Use ( $\alpha = .83$ ) and Negative Outcomes ( $\alpha = .83$ ). The confirmatory factor analysis presented adequate indices within critical values,  $\chi^2(82) = 362.91$ ; CFI = .95; SRMR = .04, RMSEA = .07.

**Ten-Item Personality Inventory** (TIPI, Gosling et al., 2003, Portuguese version, Lima & Castro, 2009). This measure is composed by 10 items, consisting each of them of a pair of individual characteristics, scored from 1 (*totally agree*) to 5 (*totally disagree*). The instrument is based on the Big Five dimensions of the Five Factor Model (FFM) (Devaraj, Easley, & Crant, 2008). Each dimension of the model of the big five personality factors (extraversion, affability, consciousness, emotional stability and openness to experience) is represented by 2 items. All dimensions revealed good internal consistency. We present inter-item correlation values as each dimension is represented only by 2 items. Values should range between .20 and .40 (Clark, & Watson, 1995): affability ( $\alpha = .60$ , inter-item correlation .20), emotional stability ( $\alpha = .70$ , inter-item correlation .19), extraversion ( $\alpha = .55$ , inter-item correlation .38), consciousness ( $\alpha = .65$ , inter-item correlation .22) and openness to experience ( $\alpha = .69$ , inter-item correlation .28).

**The Father and Mother Attachment Questionnaire** (FMAQ, Matos, & Costa, 2001). This is a self-report questionnaire that measures the perceptions of adolescents and young adults of parental attachment relationships, built on the theoretical and conceptual contributions of Ainsworth (1989), Bowlby (1969, 1973) and Bartholomew and Horowitz (1991). It was developed in Portugal and it is being largely used in empirical research with Portuguese participants (see Gouveia & Matos, 2011, for a review of empirical studies). It consists of 30 items divided into three subscales, namely Inhibition of Exploration and Individuality (IEI; 10 items; e.g., “My parents discourage me when I want to try new things”), Quality of Emotional Bond (QEB; 10 items; e.g., “I know that I can count on my parents whenever I need them”), and Separation Anxiety (SA; 10 items; e.g., “I am afraid of being alone if I lose my parents.”). Participants responded on a 6-point Likert scale ranging from *strongly disagree* to *strongly agree*, separately for the father and the mother. In the present study, we found good internal consistency for the three dimensions: Inhibition of Exploration and Individuality ( $\alpha = .81$  for the father and  $\alpha = .82$  for the mother), Quality of Emotional Bond ( $\alpha = .94$  for the father and  $\alpha = .92$  for the mother) and Separation Anxiety ( $\alpha = .85$  for the father and  $\alpha = .82$  for the mother). The confirmatory factor analysis presented adequate indices within critical values for the father and the mother. For the mother we obtained  $\chi^2(11) = 38.1$ ; CFI = .99; SRMR = .06; RMSEA = .06 and for the father  $\chi^2(24) = 166.02$ ; CFI = .97; SRMR = .05; RMSEA = .79.

**Inventory of Parent and Peer Attachment** (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987, Portuguese version Ferreira & Costa, 1998). This measure assesses adolescents' perceptions about the affective and cognitive dimensions of positive and negative relationships with parents and close friends, looking particularly at how well these figures serve as sources of psychological security. This instrument was constructed based on attachment theory and includes three subscales: mutual trust, quality of communication, and alienation. Participants responded on a 6-point Likert scale that ranges from *strongly disagree* to *strongly agree*. In the present study we only used the dimension Alienation to peers (7 items; e.g., “I feel alone or put aside when I’m with my friends”), which showed a good internal

consistency ( $\alpha = .81$ ). The confirmatory factor analysis presented adequate indices within critical values,  $\chi^2 (11) = 62.9$ ; CFI = .96; SRMR = .08; RMSEA = .08.

**Interpersonal Competence Questionnaire** (ICQ, Buhrmester, Furman, Wittenberg, & Reis, 1988, Portuguese version, Assunção, Ávila, & Matos, 2010). This is a self-report questionnaire consisting of 40 items and is divided into five factors, namely Initiating Relationships (IR, 8 items, e.g. "Suggest someone unknown to join together and do something. Example. Go out together. "), Negative Assertions (NA, 8 items, e.g., "Say 'no' to someone you're interested in when he asks you to do something you do not want to do. "), Self-Disclosure (D, 8 items, e.g., "Tell a close friend things that you felt anxious and afraid."), Emotional Support (ES, 8 items, e.g., "Being able to say and do things to support a close friend when he is down. "), and Conflict Management (CM, 8 items, e.g., "Being able to admit I might be wrong in a disagreement with a close friend begins to make a serious conflict"). In the present study we used the questionnaire concerning to face-to-face relationships, and adapted it also to online relationships, adding a column so that adolescents could respond to the same items for both contexts.

Each dimension consists of 5 items and each item of the scale describes an interpersonal situation and the answer is usually accomplished by using 5-point scale of Levenson and Gottman (1978): Respondents should indicate the level of competence and comfort in dealing with these situations (1 = "I'm poor at this; I'd feel so uncomfortable and unable to handle this situation, I'd avoid it if possible"; 2 = "I'm only fair at this; I'd feel uncomfortable and would have lots of difficulty handling this situation"; 3 = "I'm ok at this; I'd feel somewhat uncomfortable and have some difficulty handling this situation"; 4 = "I'm good at this; I'd feel quite comfortable and able to handle this situation"; 5 = "I'm extremely good at this; I'd feel very comfortable and could handle this situation very well").

The confirmatory factor analysis presented adequate indices within critical values. We  $\chi^2 (727) = 1565.7$ ; CFI=.92 ; SRMS= .08; RMSEA =.05 in the face-to-face context and  $\chi^2 (719) = 3121.9$ ; CFI=.90, SRSMR = .07; RMSEA =.065 in the online context.

## Data Analysis

Prior to conducting our main analyses, we screened scores on all key measures for missing values, univariate and multivariate outliers, and any significant deviations from normality. All scales met skewness and kurtosis criteria for normal distribution. We removed 5 participants, as they presented standardized residuals between -3 and 3. Missing values (10.5%) were completely at random and imputed with single imputation method. To conduct cluster analysis we used the five dimensions of the GPIUS 2. Toward straighten our results we followed a method combining hierarchical and nonhierarchical cluster analyses, following three steps: (1) standardization of variables (Z scores); (2) application of hierarchical method, using Ward's linkage method with squared Euclidian distance measure to determine the number of clusters (Hair et al., 2010) and (3) application of nonhierarchical method (K-means), by specifying the most appropriate cluster solution from stage 2 (Hair, Black, Babin, & Anderson, 2010). Hierarchical and non-hierarchical methods are complementary approaches. The first allow a first analysis, exploratory, to help determine the number of clusters present in the sample, a necessary condition to carry out the non-hierarchical methods. Moreover, since the non-hierarchical methods are sensitive to the choice of initial centroid, the investigator may propose the centroids of the clusters found by a hierarchical method.

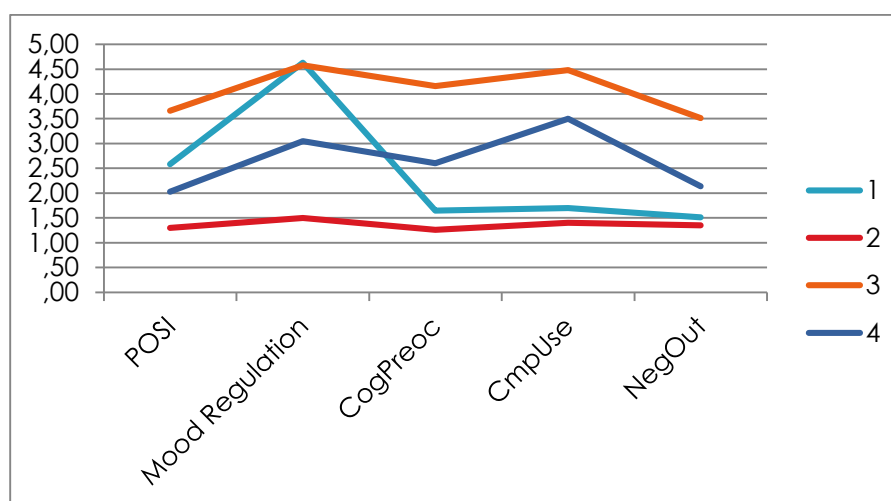
We then conducted multivariate analysis of variance (MANOVAs), with the developmental variables of the study (parental attachment, peer attachment, interpersonal competence and personality). In the analyses, a significant multivariate effect ( $p < .05$ ) was followed up with post hoc comparisons of group means using Scheffé adjustment ( $p < .01$ ) to minimize inflation of Type I error rates of the multiple comparisons. Partial eta squared ( $\eta^2$ ) provided an index of effect size. Data was analyzed with IBM SPSS Statistics and IBM SPSS Amos v.21.



## Results

### Cluster Analysis

A four-cluster solution was identified in terms of problematic Facebook use among adolescents, accounting for 62.75% of the variability (Fig.1). The final cluster solution revealed a cluster presenting high scores in terms of a preference for social interaction online and mood regulation purposes (Cluster 1- the online regulators,  $n = 91$ ; 39.6% boys), a cluster presenting low scores in all the variables associated with problematic Facebook use of the GPIUS 2 (Cluster 2 – the less problematics,  $n = 371$ ; 48.5% boys), a cluster with high scores in all the dimensions of the problematic Facebook use variables (Cluster 3- the high problematics,  $n = 132$ ; 55.7% boys) and a cluster presenting medium scores in terms of the variables related to problematic Facebook use (Cluster 4- the “in-between”,  $n = 150$ ; 36.5% boys).



**Figure 1.** Graphical representation of clusters

We conducted MANOVAs to test differences across the dimensions as a function of the clusters. The four profiles obtained differ from each other in terms of all the dimensions of GPIUS 2 (Table 1).

### Differences in Sex, Socioeconomic Status and Frequency of accessing to Facebook

In terms of sociodemographic variables, there are no differences in terms of sex ( $F = 3.50$ ,  $p = .16$ ,  $\eta^2 = .01$ ) and in terms of socioeconomic status ( $F = 4.25$ ,  $p = .32$ ,  $\eta^2 = .00$ ), but we found differences in terms of the number of daily hours spent on Facebook ( $F = 16.50$ ,  $p \leq .001$ ,  $\eta^2 = .08$ ). The high problematics cluster (cluster 3) and the in between cluster (cluster 4) present more hours spent on Facebook than the less problematics cluster (cluster 2), and the high problematics cluster also presents more hours spent on Facebook than the online regulators cluster (cluster 1) (Table 2).

### **Differences in Personality, Attachment to Parents, Alienation to Peers and Interpersonal Competence**

The multivariate analysis of variance revealed some differences between clusters in the dimensions of personality (Table 3), in the dimensions of emotional stability and consciousness. In relation to emotional stability results show that the cluster with a more problematic facebook use (cluster 3) presents significantly lower scores in emotional stability than the cluster 2, the less problematic one ( $F = 10.14$ ,  $p \leq .001$ ,  $\eta^2 = .04$ ). Concerning consciousness results reveal that cluster 3 presents significantly lower scores in consciousness than cluster 2 ( $F = 4.42$ ,  $p < .01$ ,  $\eta^2 = .02$ ).

The MANOVA revealed differences between clusters in almost all the dimensions of parental attachment (Table 4). Concerning inhibition of exploration and individuality, the cluster with a more problematic Facebook use (Cluster 3), presents significantly higher levels of IEI from the paternal figure than all the other clusters ( $F = 21.4$ ,  $p \leq .001$ ,  $\eta^2 = .08$ ) and clusters 1 and 2 present significantly lower levels concerning to the maternal figure ( $F = 24.65$ ,  $p \leq .001$ ,  $\eta^2 = .09$ ), when compared with the more problematic clusters (3 and 4). Regarding quality of emotional bond, the only significant result is the one related to the mother, indicating that the cluster with a more problematic Facebook use (Cluster 3) presents significantly lower scores than all the other clusters ( $F = 15.08$ ,  $p \leq .001$ ,  $\eta^2 = .06$ ). Concerning separation anxiety, the adolescents from the clusters with a more problematic Facebook use (3 and 4) present significantly higher levels of separation anxiety to the father than the other clusters ( $F = 8.81$ ,  $p \leq .001$ ,  $\eta^2 = .03$ ).

Concerning peer attachment (Table 5), results indicate that the cluster with a more problematic Facebook use (Cluster 3) presents significant higher levels of alienation to peers than all the other clusters ( $F = 32.6, \leq .001, \eta^2 = .12$ ).

The results about interpersonal competence in the face-to-face context and in the online context are presented in Tables 6 and 7, respectively. The more problematic facebook use cluster (Cluster 3) presents significantly lower levels in the ability to provide emotional support than the less problematic cluster (Cluster 2) ( $F = 11.26, p \leq .001, \eta^2 = .04$ ). The same results were found for conflict management ( $F = 6.72, p \leq .001, \eta^2 = .03$ ).

Results related to interpersonal competence in the online context are presented in Table 7. The cluster with a more problematic facebook use (Cluster 3) presents a significantly higher score in the ability to initiate relationships online than the less problematic one, and cluster 1 also reveals higher scores in the capacity to initiate relationships than the cluster 2 ( $F = 12.45, p \leq .001, \eta^2 = .05$ ). Cluster 3 also presents a significantly higher level of disclosure in the online context than the less problematic one and once more cluster 1 presents higher scores than cluster 2 ( $F = 19.58, p \leq .001, \eta^2 = .07$ ).

## Discussion

The present study looked at different profiles of Facebook use in Portuguese adolescents and tested whether they were differently associated with developmental variables. We found four different clusters of Facebook use that differ in terms of the number of hours spent on Facebook, but not in terms of sex and socioeconomic status. We found a cluster with the lowest levels of problematic Facebook use and well-adjusted in terms of developmental variables (cluster 2 – the less problematics), a cluster with participants that seek for the online communication (cluster 1 – the online regulators), and that is well adjusted in terms of developmental variables (cluster 1), a cluster with higher levels of problematic Facebook use, and the less adjusted in terms of developmental variables (cluster 3 – the high problematics), and a cluster well-adjusted in terms of attachment variables but with less emotional stability and with a medium level of problematic Facebook use (cluster 4 – the in-between). Half of our sample is in the less problematic cluster, which reveals that Portuguese adolescents might have a

healthy relationship with social networks. Nevertheless the other half is in a medium or high level of problematic use and we need to consider the planning of preventive strategies for problematic use, as well as to understand the variables that contribute to this problematic use.

Relating to the second goal of the study, the results revealed that in fact the different clusters of Facebook use significantly differ from one another on several developmental variables: personality parental attachment, peer attachment, interpersonal competence offline and online. In terms of personality, our results indicated differences across clusters, especially in relation to emotional stability and consciousness, revealing that the cluster with a more problematic Facebook use presents lower scores in emotional stability and consciousness than the less problematic cluster. These findings have similarities with previous research, which found that emotional stability can be a marker to the development of problematic Internet use (Mckenna, & Bargh, 1998) and that higher scores of consciousness are associated with less motivation to publish problematic content in personal profiles (Karl, Peluchette, & Schlaegel, 2010).

Relating to parental attachment, results indicated that a more problematic Facebook use is related to less secure relationships with parents, and the adolescents from this cluster present higher levels of inhibition of exploration and individuality, lower levels in the quality of emotional bond and higher levels of separation anxiety. These results are consistent with previous findings, that indicated that, in terms of parental attachment, there seems to be an association between quality of attachment to parents and problematic Internet use, mediated by interpersonal relationships and interpersonal skills (Kalaitzaki, & Birtchnell, 2014; Liu, & Kuo, 2007; Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009). In terms of the specific context of Facebook, previous research found that insecure attachment is linked to a more frequent and engaged use of Facebook (Jenkins-Guarnieri, Wright, & Johnson, 2013; Oldmeadow, Quinn, & Kowert, 2013). Regarding peer attachment, our findings indicate that a more problematic Facebook use reveals higher scores in alienation to peers than all the other clusters, and these results are similar to previous research findings, showing that excessive Internet use is associated with more withdrawal and by consequence less communication with

peers (Kraut et al., 1998), problems in peer interaction (Liu, & Kuo, 2007) and low quality in friendships (Harman, Hansen, Cochran, & Lindsey, 2005).

Concerning interpersonal competence, our results have to be differentiated in terms of both interactional contexts (face-to-face and offline). Regarding the face-to-face context, we found differences in the ability to provide emotional support and in the ability to manage conflicts, revealing that the cluster with a more problematic Facebook use presents lower scores in these abilities than the cluster with a less problematic use, which can lead us to speculate that problematic use might be associated with a lack of some interpersonal and emotional competencies in the face-to-face context (Kalaitzaki, & Birtchnell, 2014; Liu, & Kuo, 2007; Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009) and may emerge as a compensation for these interpersonal difficulties (Amichai-Hamburger, Wainapel, & Fox, 2002; Hamburger and Ben-Artzi, 2000). In relation to interpersonal competence in the online context, results are related to the ability to initiate relationships in the online context and with the ability to make self-disclosure in the online context. The cluster with a more problematic Facebook use presented higher scores in the ability to initiate relationships online as well as in the ability to make online self-disclosure than the less problematic cluster. To note also that cluster 1, the cluster with a clear preference for online communication, also reveals significantly higher scores in these abilities than the less problematic cluster. Peculiarly, the cluster in the middle, presents lower scores in the ability to make self-disclosure online. Can self-disclosure in the case of the cluster “in the middle”, be one of the reasons for this cluster not to present such high levels of problematic use? It would also be expected that the high problematic users would present lower scores in the ability to initiate relationships, following the compensatory hypothesis (Amichai-Hamburger, Wainapel, & Fox, 2002; Hamburger, & Ben-Artzi, 2000) but our results showed no differences. This data can reveal that in fact, for some adolescents, social networks are a context to rehearsal social skills (Valkenburg & Peter, 2011; Valkenburg, Sumter, & Peter, 2011). However can we say that these skills are the same skills presented in the face-to-face context? Can we expect that these skills can be transposed to the face-to-face context and give adolescents’ more abilities to relate with others in real life interactions? These questions need to be addressed in further research.

Cluster 1, the online regulators, despite the fact of returning to internet to communicate with others and to regulate emotions, presents no differences in terms of attachment and personality variables compared to less problematic users. However, this particular cluster presents higher levels of social abilities in the online context.

### **Limitations and Implications**

Although the present study might illuminate the relationship between problematic Facebook use, and some developmental variables, it also presents some limitations. The study presents a cross-sectional design, and therefore we cannot draw causal relationships between the variables. Also the results are based on self-report data by adolescents and they can be reluctant to recognize their problematic Facebook use. Future studies should use complementary measures such as interviews or other sources of information, such as peers, parents or school teachers. The field of work relating to the relationship between social networks use and developmental variables should be explored more deeper, so that we can understand the roots of Facebook problematic behavior in adolescence.

These results can bring light to the intervention in the field of psychology. In parent education programs it will be important to promote a secure attachment to parents, developing responsiveness and sensitivity during adolescence, so that adolescents learn to negotiate the balance between autonomy and closeness to parents. Special attention should be given by schools to students who seem to be withdrawn from the peer group and may feel alienated from the social world. Activities specially designed to promote interactions between students and integration of socially withdrawn students should be encouraged. More than the time spent online, it is the quality of the use that is related to problematic use.

### **References**

Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *AM PSYCHOL* 44: 709-716.

- Amichai-Hamburger, Y. (2002). Internet and personality. *COMPUT HUM BEHAV* 18: 1–10.
- Amichai-Hamburger, Y., & Ben-Artzi, E. (2000). The relationship between extraversion and neuroticism and the different uses of the internet. *COMPUT HUM BEHAV* 16: 441-449.
- Amichai-Hamburger, Y., & Ben-Artzi, E. (2003). Loneliness and internet use. *COMPUT HUM BEHAV* 19: 71-80.
- Amichai-Hamburger, Y., Wainapel, G., & Fox, S.(2002). 'On the internet no one knows I'm an introvert': extroversion, neuroticism, and internet interaction. *CYBERPSYCHOL BEHAV* 2: 125–28.
- Anderson, K. (2001). Internet use among college students: An exploratory study. *J AM COLL HEALTH* 50: 21-26.
- Armsden, G.C., & Greenberg, M.T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *J YOUTH ADOLESCENCE* 16: 427–454.
- Bargh, J., McKenna, K., & Fitzsimons, G. (2002). Can you see the real me? Activation and expression of the “true self” on the internet. *J SOC ISSUES* 58: 33–48.
- Barker, V. (2009). Older adolescents' motivations for social network site use: the influence of gender, group identity, and collective self-esteem. *CYBERPSYCHOL BEHAV* 12: 209-213.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *J PERS SOC PSYCHOL* 61: 226–244.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*, Vol. I: Attachment. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*, Vol. 2: Separation. New York: Basic Books.
- Buhrmester, D., Furman, W., Wittenberg, M., & Reis, H. (1988). Five domains of interpersonal competence in peer relationships. *J PROS SOC PSYCHOL* 6: 991-1008.

- Caplan, S. (2002). Problematic internet use and psychosocial well-being: Development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. *COMPUT HUM BEHAV* 18: 553–575.
- Caplan, S. (2003). Preference for online social interaction: A theory of problematic internet use and psychosocial well-being. *COMMUN RES* 30: 625–648.
- Caplan, S. E. (2010). Theory and measurement of generalized problematic Internet use: A two-step approach. *COMPUT HUM BEHAV* 26: 1089–1097.
- Connolly, J., Craig, W., Goldberg, A., & Pepler, D. (2004). Mixed-gender groups, dating, and romantic relationships in early adolescence. *J RES ADOLESCENCE* 14:185–207.
- Correa, T., Hinsley, A., & Gil de Zuniga, H. (2010). Who interacts on the web? The intersection of users' personality and social media use. *COMPUT HUM BEHAV* 26: 247–253.
- Davis, R. (2001). A cognitive-behavioral model of pathological Internet use. *COMPUT HUM BEHAV* 17: 187–195.
- Davis, R., Flett, G., & Besser, A. (2002). Validation of a new scale for measuring problematic internet use: Implications for pre-employment screening. *CYBERPSYCHOL BEHAV* 5: 331–345.
- Devaraj, S., Easley, R., & Crant, J.M. (2008). How does personality matter? Relating the five factor model to technology acceptance and use. *INFORM SYST RES* 19: 93-105.
- Engels, R., Finknauer, C., Meeus, W., & Dekovic, M. (2001). Parental attachment and adolescents' emotional adjustment: The associations with social skills and relational competence. *J COUNS PSYCHOL* 48: 428-439.
- Facebook statistics. Available in: <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/portugal>.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *CHILD DEV* 63: 103-115.
- Gonzales, A., & Hancock, J. (2008) Identity shift in computer-mediated environments. *J MEDIA PSYCHOL-GER* 11: 167-185.
- Gosling, S., Rentfrow, P., & Swann, W. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *J RES PERS* 37: 504-528.



- Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). Manual QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe [The Father and Mother Attachment Questionnaire – Manual]. Porto: Euedito. Also available at <https://sites.google.com/site/manualqvpm/home>
- Graffar M. (1956). Une methode de classification sociales d'echantillons de population. *Courrier*, 6, 445–59.
- Hair, J., Black, W. C., Babin, B., J., & Andersen, R. E. (2010). Multivariate data analysis (7<sup>th</sup> ed.) Upper River, New Jersey: Pearson Education International.
- Harman, J., Hansen, C., Cochran, M., Lindsey, C. (2005). Liar, Liar: Internet faking but not frequency of use effects social skills, self-esteem, social anxiety, and aggression. *CYBERPSYCHO8*: 1-6.
- Jenkins-Guarnieri, M., Wright, S., & Hudiburgh, L. (2012). The relationships among attachment style, personality traits, interpersonal competency, and facebook use. *J APPL DEV PSYCHOL* 33: 294-301.
- Kalaitzaki, A., & Birtchnell, J. (2014). The impact of early parenting bonding on young adults' Internet addiction, through the mediation effects of negative relating to others and sadness. *ADDICT BEHAV* 39: 733–736.
- Karl, K., Peluchette, J., & Schlaegel, C. (2010). Who's posting Facebook faux pas? A cross-cultural examination of personality differences. *INT J SELECT ASSESS* 18: 174–186.
- Kraut, R., Paterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet paradox: A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *AM PSYCHOL* 53: 1017–1031.
- Koch, W. H., & Pratarelli, M. E. (2004). Effects of intro/extraversion and sex on social Internet use. *N AM J PSYCHOL* 6: 371-382.
- Lenhart, A., & Madden, M. (2007, April 18). Teens, privacy, & online social networks. Pew Internet and American Life Project Report. Retrieved July 30, 2007 from [http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP\\_Teens\\_Privacy\\_SNS\\_Report\\_Final.pdf](http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP_Teens_Privacy_SNS_Report_Final.pdf)
- Levenson, R., & Gottman, J. (1978). Toward the assessment of social competence. *J CONSULT CLIN PSYCH* 46: 453-462.
- Lin, S., & Tsai, C. (2002). Sensation seeking and internet dependence of Taiwanese high school adolescents. *COMPUT HUM BEHAV* 18: 411–426.

- Liu, C., & Kuo, F. (2007). A study of Internet addiction through the lens of the interpersonal theory. *CYBERPSYCHOL BEHAV* 10: 799–804.
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., and Ólafsson (2011d) EU Kids Online Final Report. <http://eprints.lse.ac.uk/39351/>
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *The Father and Mother Attachment Questionnaire: revised version*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- McKenna, K., & Bargh, J. (1998). Coming out in the age of the Internet: Identity "demarginalization" through virtual group participation. *J PERS SOC PSYCHOL* 75: 681-694.
- Microsoft (2010). Available at: <http://news.microsoft.com/pt-pt/2010/02/09/02-09segurancainternetpr/>
- Milani, L., Osualdella, D., & Di Blasio, P. (2009). Quality of interpersonal relationship and problematic Internet use in adolescence. *CYBERPSYCHOL BEHAV* 12: 681–684.
- Moretti, M., & Peled, M. (2004). Adolescent-parent attachment: Bonds that support healthy development. *PAED ERLY HEALTH-CAN* 9: 551–555.
- O'Keeffe, G., Clarke-Pearson, K. (2011). *The impact of social media on children, adolescents, and families*. *PEDIATRICS* 127: 800–805.
- Oldmeadow, J., Quinn, S., & Kowert, R. (2013). Attachment style, social skills, and Facebook use amongst adults. *COMPUT HUM BEHAV* 29: 1142-1149.
- Rocha, M. & Matos, P.M. (2012). Componentes de apego em adolescentes portugueses [Attachment components in Portuguese adolescents]. *REV ARGENT CLIN PSIC* 21: 197-208.
- Ross, C., Orr, E., Mia Sisic, B., Arseneault, J. , Simmering, M.& Orr, R. (2009). Personality and motivations associated with Facebook use. *COMPUT HUM BEHAV*: 25, 578-586.
- Subrahmanyam, K., & Greenfield, P. M. (2008). Virtual worlds in development: Implications of social networking sites. *J APPL DEV PSYCHOL* 29: 417-419.
- Suler, J. (1999). To get what you need: Healthy and pathological Internet use. *CYBERPSYCHOL BEHAV* 2:355–393.

- Tzavela, E., & Mavromati, F. (2013). Online social networking in adolescence: Associations with development, well-being and internet addictive behaviors. *International Journal of Child and Adolescent Health*, 6, 411-420.
- Valkenburg, P., & Peter, J. (2011). Adolescents' identity experiments in the internet: Consequences for social competence and self-concept unity. *COMMUN RES* 35: 208-231.
- Valkenburg, P. M., Sumter, S. & Peter, J. (2011). Gender differences in online and offline self-disclosure. *BRIT J DEV PSYCHOL* 29: 253-269.
- Wehrli, S. (2008). Personality on social network sites: An application of the five factor model. *ETH Zurich Sociology Working Paper No. 7*.
- Wilkinson, R. (2004). The role of parental and peer attachment in the psychological health and self-esteem of adolescents. *J YOUTH ADOLESCENCE* 33: 479-493.
- Wilson, K., Fornasier, S., & White, K.M. (2010). Psychological predictors of young adults' use of social networking sites. *CYBERPSYCH BEH SOC N* 13: 173-177.
- Yu, S.(2001). *Internet using behaviors, Internet addiction, and related factors among university students*. Unpublished Master thesis, Taiwan.
- Zhang, G., Wu, Y., & Lei, L. (2009). Adolescents' peer attachment, online game preference and pathological internet use. *Chinese Journal of Clinical Psychology*, 14, 354-356.

Table 1. *Multivariate analysis of variance of GPIUS 2 subscales across identified clusters*

	Cluster 1 n= 91		Cluster 2 n= 371		Cluster 3 n= 132		Cluster 4 n= 150			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>Partial η<sup>2</sup></i>
Preference for Online Social Interaction	2.58 <sub>a</sub>	1.48	1.30 <sub>b</sub>	0.59	3.66 <sub>c</sub>	1.86	1.28 <sub>d</sub>	0.99	207.4***	.46
Mood Regulation	4.63 <sub>a</sub>	1.13	1.50 <sub>b</sub>	0.62	4.58 <sub>c</sub>	1.07	3.05 <sub>d</sub>	0.93	618.2***	.71
Cognitive Preoccupation	1.65 <sub>a</sub>	0.77	1.26 <sub>b</sub>	0.50	4.16 <sub>c</sub>	1.06	2.60 <sub>d</sub>	0.92	513.8***	.68
Compulsive Use	1.70 <sub>a</sub>	0.83	1.40 <sub>b</sub>	0.59	4.49 <sub>c</sub>	1.13	3.50 <sub>d</sub>	1.50	558.6***	.69
Negative Outcomes	1.51 <sub>a</sub>	0.71	1.35 <sub>b</sub>	0.59	3.51 <sub>c</sub>	1.21	2.14 <sub>d</sub>	0.88	245.5***	.50

*Note.* GPIUS 2 = Generalized Problematic Internet Use Scale 2

\*\*  $p < .01$ \*\*\*  $p < .001$

Table 2. *Multivariate analysis of variance of Hours spent on Facebook across identified clusters*

	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4			
	n= 91		n= 371		n= 132		n= 150			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>Partial <math>\eta^2</math></i>
Hours spent on Facebook	1.57 <sub>a</sub>	0.59	1.47 <sub>a</sub>	0.60	1.88 <sub>b</sub>	0.69	1.82 <sub>b</sub>	0.62	16.5***	.08

\*\* p < .01\*\*\* p < .001

Table 3. *Multivariate analysis of variance of TIPI subscales across identified clusters*

	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4			
	n= 91		n= 371		n= 132		n= 150			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>Partial <math>\eta^2</math></i>
Agreeableness	5.70 <sub>a</sub>	.92	5.53 <sub>a</sub>	1.05	5.39 <sub>a</sub>	1.06	5.59 <sub>a</sub>	1.00	1.90	.008
Emotional stability	3.99 <sub>ab</sub>	1.18	4.13 <sub>a</sub>	1.23	3.64 <sub>b</sub>	1.15	3.60 <sub>b</sub>	1.06	10.14 <sup>***</sup>	.039
Extraversion	4.61 <sub>a</sub>	1.49	5.02 <sub>a</sub>	1.43	4.76 <sub>a</sub>	1.46	5.09 <sub>a</sub>	1.44	3.20 <sup>**</sup>	.013
Consciousness	5.46 <sub>a</sub>	1.04	5.39 <sub>a</sub>	1.16	5.00 <sub>b</sub>	1.25	5.26 <sub>ab</sub>	1.17	4.42 <sup>**</sup>	.018
Openness to experience	5.20 <sub>ab</sub>	1.15	5.24 <sub>a</sub>	1.11	4.91 <sub>b</sub>	1.23	5.22 <sub>ab</sub>	1.02	3.08	.012

*Note.* TIPI= Ten-Item Personality Inventory

<sup>\*\*</sup>  $p < .01$  <sup>\*\*\*</sup>  $p < .001$

Table 4. Multivariate analysis of variance of FMAQ subscales across identified clusters

	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4			
	n= 91		n= 371		n= 132		n= 150			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>Partial <math>\eta^2</math></i>
IEI Father	3.00 <sub>a</sub>	1.01	2.90 <sub>a</sub>	0.93	3.62 <sub>b</sub>	0.86	3.11 <sub>a</sub>	.75	21.42***	.08
IEI Mother	2.99 <sub>ab</sub>	0.95	2.94 <sub>ab</sub>	0.95	3.72 <sub>c</sub>	0.88	3.21 <sub>b</sub>	0.80	24.65***	.09
QEB Father	4.95 <sub>ab</sub>	1.10	5.12 <sub>a</sub>	1.11	4.81 <sub>b</sub>	0.86	5.16 <sub>a</sub>	0.75	3.79	.02
QEB Mother	5.19 <sub>a</sub>	1.10	5.11 <sub>a</sub>	1.11	4.81 <sub>b</sub>	0.86	5.05 <sub>a</sub>	1.01	15.08***	.06
SA Father	3.57 <sub>a</sub>	.99	3.64 <sub>a</sub>	1.02	4.04 <sub>b</sub>	.85	3.93 <sub>b</sub>	.79	8.81***	.03
SA Mother	3.71 <sub>a</sub>	.98	3.87 <sub>ab</sub>	.92	4.05 <sub>ab</sub>	.84	4.06 <sub>b</sub>	.82	4.11**	.02

*Note.* FMAQ= Father and mother attachment questionnaire; IEI= Inhibition of exploration and individuality; QEB= Quality of emotional bond; SA= Separation anxiety

\*\* p < .01\*\*\* p < .001

Table 5. *Multivariate analysis of variance of Alienation to peers subscale of IPPA across identified clusters*

	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4			
	n= 91		n= 371		n= 132		n= 150			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>Partial <math>\eta^2</math></i>
Alienation to peers	2.07 <sub>a</sub>	.86	1.89 <sub>a</sub>	.78	2.71 <sub>b</sub>	.97	2.09 <sub>a</sub>	.87	32.6***	.12

*Note.* IPPA= Inventory of parent and peer attachment

\*\* p < .01\*\*\* p <.001



Table 6. *Multivariate analysis of variance of ICQ subscales across identified clusters*

	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4			
	n= 91		n= 371		n= 132		n= 150			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>Partial <math>\eta^2</math></i>
Initiate Relationships	2.96 <sub>a</sub>	.59	2.95 <sub>a</sub>	.68	2.96 <sub>a</sub>	.55	2.99 <sub>a</sub>	.62	.16	.001
Negative assertions	3.77 <sub>ab</sub>	.64	3.80 <sub>a</sub>	.72	3.59 <sub>b</sub>	.59	3.74 <sub>ab</sub>	.69	3.09	.012
Disclosure	3.15 <sub>a</sub>	.58	3.19 <sub>a</sub>	.73	3.33 <sub>a</sub>	.54	3.56 <sub>a</sub>	.59	3.52	.014
Emotional support	3.34 <sub>a</sub>	.51	4.31 <sub>a</sub>	.62	3.97 <sub>b</sub>	.62	4.31 <sub>a</sub>	.66	11.26***	.044
Conflict management	3.77 <sub>ab</sub>	.63	3.88 <sub>a</sub>	.66	3.60 <sub>b</sub>	.55	3.82 <sub>a</sub>	.61	6.72***	.027

*Note.* ICQ= Interpersonal Competence Questionnaire

\*\*  $p < .01$ \*\*\*  $p < .001$

Table 7. *Multivariate analysis of variance of ICQ subscales for online relationships across identified clusters*

	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4			
	n= 91		n= 371		n= 132		n= 150			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>Partial η<sup>2</sup></i>
Initiate Relationships On	3.21 <sub>a</sub>	.68	2.82 <sub>b</sub>	.90	3.27 <sub>a</sub>	.74	3.0 <sub>ab</sub>	.84	12.45***	.048
Negative assertions On	3.79 <sub>a</sub>	.68	3.43 <sub>b</sub>	.98	3.62 <sub>ab</sub>	.66	3.59 <sub>ab</sub>	.80	5.27**	0.21
Disclosure On	3.05 <sub>ac</sub>	.63	2.63 <sub>b</sub>	.86	3.20 <sub>a</sub>	.68	2.85 <sub>c</sub>	.77	19.58***	0.74
Emotional support On	4.11 <sub>a</sub>	.65	3.70 <sub>b</sub>	1.10	3.76 <sub>ab</sub>	.77	3.82 <sub>ab</sub>	.90	4.67**	.019
Conflict management On	3.59 <sub>a</sub>	.69	3.33 <sub>a</sub>	.95	3.44 <sub>a</sub>	.68	3.43 <sub>a</sub>	.80	2.45	.010

*Note.* ICQ= Interpersonal Competence Questionnaire; On= Online

\*\* p < .01\*\*\* p < .001

**ESTUDO IV : COMPETÊNCIA INTERPESSOAL NA  
ADOLESCÊNCIA: COMPARAÇÃO ENTRE OS CONTEXTOS  
FACE-A-FACE E ONLINE**

Raquel Assunção & Paula Mena Matos, 2015

*Submetido para publicação*



## Introdução

As redes sociais *online* mudaram a forma de comunicação entre as pessoas, e a sua utilização tem aumentado exponencialmente até aos dias de hoje. Estudos europeus recentes, centrados na faixa etária dos 15 aos 16 anos de idade, revelaram que 82% dos adolescentes que acedem à Internet têm um perfil numa rede social, e 56% dos mesmos acedem a essa rede social diariamente (Livingstone, Haddon, Görzig, & Ólafsson, 2011). Estatísticas do ano 2014 reportam que, em Portugal, existem atualmente cerca de 4 077 020 contas de Facebook, o que representa 37,98% da população (Facebook Statistics, 2014).

As comunicações face-a-face e *online* diferem na quantidade de informação social disponível. McKenna, Green e Gleason (2002) referem que as maiores diferenças entre a comunicação *online* e a face-a-face residem no facto de a comunicação *online* se revestir de uma série de características próprias, designadamente o maior grau de anonimato, a menor importância da aparência física, um maior controlo do tempo e ritmo das interações e a maior facilidade em encontrar indivíduos semelhantes. Uma vez que as interações escritas (e.g., chat) que ocorrem através de um ecrã de computador muitas vezes não têm as pistas verbais como o olhar, a voz e outros sinais da linguagem corporal, a comunicação face-a-face reveste-se de contornos que a comunicação *online* (e referimo-nos aquela que assenta apenas no registo escrito) não consegue alcançar. Por sua vez, contextos *online* permitem que os utilizadores interajam com um maior número de pessoas do que contextos *offline*.

A comunicação *online* adequa-se particularmente a certas necessidades desenvolvimentais dos adolescentes, tais como manter e potenciar a comunicação com os pares dos diferentes contextos diários (Barker, 2009; Dreier et al, 2013; Lenhart & Madden, 2007), reforçar as amizades já existentes e aumentar a autoestima (Valkenburg & Peter, 2011). Alguns estudos apontam, ainda, para o facto de esta comunicação promover o desenvolvimento da intimidade (Valkenburg, Sumter, & Peter, 2011; Subrahmanyam, & Greenfield, 2008; Valkenburg, & Peter, 2011). Todavia, investigadores têm encontrado suporte tanto para as influências positivas como para as negativas do uso da Internet nas relações próximas dos adolescentes. Procurando analisar como as atividades da Internet influenciaram as relações face-a-face, um estudo verificou

que os meios de interação envolvendo interações diretas, tais como mensagens instantâneas, estão positivamente associados ao aumento da intimidade, confiança, compromisso e comunicação dos adolescentes com o seu melhor amigo um ano mais tarde (Blais, Craig, Pepler & Connolly, 2008). Por sua vez, ferramentas mais anónimas, como, por exemplo, salas de *chat*, foram associadas ao aumento da alienação, conflito, diminuição da intimidade e companheirismo ao longo do tempo (Blais, Craig, Pepler & Connolly, 2008).

A literatura existente sugere que diferentes formas de utilização da comunicação mediada por computador têm diferentes conteúdos (por exemplo, a extensão do anonimato, a capacidade ou não de partilhar imagens ou vídeos) que podem ser usados de modo distinto nas tarefas desenvolvimentais (Subrahmanyam & Smahel, 2011). Por consequência, mais do que a ferramenta utilizada em si mesma, importa conhecer as razões da utilização destes meios.

A competência interpessoal é neste trabalho definida como se referindo a um conjunto de competências de relacionamento e interação com os outros, que serão centrais na vida do indivíduo, e que se desenvolvem desde a infância até à vida adulta (Buhrmester, Furman, Wittenberg & Reis (1988)). No presente estudo é adotado o modelo conceptual de Buhrmester et al., 1988, que procuraram medir a competência interpessoal a partir de um conjunto de competências distintas, mais do que um único domínio global de competência interpessoal, que reflete cinco domínios de competência interpessoal, designadamente: iniciar interações e relações, assertividade nos direitos pessoais e na manifestação de desagrado com os outros, revelação pessoal de informação, suporte emocional para os outros e capacidade de lidar com o conflito interpessoal que surge nas relações próximas.

As características de personalidade, formadas desde cedo e com uma certa tendência para serem estáveis durante o desenvolvimento individual (Roberts & DelVecchio, 2000), afetam o comportamento social e as relações interpessoais. Relativamente ao comportamento social, Whitty e Gavin (2001) sugeriram que tanto as relações estabelecidas face-a-face como as relações estabelecidas *online* se devem a características de personalidade e a valores pessoais.

A personalidade surge como uma variável de interesse neste estudo, na medida em que nos permite compreender traços estruturais que poderão

predispor os jovens a certos comportamentos relacionados com a utilização das redes sociais (Amichai-Hamburger, 2002). Vários autores sugerem que a Internet pode ter um funcionamento compensatório, ou seja, que os indivíduos introvertidos podem compensar as dificuldades que experienciam nas interações sociais face-a-face através da Internet (Amichai-Hamburger, Wainapel, & Fox, 2002; Hamburger & Ben-Artzi, 2000). Koch e Pratarelli (2004) concluíram que a introversão está associada a um aumento do uso da Internet para socialização anónima. Andersen (2001) encontrou que os estudantes que seriam menos competentes socialmente tenderiam a utilizar a Internet para o estabelecimento de relações virtuais, porque estas seriam vistas como menos arriscadas do que as relações em contexto real.

No que concerne à extroversão, esta parece estar positivamente associada à pertença a um maior número de grupos no Facebook (Ross et al., 2009), a uma maior frequência de utilização do Facebook (Wilson, Fornasier, & White, 2009), a uma maior frequência da utilização das redes sociais em geral, bem como ao uso de mensagens instantâneas (Correa, Hinsley, & Gil de Zúñiga, 2010). A abertura à experiência e o neuroticismo surgem igualmente positivamente associados a um maior uso de redes sociais e de mensagens instantâneas numa amostra de adultos dos EUA (Correa, Hinsley, & Gil de Zúñiga, 2010). Relativamente à conscienciosidade e à afabilidade, indivíduos com pontuações mais elevadas nestes fatores, e pontuações mais baixas no fator neuroticismo, são menos propensos a publicar conteúdo problemático (por exemplo, de natureza sexual ou sobre abuso de substâncias) nos seus perfis (Karl, Peluchette & Schlaegel, 2010).

As competências interpessoais estão também intimamente ligadas à qualidade da relação com os pais, que proporciona uma base fundadora dos comportamentos socio-emocionais (Barelds, 2005; Schmitt et al., 2009). Pais que proporcionam às crianças e adolescentes relações de vinculação seguras, simultaneamente fornecem-lhes a ideia de que são dignos de confiança e de serem amados e cuidados pelos outros (Bowlby, 1982), o que influencia o modo como os adolescentes interagem socialmente com os outros (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). De acordo com Bowlby (1969), as experiências precoces de vinculação são internalizadas como modelos internos dinâmicos, que servem como um protótipo para relações futuras com outros significativos.

Adolescentes que tenham uma vinculação segura com os pais mostram-se mais capazes de desenvolver competências sociais adequadas, necessárias à iniciação e manutenção de relações próximas, satisfatórias e recíprocas com amigos (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). A perceção de um baixo suporte parental pode, por sua vez, revelar uma vinculação insegura, e adolescentes que evidenciam maiores níveis de insegurança, apresentam dificuldades de interação social, sendo menos capazes de estabelecer amizades e de resolver satisfatoriamente os conflitos interpessoais (Mallinckrodt, 2000).

Mas na adolescência, os pares tornam-se progressivamente a principal fonte de intimidade e de apoio emocional e social (Furman & Buhrmester, 1992; Wilkinson, 2004). Uma vez que as relações com os pares funcionam como companhias de exploração para experienciar e lidar com as emoções no contexto de relações próximas voluntárias, elas são também palco para o desenvolvimento das competências interpessoais (Connolly, Craig, Goldberg, & Pepler, 2004).

Uma parte significativa da interacção interpessoal dos adolescentes ocorre hoje em dia em contexto *online* e como resultado disso, as redes sociais *online* tornaram-se um potencial contexto desenvolvimental, onde os adolescentes expressam desafios próprios da faixa etária e podem daí retirar vantagens desenvolvimentais (Subrahmanyam, & Greenfield, 2008, Tzavela, & Mavromati, 2013; O’Keeffe, & Clarke-Pearson, 2011), incluindo o “ensaio” de competências sociais e emocionais como a auto-revelação (Valkenburg, & Peter, 2011; Valkenburg, Sumter, & Peter, 2011).

### *Objetivos do estudo*

Em face ao crescente lugar que a comunicação *online* tem vindo a ocupar na vida quotidiana dos adolescentes, este estudo tem por objetivo principal conhecer o contributo de um conjunto de preditores, composto por variáveis demográficas (idade, sexo) e psicológicas (personalidade, vinculação aos pais e a alienação aos pares) para a compreensão da competência interpessoal, contrastando o contexto face-a face-com o contexto *online*. Para tal, pretende igualmente adaptar o Questionário de Competência Interpessoal (Buhrmester, Furman, Wittenberg, & Reis, 1988, versão portuguesa de Assunção, Ávila, & Matos, 2010) ao contexto *online* e testar a adequação da sua estrutura fatorial.



Esta adaptação tem por base uma alteração introduzida ao questionário, na qual foi criada uma coluna específica de resposta face ao contexto *online*. Se bem que alguns estudos tenham sido realizados com as variáveis psicológicas escolhidas, até à data não conhecemos nenhum estudo que tenha considerado o conceito de competência interpessoal à luz da comunicação *online*. No sentido de controlar os efeitos de um uso muito desigual da comunicação *online* entre os participantes, susceptível de alterar as relações entre as variáveis preditoras e as preditas, introduziu-se uma variável referente à preferência pela interação social online nas análises realizadas.

## **Método**

### *Participantes*

Neste estudo participaram 761 adolescentes portugueses (53.7% rapazes; 46.3% raparigas) com idades entre os 14 e os 18 anos de idade ( $M = 15.9$ ,  $DP = 1.08$ ) de escolas secundárias da região norte do país, entre o 9º e o 12º anos ( $M = 9.8$ ,  $DP = 0.82$ ). Dos participantes, 587 (77.1%) adolescentes pertencem a famílias intactas, 106 (13.9%) têm os pais divorciados e 20 (2.6%) vivem em famílias onde uma das figuras parentais já faleceu. No que respeita ao nível socioeconómico (Classificação de Graffar, 1956), 220 (30.8%) participantes foram classificados como pertencendo a um nível socioeconómico elevado, 256 (36%) como pertencendo a um nível socioeconómico médio e 237 (33.2%) como pertencendo a um nível socioeconómico baixo. No que respeita à utilização da rede social Facebook e às amizades na mesma, uma grande parte dos jovens (70%) revela que os seus amigos do Facebook são essencialmente amigos próximos e conhecidos, por oposição a desconhecidos ou pessoas que conheceram na internet.

### *Instrumentos*

*Competência Interpessoal.* A competência interpessoal foi medida através do Questionário de Competência Interpessoal (QCI, Buhrmester, Furman, Wittenberg, & Reis, 1988, versão portuguesa de Assunção, Ávila, & Matos, 2010).

Este é um questionário de auto-relato composto por 40 itens, organizados em cinco fatores: Iniciar Relações (IR, 8 itens, ex., “Pedir ou sugerir a alguém desconhecido que se juntem e façam algo juntos. Ex. Saírem juntos.”), Asserções Negativas (AN, 8 itens, ex.: “Recusar um pedido de um amigo quando acha que não faz sentido.”), Revelação Pessoal (RP, 8 itens, ex.: “Dizer a um amigo próximo coisas que o(a) fazem sentir ansioso(a) e com medo.”), Suporte Emocional (SE, 8 itens, ex.: “Ser capaz de dizer e fazer coisas para apoiar um amigo próximo quando ele está em baixo.”) e Gestão de Conflitos (GC, 8 itens, ex.: “Ser capaz de admitir que pode estar errado(a) quando um desentendimento com um amigo próximo se começa a tornar num conflito sério.”). A resposta é feita numa escala de Levenson e Gottman (1978) de 5 pontos, sendo que os indivíduos deverão indicar o grau de competência e conforto ao lidar com determinadas situações (ex.: **1**. “Não sou nada bom nisto; Não me ia sentir bem nesta situação, evitá-la-ia se fosse possível” e **5** “Sentir-me-ia muito confortável e lidaria muito bem com esta situação.”). Neste estudo os jovens foram solicitados a responder ao instrumento tanto para o contexto face-a-face, como para o contexto *online*, com a seguinte instrução “ Na primeira coluna responde pensando nas relações que tens face-a-face com os teus amigos e colegas. Na segunda coluna responde pensando nas relações que estabelece *online*”, não havendo qualquer alteração de itens específica de cada contexto. No presente estudo, verificou-se uma boa consistência interna para dimensões: Iniciar Relações ( $\alpha = .82$  no face-a-face e  $\alpha = .80$  no *online*), Asserções Negativas ( $\alpha = .80$  no face-a-face e  $\alpha = .84$  no *online*), Revelação Pessoal ( $\alpha = .78$  no face-a-face e  $\alpha = .82$  no *online*), Suporte Emocional ( $\alpha = .85$  no face-a-face e  $\alpha = .81$  no *online*) e Gestão de Conflitos ( $\alpha = .89$  no face-a-face e  $\alpha = .85$  no *online*).

**Personalidade.** Para aceder à personalidade foi usado o Inventário de Personalidade de 10 itens (TIPI) (Gosling et al., 2003, versão portuguesa de Lima & Castro, 2009). É composto por 10 itens, consistindo cada um deles num par de características descritivas da pessoa, pontuadas de 1 (*discordo fortemente*) a 7 (*concordo fortemente*). Cada dimensão do modelo dos cinco grandes fatores da personalidade (extroversão, afabilidade, conscienciosidade, estabilidade emocional e abertura à experiência) está representado por 2 itens. As dimensões

do instrumento revelaram índices de consistência interna razoáveis. Na medida em que cada dimensão estava representada apenas por 2 itens, apresentamos também os valores da correlação inter-item que se encontram dentro do intervalo de variação considerado adequado (Clark, & Watson, 1995): afabilidade ( $\alpha = 0.60$ , correlação inter-item 0.20), estabilidade emocional ( $\alpha = 0.70$ , correlação inter-item 0.19), extroversão ( $\alpha = 0.55$ , correlação inter-item 0.38), conscienciosidade ( $\alpha = 0.65$ , correlação inter-item 0.22) e abertura à experiência ( $\alpha = 0.69$ , correlação inter-item 0.28).

*Vinculação aos Pais.* O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Matos & Costa, 2001; ver Gouveia & Matos, 2011, para uma revisão de estudos) é um questionário de auto-relato que avalia a percepção dos adolescentes e jovens adultos acerca das relações de vinculação aos pais. É composto por 30 itens que estão organizados em três subescalas: Inibição da Exploração e Individualidade (IEI; 10 itens, ex.: "Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova."), Qualidade do Laço Emocional (QLE; 10 itens, ex.: "Sei que posso contar com meus pais sempre que precisar deles"), e Ansiedade de Separação (AS; 10 itens, ex.: "Tenho medo de ficar sozinha(o) se um dia perder os meus pais."). A resposta pode ser dada numa escala tipo Likert de 6 pontos em que 1 significa *discordo totalmente* e 6 significa *concordo totalmente*, separadamente para o pai e para a mãe. No presente estudo, verificou-se uma boa consistência interna para as três dimensões: Inibição da Exploração e Individualidade ( $\alpha = 0.81$  para o pai e  $\alpha = 0.82$  para a mãe), Qualidade do Laço Emocional ( $\alpha = 0.94$  para o pai e  $\alpha = 0.92$  para a mãe) e Ansiedade de Separação ( $\alpha = 0.85$  para o pai e  $\alpha = 0.82$  para a mãe).

*Vinculação aos Pais e Pares* (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987, versão portuguesa de Ferreira & Costa, 1998). Este instrumento organiza-se em 3 subescalas: confiança mútua, qualidade da comunicação e alienação. A resposta pode ser dada numa escala tipo Likert de 6 pontos em que 1 significa *discordo totalmente* e 6 significa *concordo totalmente*. No presente estudo apenas foi usada a dimensão alienação na relação com os pares (7 itens, ex.: "Sinto necessidade de estar em contato com meus amigos com mais frequência do que eles comigo"), que mostrou uma boa consistência interna ( $\alpha = 0.81$ ). A análise

fatorial confirmatória apresentou índices adequados dentro dos valores críticos,  $\chi^2(11) = 62.9$   $p < .001$ ,  $\chi^2/df = 5.72$ ; TLI = .95, CFI = .96, RMSEA = .080,  $p(\text{rmsea} \leq .05) < .001$ , SRMR = .05.

*Preferência pela Interação Social Online.* Para controlar a existência de uma preferência pela interação social *online* nas análises, foi utilizada a subescala da preferência pela interação social online (PISO; 3 itens; ex. “ Eu prefiro a interação social online à comunicação face-a-face”) da Escala Generalizada de Utilização Problemática Generalizada da Internet 2 (EGUPI2, Caplan, 2010; versão portuguesa de Assunção & Matos, 2012), neste estudo adaptada à utilização da rede social Facebook. A resposta é feita em escala de Likert de 7 pontos que variam entre 1 (*discordo fortemente*) e 7 (*concordo fortemente*). A dimensão revelou um bom índice de consistência interna (0.84).

### *Procedimento*

A recolha de dados nas escolas secundárias teve a aprovação prévia do Ministério da Educação. Foram marcadas reuniões com os conselhos diretivos de cada escola para obter a aprovação da escola, e com a articulação com os professores foi possível obter o consentimento informado dos pais para realizar o questionário no caso dos menores. O protocolo de questionários, integrado num estudo mais alargado sobre novas formas de comunicação e desenvolvimento psicossocial de adolescentes, foi aplicado em grupos de sala de aula com a supervisão do professor e do investigador principal, seguindo instruções padronizadas. A confidencialidade e o anonimato das respostas foram assegurados, bem como o carácter voluntário da participação dos adolescentes. Todos os protocolos foram devolvidos ao investigador no final da administração. A ordem de apresentação dos questionários foi alterada de forma aleatória, a fim de evitar resultados enviesados devidos a efeitos de cansaço e da ordem de resposta aos questionários. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

### *Análise de Dados*

Testaram-se as estruturas fatoriais dos instrumentos através de análises fatoriais confirmatórias de primeira ordem e também de segunda ordem no

questionário de competência interpessoal face-a-face e *online* no programa IBM AMOS v.21. Realizaram-se análises de regressão linear múltipla hierárquica através do programa IBM SPSS Statistics v.21. Os dados foram analisados no que respeita à normalidade da distribuição, valores omissos e valores atípicos. A distribuição segue a curva normal, os valores omissos (10.5%), com carácter aleatório, foram imputados com o método de imputação da máxima verosimilhança e os valores atípicos foram retirados do estudo. Na regressão linear múltipla hierárquica foi utilizada a correção de Bonferroni, para evitar erros tipo I na medida em que realizámos cinco análises de regressão, sendo o nível de significância mínimo adoptado .01, e a introdução das variáveis seguiu a seguinte ordem: as variáveis sexo, idade e preferência pela interacção social *online* foram introduzidas em primeiro lugar, no sentido de serem controladas nas análises subsequentes; num segundo bloco foram introduzidas as 5 dimensões da personalidade; num terceiro bloco foram introduzidas as dimensões da vinculação ao pai e as dimensões da vinculação à mãe; no último e quarto bloco foi introduzida a dimensão da alienação aos pares.

## Resultados

### *Análises factoriais confirmatórias do Questionário de Competência Interpessoal*

Procedeu-se à realização das análises fatoriais confirmatórias de segunda ordem para ambos os contextos.. No sentido de identificar uma estrutura fatorial semelhante nos contextos face-a-face e *online*, houve necessidade de proceder à retirada de 3 itens da dimensão iniciar relações, 3 itens da dimensão revelação pessoal e 2 itens da dimensão suporte emocional. Todos os itens retirados apresentavam baixos valores de saturação nas dimensões (< .40).

Os índices de ajustamento revelaram-se adequados, sendo que para o contexto face-a-face (ver Fig. 1) os resultados foram:  $\chi^2 (727) = 1565.7$   $p < .001$ ,  $\chi^2/df = 2.15$ ; CFI = .92, RMSEA = .05,  $p$  (rmsea  $\leq .05$ ),  $< .001$  e para o contexto *online* (ver Fig.2) foram  $\chi^2 (719) = 3121.9$   $p < .001$ ,  $\chi^2/df = 4.34$ ; CFI=.90, RMSEA = .065  $p$  (rmsea  $\leq .05$ ),  $< .001$ . Todos os pesos fatoriais apresentaram-se acima de .85 no caso do contexto face-a-face e acima de .89 no contexto *online*. De notar

que houve a preocupação de que todas as dimensões fossem constituídas exatamente pelos mesmos itens em ambos os contextos.

#### *Análises correlacionais entre competência interpessoal face-a-face e online*

A Tabela 1 apresenta as correlações entre as diferentes dimensões da competência interpessoal face-a-face e a competência interpessoal *online*. De salientar que existem correlações moderadas entre as diferentes dimensões da competência interpessoal face-a-face, todas elas significativas, e que este padrão se mantém dentro das dimensões da competência interpessoal *online*, embora com valores de correlação ligeiramente mais elevados. No que respeita às correlações de cada dimensão com a sua homónima, todas as correlações são significativas e moderadas, variando entre 0.33 e 0.47.

#### *Análises de regressão linear hierárquica*

Realizaram-se 10 análises de regressão hierárquica, cinco para cada contexto, tendo como variáveis preditas as 5 dimensões do instrumento. No que diz respeito à variável iniciar relações (ver Tabela 2), verificamos que no contexto face-a-face é predita pelas variáveis sexo, extroversão, abertura à experiência, inibição de exploração e individualidade ao pai e à mãe, sendo que esta constelação de variáveis explica 15% da variância. Comparativamente, no contexto *online*, temos 8% de variância explicada pelas variáveis sexo e preferência pela interacção social online (PISO). Relativamente à dimensão asserções negativas (ver Tabela 3), verificamos que no contexto face-a-face, ela é predita pelas variáveis PISO e abertura à experiência, explicando estas 12% da variância. Por sua vez, no contexto *online* observamos uma variância explicada de 2.2%, sendo o preditor significativo a variável PISO. No que concerne à dimensão revelação pessoal, no contexto face-a-face temos 7% da variância explicada pelas variáveis sexo, extroversão e abertura à experiência. No contexto *online*, temos a mesma variância explicada pela variável PISO. Em relação à dimensão suporte emocional, no contexto face-a-face, obtivemos uma variância explicada de 17%, sendo os preditores significativos as variáveis afabilidade, abertura à experiência e qualidade de laço emocional à mãe. No contexto *online*, obtivemos uma variância explicada de 2%, sendo o preditor significativo a variável qualidade de laço emocional à mãe. Por último, relativamente à dimensão gestão

de conflitos, no contexto face-a-face encontramos uma variância explicada de 14 %, sendo os preditores significativos as variáveis afabilidade, abertura à experiência, e alienação aos pares. No contexto *online* encontramos uma variância explicada de 5 %, sendo o preditor significativo a variável afabilidade.

## Discussão

Este estudo teve por objetivo principal conhecer o contributo de um conjunto de preditores, de entre variáveis demográficas (idade, sexo), uma variável de controlo (preferência pela interação social *online*) e variáveis psicológicas (personalidade, vinculação aos pais e a alienação aos pares), para a compreensão da competência interpessoal, contrastando o contexto face-a-face com o contexto *online*. Um primeiro passo consistiu na adaptação do Questionário de Competência Interpessoal ao contexto *online*, por forma a possibilitar a análise das similitudes e diferenças entre ambos os contextos. Os resultados das análises confirmatórias ao Questionário de Competência Interpessoal (QCI) mostraram bons índices de ajustamento em ambos os casos, face-a-face e *online*, sendo que o instrumento no contexto *online* segue a mesma estrutura fatorial do instrumento original, organizando-se no mesmo número de dimensões, que são constituídas exatamente pelos mesmos itens. No que respeita às correlações entre as dimensões do questionário para ambos os contextos, podemos verificar que todas as correlações são significativas, partilhando as dimensões uma variância comum entre 11% e 22%, indicando que se existem pontos de contacto entre as dimensões da competência interpessoal entre ambos os contextos, permanece uma margem alargada para a especificidade própria de cada contexto.

No que concerne às análises de regressão, embora as dimensões do QCI no contexto face-a-face sejam preditas por muitas das variáveis presentes no estudo, contrariamente às nossas expectativas, poucas delas se revelaram como preditoras significativas das competências interpessoais no contexto *online*, e a variância explicada foi bastante baixa na maioria dos casos. Possivelmente a competência interpessoal no contexto *online* será explicada por outras variáveis não contempladas no presente estudo, nomeadamente variáveis de regulação emocional dos adolescentes ou variáveis relacionadas com a construção da identidade. Por outro lado, variáveis relativas ao uso problemático do Facebook

ou variáveis ao nível da própria utilização da rede social poderão ter um papel relevante. Podemos igualmente hipotetizar que os efeitos das variáveis contempladas no presente estudo poderão ser indiretos, mais do que efeitos diretos. Por exemplo, a vinculação parental poderá exercer um efeito nas competências interpessoais *online*, por via da vinculação aos pares.

Numa análise comparativa entre ambos os contextos para cada uma das dimensões verificamos, todavia, alguns resultados interessantes. Na dimensão iniciar relações, a variável abertura à experiência desempenha um papel diferente no contexto face-a-face e no contexto *online*, apresentando uma tendência positiva no contexto face-a-face e não se revelando significativa no contexto *online*. Este último dado é contrário ao encontrado por Amichai-Hamburger e Vinitzky (2010), estudo que verificou que os indivíduos com pontuações mais elevadas na variável abertura à experiência estão mais dispostos a usar o Facebook como ferramenta de comunicação. Outro resultado a salientar deste par de variáveis é o poder preditivo da preferência pela interação social *online* só se verificar no contexto *online*, tendo um efeito positivo, como seria esperado.

Relativamente à dimensão asserções negativas, um resultado merece ser relevado, na medida em que a preferência pela interação social *online* prediz negativamente esta dimensão no contexto face-a-face e positivamente esta dimensão no contexto *online*. Uma clara preferência pela utilização desta forma de interação poderá estar associada a um menor desenvolvimento desta competência em contexto face-a-face e potenciá-la num outro contexto de comunicação, mediado pela utilização do computador.

No que respeita à variável revelação pessoal, de notar que a variável abertura à experiência prediz positivamente esta dimensão no contexto face-a-face mas não se revela preditora no contexto *online*. Este resultado revela-se de alguma forma surpreendente na medida em que, de acordo com alguns autores (Hamburger & Ben-Artzi, 2000), se a Internet funcionasse como mecanismo compensatório, poderíamos esperar que scores mais baixos na variável abertura à experiência estivessem associados a uma maior revelação pessoal *online*. Aliás, a este respeito, tal poderia ser esperado com outras dimensões como a extroversão e com outras dimensões do QCI, o que não se confirmou, uma vez que, à excepção da dimensão iniciar relações, sempre que as variáveis de



personalidade se revelaram preditoras das dimensões do QCI, vão no mesmo sentido para os contextos face-a-face e *online*. Assim, podemos dizer que os nossos resultados não sugerem este mecanismo compensatório *online*; no entanto estudos com outros desenhos metodológicos necessitam de ser realizados para compreender melhor estes mecanismos. De notar que na dimensão suporte emocional, a qualidade de laço à mãe surge como preditora em ambos os contextos, demonstrando assim as bases do comportamento de fornecimento emocional aos outros na qualidade da relação parental, sobretudo com a figura materna.

Partindo para uma análise dentro de cada contexto, isto é, do contexto face-a-face e do contexto *online*, vale a pena ressaltar alguns resultados igualmente relevantes. No que respeita ao contexto face-a-face, o contexto original do instrumento utilizado verificamos, que uma vez controladas as variáveis sexo, idade, preferência pela interação social *online* e as variáveis de personalidade, o conjunto de dimensões da vinculação parental, não se revela preditivo em todas as dimensões no instrumento. Nomeadamente, no que diz respeito às dimensões asserções negativas e gestão de conflitos, as dimensões da vinculação parental não se revelam preditoras. Tal facto poderá ser surpreendente, mas no entanto revelador de que, provavelmente estas competências serão adquiridas em grande parte no contexto da relação com o grupo de pares. De notar ainda, e neste mesmo sentido, que a dimensão gestão de conflitos é a única das competências que é predita pela alienação ao grupo de pares, mesmo depois de controladas todas as outras variáveis. No que concerne ao contexto *online*, nota-se um claro efeito da dimensão PISO muitas das competências neste contexto, o que não é surpreendente, no entanto, sobretudo no que concerne à competência suporte emocional, denota-se uma contribuição das variáveis da vinculação, nomeadamente da qualidade do laço emocional à mãe, o que de alguma forma nos sugere que a presença destas competências no contexto *online* está também ligada à qualidade da relação de vinculação com a figura materna. De notar, por último, que a personalidade se revelou um preditor mais forte no contexto face-a-face do que no contexto *online*.

O presente estudo possui diversas limitações que importa identificar. Trata-se de um estudo que recorre exclusivamente a instrumentos de auto-relato e com

um único momento de recolha de dados que não permite o estabelecimento de relações causais. Por outro lado, para evitar uma extensão demasiado alargada do protocolo, optou-se pelo recurso a uma medida breve da personalidade e à utilização apenas da dimensão da alienação aos pares relativa à vinculação. A introdução de variáveis como a comunicação e a confiança na relação com os pares poderá dar um contributo para uma compreensão mais alargada dos processos relacionais com os pares.

No entanto, o presente estudo vem trazer um contributo no que respeita à relação dos adolescentes com o contexto *online*, e sobre a forma como este contexto se relaciona, por um lado, com variáveis desenvolvimentais de cariz estrutural e relacional, como a personalidade, a vinculação aos pais e pares, e, por outro lado, com a competência interpessoal dos adolescentes, tão fulcral no seu desenvolvimento psicossocial.

## Referências

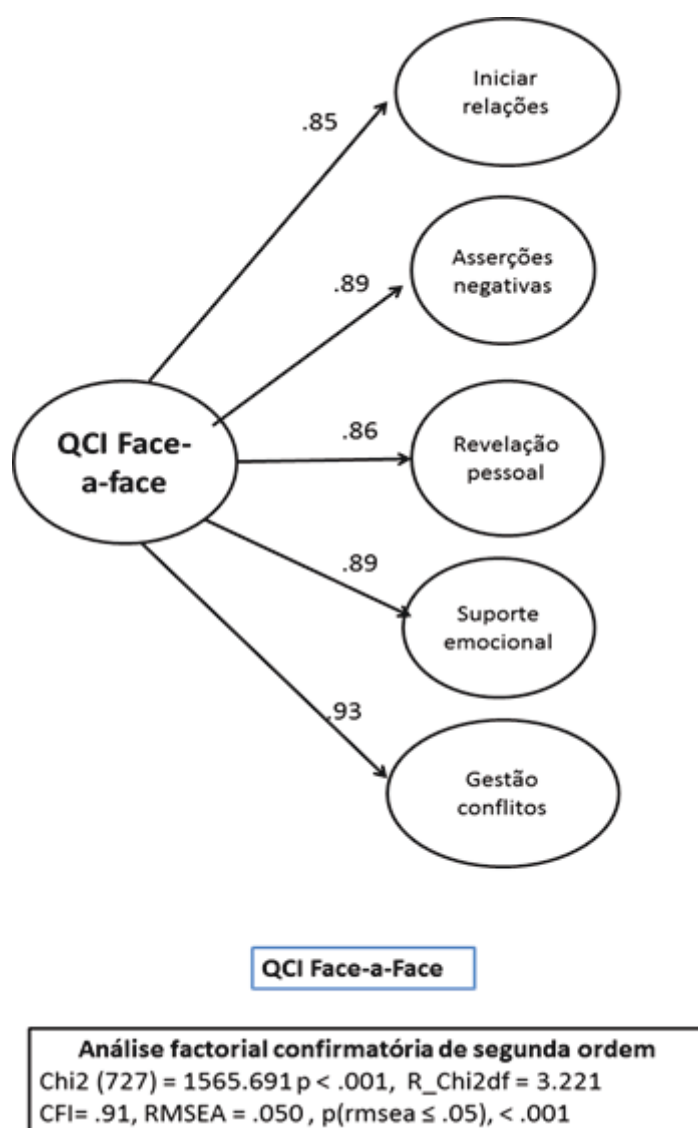
- Amichai-Hamburger, Y. (2002). Internet and personality. *Computers in Human Behavior*, 18, 1–10.
- Amichai-Hamburger, Y., & Ben-Artzi, E. (2000). The relationship between extraversion and neuroticism and the different uses of the internet. *Computers in Human Behavior*, 16, 441-449.
- Amichai-Hamburger, Y., & Vinitzky, G. (2010). Social network use and personality. *Computers in Human Behavior*, 26, 1289-1295.
- Amichai-Hamburger, Y., Wainapel, G., & Fox, S.(2002). ‘On the internet no one knows I’m an introvert’: Extroversion, neuroticism, and internet interaction. *Cyberpsychology and Behavior*, 5, 125–28.
- Anderson, K. (2001). Internet use among college students: An exploratory study. *Journal of American College Health*, 50, 21-26.
- Armsden, G.C., & Greenberg, M.T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427–454.
- Assunção, R., & Matos, P. M. (2012). Adaptação para português da Generalized Problematic Internet Use Scale 2 (GPUIS2, Caplan, 2010). Manuscrito não publicado.

- Assunção, R., Ávila, M., & Matos, P. M. (2010). O questionário de competência interpessoal: Um estudo com adolescentes portugueses. *Psicologia, Educação e Cultura, 14*, 269-285.
- Barelds, D. (2005). Self and partner personality in intimate relationships. *European Journal of Personality, 19*, 501–518.
- Barker, V. (2009). Older adolescents' motivations for use of SNS: The influence of gender, group identity, and collective self-esteem. *Cyberpsychology and Behavior, 12*, 209–213.
- Blais, J., Craig, W., Pepler, D., & Connolly, J. (2008). Adolescents online: The importance of internet activity choices to salient relationship. *Journal of Youth and Adolescence, 37*, 49-58.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*, Vol. I: Attachment. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss*, Vol. 2: Separation. New York: Basic Books.
- Buhrmester, D., Furman, W., Wittenberg, M., & Reis, H. (1988). Five domains of interpersonal competence in peer relations. *Journal of Personality and Social Psychology, 55*, 991-1008.
- Caplan, S. E. (2010). Theory and measurement of generalized problematic Internet use: A two-step approach. *Computers in Human Behavior, 26*, 1089–1097.
- Clark, L., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment, 7*, 309-319.
- Connolly, J., Craig, W., Goldberg, A., & Pepler, D. (2004). Mixed-gender groups, dating, and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Research on Adolescence, 14*, 185–207.
- Correa, T., Hinsley, A., & Gil de Zuniga, H. (2010). Who interacts on the web? The intersection of users' personality and social media use. *Computers in Human Behavior, 26*, 247–253.
- Dreier, M., Tzavela, E., Wölfling, K., et al. (2013). The development of adaptive and maladaptive patterns of internet use among European adolescents at risk for internet addictive behaviors: A grounded theory inquiry. *EU NET*

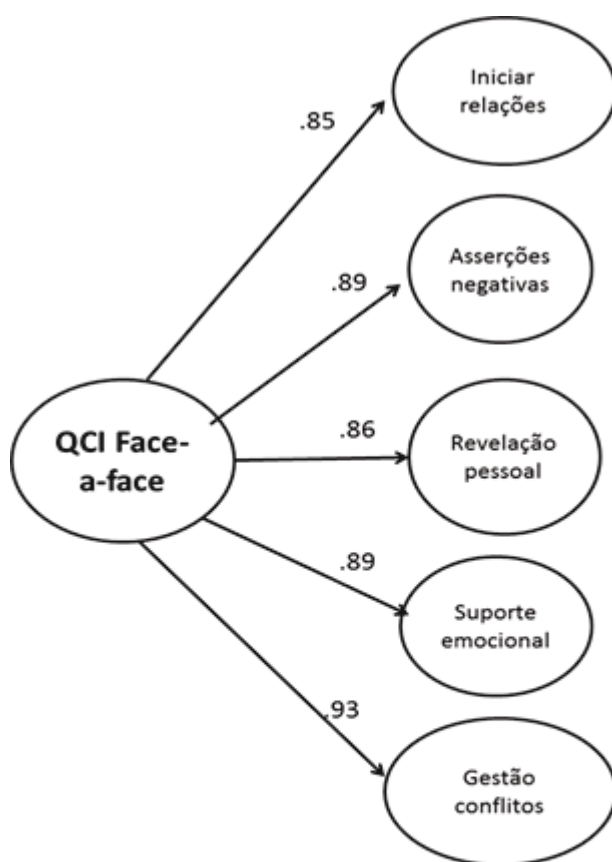
- ADB. National and Kapodistrian University of Athens, Athens, Greece; 2013. Available at [www.eunetadb.eu](http://www.eunetadb.eu).
- Engels, R., Finknauer, C., Meeus, W., & Dekovic, M. (2001). Parental attachment and adolescents' emotional adjustment: The associations with social skills and relational competence. *Journal of Counseling Psychology*, 48, 428-439.
- Facebook statistics (2014). Available in: <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/portugal>.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115.
- Gosling, S., Rentfrow, P., & Swann, W. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37, 504-528.
- Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). Manual QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe [The Father and Mother Attachment Questionnaire – Manual]. Porto: Euedito. Also available at <https://sites.google.com/site/manualqvpm/home>
- Karl, K., Peluchette, J., & Schlaegel, C. (2010). Who's posting Facebook faux pas? A cross-cultural examination of personality differences. *International Journal of Selection and Assessment*, 18, 174–186.
- Koch, W. H., & Pratarelli, M. E. (2004). Effects of intro/extraversion and sex on social Internet use. *North American Journal of Psychology*, 6, 371-382.
- Lenhart, A., Madden, M. (2007). Social networking websites and teens: An overview. Available at <http://www.pewinternet.org/Reports/2007/Social-Networking-Websites-and-Teens.aspx>
- Levenson, R., & Gottman, J. (1978). Toward the assessment of social competence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 46, 453-462.
- Lima, C., Castro, S. L. (2009). Inventário de personalidade de 10 itens, versão portuguesa. Available on <http://www.fpce.up.pt/labfala>
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., and Ólafsson, K. (2011) Risks and safety on the internet: The perspective of European children: Full findings. <http://eprints.lse.ac.uk/33731/>
- McKenna, K., Green, A., & Gleason, M. (2002). Relationship formation on the Internet: What's the big attraction? *Journal of Social Issues*, 58, 9-31.
- Mallinckrodt, B. (2000). Attachment, social competencies, social support

- and interpersonal process in psychotherapy. *Psychotherapy Research*, 10, 239–266.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *The Father and Mother Attachment Questionnaire: revised version*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- O'Keeffe, G., Clarke-Pearson, K. (2011). *The impact of social media on children, adolescents, and families*. *Pediatrics*, 127, 800–805.
- Roberts, B. W., & DelVecchio, W. F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: A quantitative review of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 126, 3–25.
- Ross, C., Orr, E., Mia Sisic, B., Arseneault, J. , Simmering, M.& Orr, R. (2009). Personality and motivations associated with Facebook use. *Computers in Human Behaviour*, 25, 578-586.
- Schmitt, D.,Youn, G., Brooks, S., Frye, H., & Johnson, S. (2009). When will I feel love? The effects of culture, personality, and gender on the psychological tendency to love. *Journal of Research in Personality*, 43, 830–846
- Staksrud, Ólafsson, & Livingstone. (2013). Does the use of social networking sites increase children's risk of harm? *Computers in Human Behavior*, 29(1), 40-50.
- Subrahmanyam, K., & Greenfield, P. M. (2008). Virtual worlds in development: Implications of social networking sites. *Journal of Applied Developmental Psychology*. 29, 417-419.
- Subrahmanyam, K., & Smahel, D. (2011). *Digital youth: The role of media in development*. New York: Springer.
- Tzavela, E., & Mavromati, F. (2013). Online social networking in adolescence: Associations with development, well-being and internet addictive behaviors. *International Journal of Child and Adolescent Health*, 6, 411-420.
- Valkenburg, P., & Peter, J. (2011). Adolescents' identity experiments in the internet: Consequences for social competence and self-concept unity. *Communication Research*, 35, 208-231.
- Valkenburg, P., Sumter, S., & Peter, J. (2011). Gender differences in online and offline self-disclosure in pre-adolescence and adolescence. *British Journal of Developmental Psychology*, 29, 253-269.

- Whitty, M., & Gavin, J. (2001). Age/sex/location: Uncovering the social cues in the development of online relationships. *Cyberpsychology, & Behavior*, 4, 623-630.
- Wilkinson, R. (2004). The role of parental and peer attachment in the psychological health and self-esteem of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 33, 479-493.
- Wilson, K., Fornasier, S., & White, K. (2009). Psychological predictors of young adults' use of social networking sites. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13, 173-177.



**Fig.1.** Análises fatoriais confirmatórias de segunda ordem da competência interpessoal face-a-face



QCI Face-a-Face

**Análise fatorial confirmatória de segunda ordem**  
Chi2 (727) = 1565.691  $p < .001$ ,  $R\_Chi2df = 3.221$   
CFI = .91, RMSEA = .050,  $p(rmse \leq .05) < .001$

**Fig.2.** Análises fatoriais confirmatórias de segunda ordem da competência interpessoal online



Tabela 1.

Correlações entre dimensões da Competência Interpessoal face-a-face e *online*

	M	SD	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<b>Face-a-face</b>												
<b>1. IniciarRelações</b>	2,96	,65	—	,55**	,65**	,39**	,49**	,40**	,21**	,15**	,08*	,13**
<b>2. AsserçõesNegativas</b>	3,76	,70		—	,49**	,56**	,24**	,16**	,47**	,07	,20**	,24**
<b>3. RevelaçãoPessoal</b>	3,25	,68			—	,42**	,54**	,22**	,12**	,33**	,04	,12**
<b>4. SuporteEmocional</b>	4,27	,64				—	,65**	,13**	,36**	,10**	,47**	,34**
<b>5. GestãoConflitos</b>	3,80	,65					—	,12**	,25**	,10**	,20**	,42**
<b>Online</b>												
<b>6. IniciarRelaçõesOn</b>	2,98	,87						—	,64**	,78**	,65**	,68**
<b>7. AsserçõesNegativas On</b>	3,56	,89							—	,60**	,75**	,77**
<b>8. RevelaçãoPessoalOn</b>	2,82	,85								—	,66**	,70**
<b>9. SoporteEmocionalOn</b>	3,79	,99									—	,84**
<b>10. GestãoConflitosOn</b>	3,42	,88										—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001. A sombreado encontram-se as correlações entre as dimensões homónimas

Tabela 2.

Regressão hierárquica para as variáveis iniciar relações face-a-face e iniciar relações online

Variável	Iniciar relações face-a-face				Iniciar relações <i>online</i>			
	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
<b>Bloco 1</b>								
Sexo	-.19***	-.21***	-.20***	-.21***	-.19***	-.19***	-.19***	-.19***
Idade	-.06	-.05	-.05	-.05	-.10**	-.10**	-.09	-.09
PISO	-.14***	-.07	-.07	-.05	.15***	.18***	.17***	.17***
<b>Bloco 2</b>								
Afabilidade		-.01	.00	.00		.03	.04	.04
Extroversão		.18***	.19***	.18***		.09	.09	.10
Conscienciosidade		-.01	.01	.01		-.04	-.03	-.03
Ab. Experiência		.19***	.18***	.18***		.07	.07	.07
Estab. Emocional		.03	.00	.00		.03	.03	.03
<b>Bloco 3</b>								
IEIPai			-.19**	-.18**			-.01	-.02
IEIMae			.20**	.20**			.06	.06
QLEPai			.00	.00			-.05	-.05
QLEMae			.06	.05			.07	.08
ASPai			.00	.01			.11	.10
ASMae			-.12	-.12			-.15	-.15
<b>Bloco 4</b>								
Alienação pares				-.04				.02
F Total	13.7***	14.4***	9.8***	9.3***	17.9***	8.6***	5.3***	4.9***
R2 Ajustado	.05	.13	.15	.15	.06	.08	.08	.08

Nota. N=761, \*\*  $p < .01$  \*\*\*  $p \leq .001$  ; Sexo 1= Masculino, 2 = Feminino; PISO = Preferência pela interação social online; IEI = Inibição da exploração e individualidade; AS = Ansiedade de separação.

Tabela 3.

Regressão hierárquica para as variáveis asserções negativas face-a-face e asserções negativas online

Variável	Asserções negativas face-a-face				Asserções negativas <i>online</i>			
	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
<b>Bloco 1</b>								
Sexo	.01	.00	.00	-.01	,01	-,02	-,02	-,01
Idade	.00	.01	.01	.01	-,05	-,04	-,03	-,03
PISO	-.22***	-.16	-.14***	-.13**	,07	,10	,12**	,12**
<b>Bloco 2</b>								
Afabilidade		,04	,03	,03		,07	,05	,05
Extroversão		,12**	,12**	,11		,06	,06	,06
Conscienciosidade		,00	,00	-,01		,00	,00	,00
Ab. Experiência		,20***	,20***	,19***		,08	,07	,08
Estab. Emocional		,06	,04	,04		,02	,00	,00
<b>Bloco 3</b>								
IEIPai			-,01	-,01			,01	,01
IEIMae			-,01	-,01			,01	,01
QLEPai			,04	,03			-,02	-,01
QLEMae			,07	,06			,17	,18
ASPai			,02	,03			,04	,04
ASMae			-,14	-,14			-,12	-,12
<b>Bloco4</b>								
Alienação pares				-,05				,01
<b>F Total</b>	12.4***	12.6***	8.1***	7.7***	1.86	2.43	2.22**	2.07**
<b>R2 Ajustado</b>	.05	.11	.12	.12	.00	.02	.02	0.2

Nota. N=761, \*\* p < .01 \*\*\* p ≤ .001 ; Sexo 1= Masculino, 2 = Feminino; PISO = Preferência pela interação social online; IEI = Inibição da exploração e individualidade; AS = Ansiedade de separação.

Tabela 4.

Regressão hierárquica para as variáveis revelação pessoal face-a-face e revelação pessoal online

Variável	Revelação pessoal face-a-face				Revelação pessoal <i>online</i>			
	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
<b>Bloco 1</b>								
Sexo	-,08	-,11**	-,10	-,11**	-,07	-,07	-,07	-,07
Idade	-,03	-,02	-,02	-,02	-,09	-,09	-,08	-,08
PISO	-,11**	-,06	-,05	-,04	,21***	,22***	,21***	,21***
<b>Bloco 2</b>								
Afabilidade		,05	,05	,05		,05	,04	,04
Extroversão		,13**	,13**	,11**		,05	,04	,05
Conscienciosidade		,00	,00	,00		-,05	-,05	-,04
Ab. Experiência		,15***	,15***	,15***		,02	,02	,03
Estab. Emocional		,02	,00	,00		-,01	-,01	-,01
<b>Bloco 3</b>								
IEIPai			-,14	-,13			,01	,00
IEIMae			,15	,15			,05	,05
QLEPai			,09	,08			,06	,07
QLEMae			-,02	-,04			,02	,03
ASPai			-,04	-,03			,00	-,01
ASMae			,01	,02			-,01	-,01
<b>Bloco4</b>								
Alienação pares				-,08				,03
F Total	43.5**	6.7***	4.6***	4.6***	13.9***	5.8***	3.6***	3.4***
R2 Ajustado	.01	.06	.07	.07	.05	.06	.07	.07

Nota. N=761, \*\* p < .01 \*\*\* p ≤ .001 ; Sexo 1= Masculino, 2 = Feminino; PISO = Preferência pela interação social online; IEI = Inibição da exploração e individualidade; AS = Ansiedade de separação.

Tabela 5.

Regressão hierárquica para as variáveis suporte emocional face-a-face e suporte emocional online

Variável	Suporte emocional face-to-face				Suporte emocional <i>online</i>			
	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
<b>Bloco 1</b>								
Sexo	,12**	,06	,07	,06	,07	,05	,05	,05
Idade	-,02	,01	,02	,02	-,05	-,04	-,03	-,03
PISO	-,20***	-,16***	-,10**	-,09	,07	,08	,10	,09
<b>Bloco 2</b>								
Afabilidade		,19***	,16***	,16***		,09	,07	,08
Extroversão		,04	,04	,03		,01	,00	,02
Conscienciosidade		,03	,03	,02		-,01	-,01	-,01
Ab. Experiência		,16***	,16***	,15***		,05	,05	,05
Estab. Emocional		,04	,00	,00		,00	-,01	-,01
<b>Bloco 3</b>								
IEIPai			-,13	-,12			-,04	-,05
IEIMae			,08	,08			,04	,04
QLEPai			,04	,03			-,09	-,08
QLEMae			,19**	,18**			,20**	,21**
ASPai			,00	,01			,17	,16
ASMae			-,17	-,17			-,24	-,24
<b>Bloco4</b>								
Alienação pares				-,06				,06
F Total	14.9***	14.0***	11.2***	10.6***	2.9	2.1	2.2**	2.2**
R2 Ajustado	.05	.13	.17	.17	.01	.01	.02	.02

Nota. N=761, \*\* p < .01 \*\*\* p ≤ .001 ; Sexo 1= Masculino, 2 = Feminino; PISO = Preferência pela interação social online; IEI = Inibição da exploração e individualidade; AS = Ansiedade de separação.

Tabela 6.

Regressão hierárquica para as variáveis gestão de conflitos face-a-face e gestão de conflitos online

Variável	Gestão conflitos face-a-face				Gestão conflitos online			
	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
<b>Bloco 1</b>								
Sexo	,00	-,03	-,02	-,04	,02	,00	,00	,00
Idade	-,05	-,03	-,02	-,02	-,07	-,06	-,04	-,04
PISO	-,18***	-,14***	-,10**	-,08	,06	,07	,08	,08
<b>Bloco 2</b>								
Afabilidade		,18***	,15***	,15***		,14***	,12**	,12**
Extroversão		-,01	-,01	-,04		-,01	-,01	-,01
Conscienciosidade		,01	,00	-,01		-,02	-,03	-,03
Ab. Experiência		,18***	,18***	,17***		,05	,06	,06
Estab. Emocional		,11**	,09*	,08		,03	,02	,02
<b>Bloco 3</b>								
IEIPai			-,11	-,09			-,07	-,07
IEIMae			,03	,03			,05	,05
QLEPai			-,01	-,03			-,10	-,10
QLEMae			,14	,12			,17	,17
ASPai			,08	,10			,20	,19
ASMae			-,16	-,15			-,19	-,19
<b>Bloco4</b>								
Alienação pares				-,12**				.014
F Total	9.0***	11.9***	8.4***	8.5***	2.1	2.9**	2.5**	2.3**
R2 Ajustado	.03	.11	.13	.14	.00	.03	.05	.05

Nota. N=761, \*\*  $p < .01$  \*\*\*  $p \leq .001$  ; Sexo 1= Masculino, 2 = Feminino; PISO = Preferência pela interação social online; IEI = Inibição da exploração e individualidade; AS = Ansiedade de separação

**ESTUDO V: PROBLEMATIC FACEBOOK USE IN ADOLESCENCE:  
ASSOCIATION WITH PARENTAL ATTACHMENT AND ALIENATION  
TO PEERS**

Raquel Assunção, Patrício Costa, & Paula Mena Matos, 2015

*Submetido para publicação*





## Introduction

There has been a gradual proliferation of networking systems, and in recent years we have witnessed the emergence of a whole field of cyber relationships between people with the same interests, but often geographically dispersed. Socialization is one of the strongest attractions of this tools (Douglas et al., 2008), accounting for the time individuals spend in interaction through e-mail, forums, chat rooms or social networks (Grohol, 2005), and maintenance of interpersonal relationships seems to be the main reason for computer-mediated communication (Bargh & McKenna, 2004) .

An important social network used in adolescence is Facebook (Subrahmanyam & Lin, 2007), having expanded exponentially until the present days. Current statistics report that 80% of individuals between ages 16 and 24 access social networks in Europe (Eurostat, 2013). In Portugal, more than half of Portuguese adolescents (68%) actively use social networks and 39% of them think it is safe to publish personal information online (Microsoft, 2010). Online social networks are therefore part of adolescents' current interpersonal world, and studies addressing how adolescents relate to this new type of communication are needed, especially when this use can lead to problematic outcomes in adolescence. The majority of adolescents use Internet to connect with friends, support and cultivate emotional ties (Lenhart et al., 2010; Lenhart & Madden, 2007). In fact, in adolescence Facebook is largely used to maintain existing relationships offline (Assunção, & Matos, 2014).

Caplan (2010) proposed a model of “problematic Internet use”, identifying several specific cognitive and behavioral constructs associated with negative outcomes of Internet use such as preference for online social interaction, mood alteration, cognitive preoccupation or compulsive behavior. This model gave rise to the development of the Generalized Problematic Internet Use Scale that will be used in the present study. It is especially important to study the nature and prevalence of potentially problematic use of Internet among adolescents, since they are experiencing an exploration period and developing and extending their social skills, therefore they are more vulnerable to being affected by problematic

behaviors (Chung, 2013). If a problematic Internet use pattern is to be recognized, it is important to pay attention to this issue especially in adolescence. Furthermore, according to a relational perspective of development it is important to understand if and how the nature and quality of the relationships with significant others, such as parents and peers, explain the way adolescents interact with Internet's social tools.

A theoretical framework that can guide us in the study of problematic Internet use is attachment theory (Jenkins-Guarnieri, Wright, & Johnson, 2013; Moretti, & Peled, 2004). When parents are sensitive and responsive to attachment needs, they are able to provide a secure base that allows their children to explore the world with confidence (Bowlby, 1973), therefore affecting the way adolescents interact and communicate with others (Feeney, Cassidy, & Ramos-Marcuse, 2008). Adolescents having a secure attachment with parents are more able to explore the world, negotiate their autonomy and develop appropriate social skills, which are crucial for the initiation and maintenance of close relationships, as well as satisfying interactions with friends and romantic partners (Ávila, Cabral, & Matos, 2011; Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). On the other hand adolescents with an insecure attachment perceive low parental support and have more difficulties in social interaction, being less able to establish friendships and less able to satisfactorily solve interpersonal conflicts, thus presenting difficulties in interpersonal competences (Mallinckrodt, 2000). Moreover, there is evidence that attachment is linked to adolescents' abilities to regulate their emotions during peer interactions (Ávila, Cabral, & Matos, 2011; Zimmermann, Maier, Winter, & Grossmann, 2001).

Some researchers have underlined the necessity to separate representations of mother and father relationships in the development of adolescents (e.g., Brumariu and Kerns 2010; Paquette, 2004), as they may have complementary functions in the adolescent's regulation of emotions. This assumption is related to studies that indicated that the relationship between the mother and the child and the relationship between the father and the child are qualitatively different, and that each parent contributes differently to child's emotional security (Bretherton, 2010; Grossmann et al., 2005; Lamb, 2010; Paquette, 2004). The paternal figure interacts with the child by playing, giving the child a sense of security by stimulation, guidance and support, which promotes problem-solving skills (Grossmann et al., 2005). More than the maternal figure, it is also a figure that stimulates risk-taking behaviors, allowing the

child to explore the world, giving him/her the capacity to face new situations (see Paquette & Bigras, 2010). On the other hand, the maternal figure is a security figure by caring and being available when the child is in distress (Grossmann et al., 2002). Concerning adolescent relationships with parents, it is expected that attachment security to the father encourages autonomous behavior and confident exploration of the world during periods of instability and novelty, while attachment security to the mother facilitates the expression and regulation of negative emotions.

There are some studies involving attachment and problematic Internet use and their results can enlighten our main hypothesis. Parental attachment has been related to the quality of interpersonal relationships (Kalaitzaki, & Birtchnell, 2014; Moretti, & Peled, 2004), and this quality seems to be linked to problematic Internet use (Kalaitzaki, & Birtchnell, 2014; Liu, & Kuo, 2007; Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009). Insecure attachment has been found to be negatively correlated with interpersonal competence, which in turn was positively associated with Facebook use in terms of active use and engagement (Jenkins-Guarnieri, Wright, & Johnson, 2013). It is possible that adolescents with insecure attachments may use social networks to maintain friendships as they struggle with difficulties in face-to-face communication. Socially anxious adolescents use the Internet differently and experience dissimilar outcomes from the Internet than non-socially anxious (Gross et al., 2002; Valkenburg & Peter, 2007). It was found that those who score higher in social anxiety have a preference for online self-disclosure over face-to-face communication (McKenna et al., 2002).

In another study analyzing attachment and Facebook, but with adults, it was found that individuals with high attachment anxiety used Facebook more frequently, were more likely to use it when feeling negative emotions and were more concerned about how others perceived them on Facebook. On the other hand high attachment avoidance was related to less Facebook use, less openness and less positive attitudes towards the social network. These relationships remained when social skills were controlled (Oldmeadow, Quinn & Kowert, 2013).

Despite the fact that the parental figures remain important caregivers, during adolescence individuals begin to extend attachment functions progressively to their peers (Rocha & Matos, 2012). By middle adolescence, friends become the major source of intimacy and disclosure and are the providers of emotional and social

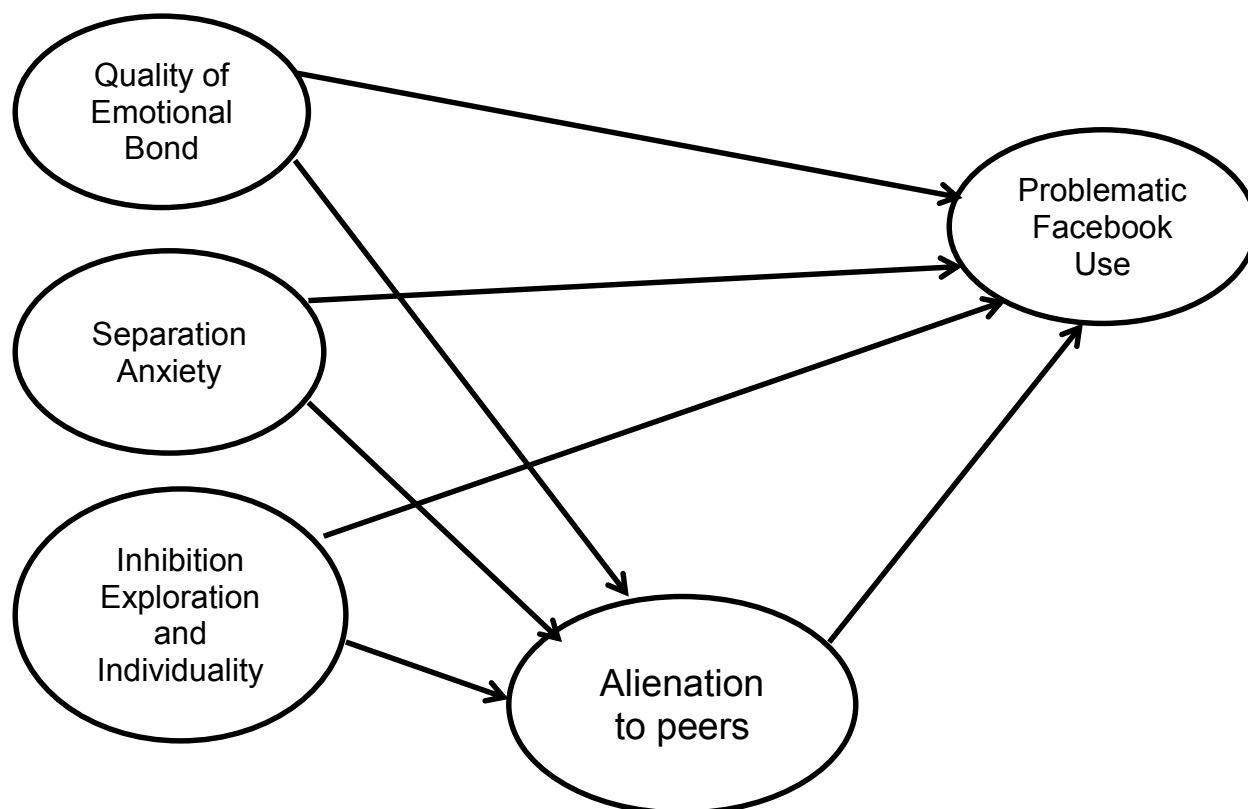
support (Furman & Buhrmester, 1992; Wilkinson, 2004). Parental and peer attachment have been shown to be related to each other (e.g., Armsden, & Greenberg 1987; Laible, 2007; Wilkinson, 2004). In a meta-analytic review, Gorrese e Ruggieri (2012) found that overall parental and peer attachment are positively correlated ( $r = .27$ ,  $p \leq .001$ ). The correlation between mother and peer attachment ( $r = .31$ ,  $p \leq .001$ ) was found to be significantly higher than the correlation between father and peer attachment ( $r = .22$ ,  $p \leq .001$ ).

Some research focused on the links between peer relationships and problematic Internet use. Peer relationship predicted Internet addiction in adolescence (Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009), especially since in the online environment adolescents can satisfy their needs for communication, compensating face-to-face difficulties, as already mentioned (Kraut et al., 1998). In fact, excessive Internet use may withdraw adolescents from face-to-face communication, thus making them communicate less with their peers (Kraut et al., 1998). Therefore, adolescents with a more problematic Internet use, presented communication problems in peer interaction (Liu & Kuo, 2007) and low quality in friendships (Harman, Hansen, Cochran, & Lindsey, 2005). Also a significant relationship between peer alienation and problematic Internet use was found, mediated by the preference for online games (Zhang, Wu, & Lei, 2009).

Studying interpersonal relationships in adolescence may be important to consider the ways in which boys and girls differ. Empirical studies suggest that boys and girls exhibit different behavioral patterns in their relationships, with boys showing higher independence and girls higher relatedness (Cross & Madson, 1997). The majority of the studies showed that parental bonds are stronger in girls and by consequence girls also tend to be a source of support for others, more than boys (Ma, & Huebner, 2008), being more connected to their peers (Claes, 1992). A large number of studies found that girls are more securely attached to peers than boys (e.g., Gullone, & Robinson 2005; Richards, McGee, Williams, Welch, & Hancox, 2010). However, the results are not consistent in terms of the different aspects of peer attachment, since girls present higher scores in trust and communication (e.g., Gullone, & Robinson, 2005; Ruijten, Roelofs, & Rood, 2011), but in terms of alienation results are inconsistent. Some studies found that boys are more alienated

than girls (Gullone &, Robinson 2005; Pace, Martini, & Zavattini, 2011) while most studies reported no significant gender differences (e.g., Guarnieri, Ponti, & Tani, 2010; Nada Raja, McGee, & Stanton, 1992; Nickerson, & Nagle 2004; Ruijten, Roelofs, & Rood, 2011). In this study, we focus on peer alienation, the negative affective/cognitive experience of anger and/or hopelessness resulting from unresponsive or inconsistently responsive attachment figures (Armsden, & Greenberg, 1987).

Although attachment theory is a promising framework to understand how adolescents relate to these new forms of communication, there is a gap in research linking both attachment domains in adolescence (parents and peers) with problematic Internet use, and even more when specifying the context of social network Facebook. As discussed peer attachment may work as the mediating link in the relationship between parental attachment and problematic Facebook use. Additionally, the studies analyzing social networks' problematic use from a developmental point of view are scarce, especially in adolescence, and do not capture differences between boys and girls and fathers and mothers. The main goal of the present study is to understand the relationship between problematic Facebook use and adolescents' parental and peer attachment and to explore parental and gender differences in the relationship between these variables. To our knowledge, this is the first study to analyze the mediational role played by peer alienation in the relationship between parental attachment and problematic Facebook use. According to previous findings it is expected that secure parental attachment leads to less feelings of alienation, which in turn can lead to less problematic Facebook use (Figure 1). More specifically, we expect that: (a) a secure attachment to parents (represented by high quality of emotional bond) predicts negatively alienation to peers; (b) insecure attachment to parents (represented by high separation anxiety and high inhibition of exploration and individuality) predicts positively alienation to peers; (c) peer alienation predicts positively problematic Facebook use. These hypotheses will be tested separately for boys and girls and also taking into account parental gender.



**Fig. 1.** Conceptual mediation model

## Method

### Participants

Participants were 761 Portuguese Caucasian adolescents (53.7% boys and 46.3% girls) aged between 14 and 18 years ( $M = 15.9$ ,  $SD = 1.08$ ) attending secondary schools of the Northern interior region of Portugal, from 9<sup>th</sup> grade to 12<sup>th</sup> grade ( $M = 9.8$ ,  $SD = .82$ ). Concerning family status 587 (77.1%) adolescents were from intact families, 106 (13.9%) came from divorced families, and 20 (2.6%) were from families in which one of the parents was deceased. In terms of socioeconomic status, and according to two criteria of the Graffar classification, 220 participants were classified in the high socioeconomic status (30.8%), 256 were classified in the medium socioeconomic status (36%) and 237 were classified in the low

socioeconomic status (33.2%). Information related to Internet and Facebook use is presented in Table 1

**Table 1.** Sample characteristics related to Internet and Facebook use ( $N= 764$ )

Internet and Facebook Use	N (%)
Time spent in the Internet in a day	
Less than an hour	175 (22.9%)
Between 1 and 3 hours	413 (54.2%)
More than 3 hours	176 (22.7%)
Frequency of facebook use	
Daily	576 (75.4%)
Weekly	159 (20.8%)
Monthly	29 (3.8)
Period of the day in which they access Internet	
Morning	45 (5.9%)
Afternoon	162 (21.2%)
Night	557 (72.9%)

### Measures

*Parental Attachment.* The Father and Mother Attachment Questionnaire (FMAQ, Matos & Costa, 2001) is a self-report questionnaire that measures the perceptions of adolescents and young adults of parental attachment relationships, built on the theoretical and conceptual contributions of Ainsworth (1989), Bowlby (1969, 1973) and Bartholomew and Horowitz (1991). It was developed originally in Portugal and it is being largely used in empirical research with Portuguese

participants (see Gouveia & Matos, 2011, for a review of empirical studies). It consists of 30 items divided into three subscales, namely Inhibition of Exploration and Individuality (IEI; 10 items; e.g., “My parents discourage me when I want to try new things”), Quality of Emotional Bond (QEB; 10 items; e.g., “I know that I can count on my parents whenever I need them”), and Separation Anxiety (SA; 10 items; e.g., “I am afraid of being alone if I lose my parents.”). Participants respond on a 6-point Likert scale ranging from *strongly disagree* to *strongly agree*, separately for the father and the mother. In the present study, we found good internal consistency for the three dimensions: Inhibition of Exploration and Individuality ( $\alpha = .81$  for the father and  $\alpha = .82$  for the mother), Quality of Emotional Bond ( $\alpha = .94$  for the father and  $\alpha = .92$  for the mother) and Separation Anxiety ( $\alpha = .85$  for the father and  $\alpha = .82$  for the mother). The confirmatory factor analysis with the three dimensions as latent factors and items as observed variables presented adequate indices within critical values for the father and the mother. For the mother we obtained  $\chi^2(11) = 38.1$ ,  $p = .000$ ; CFI = .99; RMSEA = .06 and for the father  $\chi^2(24) = 166.02$ ; CFI = .97; RMSEA = .79.

*Peer Attachment.* To measure peer attachment we used the Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987, Portuguese version Ferreira & Costa, 1998). The IPPA was developed to assess adolescents' perceptions about the affective and cognitive dimensions of positive and negative relationships with parents and close friends, looking particularly at how well these figures serve as sources of psychological security. This instrument was constructed based on attachment theory and includes three subscales: mutual trust, quality of communication, and alienation. Participants respond on a 6-point Likert scale that ranges from *strongly disagree* to *strongly agree*. In the present study we only used the dimension Alienation to peers (7 items; e.g., “I feel the need to be in touch with my friends more than they feel the need to be with me”), which showed a good internal consistency ( $\alpha = .81$ ). The confirmatory factor analysis presented adequate indices within critical values,  $\chi^2(11) = 62.9$ ; CFI = .96; RMSEA = .08.

*Problematic Facebook Use.* To measure problematic Facebook use, we adapted the Generalized Problematic Internet Use Scale 2 (GPIUS2)<sup>10</sup> to European Portuguese according to the International Test Commission Guidelines (Hambleton, Merenda & Spielberger, 2005), changing the term “internet” to “Facebook”. It



consists of five subscales, namely Preference for online social interaction (POSI; 3 items; e.g., “I prefer online social interaction over face-to-face communication.”), Mood regulation (MR; 3 items; e.g., “I have used the Facebook to make myself feel better when I was down.”), Cognitive preoccupation (CP; 3 items; e.g., “I would feel lost if I was unable to go online.”), Compulsive internet use (CU; 3 items; e.g., “I have difficulty controlling the amount of time I spend online.”) and Negative outcomes (NO; 3 items; e.g., “My Facebook use has made it difficult for me to manage my life.”). GPIUS2 is composed by 15 items and participants respond on a 7- point Likert scale that ranges from *strongly disagree* to *strongly agree*.

We found good internal consistencies for all the dimensions: preference for online social interaction ( $\alpha = .84$ ), mood regulation ( $\alpha = .83$ ), cognitive preoccupation ( $\alpha = .80$ ), compulsive use ( $\alpha = .83$ ) and negative outcomes ( $\alpha = .83$ ) and the confirmatory factor analysis presented adequate indices within critical values for a second-order model with all five subscales as observed variables,  $\chi^2(79) = 352.60, p < .001$ , CFI = .96, RMSEA = .068.

### **Procedure**

Before data collection, we obtained permission from the Ministry of Education to administer the protocol of questionnaires in the schools. We then arranged meetings with direction boards of each school to obtain the school's approval and, in articulation with the school teachers, we obtained informed consent from parents for their children to be allowed to fill out the questionnaire (in the case of participants under age 18) and from the adult participants. The protocol of questionnaires was administered to classroom groups with the supervision of the teacher and the main researcher, following standardized instructions. Confidentiality and anonymity of the responses were assured as well as the voluntary character of the adolescents' participation. All the protocols were returned to the researcher at the end of the administration. The order of the questionnaires was randomly inverted to avoid biased results.

### **Data Analysis**

Data were analyzed with IBM SPSS Statistics and IBM SPSS Amos v.21. Data were analyzed in terms of normal distribution, outliers and missing values. All

scales met skewness and kurtosis criteria for normal distribution. We removed 5 participants, as they presented standardized residuals between -3 and 3. Missing values (10.5%) were imputed with single imputation method. Mediational models were analyzed with bootstrapping. We used the Markov chain Monte-Carlo simulation (Arbuckle, 2012) to estimate standard errors and significance of the effects of bootstrap resampling. This method allows elucidating the sampling distribution of a given parameter by resampling from a large number of samples, with replacement, from the original sample and the same dimension. These Bootstrap samples are then used to estimate the probability of occurrence of the statistics calculated in samples from the deduction of the sampling distribution observed.

To simplify our model and reduce the number of estimated parameters we created parcels for each dimension of parental attachment. Within each dimension we conducted an exploratory factor analysis to extract the number of parcels and aggregated the items that were more correlated with each other, obtaining the final structure of parceling (Little, Cunningham, & Shahar, 2002; Matsunaga, 2008).

The invariance analyses compared two models, an unconstrained model (with factorial weights, variances and covariances free) and a model fixing factorial weights, variances and covariances. The models parameters were estimated using ML. Goodness-of-fit was evaluated using the  $\chi^2$  statistic and ratio as well as the following descriptive indices: (1) Comparative Fit Index (CFI), (2) Standardized Root Mean Square Residual (SRMR) and (3) Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA). Values between .95 and .97 for the CFI and between .05 and .08 for the RMSEA are considered indicators of adequate fit and values between .00 and .05 for SRMR is considered indicator of good fit (Hu & Bentler, 1999; Schermelleh-Engel, Moosbrugger & Muller, 2003). The statistical significance between the models was performed with Chi-Square test (Bryant, & Satorra, 2012; Marôco, 2010).

## **Results**

### **Preliminary analysis**

Table 2 presents the means, standard deviations and Pearson correlations for the study's dimensions. Regarding parental attachment, Inhibition of Exploration and Individuality (IEI) and Quality of Emotional Bond (QEB) correlate negatively, both for

father ( $r = -.32$ ,  $p < .01$ ) and mother ( $r = -.48$ ,  $p < .01$ ), while QEB is positively correlated with Separation Anxiety (SA), both for father ( $r = .68$ ,  $p < .01$ ) and mother ( $r = .63$ ,  $p < .01$ ). Peer alienation is positively associated with IEI for father ( $r = .34$ ,  $p < .01$ ) and mother ( $r = .33$ ,  $p < .01$ ), and negatively associated with QEB for father ( $r = -.24$ ,  $p < .01$ ) and mother ( $r = -.31$ ,  $p < .01$ ). IEI both for mother and father are positively associated with all the dimensions of the GPUIS2. Correlations range from .22 to .28. QEB for the mother is negatively associated with all the dimensions of the GPUIS2. Correlations range from -.10 to -.22. We found no significant differences in the outcome variable in terms of age [ $F(5,760) = 1.40$ ,  $p = .22$ ], gender [ $F(2,760) = 1.58$ ,  $p = .20$ ], socioeconomic status [ $F(3,760) = 1.58$ ,  $p = .31$ ] and family status [ $F(2,760) = 1.22$ ,  $p = .29$ ].

### **Mediational model for the father**

Table 3 shows that all loadings of the measured variables on the latent variables were statistically significant, therefore all of the latent variables appear to have been adequately measured by their respective indicators.

The results from the mediational model for the father are illustrated in Fig.2. From the three dimensions of parental attachment, only Separation Anxiety is directly significant and positively correlated with problematic Facebook use ( $\beta = .20$ ,  $z = 2.65$ ,  $p < .05$ ). We found that when the relationship of parental attachment with problematic Facebook use is made indirectly by the variable peer alienation all the paths are significant. QEB for the father is negatively correlated with peer alienation ( $\beta = -.53$ ,  $z = -6.18$ ,  $p < .001$ ). SA for the father is positively correlated with peer alienation ( $\beta = .44$ ,  $z = 5.29$ ,  $p < .001$ ) as well as IEI for the father, which is also positively correlated with peer alienation ( $\beta = .20$ ,  $z = 4.29$ ,  $p < .001$ ). We can also see that there is a positive correlation between peer alienation and problematic Facebook use ( $\beta = .27$ ,  $z = 5.41$ ,  $p < .001$ ). The indirect effect of QEB for the father in problematic Facebook use is significant (95% CI: lower bound = -.21, upper bound = -.08,  $p = .001$ ). The indirect effect of SA for the father in GPUIS is significant (95% CI: lower bound = .07, upper bound = .18,  $p = .001$ ). The indirect effect of IEI for the father in GPUIS is significant (95% CI: lower bound = .03, upper bound = .09,  $p = .001$ ). The results showed that alienation plays a mediating role in

the relationship between parental attachment (in the father case) and problematic Facebook use, as we expected and we obtained an explained variance of 24%.

We also tested if this mediational model was invariant for boys and girls, conducting model comparison tests, fixing factorial weights as well as variances and covariances, and results showed that the structural model behaves differently for boys and girls ( $\chi^2_{diff} (41) = 117.8$  ;  $p < .001$ ), although mediation remains significant in both cases. Comparing the regression weights for boys and girls we found that the significant difference in the girls' and boys' models was is the path from separation anxiety to problematic Facebook use (  $Z = 2.79$ ,  $p < 0.1$ ), and all the other paths remained the same. Constraining the parameter in the model and comparing it with the same model with the estimates of the parameter in question constrained to equality we found that the model with this specific path constrained presents a worst adjustment for both groups ( $\chi^2_{diff} (1) = 7.9$  ;  $p < .01$ ). For boys, separation anxiety towards the father predicts significantly and positively a problematic Facebook use ( $r = .45$ ,  $p \leq .001$ ). However, for girls, separation anxiety does not predict significantly problematic Facebook use.

**Table 2**

Means, standard deviations, and correlations among dimensions.

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>
<b>1. Inhibition of exploration and individuality- Father</b>	3,07	,97	—	,84**	-,32**	-,39**	-,06	-,01	,34**	,26**	,25**	,22**	,22**
<b>2. Inhibition of exploration and individuality- Mother</b>	3,14	,97		—	-,27**	-,48**	,00	-,08	,33**	,24**	,28**	,22**	,26**
<b>3. Quality of emotional bond- Father</b>	5,04	1,07			—	,57**	,68**	,24**	-,24**	-,11**	-,07	-,06	-,01
<b>4. Quality of emotional bond- Mother</b>	5,28	,81				—	,35**	,63**	-,31**	-,22**	-,17**	-,14**	-,10**
<b>5. Separation anxiety- Father</b>	3,74	1,0					—	,74**	,07	,12**	,16**	,09*	,19**
<b>6. Separation anxiety- Mother</b>	3,93	,92						—	,05	,05	,13**	,03	,14**
<b>7. Alienation to peers</b>	2,10	,88							—	,37**	,31**	,29**	,30**
<b>8. Preference for online social interaction</b>	2,01	1,3								—	,54**	,49**	,43**
<b>9. Cognitive preoccupation</b>	2,11	1,3									—	,56**	,73**
<b>10. Mood regulation</b>	2,74	1,6										—	,55**
<b>11. Compulsive Use</b>	2,41	1,5											—

Note. N= 761.

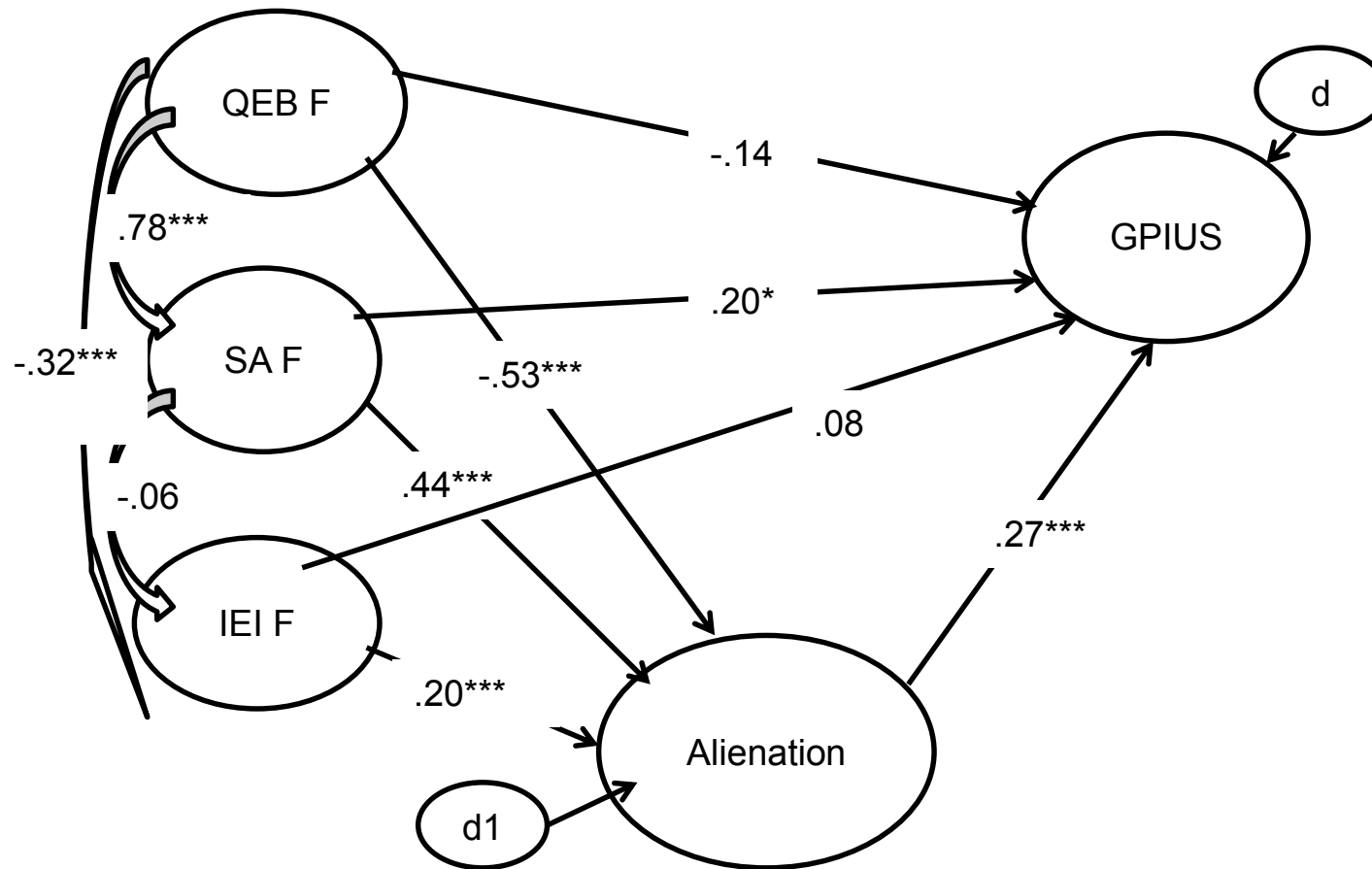
\*p &lt; .05 \*\*p &lt; .01 \*\*\*p &lt; .001.

**Table 3**

Factor loadings for the mediational model for the father.

Measure and Variable		<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>Z</i>	<i>β</i>
<b>IEI Father</b>					
	Parcel 1	1.15	.06	20.8	.92***
	Parcel2	0.84	.05	18.3	.68***
	Parcel3	1.00	-		.75***
<b>QEB Father</b>					
	Parcel1	0.99	.02	46.1	.91***
	Parcel2	1.00	-	-	.93***
	Parcel3	1.01	.02	43.7	.93***
<b>SA Father</b>					
	Parcel1	1.00	.05	22.3	.79***
	Parcel2	1.00	-	-	.79***
	Parcel3	1.04	.05	23.1	.82***
<b>Alienation</b>					
	AI1	0.84	.09	9.7	.46***
	AI2	1.00	-	-	.51***
	AI3	1.20	.10	12.0	.64***
	AI4	1.08	.08	12.7	.71***
	AI5	0.80	.07	11.9	.63***
	AI6	1.28	.10	12.6	.70***
	AI7	1.04	.09	12.1	.65***
<b>GPIUS</b>					
	POSI	0.73	.04	18.9	.57***
	CP	1.60	.07	23.2	.98***
	MR	1.64	.07	23.2	.93***
	CU	1.00	-	-	.67***

Note: N = 761. According to Byrne (1994), in order to guarantee the specification of the measurement model, some of the factor loadings should be constrained to a known value, typically 1.00. \*\*\*p < .001.



$\chi^2(178) = 605.15, p < .001$ ;  $R_{\chi^2 df} = 3.4$ ; CFI = .96; SRMR = .04; RMSEA = .06 [90% CI = (.055, .066)]

**Fig. 2.** Mediation model for the father

### Mediational model for the mother

Table 4 shows that all loadings of the measured variables on the latent variables were statistically significant, therefore all of the latent variables appear to have been adequately measured by their respective indicators.

The results from the mediational model for the mother are illustrated in Fig.3. From the three dimensions of attachment to the mother, only Inhibition of Exploration and Individuality is directly significant and positively correlated with problematic Facebook use ( $\beta = .10$ ,  $z = 2.07$ ,  $p < .05$ ). We found that when the relationship of attachment to the mother with problematic Facebook use is made indirectly by the variable peer alienation all the paths are significant. QEB for the mother is negatively correlated with peer alienation ( $\beta = -.48$ ,  $z = -6.37$ ,  $p < .001$ ). SA for the mother is positively correlated with peer alienation ( $\beta = .34$ ,  $z = 5.34$ ,  $p < .001$ ) as well as IEI for the mother, which is also positively correlated with peer alienation ( $\beta = .18$ ,  $z = 3.51$ ,  $p < .001$ ). There is a positive correlation between peer alienation and problematic Facebook use ( $\beta = .28$ ,  $z = 5.43$ ,  $p < .001$ ). The indirect effect of QEB for the mother in problematic Facebook use is significant (95% CI: lower bound =  $-.20$ , upper bound =  $-.08$ ,  $p = .001$ ). The indirect effect of SA for the mother in GPUIS is significant (95% CI: lower bound =  $.05$ , upper bound =  $.15$ ,  $p = .001$ ). The indirect effect of IEI for the mother in GPUIS is significant (95% CI: lower bound =  $.02$ , upper bound =  $.09$ ,  $p = .002$ ). The results showed that alienation plays a mediational role in the relationship between maternal attachment and problematic Facebook use, as we expected, and we obtained an explained variance of 23%.

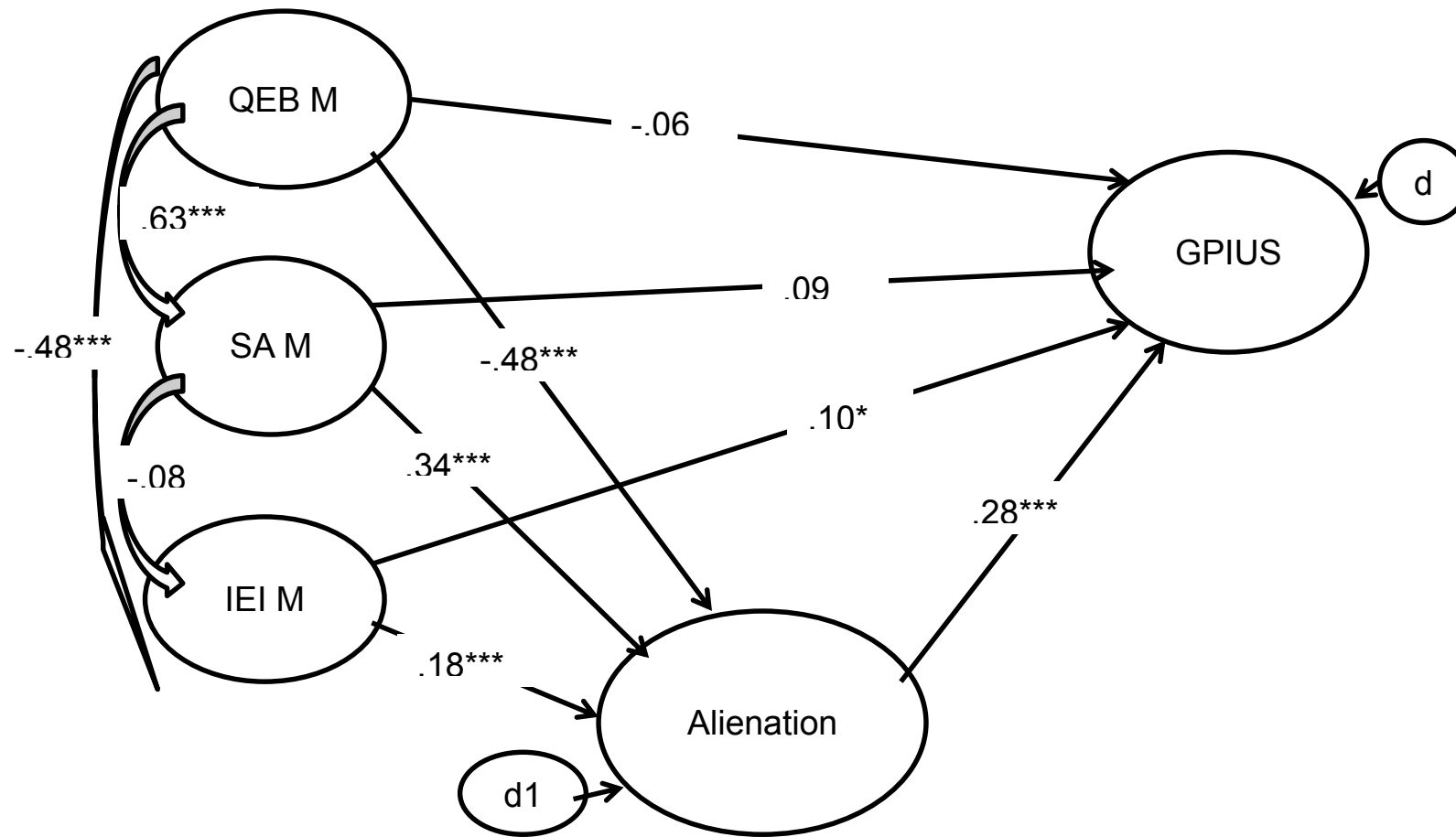


**Table 4**

Factor loadings for the mediational model for the mother.

Measure and Variable	B	SE	C.R.	$\beta$
<b>IEI Mother</b>				
Parcel 1	1.25	.06	17.8	.90***
Parcel2	1.09	.07	17.1	.74***
Parcel3	1.00	-	-	.65***
<b>QEB Mother</b>				
Parcel1	0.86	.03	33.8	.89***
Parcel2	1.00	-	-	.85***
<b>SA Mother</b>				
Parcel1	1.11	.05	21.8	.92***
Parcel2	1.00	-	-	.80***
<b>Alienation</b>				
AI1	0.84	.09	9.7	.46***
AI2	1.00	-	-	.50***
AI3	1.21	.10	12.0	.65***
AI4	1.08	.09	12.6	.70***
AI5	0.81	.07	11.9	.64***
AI6	1.28	.10	12.5	.70***
AI7	1.05	.09	12.1	.65***
<b>GPIUS</b>				
POSI	0.73	.04	18.9	.57***
CP	1.60	.07	23.2	.98***
MR	1.64	.07	23.2	.93***
CU	1.00	-	-	.67***

Note: N = 761. According to Byrne (1994), in order to guarantee the specification of the measurement model, some of the factor loadings should be constrained to a known value, typically 1.00. \*\*\*p < .001.



$\chi^2(141) = 449.18, p < .001$ ;  $R_{\chi^2 df=3.2}$ ; CFI = .96; SRMR = .05; RMSEA = .05 [90% CI = (.057, .067)]

**Fig. 3.** Mediation model for the mother

We also tested if this mediational model was invariant in terms of gender and conducted model comparison tests, fixing factorial weights as well as variances, and covariances. Results showed that the structural model behaves differently for boys and girls ( $\chi^2_{dif} (37) = 127.9 ; p < .001$ ) although mediation remains significant in both cases. Comparing the regression weights for boys and girls, we found that the significant difference in the girls' and boys' models is the path from separation anxiety to problematic Facebook use ( $Z = 2.81, p < 0.1$ ), and all the other paths remained the same. Constraining the parameter in the model and comparing it with the same model with the estimates of the parameter in question constrained to equality we found that the model with this specific path constrained presents a worst adjustment for both groups ( $\chi^2_{dif} (1) = 8.7 ; p < .01$ ). For boys, separation anxiety towards the mother, predicts significantly and positively the problematic Facebook use ( $r = .29, p \leq .01$ ), but for girls separation anxiety does not predict significantly the problematic Facebook use.

## Discussion

The aim of the present study was to understand the relationship between Facebook use and adolescents' parental and peer attachment, testing a mediating hypothesis which stated that peer alienation would play a mediational role in the association between parental attachment and problematic Facebook use. We hypothesized that a secure attachment to parents (quality of emotional bond) would predict negatively alienation to peers; insecure attachment to parents (separation anxiety and inhibition of exploration and individuality) would predict positively alienation to peers, and peer alienation would predict positively problematic Internet use. We also tested the invariance of the mediational models for mother and father for boys and girls.

Our study revealed that when adolescents have secure relationships with their parents (represented by quality of emotional bond), they are less alienated in their relationships with peers, and, in turn, use of the social network Facebook in a less problematic way. These models explained a non-negligible percentage of total variance of the outcome variable (23 and 24%, for mother and father, respectively). These results are consistent with expectations giving the fact that

theory predicts that a secure relationship with parents gives adolescents the possibility to explore the world and to feel trustworthy and valued, which enables them to construct secure relationships with others, such as peers (Wilkinson, 2004). On the other hand, proximity with peers and this good relationship with them in the face-to-face context seem to create the conditions for these adolescents to develop good interpersonal skills in the real life context (Burhmester & Furman, 1986). If socialization and maintenance of interpersonal relationships are the main reasons for computer-mediated communication (Bargh & McKenna, 2004; Douglas et al., 2008), adolescents with good interpersonal skills tend to have a less problematic use of this social network.

In the case of separation anxiety and inhibition of exploration and individuality in the parental relationship, these are positively and strongly associated with peer alienation. More anxious adolescents struggling with difficulties in reaching autonomy as a result of parental restrictions are more alienated from their peers and, in turn, tend to develop a more problematic use of Facebook. As problematic use of Facebook represents a second-order construct, we may assume that they experience more difficulties in mood regulation, have a more compulsive use of the social network, are preoccupied with the access to their profiles and prefer the online social interaction to face-to-face interaction with others. Adolescents with lower levels of self-esteem tend to be more actively engaged in creating online relationships (Lee, Moore, Park & Park, 2012), while adolescents with secure attachment to peers and a less alienated relationship with the peer group seem to engage in a healthier relationship with the social networks.

Results also suggested that this social network may function as a compensation for those adolescents who are alienated in the offline context and who try to establish relationships with others in the online context. In addition, adolescents who are alienated in the real life context may have more difficulties in developing interpersonal skills that could also be useful to establish online relationships. But we cannot forget that offline and online relationships are extremely different in the ways they occur. In future research it could be interesting to understand which adolescents establish contact with more unknown people,

whether the more alienated or the less alienated ones in the context of peer relationships.

Another interesting result is that the models were not invariant for boys and girls, suggesting the need for considering the moderating role of sex in future research. Separation anxiety only played an important role in the prediction of problematic Facebook use for boys. The current finding suggests that anxious attachment of adolescent boys to their parental figures may put them at risk for developing a problematic use of Facebook. Gender differences can be explained by the greater tolerance of parents to their daughters' anxiety separation expression, compared to the lower tolerance to their sons' anxiety (e.g. Méndez et al., 2008), making it more difficult to boys to accept, express and regulate their emotions. In fact in terms of emotion regulation strategies, girls more often report using social support, rumination, and primary control strategies, while males more often use avoidance or with increasing age passivity (Blanchard-Fields & Coats, 2008;; Vierhaus, Lohaus, & Ball, 2007). Future research should therefore explore the use of Facebook as a means for regulating emotions regarding parental separation distress, particularly for boys.

Also a noteworthy result was the direct relationship between inhibition of exploration and individuality related to mother and problematic Facebook use, which can tell us that particularly adolescents' relationships with their mothers, can affect their use of social networks. This particular result challenges the traditional roles of mother and father. As suggested in previous studies, the paternal figure tend to stimulate risk-taking behaviors, allowing the child to explore the world, giving him/her the capacity to face new situations (see Paquette & Bigras, 2010), but our results indicate that the inhibition of exploration and individuality by the maternal figure seems to play an important role in terms of problematic Internet use.

Although these study's findings further clarify important interrelationships among parental attachment, peer relationship and Facebook use in adolescence, several limitations must be considered when interpreting these results. First, this is a convenience sample of Portuguese adolescents and it does not cover the whole age range of adolescence, limiting the generalization of the results. Second, the

present study was limited by its exclusive use of self-report instruments which are susceptible to response and social desirability biases, and to common method variance. Third, although the mediational hypothesis is highly theoretical driven, the cross-sectional design does not permit to infer causality. Future research should consider longitudinal, multi-informant, and multi-method designs that include direct observations of parent-child relationship quality, peer relationship and Facebook use. Evaluating Facebook use through monitoring directly adolescents' accounts and profiles may be a promising alternative way of investigating how adolescents relate to online social networks.

Notwithstanding the limitations, this was the first study to address parental and peer attachment as predictors of problematic Facebook use and to test a mediating hypothesis in adolescents, offering support to the hypothesized model.

These results can enlighten some interventions in the field of psychology. In parent education programs it will be important to promote development of responsiveness and sensitivity during adolescence, so that adolescents develop secure attachments to their parents and learn to negotiate the balance between autonomy and closeness to parents. Special attention should be given to excessive preoccupation with parental approval and fear of abandonment for boys, as problematic use of Facebook may be used as a compensation for emotional difficulties in the parental relationship. Also, schools should be particularly attentive to students who seem to be withdrawn from the peer group and may feel alienated from the social world. Activities specially designed to promote interactions between students and integration of socially withdrawn students should be encouraged. With this study we have explored attachment theory as a promising framework for understanding how adolescents relate to Facebook, considered as a new tool for exploring the social and relational world of adolescents.

## References

Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.

- Amichai-Hamburger, Y., & Ben-Artzi, E. (2003). Loneliness and internet use. *Computers in Human Behavior*, 19, 71-80.
- Arbuckle, J. (2012). *IBM SPSS AMOS 21 User's guide*. Available at [ftp://public.dhe.ibm.com/software/analytics/spss/documentation/amos/21.0/en/Manuals/IBM\\_SPSS\\_Amos\\_Users\\_Guide.pdf](ftp://public.dhe.ibm.com/software/analytics/spss/documentation/amos/21.0/en/Manuals/IBM_SPSS_Amos_Users_Guide.pdf)
- Armsden, G.C., & Greenberg, M.T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427–454.
- Assunção, R & Matos, P.M. (2014). Perspetivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: Um estudo qualitativo [Perspectives of adolescents about Facebook use: a qualitative study]. *Psicologia em Estudo*, 19(3) 539-547. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-73722133716>
- Ávila, M., Cabral, J., & Matos, P.M. (2011). Parental attachment and romantic relationships in emerging adults: The mediating role of emotion regulation. *Family Science*, 2(1), 13-23.
- Bargh, J.A., & McKenna, K. (2004). The internet and social life. *Annual Review of Psychology*, 55, 573–90.
- Bargh, J., McKenna, K., & Fitzsimons, G. (2002). Can you see the real me? Activation and expression of the “true self” on the internet. *Journal of Social Issues*, 58, 33–48.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226–244.
- Blanchard-Fields, F., & Coats, A. (2008). The experience of anger and sadness in everyday problems impacts age differences in emotion regulation. *Developmental Psychology*, 44, 1547–1556.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*, Vol. I: Attachment. New York: BasicBooks.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*, Vol. 2: Separation. New York: Basic Books.
- Bretherton, I. (2010). Fathers in attachment theory and research: A review. *Early Child Development and Care*, 180, 9–23.

- Brumariu, L. A., & Kerns, K. A. (2010). Parent-child attachment and internalizing symptoms in childhood and adolescence: A review of empirical findings and future directions. *Development and Psychopathology*, 22, 177–203.
- Bryant, F., & Satorra, A. (2012). Principles and practice of scaled difference chi-square testing. *Structural Equation Modeling*, 19, 372–398.
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1986). The changing function of friends in childhood. A neo-Sullivanian perspective. In V. Derlega & B. Winstead (Eds.). *Friendship and social interaction* (pp. 41-62). New York: Springer-Verlag.
- Caplan, S. (2002). Problematic internet use and psychosocial well-being: Development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. *Computers in Human Behavior*, 18, 553–575.
- Caplan, S. (2003). Preference for online social interaction: A theory of problematic internet use and psychosocial well-being. *Communication Research*, 30, 625–648.
- Caplan, S. E. (2010). Theory and measurement of generalized problematic Internet use: A two-step approach. *Computers in Human Behavior*, 26, 1089–1097.
- Claes, M. E. (1992). Friendship and personal adjustment during adolescence. *Journal of Adolescence*, 15, 39–55.
- Cross, S. E., & Madson, L. (1997). Models of the self: Self-construal theory and gender. *Psychological Bulletin*, 122, 5–37.
- Davis, R. (2001). A cognitive-behavioral model of pathological Internet use. *Computers in Human Behavior*, 17, 187–195.
- Davis, R., Flett, G., & Besser, A. (2002). Validation of a new scale for measuring problematic internet use: implications for pre-employment screening. *Cyberpsychology Behavior*, 5, 331–345.
- Douglas, A., Milss, J., Niang, M., Stepchenkova, S., Byun, S., Ruffini, C., Lee, S., Loutfi, J., Lee, J., Atallah, M., & Blanton, M. (2008). Internet addiction: Meta-synthesis of qualitative research for the decade 1996-2006. *Computers in Human Behavior*, 24, 3027-3044.
- Engels, R., Finknauer, C., Meeus, W., & Dekovic, M. (2001). Parental attachment and adolescents' emotional adjustment: The associations with social skills and relational competence. *Journal of Counseling Psychology*, 48, 428-439.



- Eurostat (2013). Available at: [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/product\\_details/dataset?product\\_code=TIN00127](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/product_details/dataset?product_code=TIN00127)
- Fraley, R. C., & Davis, K. E. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close friendships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4, 131-144.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115.
- Gullone, E., & Robinson, K. (2005). The Inventory Of Parent And Peer Attachment-Revised (IPPA-R) for children: A psychometric investigation. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 12, 67–79.
- Gonzales, A., & Hancock, J. (2008) Identity shift in computer-mediated environments. *Journal of Media Psychology*, 11, 167-185.
- Gorrese, A., & Ruggieri, R. (2012). Peer attachment: A meta-analytic review of gender and age differences and associations with parent attachment. *Journal of Youth and Adolescence*, 41, 650-672. DOI 10.1007/s10964-012-9759-6
- Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). Manual QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe [The Father and Mother Attachment Questionnaire – Manual]. Porto: Euedito. Also available at <https://sites.google.com/site/manualqvpm/home>
- Grohol, J. (2005). Internet addiction guide. retrieved from <http://psychcentral.com/netaddiction/>
- Gross, E. F., Juvonen, J., & Gable, S. L. (2002). Internet use and well-being in adolescence. *Journal of Social Issues*, 58, 75–90.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers' sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11, 307–331.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., & Kindler, H. (2005). Early care and the roots of attachment and partnership representations. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 98–136). New York: Guilford Press.

- Guarnieri, S., Ponti, L., & Tani, F. (2010). The Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA): A study on the validity of styles of adolescent attachment to parents and peers in an Italian sample. *TPM-Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology*, 17, 103–130.
- Hambleton, R.K., Merenda, P.F., & Spielberger, C. D. (2005). Adapting educational and psychological tests for crosscultural assessment. Mahwah, NJ:Erlbaum.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1998). Fit indices in covariance structure modeling: Sensitivity to underparameterized model misspecification. *Psychological Methods*, 3, 424-453.
- Jenkins-Guarnieri, M., Wright, S., & Hudiburgh, L. (2012). The relationships among attachment style, personality traits, interpersonal competency, and facebook use. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 33, 294-301.
- Kalaizaki, A., & Birtchnell, J. (2014). The impact of early parenting bonding on young adults' Internet addiction, through the mediation effects of negative relating to others and sadness. *Addictive Behaviors*, 39, 733–736.
- Laible, D. (2007). Attachment with parents and peers in late adolescence: Links with emotional competence and social behavior. *Personality and Individual Differences*, 43, 1185-1197.
- Lee, J., Moore, D., Park, E., & Park, S.(2012). Who wants to be “friend-rich”? Social compensatory friending on Facebook and the moderating role of public self-consciousness. *Computers in Human Behavior*, 28, 1036-1043.
- Lenhart, A., & Madden, M. (2007). Social networking websites and teens: An overview. Retrieved from the Pew Internet & American Life Project website: <http://www.pewinternet.org/Reports/2007/Social-Networking-Websites-and-Teens/Data-Memo.asp>
- Lenhart, A., Purcell, K., Smith, A., & Zickuhr, K. (2010). *Social media & mobile Internet use among teens and young adults*. Washington, DC: Pew Internet & American Life Project.
- Lin, S., & Tsai, C. (2002). Sensation seeking and internet dependence of Taiwanese high school adolescents. *Computers in Human Behavior*, 18, 411–426.

- Little, T., Cunningham, W., & Shahar, G. (2002). To Parcel or Not to Parcel: Exploring the Question, Weighing the Merits. *Structural Equation Modeling*, 9, 151–173.
- Liu, C., & Kuo, F. (2007). A study of Internet addiction through the lens of the interpersonal theory. *Cyberpsychology and Behavior*, 10, 799–804.
- Ma, C. Q., & Huebner, E. S. (2008). Attachment relationships and adolescents' life satisfaction: Some relationships matter more to girls than boys. *Psychology in the Schools*, 45, 177–190.
- Mallinckrodt, B. (2000). Attachment, social competencies, social support and interpersonal process in psychotherapy. *Psychotherapy Research*, 10, 239 –266.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais – Fundamentos teóricos, software e aplicações*[*Structural Equations Analysis – theoretical foundations, software and applications*]. Pero Pinheiro: Report Number.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *The Father and Mother Attachment Questionnaire: revised version*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matsunaga, M. (2008). Item parceling in structural equation modeling: A primer. *Communication Methods and Research*, 2, 260-293.
- McKenna, K., & Bargh, J. (1998). Coming out in the age of the Internet: Identity "demarginalization" through virtual group participation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 681-694.
- McKenna, K. Y. A., Green, A. S., & Gleason, M. E. J. (2002). Relationship formation on the Internet: What's the big attraction? *Journal of Social Issues*, 58, 9–31.
- Méndez, F.X., Espada, J.P., Orgilés, M., Hidalgo, M.D. & García-Fernández, J.M. (2008). Psychometric properties and diagnostic ability of the Separation Anxiety Scale for Children (SASC). *European Child and Adolescent Psychiatry*, 17, 365-72.
- Milani, L., Osualdella, D., & Di Blasio, P. (2009). Quality of interpersonal relationship and problematic Internet use in adolescence. *Cyberpsychology and Behavior*, 12, 681–684.

- Moretti, M., & Peled, M. (2004). Adolescent-parent attachment: Bonds that support healthy development. *Paediatrics & Child Health*, 9, 551–555.
- Nada Raja, S., McGee, R., & Stanton, W. (1992). Perceived attachment to parents and peers and psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 21, 471–485.
- Nickerson, A. B., & Nagle, R. J. (2005). Parent and peer attachment in late childhood and early adolescence. *The Journal of Early Adolescence*, 25, 223–249.
- Oldmeadow, J., Quinn, S., & Kowert, R. (2013). Attachment style, social skills, and Facebook use amongst adults. *Computers in Human Behavior*, 29, 1142–1149.
- Pace, C. S., Martini, P. S., & Zavattini, G. C. (2011). The factor structure of the Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA): A survey of Italian adolescents. *Personality and Individual Differences*, 51, 83–88.
- Paquette, D. (2004). Dichotomizing paternal and maternal functions as a means to better understand their primary contributions. *Human Development*, 47, 237–238.
- Paquette, D., & Bigras, M. (2010). The risky situation: A procedure for assessing the father–child activation relationship. *Child Development and Care*, 180, 33–50.
- Richards, R., McGee, R., Williams, S. M., Welch, D., & Hancox, R. J. (2010). Adolescent screen time and attachment to parents and peers. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 164, 258–262.
- Rocha, M., & Matos, P.M. (2012). Componentes de apego em adolescentes portugueses [Attachment components in Portuguese adolescents]. *Revista Argentina de Clínica Psicológica*, 21, 197–208.
- Ruijten, T., Roelofs, J., & Rood, L. (2011). The mediating role of rumination in the relation between quality of attachment relations and depressive symptoms in non-clinical adolescents. *Journal of Child Family Studies*, 20, 452–459.
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Test of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research - Online*, 8, 23–74.

- Suler, J. (1999). To get what you need: Healthy and pathological Internet use. *Cyberpsychology and Behavior*, 2, 355–393.
- Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2007). Preadolescents' and adolescents' online communication and their closeness to friends. *Developmental Psychology*, 43, 267–277.
- Vierhaus, M., Lohaus, A., & Ball, J. (2007). Developmental changes in coping: Situational and methodological influences. *Anxiety, Stress and Coping*, 20, 267–282.
- Wilkinson, R. (2004). The role of parental and peer attachment in the psychological health and self-esteem of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 33, pp. 479-493.
- Young, K. (1996). Psychology of computer use XI: Addictive use of the Internet: A case study that breaks the stereotype. *Psychological Reports*, 7, 899-902.
- Yu, S.(2001). *Internet using behaviors, Internet addiction, and related factors among university students*. Unpublished Master thesis, Taiwan.
- Zimmermann, P., Maier, M., Winter, M., & Grossmann, K. E. (2001). Attachment and emotion regulation of adolescents during joint problem-solving with a friend. *International Journal of Behavioral Development*, 25, 331–342.
- Zhang, G., Wu, Y., & Lei, L. (2009). Adolescents' peer attachment, online game preference and pathological internet use. *Chinese Journal of Clinical Psychology*, 14, 354-356.



## **CAPÍTULO IV**

# **INTEGRAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS ESTUDOS EMPÍRICOS**





## 1. Discussão

Este trabalho foi constituído por cinco estudos, dos quais podemos destacar alguns resultados, que vão ao encontro dos objetivos estabelecidos. Assim, e sintetizando os principais resultados encontrados, no 1º estudo, de cariz qualitativo, podemos constatar que os adolescentes parecem apresentar uma distinção clara entre as esferas pública e privada, identificam que é mais fácil em determinadas situações sociais comunicar via *online* do que face-a-face e que, nomeadamente no que diz respeito à gestão e resolução de conflitos, ou em situações potencialmente embaraçosas, e que as amizades do Facebook, funcionam na maioria dos casos como uma extensão da vida real, sendo o Facebook mais um contexto de interação com os amigos do quotidiano. O 2º estudo permitiu-nos adaptar e validar uma escala de uso problemático do Facebook para a língua portuguesa, a GPIUS 2, com índices de ajustamento adequados. No que respeita ao 3º estudo, podemos salientar a existência de quatro perfis de utilizador do Facebook, e o facto destes se relacionarem de forma diferente com um conjunto diverso de variáveis. O cluster com um uso mais problemático do Facebook aparece associado a uma vinculação mais insegura, a maiores níveis de alienação aos pares e menores níveis de estabilidade emocional. Encontrámos ainda menores níveis de estabilidade emocional nos *clusters* de uso mais problemático do Facebook, e um grupo de jovens com uma clara preferência pela comunicação online (cluster 1), não revelando no entanto um uso problemático da rede social em termos relacionais. O 4º estudo revelou-nos que o instrumento das competências interpessoais pode ser adaptado ao contexto online, evidenciando índices de ajustamento adequados, e que um conjunto de variáveis (vinculação aos pais e pares, personalidade, sexo, preferência pela comunicação online) se revelam melhores preditores no caso das competências interpessoais face-a-face do que no contexto *online*. Todavia, e dados os resultados que obtivemos, percebemos existirá uma especificidade própria no contexto *online* que exigirá aprofundamento. Por fim, no que diz respeito ao 5º estudo, este evidenciou a existência de uma relação entre a vinculação parental e o uso problemático do Facebook, mediada pela variável alienação aos pares. De salientar neste estudo que o modelo não se revelou

invariante quanto ao sexo, sendo que a diferença reside na associação entre a ansiedade de separação e o uso problemático, que apenas se revela significativa para os rapazes. Voltaremos a estes resultados ao longo do corpo da discussão, articulando-os e explorando-os com maior detalhe. Procuraremos retomar questões que foram lançadas ao longo do enquadramento teórico e discuti-las em função do conjunto de resultados encontrados na presente investigação.

### **1.1 - A Internet e o Facebook na “voz” dos adolescentes**

Optámos neste trabalho por iniciar a compreensão das perspetivas dos adolescentes acerca do uso da rede social Facebook de um ponto de vista qualitativo, o que nos permitiu ganhar um maior conhecimento da temática e usá-lo para guiar os estudos quantitativos subsequentes.

Numa geração que cresce a cada dia com a Internet, não será surpreendente que esta seja vista como indispensável pelos participantes do nosso estudo. No entanto, as questões associadas à socialização e ao facto desta parecer de facto ser um dos fortes atrativos desta ferramenta (Douglas et al., 2008) deve levar-nos a reflectir sobre estas questões. Que socialização é esta? Que modo é este de “estar com os outros”? Existirá uma centração na relação com os outros ou na visibilidade destas relações? O importante será o que é vivido ou o que é “publicado”? Parece-nos que estamos num momento em que a existência é feita nas redes sociais, como se apenas o que é publicado e visto pelos outros fosse real, sendo votado ao esquecimento aquilo que não é publicado para uma vasta “plateia”. Lipovetsky referiu na sua obra *Era do Vazio*, que assistimos à indiferença aos conteúdos, a uma comunicação sem finalidade e sem público. Trata-se de comunicar apenas por comunicar, expressar-se sem outra finalidade que não seja a de ser ouvido por um micro-público, esta é a lógica do vazio (1983).

Em que medida estaremos, enquanto sociedade, a privilegiar aquilo que é exposto por oposição ao que é vivido? Em que medida conseguimos delimitar as fronteiras entre o que é do domínio público e o que é do foro privado? Os jovens,

no seu próprio discurso, parecem apresentar uma clara distinção entre o que é público e o que é privado, bem como entre os contextos real e virtual. No entanto quando partimos para outras questões deste estudo percebemos que, pese embora eles refiram que apenas os seus “amigos” do Facebook têm acesso às suas publicações pessoais, quando lhes perguntamos quantos amigos estão presentes na sua rede social, não raras vezes estes são às centenas, e todos eles, têm acesso ao que é publicado. Devemos assim questionar se esta percepção que os jovens têm se traduz nos comportamentos que estes revelam aquando da utilização da rede social no quotidiano. Um conceito interessante de explorar é o facto de as amizades na rede social Facebook parecerem ser, numa boa parte dos casos, uma extensão da vida real, das amizades estabelecidas no contexto face-a-face, dado, aliás, consistente com o observado em outros estudos empíricos (Kujath, 2011; West, Lewis, & Currie, 2009). Tal poderá fazer questionar se fará sentido na atualidade, falar de comunicação face-a-face e comunicação *online*, de tal forma elas se entrelaçam e complementam. Hoje em dia, a comunicação *online* pode já revestir-se de imagens de vídeo, aproximando-se à comunicação dita face-a-face, e como tal, as fronteiras entre estes tipos de comunicação parecem ser cada vez mais difusas.

## **1.2 - A adaptação de um instrumento de uso problemático do Facebook para adolescentes**

De entre os estudos levados a cabo neste trabalho, no que ao uso problemático diz respeito, importará discutir os resultados do estudo II, no qual procurámos traduzir, adaptar e validar uma escala de uso problemático da Internet para a língua portuguesa.

Encontrar um instrumento para medir o uso do Facebook revelou-se uma tarefa de difícil persecução, pois se, por um lado, a literatura acerca do tema é cada vez mais vasta e atual, os instrumentos disponíveis estão focados essencialmente nas questões da frequência do uso, sendo o objetivo do presente trabalho procurar uma medida que focasse a natureza do uso numa perspetiva multidimensional. Surgiu então uma medida de uso problemático da Internet como

sendo a melhor hipótese para levar a cabo o presente estudo, a qual foi adaptada à especificidade da rede social Facebook. A GPIUS 2 revelou-se uma medida com bom ajustamento no contexto da utilização do Facebook para a língua portuguesa e o modelo proposto pelo autor (Caplan, 2010) foi corroborado pelo nosso estudo. Podemos, assim, dizer que no contexto da rede social Facebook, é possível aplicar o modelo de uso problemático da Internet (Caplan, 2010; Davis, 2001), e que a especificidade da rede social Facebook parece até maximizar as relações entre as variáveis presentes no modelo. Este instrumento de uso problemático poderá fornecer informação útil e válida relativamente a determinadas componentes do uso, permitindo a condução de novos estudos em Portugal, que possam avançar para lá das questões da frequência, amplamente estudadas nos últimos anos.

### **1.3 - A utilização da rede social Facebook à luz da Teoria da Vinculação**

Um dos grandes objetivos deste trabalho foi o de procurar compreender a utilização das redes sociais, nomeadamente a utilização problemática do Facebook na adolescência, à luz do quadro teórico da vinculação, pela relevância desta teoria para a compreensão do desenvolvimento humano. Retomando as questões levantadas pelo nosso enquadramento teórico, como poderemos então compreender a relação entre a vinculação e as novas formas de comunicação? Como podemos compreender a teoria da vinculação como um quadro de leitura da utilização do Facebook? Como já referimos anteriormente, mais do que a frequência, preocupa-nos o uso qualitativo, preocupam-nos as dinâmicas relacionais que estarão a montante e a jusante das questões do uso problemático, sendo que a vinculação nos parece ser um quadro teórico fulcral e explicativo, em parte, dos comportamentos adoptados na Internet.

Se virmos os resultados do nosso estudo, compreendemos pelo estudo dos perfis de utilizador (estudo III), que apenas 132 jovens da nossa amostra revelaram níveis problemáticos da utilização do Facebook. No entanto, pelo questionário de utilizador, mais de metade da mesma, têm um uso frequente da

rede social, isto é, cerca de 420 jovens passam no Facebook mais do que uma hora por dia. Se no entanto, nem todos os que acedem com frequência revelam uso problemático, então fará sentido compreender as questões da qualidade desse mesmo uso e que variáveis estarão associadas a este uso problemático, que o poderão explicar, para lá das questões da frequência.

Discutindo as questões relativas aos perfis de utilizador da rede social, que de resto foram obtidos tendo por base a medida traduzida e adaptada no estudo II, a acima referida GPUIS2, estes são de facto esclarecedores dos diferentes padrões de utilização e da forma como estes se relacionam com variáveis relacionais (vinculação aos pais e pares, competência interpessoal *online* e *offline*) e com variáveis de personalidade. A identificação de quatro grupos de utilizadores da rede social é reveladora e deve levar-nos a refletir acerca do que pode distinguir os diferentes grupos de utilizadores, sendo eles um grupo de uso problemático (*cluster 3*), um grupo de uso moderado (*cluster 4*), um grupo de uso não problemático (*cluster 2*) e um grupo com uma clara preferência pela comunicação *online*, mas sem questões mais perturbadoras da sua vida quotidiana (*cluster 1*). Quem são então os jovens com uma relação com a Internet que parece ser pouco saudável?

O cluster mais problemático (*cluster 3*) apresenta uma constelação de relações com as variáveis desenvolvimentais muito própria, revelando-se como o grupo dos jovens caracterizados por uma vinculação parental mais insegura, níveis mais elevados de alienação face aos pares, um défice nas competências interpessoais de fornecer suporte emocional e gerir conflitos, e uma estrutura de personalidade caracterizada por menores níveis de estabilidade emocional e de abertura à experiência. De facto, parece existir uma associação entre uma vinculação insegura e a frequência do uso da rede social, tal como observado em estudos anteriores (Oldmeadow, Quinn, & Kowert, 2013), acrescentando este estudo que a qualidade do uso também se associa a dimensões da vinculação. Mais especificamente, o grupo de jovens com um uso mais problemático da rede social (*cluster 3*) revela níveis mais elevados de inibição da exploração e individualidade por parte das figuras parentais e menores níveis de qualidade de laço emocional com as mesmas. Estes resultados vão ao encontro de estudos

anteriores, que referem que existe uma associação entre a qualidade da vinculação e o uso problemático da Internet (Kalaitzaki & Birtchnell, 2014; Liu, & Kuo, 2007; Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009). Como uma nota relevante acerca desta inibição da exploração e individualidade, importará trazer os dados qualitativos dos grupos focalizados, nos quais, a propósito do controlo parental exercido pelo uso do Facebook, os jovens referem, por exemplo “*Claro que eu não publico tudo que me apetece porque sei que eles podem ver, e por exemplo asneiras, ou coisas que eu não quero que eles saibam não vou colocar no Facebook*” ou “*Eu sei que de certa forma ela criou também para saber o que se passa, para estar por dentro, mas às vezes também é complicado para mim*”. Estas afirmações poderão indiciar que o controlo parental se procurará fazer agora também por esta via, e que talvez isso leve ainda a uma maior dificuldade dos jovens em ensaiar competências e de se autonomizarem, que poderá em certa medida potenciar o recurso mais problemático às redes sociais.

De referir ainda que encontramos um grupo de jovens, com um uso problemático moderado da rede social Facebook (*cluster 4*), que, diferindo do grupo menos problemático (*cluster 2*) em termos de estabilidade emocional e do nível de revelação pessoal *online* do grupo problemático (*cluster 3*), se apresenta com níveis de ansiedade de separação similares aos do grupo problemático, não se assemelhando a este noutras dimensões da vinculação. Parece existir aqui um papel preponderante da ansiedade de separação aos pais, em particular no que respeita ao uso problemático. O grupo mais problemático revela, ainda, maior alienação aos pares do que todos os outros grupos, corroborando assim os estudos que associam o uso problemático com as relações com os pares (Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009). Como tem sido verificado noutros estudos, adolescentes com um uso problemático da Internet mostram problemas na interação com os pares (Liu & Kuo, 2007) e apresentam pior qualidade das relações nas suas amizades (Harman, Hansen, Cochran, & Lindsey, 2005).

Mas de acordo com alguns estudos a influência da vinculação aos pais no uso problemático da Internet faz-se por via das competências interpessoais (Kalaitzaki, & Birtchnell, 2014; Liu, & Kuo, 2007; Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009). Neste sentido procurámos compreender melhor a relação entre a

vinculação parental e a competência interpessoal, a partir do modelo de Buhrmester, Furman, Wittenber e Reis (1988). No estudo IV procurámos averiguar esta relação, tanto no contexto face-a-face como no contexto *online*, porque nos pareceu que esta relação poderia ser explicativa, em parte, da relação que os jovens estabelecerão com a Internet. No que diz respeito às competências interpessoais *online*, a vinculação terá um papel preditor essencialmente na dimensão suporte emocional. No que concerne às competências interpessoais face-a-face, a inibição de exploração e individualidade ao pai e mãe revelaram-se como preditores negativos da capacidade de iniciar relações e da capacidade de fornecer suporte emocional. No entanto, esperaríamos, com base nos nossos fundamentos teóricos, que referiam que uma vinculação segura aos pais é promotora das competências sociais adequadas necessárias ao estabelecimento de relações com os outros (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001), uma relação mais forte entre a vinculação aos pais e a competência interpessoal. De notar ainda que o estudo IV procurou também medir as competências interpessoais online, e testar se a sua medição se assemelhará às das competências no contexto face-a-face, ao encontro das interrogações colocadas na parte do enquadramento deste trabalho acerca da natureza das competências online. Serão de igual natureza das competências face-a-face? Poderá o conjunto destas competências ser aprendido no contexto *online*? O nosso estudo IV revela que poderá de facto haver uma similaridade no que diz respeito ao nosso questionário, entre o contexto *online* e o contexto face-a-face, do ponto de vista da organização dimensional e factorial das competências. No entanto, quando procuramos os preditores para os dois conjuntos de competências, estas não se comportam da mesma maneira, e o poder explicativo para as competências *online* é muito baixo, o que nos poderá indicar que de facto estamos perante um contexto com as suas especificidades e singularidades.

É importante no que respeita à vinculação, discutir também os resultados do estudo V, que procurou analisar a relação direta, e mediada, entre a vinculação parental e o uso problemático do Facebook, analisando o papel da vinculação aos pares nesta relação. Na medida em que existe uma associação entre a vinculação aos pais e a vinculação aos pares (e.g., Armsden, & Greenberg 1987; Gorrese &

Ruggieri, 2012; Laible, 2007; Wilkinson, 2004), considerámos que esta poderia ser uma variável mediadora da relação entre a vinculação aos pais e o uso problemático do Facebook. No estudo V encontramos que adolescentes que têm uma vinculação segura aos pais (representada pela qualidade do laço emocional), serão menos alienados nas suas relações com os pares, e, por sua vez, tenderão a usar o Facebook de forma menos problemática, demonstrando-se assim a vinculação aos pares como uma variável mediadora desta relação. Este modelo vai ao encontro do que seria esperado, na medida em que uma relação de vinculação com os pais pautada pela segurança dará aos adolescentes a possibilidade de explorarem o mundo e de se sentirem pessoas merecedoras de valor, e como tal capazes de construírem relações seguras com os outros (Wilkinson, 2004). E, por outro lado, a proximidade e uma boa relação com os pares, parecem criar as condições ideais ao desenvolvimento das competências interpessoais destes adolescentes (Burhmester & Furman, 1986), e a qualidade da vinculação aos pares está associada ao uso aditivo da Internet (Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009).

De ressaltar que foram testados modelos de mediação separadamente para pai e mãe, bem como a invariância dos modelos relativamente ao sexo dos adolescentes. Os modelos revelaram-se diferentes para rapazes e raparigas, sendo que a ansiedade de separação parece desempenhar um papel importante no uso problemático do Facebook, apenas para os rapazes. Este dado merece também alguma reflexão, e retomando também os resultados do Estudo III, mais uma vez, a ansiedade de separação parece exercer um papel importante no uso problemático. Uma vinculação mais ansiosa parece estar associada em alguma medida a um uso problemático do Facebook, especialmente para os rapazes. Este dado poderá ser explicado pelo facto de, no caso das raparigas, ser mais bem aceite o expressar da ansiedade de separação do que no caso dos rapazes (e.g., Méndez et al., 2008), o que poderá dificultar a aceitação, expressividade e regulação de emoções relativas a esta ansiedade por parte dos rapazes, recorrendo estes mais facilmente a estratégias de evitamento em termos de regulação emocional (Blanchard-Fields & Coats, 2008; Vierhaus, Lohaus, & Ball, 2007). De resto no estudo III percebemos que a estabilidade emocional será um traço de personalidade associado ao uso problemático, pelo que dificuldades de



regulação emocional poderão explicar a procura destes modos de comunicação. Uma outra possível explicação poderá residir no questionário utilizado. A análise dos itens permite verificar que será mais difícil para os rapazes reverem-se nos itens relativos à ansiedade de separação (exs. “Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo”; “ Faço tudo para agradar aos meus pais”), apresentando estes uma média mais baixa nas respostas a esta escala, mas com maior intervalo de variação. Uma resposta favorável a estes itens poderá ser mais fácil de assumir nas raparigas, e portanto, quando os níveis são elevados nos rapazes, apesar desta dificuldade, eles poderão ter mais impacto no uso problemático.

Tendo em conta os resultados de alguns dos nossos estudos, e relativamente ao objetivo a que nos propusemos, podemos afirmar que a vinculação aos pais desempenha um papel importante na compreensão das dinâmicas de utilização problemática do Facebook, associando-se a um uso problemático pela via da vinculação aos pares e revelando-se como uma variável que permite caracterizar perfis de adolescentes utilizadores desta rede social.

#### **1.4 - Competência Interpessoal, Personalidade e Redes Sociais**

No que concerne à discussão de resultados acerca da competência interpessoal e da personalidade relativamente ao uso do Facebook, de ressaltar os resultados obtidos com os estudos III e IV, respetivamente sobre os perfis de utilizador e sobre as semelhanças e diferenças entre os contextos *online* e *face-a-face*, procurando analisar quais as variáveis que melhor predizem as competências interpessoais nestes dois contextos. Centrando agora o estudo dos perfis nas questões na personalidade e das competências interpessoais, podemos referir que algumas dimensões da personalidade parecem estar associadas ao uso problemático do Facebook, nomeadamente as dimensões estabilidade emocional e abertura à experiência. No entanto, os nossos dados não vão no mesmo sentido de outros estudos, nos quais a abertura à experiência surge positivamente associada ao uso problemático (Correa, Hinsley, & Gil de Zúñiga, 2010). Possivelmente, os jovens com maiores níveis de abertura à

experiência poderão estar também mais abertos ao contexto *online*, e não será difícil de compreender que, jovens com menores níveis de abertura à experiência, poderão ser jovens com uma menor rede de relações. Assim, poderemos aqui estar perante mais um dado que apoie a hipótese compensatória, a qual sugere que os indivíduos introvertidos podem procurar compensar as dificuldades que experienciam nas interações sociais face-a-face através da internet (Amichai-Hamburger, Wainapel, & Fox, 2002; Hamburger & Ben-Artzi, 2000), podendo estar potencialmente mais sujeitos ao uso problemático.

Uma outra explicação para a preferência pela comunicação *online*, sobretudo em situações particulares, reside também na facilidade em comunicar sem pistas verbais, para que não haja a necessidade de lidar com as reacções emocionais dos outros. A este propósito, alguns resultados dos grupos focalizados mostram esta facilidade trazida por estas novas formas de comunicação em frases como *“É muito mais fácil claro, podemos dizer muitas coisas sem ter que ver a cara da pessoa, também é melhor para quem é tímido”, “Às vezes queremos dizer coisas que não são muito boas, e assim sempre é mais fácil”* ou *“É bom para dizermos coisas sem termos que ver a reacção do outro, tipo coisas como chatear-se é mais fácil, ou até às vezes como dizer “amo-te”, embora não seja a mesma coisa”*.

De notar ainda que a estabilidade emocional se revelou como um traço de personalidade muito associado ao uso problemático, estando presente nos dois *clusters* com maiores níveis de uso problemático. Jovens com dificuldades de regulação emocional poderão procurar estes contextos, vistos como “mais seguros” para comunicar, pelo carácter do possível anonimato e da não exposição pessoal. A regulação emocional refere-se à tentativa de alterar as experiências emocionais (principalmente negativas), através da iniciação, manutenção ou alteração de frequência, intensidade ou duração das experiências emocionais. Dificuldades de regulação emocional têm sido considerados fatores de risco para a criação de dependências (Aldao, Nolen-Hoeksema, & Schweizer, 2010). Investigação refere que o uso da Internet pode servir como uma forma de fugir da realidade e lidar com o stress, a depressão e a preocupação excessiva (Whang & Lee, 2003), e estes dados poderão explicar o porquê destes jovens dos

grupos com um uso mais problemático revelaram níveis baixos de estabilidade emocional.

A comparação entre os contextos face-a-face e *online* permitiu de alguma forma compreender de que modo dimensões da personalidade poderiam prever as competências interpessoais em ambos os contextos. Verificámos que no contexto face-a-face, várias dimensões da personalidade se revelaram preditoras significativas de várias competências interpessoais, ressaltando o papel da abertura à experiência, preditora de todas as competências interpessoais em estudo. Algumas dimensões da personalidade surgem como bons preditores da competência interpessoal no contexto face-a-face como referido, nomeadamente a extroversão e a abertura à experiência que predizem positivamente a dimensão iniciar relações, e a afabilidade prediz positivamente a capacidade de fornecer suporte emocional aos outros e a capacidade de gerir conflitos. Se tivermos em conta que a competência interpessoal está positivamente associada ao uso ativo do Facebook (Jenkins-Guarnieri, Wright, & Johnson, 2013) poderemos dizer que a personalidade se encontra a montante destas questões, desempenhando um papel a considerar no estudo do uso problemático do Facebook. No que concerne às competências interpessoais no contexto *online*, os resultados sugerem que o papel da personalidade não será de igual forma importante, possivelmente porque estas competências se revestirão de um cariz diferente das do contexto face-a-face, sendo preditas mais por variáveis como a preferência pela interação social *online*, do que por variáveis da personalidade.

Em conclusão, o uso problemático do Facebook precisa de ser considerado, tendo uma prevalência importante na nossa amostra de adolescentes portugueses, e pode agora ser medido nesta população. Existem diferentes perfis de utilização problemática do Facebook, diferencialmente associados com variáveis relacionais e de personalidade. O uso problemático do Facebook está associado à vinculação insegura, a uma alienação face ao grupo de pares, bem como a menores capacidades de relacionamento com os outros e menores níveis de estabilidade emocional. A relação entre uma vinculação insegura aos pais e o uso problemático do Facebook é mediada pela alienação ao grupo de pares. A

ansiedade de separação face aos pais desempenha um papel importante neste quadro, sobretudo para os rapazes.

## **2. Limitações**

O presente estudo apresenta algumas limitações que importa identificar. A amostra em questão, pese embora a sua dimensão, não foi constituída de forma a ser representativa da população adolescente portuguesa, pelo que os nossos resultados deverão ser analisados tendo essa premissa em linha de conta. Por outro lado, não sendo uma amostra recolhida nos grandes centros urbanos, os resultados poderão apresentar particularidades decorrentes deste facto. Relativamente aos nossos instrumentos, poderemos salientar o facto da vinculação aos pares ter sido medida por uma única escala de um instrumento, com apenas 7 itens, por questões de dimensão de protocolo. De notar ainda a decisão de optar por uma medida de personalidade reduzida, por razões de tamanho de protocolo e de menor importância atribuída a esta variável no cômputo geral, e que se revelou uma medida mais frágil do ponto de vista psicométrico. A administração de escalas mais completas poderia ajudar a operacionalizar melhor os construtos em questão. Alguns instrumentos revelaram-se mais frágeis do ponto de vista psicométrico, nomeadamente com valores de rácio de qui quadrado elevados, mas compensados pela adequação dos restantes índices. No que respeita ao desenho metodológico, este é um estudo com um único momento de recolha de dados e, por conseguinte, não permite o estabelecimento de relações causais. Para futura investigação seria útil um desenho metodológico que contemplasse mais do que um momento de recolha de dados, acedendo assim a estas variáveis através de um estudo longitudinal. Por outro lado, o nosso estudo baseou-se unicamente em informação que nos foi dada pelos adolescentes, quer qualitativa, quer quantitativa. Seria útil futuramente adotar uma perspectiva multi-informante, tendo interesse aceder às representações de pais, professores e outros significativos, designadamente os próprios pares, no desenvolvimento do adolescente. No que aos grupos focalizados diz respeito, importa referir que os seus participantes foram voluntários, e que como tal estes tenderão a ser adolescentes mais extrovertidos,

mais abertos à participação nestas iniciativas. Tal facto poderá ter feito com que os temas e pontos de vista que surgem no grupo representem uma visão de adolescentes mais desenvolvidos socialmente. Mais do que uma limitação, uma outra questão de reflexão está associada com a tentativa de medir as competências interpessoais no contexto *online*, adaptando a mesma medida criada para o contexto face-a-face, e que concluímos talvez possa não capturar as especificidades deste contexto, e como tal ter influenciado alguns dos resultados obtidos neste trabalho. Uma nota final merecedora de atenção é ainda a potencialidade e riqueza que poderia trazer a este estudo, a devolução dos resultados do estudo a grupos de adolescentes, e o debate com os mesmos do que foi encontrado.

### **3. Implicações para a Prática**

Estes resultados podem trazer informação para a reflexão em torno da intervenção no campo da Psicologia, e iluminar as questões do uso problemático, cada vez mais presentes no atendimento de adolescentes em consulta de Psicologia. Compreendemos com este trabalho que as questões relacionais estruturais da vida dos adolescentes parecem estar associadas às questões da utilização da rede social Facebook. Nesta medida em programas de educação parental, deverá promover-se o desenvolvimento da capacidade de resposta e sensibilidade durante a adolescência, para que os adolescentes desenvolvam vínculos seguros com os seus pais e aprendam a negociar o equilíbrio entre autonomia e proximidade emocional. Adicionalmente as escolas devem estar particularmente atentas aos alunos que pareçam estar afastados do seu grupo de pares, e como tal possam desenvolver sentimentos de alienação, uma vez que de acordo com o presente estudo estes jovens estarão em maior risco de desenvolver uma utilização problemática da rede social Facebook. Atividades desenvolvidas especialmente para promover interações entre estudantes e integração de estudantes socialmente isolados devem ser incentivadas. Em consulta individual com estes adolescentes, surge como particularmente relevante aceder às questões da vinculação, e designadamente a ansiedade de separação

relativa às figuras de vinculação, e trabalhar as competências interpessoais no contexto das relações próximas com os pares. Revela-se ainda importante compreender a relação que é estabelecida com as redes sociais para que melhor se possa aferir se estamos efetivamente a falar de uso problemático ou de uma preferência pela interação *online* que, no entanto, não afete negativamente o desenvolvimento dos adolescentes.

#### **4. Pistas para Investigação Futura**

Este é um campo de estudo em expansão, em Portugal e no mundo, e como tal muito pode ainda ser feito na compreensão destes fenómenos, sobretudo no que respeita à compreensão dos mesmos do ponto de vista das relações com outros significativos. Podemos desde logo indicar como um campo de estudo a considerar, o da regulação emocional, uma vez que, na sequência dos resultados encontrados neste trabalho poderemos hipotetizar que esta variável será uma variável de interesse no que concerne ao uso da rede social Facebook. Compreender as estratégias de regulação emocional dos jovens e relacioná-las com a utilização das redes sociais poderá dar-nos mais pistas acerca da razão de os jovens estabelecerem diferentes modos de relacionamento com as redes sociais. Parece-nos também importante que sejam levados a cabo estudos longitudinais, com mais do que um momento de recolha de dados, para que possam ser estabelecidas relações causais, que seriam abusivas no quadro metodológico do presente estudo. Será importante compreender como funciona a relação entre competências interpessoais e uso problemático, isto é, qual é causa e qual é consequência. Será uma falta de competências interpessoais geradora de um uso problemático? Será o uso problemático potenciador de solidão e gerador de um défice do ponto de vista do relacionamento com os outros? Decorre ainda do nosso estudo a necessidade de continuar a utilizar o instrumento de utilização problemática do Facebook e de o consolidar em termos psicométricos na população portuguesa adolescente. Importará também compreender a associação entre este instrumento e eventuais medidas de bem-

estar, como depressão e ansiedade. Se o uso problemático das redes sociais se evidencia como uma realidade preocupante e premente na sociedade atual, importa que possamos aceder-lhe de forma fiável, privilegiando as questões qualitativas do uso, mais do que a frequência da utilização. Uma outra temática com a qual nos parece possa ser importante avançar, será a da introdução das questões da vinculação romântica no domínio da utilização das redes sociais na adolescência, uma vez que estas ferramentas têm hoje em dia um forte papel nas questões do romance e do ciúme na adolescência.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S. (1982) Attachment: Retrospect and prospect. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.). *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). New York: Basic Books.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- Ainsworth, M. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Aldao A., Nolen-Hoeksema S., & Schweizer, S. (2010). Emotion regulation strategies across psychopathology: A metaanalytic review. *Clinical Psychology Review*, 30, 217–37.
- Allen, J., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy, & P.R. Shaver (Ed.), *Handbook of attachment: theory, research, and clinical application* (pp. 319-335). New Work: The Guilford Press.
- American Psychiatric Association (APA) (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: APA.
- Amichai-Hamburger, Y. (2002). Internet and personality. *Computers in Human Behavior*, 18, 1–10.
- Amichai-Hamburger, Y., Wainapel, G., & Fox, S. (2002). 'On the internet no one knows I'm an introvert': Extroversion, neuroticism, and internet interaction. *Cyberpsychology and Behavior*, 2, 125–28.
- Amichai-Hamburger, Y., & Ben-Artzi, E. (2000). The relationship between extraversion and neuroticism and the different uses of the internet. *Computers in Human Behavior*, 16, 441-449.
- Amichai-Hamburger, Y., & Ben-Artzi, E. (2003). Loneliness and internet use. *Computers in Human Behavior*, 19, 71-80.
- Anderson, K. (2001). Internet use among college students: An exploratory study. *Journal of American College Health*, 50, 21-26.

- Arbuckle, J. (2012). *IBM SPSS AMOS 21 User's guide*. Available at [ftp://public.dhe.ibm.com/software/analytics/spss/documentation/amos/21.0/en/Manuals/IBM\\_SPSS\\_Amos\\_Users\\_Guide.pdf](ftp://public.dhe.ibm.com/software/analytics/spss/documentation/amos/21.0/en/Manuals/IBM_SPSS_Amos_Users_Guide.pdf)
- Armsden, G.C., & Greenberg, M.T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427–454.
- Armstrong, L., Phillips, J., & Saling, L. (2000). Potential determinants of heavier internet usage. *International Journal of Human-Computer Studies*, 53, 537–550.
- Assunção, R., Ávila, M., & Matos, P. M. (2010). O questionário de competência interpessoal: Um estudo com adolescentes portugueses. *Psicologia, Educação e Cultura*, 14, 269-285.
- Barelds, D. (2005). Self and partner personality in intimate relationships. *European Journal of Personality*, 19, 501–518.
- Barker, V. (2009). Older adolescents' motivations for use of SNS: The influence of gender, group identity, and collective self-esteem. *Cyberpsychology and Behavior*, 12, 209–213.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226–244.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2016). Retrived from [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html)
- Beran, T., & Li, Q. (2007). The relationship between cyberbullying and school bullying. *Journal of Student Wellbeing*, 1, 15–33.
- Blais, J., Craig, W., Pepler, D., & Connolly, J. (2008). Adolescents online: The importance of internet activity choices to salient relationship. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 49-58.
- Blais, J., Craig, W., Pepler, D., & Connolly, J. (2008). Adolescents online: The importance of internet activity choices to salient relationship. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 49-58.

- Blanchard-Fields, F., & Coats, A. (2008). The experience of anger and sadness in everyday problems impacts age differences in emotion regulation. *Developmental Psychology, 44*, 1547–1556.
- Block, J. (2008). Issues for DSM-V: Internet addiction. *American Journal of Psychiatry, 165*, 306–307.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*, Vol. 1: Attachment. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*, Vol. 2: Separation. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980b). By ethology out of psycho-analysis: An experiment in interbreeding. *Animal Behavior, 28*, 649-656.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss*, Vol. 2: Separation. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Boyd, D., & Ellison, N. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer Mediated Communication, 13*, 210-230.
- Brown, B. B., & Larson, J. (2009). Peer relationships in adolescence. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology*, 3rd edition (pp.74-103). New York: Wiley.
- Brown, B.B., Dolcini, M.M., Leventhal, M. A. (1997) Transformations in peer relationships at adolescence: Implications for health-related behavior. In J. Schulenberg, J. L. Maggs, and K. Hurrelmann (Eds.), *Health risks and developmental transitions during adolescence* (pp. 161-189). New York, NY: Cambridge University Press.
- Buhrmester, D. (1990). Intimacy of friendship, interpersonal competence, and adjustment during preadolescence and adolescence. *Child Development, 61*, 1101–1111.
- Buhrmester, D. (1992). The developmental course of sibling and peer relationships. In F. Boer & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships*:

*Developmental and clinical issues* pp. 19 – 40). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc

- Buhrmester, D. (1992). The developmental course of sibling and peer relationships. In F. Boer & J. Dunn (Eds.), *Children's sibling relationships: Developmental and clinical issues* (pp. 19 – 40). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Buhrmester, D. (1996). Need fulfillment, interpersonal competence, and the developmental contexts of early adolescent friendship. In W.M. Bukowski, A.F. Newcomb, and W.W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 15- 45). Cambridge: Cambridge University Press.
- Buhrmester, D. (1996). Need fulfillment, interpersonal competence, and the developmental contexts of early adolescent friendship. In W.M. Bukowski, A.F. Newcomb, and W.W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 15- 45). Cambridge: Cambridge University Press.
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1986). The changing function of friends in childhood. A neo-Sullivanian perspective. In V. Derlega & B. Winstead (Eds.), *Friendship and social interaction* (pp. 41-62). New York: Springer-Verlag.
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1987). The development of companionship and intimacy. *Child Development*, 58, 1101–1113.
- Buhrmester, D., & Prager, K. (1995). Patterns and functions of self-disclosure during childhood and adolescence. In K. J. Rotenberg (Ed.), *Disclosure processes in children and adolescents* (pp. 10–56). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Buhrmester, D., Furman, W., Wittenberg, M., & Reis, H. (1988). Five domains of interpersonal competence in peer relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 6, 991-1008.
- Bukatko, D. (2008). *Child and adolescent development*. Boston, MA: Houghton Mifflin.
- Caplan, S. (2002). Problematic internet use and psychosocial well-being: Development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. *Computers in Human Behavior*, 18, 553–575.

- Caplan, S. (2003). Preference for online social interaction: A theory of problematic internet use and psychosocial well-being. *Communication Research*, 30, 625–648.
- Caplan, S. E. (2005). A social skill account of problematic Internet use. *Journal of Communication*, 55, 721–736.
- Caplan, S. E. (2010). Theory and measurement of generalized problematic Internet use: A two-step approach. *Computers in Human Behavior*, 26, 1089–1097.
- Carvalho, J., Francisco, R., & Relvas, A. P. (2015). Family functioning and information and communication technologies: how do they relate? A literature review. *Computers in Human Behavior*, 45, 99-108.
- Cassidy, J., & Shaver, P. R. (Eds.) (2008). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed.). New York: Guilford Publications.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage.
- Clark, L., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7, 309-319.
- Collins, N. L., & Ford, M., & Feeney, B. C. (in press). Social support and caregiving processes in close relationships: An attachment theoretical perspective. In L. M. Horowitz & S. Strack (Eds.), *Handbook of Interpersonal Psychology*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc.
- Correa, T., Hinsley, A., & Gil de Zuniga, H. (2010). Who interacts on the web? The intersection of users' personality and social media use. *Computers in Human Behavior*, 26, 247–253.
- Costa, A. (2012). *Adolescentes na rede: Relações sem rosto*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Cummings, J., Lee, J., & Kraut, R. (2006). Communication technology and friendship during the transition from high school to college. In R. E. Kraut, M. Brynin, & S. Kiesler (Eds.). *Computers, Phones, and the Internet: Domesticating Information Technology* (pp. 265–278). New York: Oxford University Press.

- Dainton, M., & Stokes, A. (2015). College students' romantic relationships on Facebook: linking the gratification for maintenance to Facebook maintenance activity and the experience of jealousy. *Communication Quarterly*, 63, 365-383.
- Davis, R. (2001). A cognitive-behavioral model of pathological Internet use. *Computers in Human Behavior*, 17, 187–195.
- Davis, R., Flett, G., & Besser, A. (2002). Validation of a new scale for measuring problematic internet use: Implications for pre-employment screening. *Cyberpsychology Behavior*, 5, 331–345.
- Devaraj, S., Easley, R., & Crant, J.M. (2008). How does personality matter? Relating the five factor model to technology acceptance and use. *Information Systems Research*, 19, 93-105.
- Dhir, A. (2015). On the nature of Internet Addiction : What is it and how is it measured? *Doctoral dissertation*. Faculty of Behavioural Sciences, Department of Teacher Education, University of Helsinki.
- Douglas, A., Milss, J., Niang, M., Stepchenkova, S., Byun, S., Ruffini, C., Lee, S., Loutfi, J., Lee, J., Atallah, M., & Blanton, M. (2008). Internet addiction: Meta-synthesis of qualitative research for the decade 1996-2006. *Computers in Human Behavior*, 24, 3027-3044.
- Dowling, N. A. & Quirk, K. L. (2009). Screening for Internet dependence: Do the proposed diagnostic criteria differentiate normal from dependent Internet use? *CyberPsychology & Behavior*, 12, 21–27.
- Dreier, M., Tzavela, E., Wölfling, K., et al. (20013). The development of adaptive and maladaptive patterns of internet use among European adolescents at risk for internet addictive behaviors: A grounded theory inquiry. EU NET ADB. National and Kapodistrian University of Athens, Athens, Greece; 2013. Available at [www.eunetadb.eu](http://www.eunetadb.eu).
- Engels, R., Finknauer, C., Meeus, W., & Dekovic, M. (2001). Parental attachment and adolescents' emotional adjustment: The associations with social skills and relational competence. *Journal of Counseling Psychology*, 48, 428-439.
- Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York, NY: Norton.
- Erikson, F. (1950). *Childhood and society*. New York: Norton.

- Eurostat (2013). Available at: [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/product\\_details/dataset?product\\_code=TIN00127](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/product_details/dataset?product_code=TIN00127)
- Feeney, B. C., Cassidy, J., & Ramos-Marcuse, F. (2008). The generalization of attachment representations to new social situations: Predicting behavior during initial interactions with strangers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 1481-1498.
- Ferreira, M., & Costa, M. E. (1998). Inventory of peer and parental attachment. Adaptação do instrumento. *Manuscrito não publicado*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
- Fleming, M. (1997). *Adolescência e autonomia. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. 2ª Edição. Porto. Edições Afrontamento.
- Fonagy, P., Steele, M., & Steele, H. (1991). Intergenerational patterns of attachment: Maternal representations during pregnancy and subsequent infant- mother attachments. *Child Development*, 62, 891-905.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115.
- Furman, W., & Wehner, E. A. (1994). Romantic views: Toward a theory of adolescent romantic relationships. In R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Eds.), *Personal relationships during adolescence* (pp. 168–195). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Gamez-Guadix, M., Calvete, E., Orue, I., & C. Las Hayas, C. (2015) Problematic internet use and problematic alcohol use from the cognitive-behavioral model: A longitudinal study among adolescents. *Addictive Behaviors*, 40, 109–114.
- Gorrese, A., & Ruggieri, R. (2012). Peer attachment: A meta-analytic review of gender and age differences and associations with parent attachment. *Journal of Youth and Adolescence*, 41, 650-672. DOI 10.1007/s10964-012-9759-6
- Gosling, S., Rentfrow, P., & Swann, W. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37, 504-528.
- Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). *Manual QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*. Porto: Euedito. Também disponível em <https://sites.google.com/site/manualqvpm/home>

- Graffar M. (1956). Une methode de classification sociales d'echantillons de population. *Courrier*, 6, 445–59.
- Greenfield, D. N. (1999). Virtual addiction: Sometimes new technology can create new problems. from [http://www.virtual-addiction.com/pdf/nature\\_internet\\_addiction.pdf](http://www.virtual-addiction.com/pdf/nature_internet_addiction.pdf)
- Gross, E. F., Juvonen, J., & Gable, S. L. (2002). Internet use and well-being in adolescence. *Journal of Social Issues*, 58, 75–90.
- Hambleton, R.K., Merenda, P.F., & Spielberger, C. D. (2005). *Adapting educational and psychological tests for crosscultural assessment*. Mahwah, NJ:Erlbaum.
- Hand, M., Thomas, D., Buboltz, W.; Deemer, E., & Buyanjargal, M. (2013). Facebook and romantic relationships: Intimacy and couple satisfaction associated with online social networks. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networks*, 16, 8-13.
- Harman, J., Hansen, C., Cochran, M., Lindsey, C. (2005). Liar, Liar: Internet faking but not frequency of use effects social skills, self-esteem, social anxiety, and aggression. *Cyberpsychology*, 8, 1-6.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York, NY: Guilford Press.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987) Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hooper, D., Coughlan, J., & Mullen, M.R. (2008). Structural equation modelling: Guidelines for determining model fit. *Journal of Business Research Methods*, 6, 53–60.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1998). Fit indices in covariance structure modeling: Sensitivity to underparameterized model misspecification. *Psychological Methods*, 3, 424-453.
- Internet World Stats (2015). Available in <http://www.internetworldstats.com/stats4.htm>
- Jenkins-Guarnieri, M., Wright, S., & Hudiburgh, L. (2012). The relationships among attachment style, personality traits, interpersonal competency, and facebook use. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 33, 294-301.



- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin, & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 102–138). New York: Guilford Press.
- Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Extending the school grounds? Bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health, 78*, 496–505. doi:10.1111/j.1746-1561.2008.00335.
- Kalaitzaki, A., & Birtchnell, J. (2014). The impact of early parenting bonding on young adults' Internet addiction, through the mediation effects of negative relating to others and sadness. *Addictive Behaviors, 39*, 733–736.
- Kandell, J. (1998). Internet addiction on campus: The vulnerability of college students. *Cyberpsychology & Behavior, 1*, 11-17.
- Karl, K., Peluchette, J., & Schlaegel, C. (2010). Who's posting Facebook faux pas? A cross-cultural examination of personality differences. *International Journal of Selection and Assessment, 18*, 174–186.
- Katzer, C., Fetchenhauer, D., & Belschak, F. (2009). Cyberbullying: Who are the victims? A comparison of victimization in Internet chatrooms and victimization in school. *Journal of Media Psychology, 21*, 25–36. doi:10.1027/1864-1105.21.1.25
- Kegan, R. (1982). *The evolving self: Problem and process in human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Kiesler, S., Siegel, J., & McGuire, T. W. (1984). Social psychological aspects of computer-mediated communication. *American Psychologist, 39*, 1123-1134.
- Kim, H., & Davis, K. (2009). Toward a comprehensive theory of problematic Internet use: evaluating the role of self-esteem, anxiety, flow, and the self-rated importance of Internet activities. *Computers in Human Behavior, 25*, 490–500.
- Ko, C. H., Yen, J. Y., Chen, C. C. et al., (2006). Tridimensional personality of adolescents with internet addiction and substance use experience. *Canadian Journal of Psychiatry, 51*, 887–894.
- Ko, C-H., Hsiao, S., Liu, G-C., Yen, J-Y., Yang, M-J., & Yen, C-F. (2010). The characteristics of decision making, potential to take risks, and personality of college students with Internet addiction. *Psychiatry Research. 175*, 121–125.

- Koch, W. H., & Pratarelli, M. E. (2004). Effects of intro/extraversion and sex on social Internet use. *North American Journal of Psychology*, 6, 371-382.
- Koutamanis, M., Vosser, H., Peter, J., & Valkenburg, P. (2013). Practive makes perfect: The longitudinal effect of adolescents' instante messaging on their ability to initiate offline relationships. *Computers in Human Behavior*, 29, 2265-2272.
- Kowalski, R. M., Limber, S. E., & Agatston, P. W. (2012). *Cyberbullying: Bullying in the digital age* (2nd Ed.). Malden, MA: Wiley-Blackwell.
- Kraut, R. (2002). Internet paradox revisited. *Journal of Social Issues*, 58, 49-74.
- Kraut, R., Paterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53, 1017-1031.
- Kroger, J. (2004). *Identity in adolescence: The balance between self and other* (3rd ed.). London: Routledge.
- Kujath, C. (2011). Facebook and Myspace: Complement or substitute for face-to-face interaction. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 14, 75-78.
- Laible, D. (2007). Attachment with parents and peers in late adolescence: Links with emotional competence and social behavior. *Personality and Individual Differences*, 43, 1185-1197.
- LaRose, R., Lin, C. A., & Eastin, M. S. (2003). Unregulated Internet usage: Addiction, habit, or deficient self-regulation? *Media Psychology*, 5, 225-253.
- Lenhart, A., Madden, M. (2007). Social networking websites and teens: An overview. Available at <http://www.pewinternet.org/Reports/2007/Social-Networking-Websites-and-Teens.aspx>
- Lima, C., Castro, S. L. (2009). Inventário de Personalidade de 10 itens, versão portuguesa. Available on <http://www.fpce.up.pt/labfala>
- Lima, M.L., Marques, S., & Camilo, C. (2015). *Ter amigos faz bem à saúde. Mas será que os amigos do facebook contam? Estudos na população portuguesa*. Lisboa: CIS-IUL/ISCTE-IUL. ISBN: 978-989-732-662-2
- Lin, S., & Tsai, C. (2002). Sensation seeking and internet dependence of Taiwanese high school adolescents. *Computers in Human Behavior*, 18, 411-426.

- Lipovetsky, G. (1983). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Liu, C., & Kuo, F. (2007). A study of Internet addiction through the lens of the interpersonal theory. *Cyberpsychology and Behavior*, 10, 799–804.
- Main, M. & Solomon, J. (1986) Discovery of a new, insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In T. B. Brazelton & M. Yogman (Eds), *Affective development in infancy* (pp. 95-124). Norwood, New Jersey: Ablex.
- Main, M. & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying disorganized/disoriented infants during the Ainsworth Strange Situation. In M. Greenberg, D. Cicchetti & M. Cummings (Eds), *Attachment in the preschool years*, pp. 121-160. Chicago: University of Chicago Press.
- Main, M. (1973). *Exploration, play, and cognitive functioning as related to child-mother attachment*. Unpublished doctoral dissertation, Johns Hopkins University, Baltimore.
- Mallinckrodt, B. (2000). Attachment, social competencies, social support and interpersonal process in psychotherapy. *Psychotherapy Research*, 10, 239 – 266.
- Marshall, T.; Bejanyan, K.; Di Castro, G., & Lee, R. (2013). Attachment styles as predictors of Facebook-related jealousy and surveillance in romantic relationships. *Personal Relationships*, 20, 1-22.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *The Father and Mother Attachment Questionnaire: revised version*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P.M. (2003). O conflito à luz da teoria da vinculação. In M.E. Costa (Coord.), *Gestão de conflitos na escola* (pp.144-191). Lisboa: Universidade Aberta.
- Matos, P.M. (2006). Relações românticas em adolescentes. *Psychologica*, 41, 9-24.
- Matos, P.M. and Costa, M.E., 2006. Vinculação aos pais e ao par romântico no adolescente. *Psicologia*, 20, 97-126.

- McKenna, K. Y. A., Green, A. S., & Gleason, M. E. J. (2002). Relationship formation on the Internet: What's the big attraction? *Journal of Social Issues*, 58, 9–31.
- Meeus, W., & Dekovic, M. (1995). Identity development, parental and peer support: Results of national Dutch survey. *Adolescence*, 30, 931-944.
- Meeus, W., Iedema, J., Maassen, G., & Engels, R. (2005). Separation-individuation revisited: On the interplay of parent-adolescent relations, identity and emotional adjustment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 28, 89-106.
- Méndez, F.X., Espada, J.P., Orgilés, M., Hidalgo, M.D. & García-Fernández, J.M. (2008). Psychometric properties and diagnostic ability of the Separation Anxiety Scale for Children (SASC). *European Child and Adolescent Psychiatry*, 17, 365-72.
- Microsoft (2010). Available at: <http://news.microsoft.com/pt-pt/2010/02/09/02-09segurancainternetpr/>
- Milani, L., Osualdella, D., & Di Blasio, P. (2009). Quality of interpersonal relationship and problematic Internet use in adolescence. *Cyberpsychology & Behavior*, 12, 681–684.
- Mitchell, K. J., Ybarra, M., & Finkelhor, D. (2007). The relative importance of online victimization in understanding depression, delinquency, and substance use. *Child Maltreatment*, 12, 314–324. doi:10.1177/1077559507305996
- Monahan, K. C. & Steinberg, L. (2011). Continuity of social competence from early childhood to mid-adolescence: Accentuation of individual differences over time. *Journal of Research on Adolescence*, 21, 576-585.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20, 367-377.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Competências sociais e variáveis relacionadas em adolescentes. *Psicologia, Educação e Cultura*, 12, 61-86.
- Nickerson, A. B., & Nagle, R. J. (2005). Parent and peer attachment in late childhood and early adolescence. *The Journal of Early Adolescence*, 25, 223–249.

- Oldmeadow, J., Quinn, S., & Kowert, R. (2013). Attachment style, social skills, and Facebook use amongst adults. *Computers in Human Behavior*, 29, 1142-1149.
- Parke, R. D., & Ladd, G. W. (1992). *Family-peer relationships: Modes of linkage*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Parks, M.R., & Floyd, K. (1996). Making friends in cyberspace. *Journal of Communication*, 46, 80–97.
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2012). Cyberbullying: An update and synthesis of the research. In J. W. Patchin & S. Hinduja (Eds.), *Cyberbullying prevention and response: Expert perspectives* (pp. 13–36). New York, NY: Routledge.
- Patterson, C., Kupersmidt, J., & Griesler, P. (1990). Children's perceptions of self and of relationships with others as a function of sociometric status. *Child Development*, 5, 1335-1349.
- Pervin, L. A., Cervone, D., John, O. P. (2005). *Personality: Theory and Research*; Ninth Edition.
- Petry, N. M. & O'Brien, C. P. (2013). Internet Gaming Disorder and the DSM-5. *Addiction*, 108, 1186–1187.
- Pies, R. (2009). Should DSM-V designate “Internet Addiction” a mental disorder? *Psychiatry (Edgemont)*, 6(2), 31–37.
- Pontes, H., & Patrão, 2013. *A dependência à Internet: Fundamentação, Empírica, Teórica e Clínica – Da Psicologia e Psicometria à Ciber-Psicologia*. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Pontes, H., Patrão, I., & Griffiths, M. (2014). Portuguese validation of the Internet Addiction Test: An empirical study. *Journal of Behavioral Addictions*, 2, 107-114.
- Privitera, C., & Campbell, M. A. (2009). Cyberbullying: The new face of workplace bullying? *CyberPsychology and Behavior*, 12, 395-400.
- Ribeiro, A. (2009). *Os jovens e os media: participação cívica e política através da Internet*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

- Roberts, B. W., & DelVecchio, W. F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: A quantitative review of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 126, 3–25
- Rocha, M., & Matos, P.M. (2012). Componentes de apego em adolescentes portugueses [Attachment components in Portuguese adolescents]. *Revista Argentina de Clínica Psicológica*, 21, 197-208.
- Rodrigues, F. (2014). *Comunicação sem rosto: Emergência de conflitos na comunicação virtual escrita*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Ross, C., Orr, E., Mia Sisic, B., Arseneault, J. , Simmering, M.& Orr, R. (2009). Personality and motivations associated with Facebook use. *Computers in Human Behaviour*, 25, 578-586.
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Test of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research - Online*, 8, 23-74.
- Schmitt, D.,Youn, G., Brooks, S., Frye, H., & Johnson, S. (2009). When will I feel love? The effects of culture, personality, and gender on the psychological tendency to love. *Journal of Research in Personality*, 43, 830–846
- Simons, K.J., Paternite, C.E., & Shore, C. (2001). Quality of parent/adolescent attachment and aggression in young adolescents. *Journal of Early Adolescence*, 21, 182-203.
- Smahel, D., Brown, B. B., & Blinka, L. (2012) Associations between online friendship and internet addiction among adolescents and emerging adults. *Developmental Psychology*, 48, 381-288.
- Sousa, D. (2012). *Vinculação, infidelidade online e ciúme nas redes sociais em estudantes do Ensino Superior*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Statista (2014). Available in <http://www.statista.com/statistics/376128/facebook-global-user-age-distribution/>
- Steinberg, L. & Morris, AS. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83–110.
- Steinberg, L. (2008). *Adolescence* (8th Ed.). Boston, MA: McGraw Hill.

- Steinfeld, C., Ellison, N. B., & Lampe, C. (2008). Social capital, self-esteem, and use of online social network sites: A longitudinal analysis. *Journal of Applied Developmental Psychology, 29*, 434-445. doi: 10.1016/j.appdev.2008.07.002.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Subrahmanyam, K., & Greenfield, P. M. (2008). Virtual worlds in development: Implications of social networking sites. *Journal of Applied Developmental Psychology, 29*, 417-419.
- Subrahmanyam, K., & Smahel, D. (2011). *Digital youth: The role of media in development*. New York: Springer.
- Subrahmanyam, K., Reich, S. M., Waechter, N., Espinoza, G. (2008). Online and offline social networks: Use of social networking sites by emerging adults. *Journal of Applied Developmental Psychology, 29*, 420-433.
- Suler, J. (1999). To get what you need: Healthy and pathological Internet use. *Cyberpsychology and Behavior, 2*, 355-393.
- Sullivan, H.S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. W. W. Norton, New York, USA.
- Valkenburg, P. M. & Peter, J. (2011). Adolescents' online communication: An integrated model of its attraction, opportunities, and risks. *Journal of Adolescent Health, 48*, 121-127.
- Valkenburg, P. M., Schouten, A. P., & Peter, J. (2005). Adolescents' identity experiments on the Internet. *New Media and Society, 7*, 383-402.
- Valkenburg, P., & Peter, J. (2009). Adolescents' identity experiments in the internet: Consequences for social competence and self-concept unity. *Communication Research, 35*, 208-231.
- Valkenburg, P., Sumter, S., & Peter, J. (2011). Gender differences in online and offline self-disclosure in pre-adolescence and adolescence. *British Journal of Developmental Psychology, 29*, 253-269.
- Vieira, C. (2009). *A Internet enquanto context de empoderamento psicológico em jovens universitários*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

- Vierhaus, M., Lohaus, A., & Ball, J. (2007). Developmental changes in coping: Situational and methodological influences. *Anxiety, Stress and Coping*, 20, 267–282.
- Wehrli, S. (2008). Personality on social network sites: An application of the five factor model. *ETH Zurich Sociology Working Paper No. 7*.
- Weinstein, A., Dorani, D., Elhadif, R., Bukovza, Y., Yarmulnik, A., & Dannon, P. (2015). Internet addiction is associated with social anxiety in young adults. *Annals of Clinical Psychology*, 27, 4-9.
- Weiser, E. (2001). The functions of internet use and their social and psychological consequences. *Cyberpsychology & Behavior*, 4, 723-743.
- Weiss, R. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76), London: Routledge.
- West, A., Lewis, J., & Currie, P. (2009). Students' facebook 'friends': Public and private spheres. *Journal of Youth Studies*, 12, 615–627.
- Whang L. S. M., & Lee, S. (2003) Internet over-users' psychological profiles: a behavior sampling analysis on internet addiction. *Cyberpsychology and Behavior*, 6, 143–50.
- Whitty, M., & Gavin, J. (2001). Age/sex/location: Uncovering the social cues in the development of online relationships. *Cyberpsycholog & Behavior*, 4, 623-630.
- Wilkinson, R. (2004). The role of parental and peer attachment in the psychological health and self-esteem of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 33, 479-493.
- Wilson, K., Fornasier, S., & White, K.M. (2010). Psychological predictors of young adults' use of social networking sites. *Cyberpsycholog, Behavior & Social Networks*, 13, 173-177.
- Wilson, K., Fornasier, S., & White, K.M. (2010). Psychological predictors of young adults' use of social networking sites. *Cyberpsycholog, Behavior & Social Networks*, 13, 173-177.
- Yang, C. K., 2001. Sociopsychiatric characteristics of adolescents who use computers to excess. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 104, 217–222.



- Ybarra, M. L., Diener-West, M., Markow, D., Leaf, P. J., Hamburger, M., & Boxer, P. (2008). Linkages between Internet and other media violence with seriously violent behavior by youth. *Pediatrics*, 122, 929–937. doi:10.1542/peds.2007-3377
- Young, K. S., & Rogers, R. C. (1998). The relationship between depression and internet addiction. *Cyberpsychology & Behavior*, 1, 25–28.
- Young, K.S. (1998). *Caught in the Net*. New York: John Wiley and Sons.
- Youniss, J., & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers and friends*. Chicago: University of Chicago Press.
- Yu, S. (2001). *Internet using behaviors, Internet addiction, and related factors among university students*. Unpublished Master thesis, Taiwan.
- Zhang, G., Wu, Y., & Lei, L. (2009). Adolescents' peer attachment, online game preference and pathological internet use. *Chinese Journal of Clinical Psychology*, 14, 354-356.
- Zimmermann, P., Maier, M., Winter, M., & Grossmann, K. E. (2001). Attachment and emotion regulation of adolescents during joint problem-solving with a friend. *International Journal of Behavioral Development*, 25, 331–342.



# **ANEXOS**



# **Anexo 1**

## **Instrumentos e Dimensões**



## **Guião Grupos Focalizados**

### **Objectivos:**

Compreender o(s) sentido(s) crítico(s) que os adolescentes têm acerca de questões relacionadas com o uso do facebook e compreender os posicionamentos perante algumas dicotomias decorrentes deste uso. Nomeadamente:

- Compreender como se posicionam perante a dimensão público-privado, qual a linha e conteúdos que separam estes domínios, isto é, entre outros aspectos, compreender o que é que pode ser (ou até deve ser?) publicado nas redes sociais e o que é do domínio do privado.
- Compreender o conceito de amizade e as suas variações, designadamente, procurar perceber se estes jovens adicionam pessoas indiscriminadamente no seu perfil ou se preferencialmente adicionam pessoas com quem convivem, ou se existirão outros critérios que presidem às suas escolhas.
- Perceber se os jovens fazem uma distinção entre o real e o virtual e em que medida. Compreender se existe facilidade ou não da parte dos jovens em recusar amigos.
- Perceber em que medida a adesão à rede social se faz por pressão do grupo de pares ou por outros motivos.
- Compreender como problematizam os adolescentes os benefícios e os riscos associados ao uso do facebook e que medidas tomam para minorar os últimos.

### **Questões abertas a explorar:**

1. Qual é a vossa opinião acerca das redes sociais? E do facebook?
2. Quantos de vocês têm rede social facebook? Porque razões aderiram? Sentiram-se de alguma forma pressionados a aderir?
3. Quais consideram serem os pontos positivos do facebook? E os negativos? Costumam fazer alguma coisa para evitar os aspectos mais negativos?
4. Quais são os usos preferenciais que dão ao facebook?
5. Qual é a vossa opinião acerca do que é publicado no vosso perfil? Partilham todo o tipo de informação vossa? Que tipo de coisas guardam só para vocês? O que gostam e o que não gostam de ver publicado por parte dos outros?
6. Já alguma vez se arrependeram de publicar alguma coisa? Porquê?

7. Quem são os vossos amigos no facebook? Como se caracterizam essas amizades? Têm mais amigos no facebook que são vossos conhecidos ou mais desconhecidos vossos?
8. Na vossa opinião é possível estabelecer relações muito próximas apenas através do facebook? Porquê? O que são relações próximas na vida real? e por internet?
9. É mais fácil dizer algumas coisas online do que cara-a-cara? Porquê?
10. Já alguma vez quiseram rejeitar um amigo no facebook mas não tiveram coragem para o fazer?
11. Com que frequência visitam o facebook? Porquê?
12. Já alguma vez se questionaram acerca das questões de segurança do facebook?
13. Preocupa-vos que toda a gente tenha acesso a algumas informações vossas?
14. Qual julgam ser o papel da internet na sociedade actual?
15. Que impacto acreditam terem as redes sociais para as relações entre os jovens?
16. Se pudessem dar alguns conselhos a quem só agora começa a entrar no facebook, o que diriam?



## **Instrumentos Autorrelato, Dimensões e Itens**

### **Questionário de Vinculação ao Pais e à Mãe (Matos & Costa, 2001)**

#### *Inibição de Exploração e Individualidade*

- Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.
- Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.
- Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.
- Não vale a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.
- Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.
- Em minha casa é um problema é eu ter gostos diferentes dos meus pais.
- Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.
- Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.
- Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.
- Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.

#### *Qualidade de Laço Emocional*

- Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.
- Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.
- Os meus pais conhecem-me bem.
- Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.
- Em muitas coisas eu admiro os meus pais.
- Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.
- Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.
- Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.
- Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).
- Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.

#### *Ansiedade de Separação*

- É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.
- Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.
- Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.

- Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.
- Eu e os meus pais, é como se fôssemos um só.
- Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.
- Faço tudo para agradar aos meus pais.
- Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.
- Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.
- Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).

**Alienação aos Pares (Armsdem & Greenberg, 1987 adaptação para português de Ferreira, & Costa, 1998)**

- Falar acerca dos meus problemas com os meus amigos, faz-me sentir envergonhado(a).
- Sinto necessidade de estar em contacto com os meus amigos com mais frequência que eles comigo.
- Quando passo por alguma dificuldade, os meus amigos não se apercebem disso.
- Sinto-me só ou posto(a) de parte quando estou com os meus amigos.
- Sinto-me zangado(a) com os meus amigos.
- A maior parte das vezes os meus amigos não percebem que eu estou aborrecido.
- Parece-me que os meus amigos se irritam comigo, sem razão.

**Questionário de Competência Interpessoal (Buhrmester, Furman, Wittenberg & Reis, 1988, adaptação de Assunção, Ávila, & Matos, 2010)**

*Iniciar Relações*

- Pedir ou sugerir a alguém desconhecido que se encontrem e façam algo. Por exemplo saírem juntos.
- Encontrar e sugerir coisas, para fazeres com pessoas desconhecidas, que aches interessantes.
- Ser capaz de manter uma conversa com alguém que gostarias de vir a conhecer melhor.
- Ser uma pessoa interessante e divertida num primeiro contacto.
- Apresentar-se a alguém em quem tenhas interesse em conhecer e até vir a namorar.
- Ligar a alguém em quem estejas interessado para fazerem alguma coisa juntos.
- Dar uma boa primeira impressão às pessoas de quem possas vir a ser amigo(a) ou namorado(a).
- Ir a festas onde não conheças bem as pessoas para começar novas relações.

*Asserções Negativas*

- Dizer a um amigo que não gostas da forma como ele(a) o(a) te tem tratado.
- Recusar um pedido de um amigo quando achas que não faz sentido.
- Dizer “não” a alguém em quem estás interessado(a), quando te pede para fazeres algo que não queres fazer.
- Vingar a tua posição quando um amigo está a passar dos limites contigo.
- Dizer a alguém em quem estás interessado(a) que ele(a) está a fazer algo que te embaraça.
- Chamar a atenção a um amigo próximo quando ele(a) está a quebrar uma promessa.
- Dizer a um amigo quando ele(a) fez alguma coisa que magoou os teus sentimentos
- Dizer a alguém em quem estás interessado(a) que ele(a) fez algo que te deixou zangado(a).

#### *Revelação Pessoal*

- Dizer a um novo amigo coisas acerca de ti das quais tens vergonha.
- Dizer a um amigo próximo o quanto o aprecias e te preocupas com ele.
- Revelar algo íntimo acerca de ti enquanto falas com alguém que acabaste de conhecer.
- Confiar num novo amigo e deixá-lo ver o teu lado mais sensível.
- Deixar um novo amigo conhecer o teu verdadeiro eu.
- Sair da tua concha protetora e confiar num amigo próximo.
- Dizer a um amigo próximo coisas que fazem com que ele(a) se sinta ansioso(a) e com medo.

#### *Suporte Emocional*

- Ajudar um amigo próximo a refletir sobre uma decisão importante na vida. Por exemplo a escolha da profissão.
- Ser capaz de escutar pacientemente um amigo.
- Ajudar um amigo a chegar à questão central de um problema que ele está a viver.
- Ajudar um amigo próximo a lidar com problemas familiares.
- Ser um bom ouvinte para um amigo que está preocupado.
- Ser capaz de dizer e fazer coisas para apoiar um amigo próximo quando ele está em baixo.
- Ser capaz de mostrar uma verdadeira preocupação mesmo quando um problema de um amigo teu não te interessa.
- Saber como manter uma conversa profunda com alguém que te interessa para realmente se conhecerem de verdade.
- Quando um amigo próximo precisa de ajuda e apoio, ser capaz de o aconselhar de forma que ele te entenda.

#### *Gestão de Conflitos*

- Ser capaz de admitir que pode estar errado(a) quando um desentendimento com um amigo próximo se começa a tornar num conflito sério.

- Ser capaz de pôr de parte os ressentimentos quando estás a discutir com um amigo próximo.
- Quando estás a ter um conflito com um amigo próximo, ouvir realmente a suas queixas e não tentar adivinhar o que pensa.
- Ser capaz de tomar a perspectiva de um amigo numa discussão e entender realmente o seu ponto de vista.
- Parar de dizer coisas que possam causar desentendimentos que levem a uma grande discussão.
- Ser capaz de refletir sobre um problema com um amigo sem recorrer a acusações.
- Quando estás zangado(a) com um amigo, seres capaz de aceitar que ele(a) tem um ponto de vista válido mesmo que não concordes com ele.
- Não “explodir” com um amigo próximo (mesmo que se justifique) para evitar um conflito mais sério.

**Tem-Item Personality Inventory (Gosling, Rentfrow, & Swann Jr., 2003  
adaptação de Lima, & Castro, 2009)**

*Conscienciosidade*

- Seguro(a), autodisciplinado(a).
- Desorganizado(a), descuidado(a).

*Abertura Experiência*

- Aberto(a) a novas experiências, complexo(a).
- Convencional, pouco criativo(a).

*Estabilidade Emocional*

- Ansioso(a), facilmente irritável.
- Calmo(a), emocionalmente estável.

*Afabilidade*

- Crítico(a), conflituoso(a).
- Simpático(a), caloroso(a).

*Extroversão*

- Extrovertido(a), entusiástico(a).
- Reservado(a), tranquilo(a).

**Online Cognition Scale (Davis, Flett, & Besser, 2002)**

*Distracção*

- Quando estou no facebook não penso nas minhas responsabilidades.
- Quando não tenho nada melhor para fazer, vou para o facebook.

- Eu sinto que vou mais para o facebook, quando tenho outras coisas para fazer.
- Quando estou no facebook, não preciso de pensar acerca dos meus problemas do dia-a-dia.
- Eu uso o facebook para adiar o que tenho que fazer.
- Eu frequentemente uso o facebook para evitar ter de fazer coisas de que não gosto.
- Estar no facebook é uma forma de esquecer coisas que tenho que fazer mas que, na realidade, não quero fazer.

#### *Conforto Social*

- Sinto-me mais confortável quando estou a conversar *online*.
- Sinto-me mais seguro quando estou *online*.
- Conhece-se uma pessoa melhor na internet do que pessoalmente.
- Sinto-me relaxado quando estou *online*.
- Consigo ser mais eu próprio(a) *online*.
- Sou mais respeitado *online* do que face-a-face.
- As pessoas aceitam-me melhor como sou *online*.
- As relações *online* são mais satisfatórias mais do que as relações face-a-face.
- Sinto-me no meu melhor quando estou *online*.
- Gostaria que a minha família e amigos soubessem como sou visto *online*.
- A internet é “mais real” do que a “vida real”.
- Eu digo e faço coisas *online* que nunca diria ou faria na vida real.
- Quando estou *online* sinto-me despreocupado(a).

### **Generalized Problematic Internet Use Scale (Caplan, 2010)**

#### *Preferência pela Interação Social Online*

- Prefiro a interação social no facebook à comunicação cara-a-cara/face-a-face.
- Sinto-me mais à vontade a interagir socialmente no facebook do que cara-a-cara/face-a-face
- Prefiro comunicar com as pessoas no facebook do que cara-a-cara/ face-a-face.

#### *Regulação de Humor*

- Já usei o facebook para falar com as pessoas quando me senti sozinho/isolado.
- Já usei o facebook para me sentir melhor quando estava em baixo.
- Já usei o facebook para me fazer sentir melhor quando estava “chateado”.

### *Preocupação Cognitiva*

- Quando passo algum tempo sem ir ao facebook, começo a pensar cada vez mais em ir ao facebook.
- Sentir-me-ia perdido se não pudesse ir ao facebook
- Penso obsessivamente em ir ao facebook quando estou offline.

### *Uso Compulsivo*

- Tenho dificuldade em controlar o tempo que passo no facebook.
- Acho difícil controlar o meu uso do facebook.
- Quando estou offline é difícil para mim resistir ao impulso de ligar o facebook.

### *Outcomes Negativos*

- O uso do facebook tornou difícil cumprir as minhas tarefas diárias.
- O uso do facebook já me criou problemas na minha vida.
- Faltei a /Perdi atividades sociais por causa do meu uso do facebook.

# **Anexo 2**

## **Tabelas Análises Preliminares**

**Tabela 4.**Correlações entre dimensões da Vinculação aos Pais as dimensões da Competência Interpessoal Face-a-Face

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>
<b>1.IniciarRelações</b>	3,39	,75	—	,54**	,62**	,38**	,49**	-,04	,00	,05	,01	-,08*	-,11**
<b>2.AsserçõesNegativas</b>	3,77	,70		—	,48**	,55**	,60**	-,12**	-,14**	,09*	,10**	-,06	-,09*
<b>3. RevelaçãoPessoal</b>	3,24	,68			—	,41**	,51**	-,05	,01	,06	,03	,00	-,01
<b>4. SuporteEmocional</b>	4,27	,64				—	,65*	-,22**	-,19**	,18**	,25**	-,03	-,01
<b>5. GestãoConflitos</b>	3,80	,64					—	-,19**	-,19**	,13**	,19**	-,02	-,01
<b>6. IEI Pai</b>	3,07	,97						—	,84**	-,32**	-,39**	-,01	-,01
<b>7.IEI Mãe</b>	3,14	,97							—	-,27**	-,39**	,00	-,02
<b>8.QLE Pai</b>	5,04	1,06								—	,57**	,67**	,24**
<b>9. QLE Mãe</b>	5,29	,81									—	,35**	,55**
<b>10. AS Pai</b>	3,74	1,01										—	
<b>11. AS Mãe</b>	3,93	,92											—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.



**Tabela 5.**Correlações entre dimensões da Vinculação aos Pais as dimensões da Competência Interpessoal *Online*

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>
<b>1.IniciarRelações ON</b>	2,94	,89	—	,64**	,80**	,65**	,69**	,06	,07*	-,00	-,06	-,01	-,06
<b>2.AsserçõesNegativas ON</b>	3,53	,90		—	,61**	,75**	,78**	-,03	-,04	,09*	,10**	,02	,01
<b>3. RevelaçãoPessoal ON</b>	2,80	,84			—	,68**	,71**	,08*	,09*	,02	-,03	,04	,01
<b>4. SuporteEmocional ON</b>	3,78	1,01				—	-,22**	-,04	-,04	,10*	,09*	,03	-,01
<b>5. GestãoConflitos ON</b>	3,39	,88					—	-,06	-,05	,10**	,08*	,06	,02
<b>6. IEI Pai</b>	3,07	,97						—	,84**	-,32**	-,39**	-,01	-,01
<b>7.IEI Mãe</b>	3,14	,97							—	-,27**	-,39**	,00	-,03
<b>8.QLE Pai</b>	5,04	1,06								—	,57**	,67**	,24**
<b>9. QLE Mãe</b>	5,29	,81									—	,35**	,55**
<b>10. AS Pai</b>	3,74	1,01										—	
<b>11. AS Mãe</b>	3,93	,92											—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 6.**Correlações entre dimensões da Vinculação aos Pais as dimensões do Uso Problemático do Facebook

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>
<b>1.POSI</b>	2,01	1,31	—	,49**	,54**	,43**	,47**	,26**	,24**	-,11**	-,21**	,12**	,04
<b>2.Regulação Humor</b>	2,78	1,62		—	,56**	,55**	,47**	,22**	,23**	-,05	-,14**	,10**	,04
<b>3. Preocupação Cognitiva</b>	2,11	1,35			—	,73**	,59**	,25**	,28**	-,07	-,17**	,16**	,13**
<b>4. Uso Compulsivo</b>	2,41	1,52				—	,60**	,22**	,26**	-,01	-,09**	,19**	,14**
<b>5. Outcomes Negativos</b>	1,92	1,15					—	,31**	,30**	-,12**	-,19**	,11**	,09*
<b>6. IEI Pai</b>	3,07	,97						—	,84**	-,32**	-,39**	-,01	-,01
<b>7.IEI Mãe</b>	3,14	,97							—	-,27**	-,39**	,00	-,02
<b>8.QLE Pai</b>	5,04	1,06								—	,57**	,66**	,24**
<b>9. QLE Mãe</b>	5,29	,81									—	,35**	,55**
<b>10. AS Pai</b>	3,74	1,01										—	
													,74**
<b>11. AS Mãe</b>	3,93	,92											—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 7.**Correlações entre dimensões da Vinculação aos Pais e a dimensão Alienação aos Pares

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
<b>1.Alienação Pares</b>	2,10	,88	—	,34**	,33**	-,24**	-,31**	,06	,05
<b>2. IEI Pai</b>	3,07	,97		—	,84**	-,32**	-,39**	-,01	-,01
<b>3.IEI Mãe</b>	3,14	,97			—	-,27**	-,39**	,00	-,03
<b>4.QLE Pai</b>	5,04	1,06				—	,57**	,67**	,24**
<b>5. QLE Mãe</b>	5,29	,81					—	,35**	,55**
<b>6. AS Pai</b>	3,74	1,01						—	,74**
<b>7. AS Mãe</b>	3,93	,92							—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 8.**Correlações entre dimensões da Vinculação aos Pais, da Personalidade e da Vinculação aos Pares

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>
<b>1.Afabilidade</b>	5,54	1,05	—	,01	,29**	,09*	,01	-,19**	-,22**	,21**	,26**	,15**	,14**	-,16**
<b>2.Extroversão</b>	4,94	1,46		—	,02	,31**	-,01	,016	-,01	,10**	,08*	,03	,00	-,29**
<b>3.Conscienciosidade</b>	5,30	1,18			—	,17**	,00	-,14**	-,20**	,15**	,21**	,12**	,15**	-,19**
<b>4.Abertura Experiência</b>	5,18	1,13				—	,01	-,01	-,06	-,01	,03	-,13**	-,10*	-,29**
<b>5.Estab. Emocional</b>	3,92	1,21					—	-,19**	-,14**	,06	,00	-,12**	-,17**	-,08*
<b>6.IEI Pai</b>	3,07	,97						—	,84**	-,35**	-,39**	-,02	-,01	,33**
<b>7.IEI Mãe</b>	3,14	,97							—	-,28**	-,39**	,00	-,03	,30**
<b>8.QLE Pai</b>	5,04	1,06								—	,59**	,65**	,26**	-,23**
<b>9.QLE Mãe</b>	5,29	,81									—	,37**	,56**	-,31**
<b>10.AS Pai</b>	3,74	1,01										—	,768**	,07
<b>11.AS Mãe</b>	3,93	,92											—	,05
<b>12. Alienação Pares</b>	2,10	,88												—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 9.**Correlações entre dimensões da Vinculação aos Pares e da Competência Interpessoal Face-a-Face e Online

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>
<b>1.Iniciar Relações</b>	3,39	,75	—	,55**	,66**	,38**	,50**	,43**	,23**	,19**	,10**	,16**	-,14**
<b>2.Asserções Negativas</b>	3,77	,70		—	,49**	,55**	,60**	,16**	,47**	,07	,18**	,23**	-,24**
<b>3.Revelação Pessoal</b>	3,24	,68			—	,42**	,54**	,25**	,14**	,36**	,06	,14**	-,15**
<b>4.Suporte Emocional</b>	4,27	,64				—	,64**	,14**	,35**	,11**	,45**	,32**	-,25**
<b>5.Gestão Conflitos</b>	3,80	,64					—	,15**	,25**	,12**	,21**	,41**	-,26**
<b>6.Iniciar Relações On</b>	2,94	,89						—	,64**	,80**	,66**	,69**	,05
<b>7.Asserções Negativas On</b>	3,53	,90							—	,61**	,75**	,77**	-,04
<b>8.Revelação Pessoal On</b>	2,80	,84								—	,61**	,75**	,05
<b>9.Suporte Emocional On</b>	3,78	1,01									—	,68**	,01
<b>10.Gestão Conflitos On</b>	3,39	,75										—	-,01**
<b>11. Alienação Pares</b>	2,10	,88											----

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 10.**Correlações entre dimensões da Competência Interpessoal Face-a-Face e Uso Problemático do Facebook

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>
<b>1.Iniciar Relações</b>	3,39	,75	—	,55**	,66**	,38**	,50**	-,11**	,02	,02	,01	,03
<b>2.Asserções Negativas</b>	3,77	,70		—	,49**	,55**	,60**	-,22**	-,05	-,09*	-,07	-,07
<b>3.Revelação Pessoal</b>	3,24	,68			—	,42**	,54**	-,09**	,04	,08*	,08*	,04
<b>4.Suporte Emocional</b>	4,27	,64				—	,64**	-,23**	-,05	-,17**	-,08*	-,18**
<b>5.Gestão Conflitos</b>	3,80	,64					—	-,18**	-,07	-,16**	-,12**	-,14**
<b>6.POSI</b>	2,01	1,31						—	,49**	,54**	,43**	,47**
<b>7.Regulação Humor</b>	2,78	1,62							—	,56**	,55**	,47**
<b>8. Preocupação Cognitiva</b>	2,11	1,35								—	,73**	,59**
<b>9. Uso Compulsivo</b>	2,41	1,52									—	,60**
<b>10. Outcomes Negativos</b>	1,92	1,15										—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 11.**Correlações entre dimensões da Competência Interpessoal *Online* e Uso Problemático do Facebook

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>
<b>1.IniciarRelações ON</b>	2,94	,89	—	,64**	,80**	,65**	,69**	,17**	,21**	,15**	,13**	,12**
<b>2.AsserçõesNegativas ON</b>	3,53	,90		—	,61**	,75**	,78**	,06	,17**	,08*	,10*	,04
<b>3. RevelaçãoPessoal ON</b>	2,80	,84			—	,68**	,71**	,21**	,25**	,20**	,16**	,13**
<b>4. SuporteEmocional ON</b>	3,78	1,01				—	-,22**	,05	,17**	,03	,05	-,01
<b>5. GestãoConflitos ON</b>	3,39	,88					—	,06	,16**	,04	,04	,00
<b>6.POSI</b>	2,01	1,31						—	,49**	,54**	,43**	,47**
<b>7.Regulação Humor</b>	2,78	1,62							—	,56**	,55**	,47**
<b>8. Preocupação Cognitiva</b>	2,11	1,35								—	,73**	,59**
<b>9. Uso Compulsivo</b>	2,41	1,52									—	,60**
<b>10. Outcomes Negativos</b>	1,92	1,15										—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 12.**Correlações entre dimensões do Problemático do Facebook e a Alienação aos Pares

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>1.POSI</b>	2,01	1,31	—	,49**	,54**	,43**	,47**	,36**
<b>2.Regulação Humor</b>	2,78	1,62		—	,56**	,55**	,47**	,29**
<b>3. Preocupação Cognitiva</b>	2,11	1,35			—	,73**	,59**	,30**
<b>4. Uso Compulsivo</b>	2,41	1,52				—	,60**	,30**
<b>5. Outcomes Negativos</b>	1,92	1,15					—	,36**
<b>6.Alienação aos Pares</b>	2,10	,88						—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.



**Tabela 13.**Correlações entre dimensões da Competência Interpessoal Face-a-Face e Personalidade

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>
<b>1.IniciarRelações</b>	3,39	,75	—	,55**	,66**	,38**	,50**	-,04	,26**	-,01	,25**	,08*
<b>2.AsserçõesNegativas</b>	3,77	,70		—	,49**	,55**	,60**	,07	,23**	,07	,29**	,08*
<b>3. RevelaçãoPessoal</b>	3,24	,68			—	,42**	,54**	,04	,20**	,02	,21**	,05
<b>4. SuporteEmocional</b>	4,27	,64				—	,64**	,26**	,14**	,15**	,25**	,03
<b>5. GestãoConflitos</b>	3,80	,64					—	,21**	,09*	,10**	,24**	,14**
<b>6.Afabilidade</b>	5,54	1,05						—	,01	,29**	,09*	,01
<b>7.Extroversão</b>	4,94	1,46							—	,02	,31**	-,01
<b>8.Conscienciosidade</b>	5,30	1,18								—	,17**	,00
<b>9.Abertura Experiência</b>	5,18	1,13									—	,01
<b>10.Estab. Emocional</b>	3,92	1,21										—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 14.**Correlações entre dimensões da Competência Interpessoal *Online* e Personalidade

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>
<b>1.IniciarRelações ON</b>	2,94	,89	—	,64**	,80**	,65**	,69**	-,03	,08*	-,08	,06	,07
<b>2.AsserçõesNegativas ON</b>	3,53	,90		—	,61**	,75**	,78**	,08*	,08*	,04	,10**	,02
<b>3. RevelaçãoPessoal ON</b>	2,80	,84			—	,68**	,71**	,01	,02	-,06	,00	,00
<b>4. SuporteEmocional ON</b>	3,78	1,01				—	-,22**	,11**	,02	,03	,06	-,02
<b>5. GestãoConflitos ON</b>	3,39	,88					—	,15**	,01	,03	,07	,02
<b>6.Afabilidade</b>	5,54	1,05						—	,01	,29**	,09*	,01
<b>7.Extroversão</b>	4,94	1,46							—	,02	,31**	-,01
<b>8.Conscienciosidade</b>	5,30	1,18								—	,17**	,00
<b>9.Abertura Experiência</b>	5,18	1,13									—	,01
<b>10.Estab. Emocional</b>	3,92	1,21										—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 15.**Correlações entre dimensões do Uso Problemático do Facebook e Personalidade

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>
<b>1.POSI</b>	2,01	1,31	1	2	3	4	5	-,07	-,21**	-,11**	-,15**	-,05
<b>2.Regulação Humor</b>	2,78	1,62	—	,49**	,54**	,43**	,47**	,00	-,06	-,04	-,03	-,18**
<b>3. Preocupação Cognitiva</b>	2,11	1,35		—	,56**	,55**	,47**	-,03	-,01	-,06	-,08*	-,19**
<b>4. Uso Compulsivo</b>	2,41	1,52			—	,73**	,59**	,00	,00	-,09*	-,09*	-,21**
<b>5. Outcomes Negativos</b>	1,92	1,15				—	,60**	-,12**	,00	-,16**	-,07	-,10**
<b>6.Afabilidade</b>	5,54	1,05						—	,01	,29**	,09*	,01
<b>7.Extroversão</b>	4,94	1,46							—	,02	,31**	-,01
<b>8.Conscienciosidade</b>	5,30	1,18								—	,17**	,00
<b>9.Abertura Experiência</b>	5,18	1,13									—	,01
<b>10.Estab. Emocional</b>	3,92	1,21										—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 16.**Correlações entre Vinculação Parental e Questões do Questionário do Utilizador

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>
<b>1. IEI Pai</b>	3,07	,97	—	,84**	-,32**	-,39**	-,01	-,01	,17**	,16**	,04	,03
<b>2.IEI Mãe</b>	3,14	,97		—	-,27**	-,39**	,00	-,02	,19**	,19**	,05	,08*
<b>3.QLE Pai</b>	5,04	1,06			—	,57**	,66**	,24**	-,110**	-,04	-,06	-,07
<b>4. QLE Mãe</b>	5,29	,81				—	,35**	,55**	-,14**	-,11**	-,01	-,06
<b>5. AS Pai</b>	3,74	1,01					—	,74**	-,07	,09*	-,08*	-,02
<b>6.AS Mãe</b>	3,93	,92						—	-,07	,07	-,01	-,01
<b>7. Alienação Pares</b>	2,10	,88							—	,16**	,10*	-,13**
<b>8.Horas Net/Dia</b>	2,00	,678								—	,49**	,14**
<b>9.Horas Facebook/Dia</b>	1,67	,667									—	,17**
<b>10.Nº Amigos Facebook</b>	857,9	805,5										—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 17.**Correlações entre Uso Problemático do Facebook e Questões do Questionário do Utilizador

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>
<b>1.POSI</b>	2,01	1,31	—	,49**	,54**	,43**	,47**	,18**	,11**	-,01
<b>2.Regulação Humor</b>	2,78	1,62		—	,56**	,55**	,47**	,20**	,29**	,06
<b>3. Preocupação Cognitiva</b>	2,11	1,35			—	,73**	,59**	,25**	,31**	,09*
<b>4. Uso Compulsivo</b>	2,41	1,52				—	,60**	,27**	,34**	,14**
<b>5. Outcomes Negativos</b>	1,92	1,15					—	,23**	,21**	,09**
<b>6.Horas Net/Dia</b>	2,00	,678						—	,49**	,14**
<b>7.Horas Facebook/Dia</b>	1,67	,667							—	,17**
<b>8.Nº Amigos Facebook</b>	857,9	805,5								—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 18.**Correlações entre Competência Interpessoal Face-a-Face e Questões do Questionário do Utilizador

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>
<b>1.IniciarRelações</b>	3,39	,75	—	,55**	,66**	,38**	,50**	,12**	,07	,12**
<b>2.AsserçõesNegativas</b>	3,77	,70		—	,49**	,55**	,60**	,07	,00	,13**
<b>3. RevelaçãoPessoal</b>	3,24	,68			—	,42**	,54**	,09*	,05	,16**
<b>4. SuporteEmocional</b>	4,27	,64				—	,64**	-,03	,03	,11**
<b>5. GestãoConflitos</b>	3,80	,64					—	,03	-,03	,05
<b>6.Horas Net/Dia</b>	2,00	,678						—	,49**	,14**
<b>7.Horas Facebook/Dia</b>	1,67	,667							—	,17**
<b>8.Nº Amigos Facebook</b>	857,9	805,5								—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 19.**Correlações entre Competência Interpessoal *Online* e Questões do Questionário do Utilizador

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>
<b>1.IniciarRelações ON</b>	2,94	,89	—	,64**	,80**	,65**	,69**	,17**	,13**	,14**
<b>2.AsserçõesNegativas ON</b>	3,53	,90		—	,61**	,75**	,78**	,07*	,08	,11**
<b>3. RevelaçãoPessoal ON</b>	2,80	,84			—	,68**	,71**	,13**	,12**	,12**
<b>4. SuporteEmocional ON</b>	3,78	1,01				—	-,22**	,03	,06	,09*
<b>5. GestãoConflitos ON</b>	3,39	,88					—	,06	,05	,09*
<b>6.Horas Net/Dia</b>	2,00	,678						—	,49**	,14**
<b>7.Horas Facebook/Dia</b>	1,67	,667							—	,17**
<b>8.Nº Amigos Facebook</b>	857,9	805,5								—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001.

**Tabela 20.**Correlações entre Personalidade e Questões do Questionário do Utilizador

	<b>M</b>	<b>SD</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>
<b>1.Afabilidade</b>	5,54	1,05	—	,01	,29**	,09*	,01	-,15**	,02	,05
<b>2.Extroversão</b>	4,94	1,46		—	,02	,31**	-,01	-,01	-,13**	,23**
<b>3.Conscienciosidade</b>	5,30	1,18			—	,17**	,00	-,21**	,07	-,01
<b>4.Abertura Experiência</b>	5,18	1,13				—	,01	-,05	-,05	,12**
<b>5.Estab. Emocional</b>	3,92	1,21					—	-,05	,13**	-,15**
<b>6.Horas Net/Dia</b>	2,00	,678						—	,49**	,14**
<b>7.Horas Facebook/Dia</b>	1,67	,667							—	,17**
<b>8.Nº Amigos Facebook</b>	857,9	805,5								—

Nota. N= 761. \*p < .05 \*\*p < .01 \*\*\*p < .001



